

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

ALICE QUEIROZ FRASCAROLI

**OS TIPOS DE *ACHAR* e *PARECER* NA FALA
MINEIRA**

Juiz de Fora

2008

ALICE QUEIROZ FRASCAROLI

**OS TIPOS DE *ACHAR* e *PARECER* NA FALA
MINEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Nilza Barrozo Dias

Juiz de Fora

2008

Frascaroli, Alice Queiroz.

Os tipos de achar e parecer na fala mineira / Alice Queiroz Frascaroli. – 2008.

92 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Linguística)—Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

1. Língua portuguesa. 2. Gramática. I. Título.

CDU 806.90-5

Alice Queiroz Frascaroli

OS TIPOS DE *ACHAR* e *PARECER* NA FALA MINEIRA

Esta dissertação foi apresentada e defendida para a obtenção do grau de Mestre em Linguística pelo programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Orientadora: Profa. Dra. Nilza Barrozo Dias

Universidade Federal de Juiz de Fora

Membro da banca: Profa. Dra. Amitza Torres Vieira

Universidade Federal de Juiz de Fora

Membro da banca: Profa. Dra. Cláudia Nívia Roncarati de Souza

Universidade Federal Fluminense

Suplente interno: Sonia Bittencourt Silveira

Universidade Federal de Juiz de Fora

Suplente externo: Maria Luiz Braga

Universidade Federal do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ouvir minhas preces, guiando minha vida em direção ao que sempre foi melhor para mim, e pela proteção que me deu ao longo dessa etapa, me dando saúde e alegria de viver.

Agradeço a meus pais Marialva e Antônio. Eles são os responsáveis pela minha formação, exemplos de dedicação à família, deixaram de lado suas vontades, inclusive a de me ter perto deles, para que eu realizasse meus sonhos.

Aos meus familiares. Todos são muito importantes pra mim.

Sou imensamente grata também ao meu irmão Angelo: o melhor do mundo. Uma pessoa admirável por sua inteligência, bondade, dedicação e por tantas outras qualidades que ele tem e que sempre me apoiou desde o início da minha vida acadêmica.

Agradeço a todos os meus muitos amigos. Àqueles que fizeram parte da minha turma do mestrado, em especial a Rafaela e a Natália, pois, além de dividirmos tantos momentos, dividimos também a orientadora, o que nos deixou ainda mais amigas.

Aos meus outros amigos que compartilharam essa etapa comigo e que estiveram ao meu lado nos momentos bons e ruins. Principalmente a Letícia, a Fernanda e a Marcela, que estiveram bem próximas sempre, e a Natália e o Tiago, que não foram só colegas nos estudos, mas em tantos outros momentos da minha vida, mostraram-se sempre amigos e nunca concorrentes.

Ao Francisco por estar ao meu lado durante esse período difícil, por ter paciência com meu estresse e minhas preocupações, por ter me dado tantos momentos felizes e por ter acreditado em mim até quando eu mesma não acreditava.

Agradeço imensamente à minha querida orientadora Nilza que me permitiu ter a honra de compartilhar de seus conhecimentos e que me ensinou muita coisa desde a graduação. Ela é a grande responsável por este trabalho e sempre soube ser exigente, mas também ser compreensiva com minhas dificuldades e inexperiência.

Ao meu queridíssimo professor Mario Roberto Zágari, por ter sido não só um excelente professor, mas acima de tudo por ter despertado a minha paixão pela lingüística e que teve comigo o carinho e a preocupação de um pai. Eu não teria chegado até aqui se não fosse ele.

A todos os meus professores. Todos contribuíram de alguma maneira para que eu alcançasse esse objetivo e aprendi um pouco com cada um deles.

Ao programa de Pós-graduação em Lingüística da UFJF por todo apoio e pela excelência do ensino e pesquisa.

À professora Terezinha que me cedeu o maravilhoso *corpus* coletado por ela em Conceição de Ibitipoca.

À Capes pelo auxílio financeiro.

RESUMO

Este trabalho tem a finalidade de averiguar o processo de gramaticalização pelo qual os verbos *achar* e *parecer* passam no português falado, na comunidade de Conceição de Ibitipoca, Minas Gerais. Utilizaremos as propostas de Galvão (1999) e Gonçalves (2003) aplicadas às amostras de fala carioca. Galvão (1999) investigou a trajetória do verbo *achar*, que funciona como organizador de predicação (*achar*1), passa a funcionar como um verbo performativo-modalizador, marcador de apreciação (*achar*2) e como um verbo modalizador epistêmico que marca palpite (*achar*3) até funcionar de maneira semelhante a um advérbio, aparecendo fora da estrutura sentencial (*achar*4). Gonçalves (2003) analisou o verbo *parecer*, em que fica comprovado que *parecer*, que pertencia à categoria dos verbos organizadores de predicação (*parecer*1), passa a ter função de verbo suporte (*parecer*2) e a pertencer à classe dos verbos de atitude proposicional (*parecer*3), adquirindo até mesmo funções de satélite atitudinal, de caráter de um advérbio (*parecer* 4,5). Todo este processo de mudança ocorre de maneira gradual. A investigação mostra que os dados de fala mineira não apresentam todas as etapas encontradas na fala carioca. Para mostrar a gramaticalização dos verbos, submetemos as amostras às análises qualitativa e quantitativa (parte do programa GoldVarb) para garantir que as ocorrências sejam analisadas de forma coerente e sistemática. Os dados coletados em Conceição de Ibitipoca, Minas Gerais, fazem parte do banco de dados de Resende (2006).

Palavras-chave: Gramaticalização. Evidencialidade. Modalidade epistêmica.

ABSTRACT

This paper had as its aims at verify the grammaticalization process which the verbs *achar* (to think) and *parecer* (to seem) go through in spoken Brazilian Portuguese in Conceição do Ibitipoca in the state of Minas Gerais. The proposals by Galvão (1999) and Gonçalves (2003) applied to the samples of spoken discourse of Rio de Janeiro city were used. Galvão (1999) investigated the path of the verb *achar*, which functions as a full-verb class (*achar*1), as a performative-modal verb, appreciation marker (*achar*2), and as an epistemic modal verb that marks a hunch (*achar*3), finally functioning similarly to an adverb, appearing outside the sentence structure (*achar*4). Gonçalves (2003) analyzed the verb *parecer* and proved that this verb, identified as a full-verb class (*parecer*1), becomes a support verb (*parecer*2), comes to belong to propositional attitude verbs class (*parecer*3), and claims the functions of attitudinal satellites, with adverbial characteristics (*parecer* 4,5). All this process of change occurs gradually. An investigation showed that data from the Minas Gerais spoken discourse do not present all the steps found in the Rio de Janeiro discourse. In order to show the grammaticalization of the verbs, we submitted the samples to qualitative and quantitative analyses (part of the GoldVarb program) to make sure that the occurrences were analyzed coherently and systematically. The data in Conceição do Ibitipoca, Minas Gerais, are part of Resende's database (2006).

Keywords: Grammaticalization. Evidentiality. Epistemic modality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Diferenças entre metáfora e metonímia	33
Quadro 2 – Tipos de Modalidade Epistêmica	35
Quadro 3 – Marcadores	59
Quadro 4 – Características Sintáticas	60

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – ocorrências dos tipos de <i>achar</i>	84
Tabela 2 – ocorrências dos tipos de <i>parecer</i>	84
Tabela 3 – <i>achar</i> X forma verbal	85
Tabela 4 – <i>parecer</i> X forma verbal	85
Tabela 5 – <i>achar</i> X pessoas do discurso	86
Tabela 6 – <i>achar</i> X realização do sujeito	86
Tabela 7 – Ocorrências de <i>parecer</i> em sua forma pronominal	87

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	10
1.2	OBJETIVOS	11
2	METODOLOGIA	13
2.1	O <i>CORPUS</i>	13
2.2	APLICAÇÃO DO PROGRAMA ESTATÍSTICO	14
3	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	16
3.1	COMBINAÇÃO DE ORAÇÕES	16
3.1.1	A combinação de orações sob a ótica da gramática tradicional	16
3.1.2	A combinação de orações sob a visão da Linguística	18
3.2	GRAMATICALIZAÇÃO	23
3.2.1	A unidirecionalidade na GR	29
3.2.2	Motivações para a GR	30
3.3	MODALIDADE EPISTÊMICA	33
3.4	A EVIDENCIALIDADE NO PORTUGUÊS DO BRASIL	40
3.5	A EVIDENCIALIDADE E A MODALIDADE NO PORTUGUÊS DO BRASIL ...	49
3.6	AS CARACTERÍSTICAS DE <i>ACHAR</i> E <i>PARECER</i>	61
3.7	A CARACTERIZAÇÃO DOS VERBOS	63
4	ANÁLISE DE DADOS	68
4.1	O <i>ACHAR</i> NAS AMOSTRAS DE FALA MINEIRA	68
4.2	O <i>PARECER</i> NAS AMOSTRAS DE FALA MINEIRA	76
4.3	AS PECULIARIDADES DE <i>ACHAR</i> E <i>PARECER</i> NA FALA MINEIRA	82
5	ANÁLISE QUANTITATIVA DOS DADOS	84
6	CONCLUSÃO	88
	REFERÊNCIAS	90
	ANEXOS.....	93

1 INTRODUÇÃO

Será utilizada a concepção de gramaticalização vista sob a ótica funcionalista para delinear o processo de mudança pelo qual *achar* e *parecer* passam.

Faremos uma análise sincrônica em que mostraremos os usos desses verbos, inclusive os que são diferentes dos usos que apresentam sentido de encontrar e ter semelhança.

Este trabalho pretende comprovar que os dados de fala mineira, coletados em Ibitipoca-MG, apresentam o uso destes verbos como verbo pleno, como verbo pleno performativo-modalizador, como verbo modalizador epistêmico até usos em que esses itens comportam-se como advérbios modalizadores, marcando evidencialidade (EV) e modalidade epistêmica (ME).

Será especificado se há diferenças no uso desses verbos na fala mineira quando comparados à carioca.

1.1 Organização do trabalho

Para alcançar este objetivo, dividimos a dissertação em partes que trazem o aparato teórico sob o qual analisaremos os dados e em outra parte em que fazemos a análise de dados de fala do português contemporâneo do Brasil.

No terceiro capítulo, temos os pressupostos teóricos. Abordaremos inicialmente a combinação das orações. A intenção é mostrar a análise da gramática tradicional sobre o assunto e confrontá-la com outras análises linguísticas sobre o mesmo assunto. Assim, poderemos avaliar se as orações em que temos os verbos aqui estudados, funcionando como indicador de dúvida, funcionam mesmo como oração principal de um período composto.

O terceiro capítulo apresenta também a definição, as propriedades e as motivações da gramaticalização (GR) para possibilitar identificar se os itens estão mesmo passando por este processo de mudança, assim como identificar em que escala de tal processo cada uso dos itens se encontra.

Como acreditamos que *achar* e *parecer* se gramaticalizam marcando modalidade epistêmica e evidencialidade no Português do Brasil, o qual ainda não possui esses sistemas

gramaticalizados, nas seções 3.3 e 3.4, respectivamente, apresentam considerações sobre os dois domínios.

Na seção 3.5, enfocamos os trabalhos já existentes sobre *achar* e *parecer* no Português do Brasil. Descreveremos as propostas de análise já existentes para os dois verbos para aplicá-las aos dados mineiros e identificar possíveis diferenças no uso nessa variedade lingüística.

Faremos uma análise sincrônica dos dados de fala, no quarto capítulo. Descreveremos os tipos de *achar* e *parecer* nos dicionários e aplicaremos as propostas de análise de Galvão (1999) e Gonçalves (2003) de cada tipo de *achar* e *parecer* nos dados mineiros. Neste capítulo chamaremos a atenção para as diferenças no uso dos itens encontradas na variedade lingüística mineira.

No quinto capítulo, será feita uma análise qualitativa dos dados de fala. Submeteremos os dados a um programa estatístico para aferir melhor as propriedades nas etapas do processo de gramaticalização. Em seguida, apresentaremos as conclusões do trabalho, em que esclareceremos se as hipóteses levantadas se consolidam e se é mesmo possível um *continuum* de gramaticalização dos verbos estudados.

1.2 Objetivos e hipóteses

Os objetivos e hipóteses do presente trabalho são os seguintes:

i) analisar, de maneira mais profunda, as construções constituídas a partir dos verbos *parecer* e *achar*, as quais vêm sendo usadas na fala do PB, dando enfoque aos aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos. A partir disso será possível traçar um *continuum* com os graus de gramaticalidade dos usos diferentes dos verbos acima mencionados;

ii) comparar os dados da variedade carioca com os da variedade mineira e estabelecer as semelhanças da GR desses verbos nas duas variedades e apontar as peculiaridades da GR de *achar* e *parecer* presentes na variedade mineira, mostrando que algumas propriedades só foram encontradas nas amostras de fala coletadas em Minas Gerais;

iii) comprovar que o PB está adquirindo marcas de evidencialidade e modalidade. Assim esclareceremos que *achar* e *parecer* deixam de ser empregados, em algum momento, só com seus sentidos mais concretos e passam também a ser usados pelo falante com a

intenção de marcar sua dúvida com relação ao dito, para tanto há uma mudança no estatuto categorial desses verbos, os quais passam a ter funções semelhantes a dos advérbios;

iv) levantar a possibilidade da dessentencialização das construções em que há oração matriz + encaixada, na qual a oração matriz constitui-se a partir dos predicados atitudinais *achar* e *parecer*, ou seja, a oração matriz tem a função apenas de modificar a oração encaixada, como um satélite de caráter adverbial, e a informação nuclear passa a ser a que está presente na oração encaixada.

Sendo assim, abordaremos o processo de mudança dos dois verbos, tendo em vista a análise de dados da fala mineira coletados em Conceição de Ibitipoca.

Será delineado aqui, com base na teoria de Gonçalves (2003), o caminho percorrido pelo verbo *parecer*, com seu uso lexical que marca semelhança e com seus outros usos até chegar ao mais gramaticalizado que marca evidencialidade/modalidade epistêmica, tornando-se um verbo funcional, ou até, em algumas situações, um satélite atitudinal de comportamento adverbial.

Também será estudado, de acordo com Galvão (1999), o percurso do verbo *achar* que vai de verbo pleno com significado de *encontrar* até seu uso mais gramatical em que também marca evidencialidade/modalidade epistêmica e, como *parecer*, pode chegar a comportar-se como um advérbio .

2 Metodologia

Para comprovar nossas hipóteses sobre a GR e verificar se as propostas de Galvão (1999) e Gonçalves (2003) se aplicam aos dados de fala pertencentes à variedade mineira, utilizamos amostras de fala recolhidas por Resende (2006) em Conceição de Ibitipoca. Foram analisadas oito entrevistas com duração de uma hora cada.

2.1 O *corpus*

Estas entrevistas foram feitas com informantes – INF – do sexo masculino e feminino com idades e escolaridade diversificada. A entrevista era feita por um inquiridor – INQ – e, algumas vezes, um auxiliar – AUX – que ajudava nas perguntas. Estas eram direcionadas no sentido de fazer o nativo de Ibitipoca narrar casos e lendas contados pelos mais velhos e também falar sobre os costumes do local.

Tudo isso ocorria de maneira bem informal, visto que os entrevistados não tinham conhecimento de que se tratava de uma pesquisa linguística. Eles acreditavam que estava sendo feito um levantamento dos casos e lendas contados na região.

Como essas narrativas eram, muitas vezes, sobre fatos sobrenaturais ou sobre situações ocorridas no passado, ou seja, não vivenciadas por quem as conta, os dados revelam-se num excelente corpus para o estudo da modalidade e da evidencialidade.

Conceição de Ibitipoca é um distrito da cidade de Lima Duarte, uma cidade de pequeno porte localizada na Zona da Mata de Minas Gerais. O distrito é antigo e possui uma população muito simples, que acredita em lendas contadas pelos mais velhos e cultiva hábitos rurais. As pessoas de Ibitipoca têm costumes antigos como curar suas doenças com plantas e ter filhos em casa com parteiras.

No entanto, de alguns anos para cá, a cidade tem sido alvo de interesse de muitos turistas, devido às muitas belezas naturais como cachoeiras, grutas, trilhas para caminhada na mata e animais silvestres. Lá existe um parque ecológico que serve de atrativo para estudiosos e outras pessoas que procuram por este tipo de lazer.

O parque é bem extenso e, por isso, os turistas passam fins de semana e feriados no distrito. Há muitas opções de hospedagem: pousadas com grande infra-estrutura, pensões,

área para *camping* dentro do próprio parque e até mesmo alguns moradores alugam quartos de suas casas.

Os nativos da cidade, em alguns momentos, sentem-se prejudicados pelos turistas, já que a rotina da cidade acabou se modificando para recebê-los e tornou-se mais agitada. Mas, em outros momentos, eles se sentem favorecidos por este crescimento que acabou levando o progresso à cidade que agora está recebendo mais investimentos.

Os dados aqui usados foram coletados pela professora Terezinha Resende para seu trabalho de doutorado pela UFRJ. Nele investigou-se sobre a influência dos turistas na fala do nativo de Ibitipoca.

2.2 Aplicação do programa estatístico

Com o objetivo de atestar o resultado da análise qualitativa dos dados, submetemos as amostras de fala a uma parte do programa estatístico GoldVarb.

Por este motivo, utilizaremos como variáveis dependentes os tipos de *achar* e *parecer* e como variáveis independentes lingüísticas as propriedades mais relevantes apresentadas por estes tipos, que são as seguintes:

Variável dependente:

1-Tipos

Achar1

Achar2

Achar3

Achar4

Parece1

Parecer2

Parecer3

Parecer4

Parecer5

Variáveis independentes:

2-Forma verbal

Presente

Passado

Futuro

Infinitivo

Gerúndio

Particípio

3-Pessoa do discurso

1a pessoa do singular

2a pessoa do singular

3a pessoa do singular

1a pessoa do plural

2a pessoa do plural

3a pessoa do plural

Além dessas variáveis, também consideramos, para o verbo *achar*, a variável independente que analisa o tipo de realização do sujeito.

4-Realização do sujeito

Realizado foneticamente

Não realizado foneticamente

Para o verbo *parecer*, utilizamos a variável independente que leva em conta se o verbo é ou não acompanhado de pronome.

4-Verbo acompanhado do pronome

Ausência de pronome

Presença de pronome

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

3.1 COMBINAÇÃO DE ORAÇÕES

Os predicados constituídos dos verbos *achar* e *parecer* podem marcar atitude proposicional, pois estes itens deixam, em algum momento, de serem verbos plenos e passam a ter gradualmente mudanças de função, podendo até assumir o comportamento dos advérbios modalizadores.

Por este motivo, pretendemos mostrar aqui que esta mudança se dá a partir da gramaticalização destas construções, que se dessentencializam, deixando de se comportarem como orações matrizes, conforme são denominadas pela gramática tradicional, e passam a ter função de marcar modalidade e evidencialidade.

Para isso abordaremos primeiro a visão da gramática tradicional para depois mostrarmos os parâmetros de alguns estudos lingüísticos que confirmam esta dessentencialização.

3.1.1 A combinação das orações sob a ótica da Gramática Tradicional

Cunha (2001), em sua Nova Gramática do Português Contemporâneo, fala sobre o *período e sua construção* (2001, p.593) para mostrar como as orações podem ter relações diferentes umas com as outras.

O autor chama de oração a estrutura que tem uma forma verbal ou uma locução verbal. No caso de o período possuir apenas uma oração, esta é chamada de *absoluta* e o período é chamado de *período simples*. No entanto há os termos essenciais, integrantes e acessórios das orações que podem também se apresentar na forma de uma oração, ou seja, de uma estrutura que possui um verbo. No caso em que o período apresenta mais de um verbo ou locução verbal, este recebe o nome de *período composto*.

Os períodos podem ser compostos de diferentes maneiras, conforme podemos ver abaixo:

(1) As horas passam, os homens caem, a poesia fica. (Cunha, 2001, p.593)

Neste exemplo temos um período formado por três orações, pois há três verbos: “passam”, “caem” e “fica”. Estas três orações têm sentido próprio, ou seja, são independentes. Elas não são termos uma da outra, elas apenas se relacionam com o objetivo de contribuir para o sentido uma da outra. Por estes motivos estas orações autônomas recebem o nome de *coordenadas* e o período é, portanto, considerado *composto por coordenação* (Cunha, 2001, p.594).

As orações que funcionam como termos essenciais, integrantes ou acessórios de uma outra oração são as *orações subordinadas* (Cunha, 2001, p.598). Elas são classificadas como *substantivas*, quando funcionam como um substantivo, *adjetiva*, quando tem a função de um adjetivo, e *adverbial*, quando exercem a função de um advérbio (Cunha, 2001, p.600). Neste trabalho trataremos em particular das orações subordinadas *substantivas*.

As *orações subordinadas substantivas* geralmente são introduzidas por conjunções integrantes – *que* e *se* – e podem ter várias classificações segundo as funções sintáticas que exercem: *subjativa*, quando a oração tem função de sujeito; *objetiva direta* quando tem a função de objeto direto; *objetiva indireta* quando tem a função de objeto indireto; *completiva nominal* quando tem a função de complemento nominal; *predicativa* quando tem a função de predicativo; *apositiva* quando tem a função de aposto; *agente da passiva* quando tem a função de agente da passiva (Cunha, 2001, p.600-601).

As *orações subordinadas* funcionam como termo de uma oração que são chamadas de *oração principal*, já que possuem a principal declaração do período e não têm função sintática em outra oração, regem-se por si (Cunha, 2001, p.594).

Segundo as explicações de Cunha sobre a combinação das orações, os períodos compostos que possuem as orações com verbos *achar* e *parecer* seriam classificadas da seguinte maneira, se aplicarmos às nossas amostras de Ibitipoca:

(2) eu *acho que* tem muito a vê com essa...com essa reza das almas...

(3) *parecia que* a cobra tava correno atrás de mim...

“eu *acho*” e “*parecia*” são as orações principais, pois não têm função sintática em outra oração e, segundo a visão dele, possuem a declaração principal do período. Já “*que tem muito a vê com essa...com essa reza das almas...*” seria a oração subordinada substantiva

objetiva direta, pois tem a função de objeto direto do verbo *achar*, e “*que a cobra tava correndo atrás de mim...*” seria a oração subordinada substantiva subjetiva, pois tem a função de sujeito do verbo *parecer*.

Bechara (1999, p.47), na *Moderna Gramática Portuguesa* chama as orações subordinadas também de hipotáticas e diz que se trata de orações que passam a funcionar como *membro* de outra oração.

Ele afirma que para haver a subordinação dois instrumentos são necessários. O primeiro deles é o que marca a subordinação, marca que *uma estrutura oracional de verbo flexionado* (Bechara 1999, p.47) não é uma oração independente, mas sim tem a função de um membro de uma oração. O segundo instrumento marca que tipo de função esta oração exerce dentro da oração complexa. Quando a oração exerce função de sujeito ou de complemento direto emprega-se o marcador de subordinação *que*.

3.1.2 A combinação das orações sob a visão da lingüística

Gonçalves (2007) afirma que *crer*, *parecer* e *achar* são predicados que sofrem alteração de categoria: mudam de verbo pleno para advérbio modalizador. Ele defende que a mudança citada é um caso de *gramaticalização das construções em que esses predicados ocorrem* (Gonçalves, 2007, p.11). E que, quando o domínio da modalidade se instancia nas construções mais complexas, a oração matriz – aquela que contém o predicado a ser completado por argumentos que se realizam como sujeito ou objeto no nosso caso – tem uma forte tendência a se desgarrar e a atuar como satélite da oração encaixada que passa a funcionar como oração independente.

No caso desta mudança lingüística os predicados de atitude proposicional *crer*, *parecer* e *achar* formam uma construção, considerada gramaticalizada, de oração matriz + oração encaixada, sendo que estes predicados constituem o centro da oração que seria considerada matriz. As orações encaixadas seriam aquelas que complementam o predicado da oração matriz.

Gonçalves (2007) dá início ao seu artigo afirmando que as orações matrizes com os predicados citados originam-se em orações em que esses funcionam como verbos plenos, ou seja, constituem o centro da predicação. Isso é possível de acontecer em orações independentes ou absolutas. Até chegarem a fazer parte de uma oração complexa, tais

predicados também podem funcionar como verbos suporte de predicação, ou seja, não são o centro da predicação, apenas sustentam-na. Nestes usos intermediários já começam a expressar um valor epistêmico, pois trazem a opinião do falante.

Com um uso ainda mais pragmático, estas estruturas podem formar um complexo oracional no qual a oração matriz possui uma predicação encaixada de valor proposicional.

(4) a. Ora *parece* que meu filho serviu mau senhor. (13, DG, p.57)

b. *Acho* [este lugar] não estar na última perfeição. (18, GR, p.8) (Gonçalves, 2007, p.14)

Em (4) a. *parecer* tem valor epistêmico de probabilidade e valor evidencial. Este predicado é monovalente, pois seleciona apenas um argumento que é a oração encaixada na posição do sujeito. Em (4) b. *achar* tem valor epistêmico e evidencial e é um predicado bivalente que tem a oração completiva selecionada para a posição de objeto.

Mesmo tendo a estrutura argumental diferente, os dois predicados conferem ao conteúdo da proposição encaixada a crença do falante no valor de verdade do conteúdo proposicional, ou seja, a modalidade epistêmica, e o falante pode ser a fonte da evidência ou da inferência, o que marca o valor evidencial.

Desta forma podemos observar que os verbos *achar* e *parecer* inicialmente tinham seus significados constituídos em situações externas, como mostra os exemplos (5) e (6), baseados em evidências visuais.

(5) O grande lago, ao longe, *parecia* o oceano. (Ferreira, 2004, p.1494)

(6) Jamais em minha vida *achei* na rua ou em qualquer parte do globo um objeto qualquer. (Carlos Drummond de Andrade, A Bolsa E a Vida, p.7) (Ferreira, 2004, p.31)

No entanto, em (4) a. e b. estes predicados têm seus significados constituídos a partir de situações internas, e depois, segundo Gonçalves (2007), passam a ter significados mais subjetivos, mostrando a atitude do falante.

No decorrer do processo de mudança, Gonçalves (2007, p.14) observa que esses predicados que funcionavam como verbos plenos vão se dirigindo para fora do conteúdo da

informação principal que o enunciado expressa, ou seja, vão se situando fora da predicação principal.

Quando a oração matriz tem por base um predicado de atitude proposicional há uma modificação funcional tão grande que altera até mesmo a estruturação sintática das orações.

Lehmann (1988) identifica estas alterações que atingem as orações matrizes com os processos de dessentencialização, pois estas orações matrizes distanciam de suas encaixadas, as quais não representam mais um constituinte argumental e passam a manter valor epistêmico e evidencial, como os satélites adverbiais de atitude (Gonçalves, 2007, p.15), conforme vemos nos dois exemplos:

(7) ...vindo tão embebidos de suas danças, tendo *parece* alguma notícia do que se passava. (16, CJ, p.440)

(8) Apenas eu e o Couto *achamos* a não inclusão do pneumotorax “escandalosa”, como você fala. Indispensável, *achamos*. (19-20,MA, p.340) (Gonçalves, 2007, p.15)

Essas ocorrências mostram que não apenas os itens, mas as construções com estes itens estão se gramaticalizando e o autor discute justamente esses usos que se encontram mais gramaticalizados em que as *construções encaixadoras de proposição* passam a se comportar como *satélite atitudinal* (Gonçalves, 2007, p.16) da oração que complementaria a matriz, mas que agora esta oração funciona como uma oração independente.

Para marcar a independência entre as orações encaixadas nos predicados atitudinais e estes predicados, Gonçalves (2007) cita que a referência de tempo da oração encaixada não tem relação de dependência com o tempo da oração matriz, podendo coincidir com ele ou ser anterior ou posterior a ele.

O autor atesta que, quando estes predicados começam a funcionar como satélites, que mostram a atitude do falante diante do valor de verdade da proposição asseverada, a principal asserção seria aquela contida na oração encaixada, pois o nível de crença do falante expresso pelo satélite incide sobre ela. Outra característica que comprova isto seria o apagamento do complementizador “que”, responsável por marcar a subordinação. Esse fato faz com que a oração complemento, antes iniciada pelo subordinador, torne-se agora independente, mostrando que a integração sintática entre a oração matriz que contém o predicado atitudinal e a oração encaixada é fraca. Além disso, após o apagamento do complementizador a oração matriz pode aparecer em qualquer posição.

Além disso, ao se usar um marcador de negação, este atua apenas sobre a oração encaixada. Não há como se negar a crença do falante que a oração matriz expressa. Desta maneira o escopo de negação atua de maneira restrita à oração encaixada, atestando a baixa integração entre as orações.

Outro fator que Gonçalves (2007) salienta para mostrar que o predicado da oração matriz está se dessentencializando é, nas construções mais gramaticalizadas, a não variação de tempo, modo, número e pessoa, ou seja, estes predicados se encontram cristalizados: *achar* na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e *parecer* na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. É possível, então, perceber que *parecer* está em um maior grau de gramaticalização do marcador de modalidade epistêmica/evidencialidade, pois não apresenta marcas de subjetividade.

Em resumo, para Gonçalves (2007, p.23), quatro critérios devem ser adotados para comprovar esta integração fraca entre as orações:

- i) referência temporal independente;*
- ii) escopo de negação restrito ao conteúdo da oração encaixada;*
- iii) perda de complementizador e posição sintática fixa, com conseqüente redução de estrutura argumental e,*
- iv) restrições flexionais (tempo, modo, pessoa e número do predicado matriz).*

Lehmann (1988) divide as orações em dois grupos diferentes de acordo com as combinações que pode haver entre elas. Ele afirma que na subordinação duas orações formam uma construção em que uma delas seria a oração núcleo. A coordenação seria, então, a associação de dois sintagmas do mesmo tipo. Com base nisso, o autor define parataxe como coordenação, ou seja, como as orações que possuem um grau maior de independência e mínimo de integração, e considera tanto as hipotáticas quanto as encaixadas como subordinação.

O que diferencia a hipotática da encaixada é que a oração encaixada precisa estar subordinada a um constituinte da oração principal. As orações encaixadas são aquelas que possuem um grau menor de independência e grau máximo de integração.

Lehmann defende que a dessentencialização ocorre com a oração subordinada, no momento em que ela perde propriedades oracionais e ganha propriedades nominais até que chegue a um sintagma nominal ou a um sintagma adverbial. Segundo ele, uma característica marcante da dessentencialização seria o fato de as orações subordinadas dificilmente possuírem força ilocucionária, assumindo a força ilocucionária da oração núcleo.

No entanto, consideraremos, assim como Gonçalves (2007), que a construção que está passando pelo processo de dessentencialização não é a oração subordinada, mas sim a oração matriz. Ao contrário de Lehmann (1988) que acredita apenas em uma recategorização da oração complemento, Gonçalves enfatiza que o que ocorre nestas construções é a transformação das orações matrizes em satélites.

Gonçalves (2007, p.24), então, utiliza os parâmetros de Lehmann (1988) que indicam o grau de integração entre orações. Estes parâmetros são independentes, contudo possuem uma relação entre si. Eles são:

- i) rebaixamento da oração subordinada a constituinte da principal;*
- ii) nível sintático de integração da subordinada à principal;*
- iii) dessentencialização da subordinada, que passa a constituinte simples da principal (seu verbo torna-se não finito; seu sujeito é perdido ou torna-se oblíquo);*
- iv) gramaticalização do verbo matriz;*
- v) entrelaçamento das duas orações (partilha de elementos); e,*
- vi) grau de explicitude da integração (presença de conectores).*

Tanto o parâmetro i) como o ii) confrontam o grau de autonomia com o grau de integração entre as orações subordinadas. Os parâmetros iii) e iv) analisam o grau de expansão ou de redução da oração subordinada. Os dois últimos parâmetros são relativos ao isolamento ou à conexão das subordinadas.

No entanto, Gonçalves (2007) destaca os parâmetros iii) e iv) para tratar das construções que envolvem predicados atitudinais. Nos casos estudados, o autor propõe que o mais adequado seria tratar estas construções como um caso de dessentencialização de toda a estrutura *oração matriz + encaixada* e como um caso de gramaticalização da oração matriz.

O que motiva o autor a caracterizar tais construções desta maneira é o fato de a construção gramaticalizada possuir ilocução independente do resto da oração, atuando apenas como modificador, da mesma maneira que ocorre com os satélites adverbiais de caráter adverbial. Há também o fato de estas construções se fixarem no presente, ou seja, se mantêm invariáveis, sem dar referência de tempo à oração em que se encontram. Além disso, pelo aspecto argumental, *achar* passa a permitir somente sujeito de primeira pessoa e *parecer* cristaliza-se na forma não-marcada de terceira pessoa, o que deixa a expressão de pessoa neutralizada.

Os fatores mencionados deixam claro que estes dois parâmetros propostos por Lehmann (1988) se aplicam mais à gramaticalização da oração matriz de predicados

atitudinais – responsável agora apenas para marcar a atitude do falante baseada em evidências – do que à redução da oração encaixada.

Portanto, concordamos com Gonçalves (2007), pois ele afirma que estas construções com os predicados citados mudam da categoria de verbos plenos para a categoria de satélites atitudinais. Este processo é conhecido como gramaticalização. Junto com tal processo o autor afirma que acontece a dessentencialização das orações formadas por estes predicados, tornando-se constituintes não-argumentais da oração modificada por eles. A partir disso a oração modificada deixa de ser complemento e passa a ser independente.

Para ilustrar melhor como este processo ocorre em nossos dados, será feito, a partir de agora, considerações acerca da teoria da Gramaticalização, da Modalidade e da Evidencialidade.

3.2 GRAMATICALIZAÇÃO

Este trabalho pretende demonstrar que os verbos parecer e achar estão em processo de gramaticalização – GR a partir de agora. Para tanto, iniciamos nossa parte teórica com as diversas considerações feitas por lingüistas sobre este processo que tem sido tão abordado em estudos recentes sobre os fenômenos de mudança lingüística.

A GR apresenta-se como um processo de mudança comum nas línguas. Ela consiste em mudanças lingüísticas que demonstram como um item lexical passa a se comportar como um item gramatical ou como um item gramatical passa a ter funções ainda mais gramaticais do que possuía anteriormente.

Os itens lexicais são aqueles que descrevem ou representam nomes, adjetivos e verbos, isto é, entidades, qualidades, processos, estados e ações presentes no mundo real. Já os itens gramaticais têm a função de organizar o discurso, ou seja, são os conectivos, preposições, pronomes, flexões, são itens que ligam partes do discurso, identificam seus participantes, delineiam o relacionamento existente entre seus elementos de conteúdo lexical e marcam a interação

Desta forma, o sistema lingüístico sofre renovações, em que formas já existentes passam a ter novas funções, assim como surgem novas formas para designar funções já existentes. Um falante, com base em seu conhecimento de mundo, pode ser levado a

interpretar um significado mais concreto como sendo um significado mais abstrato, quando não existe a expressão adequada correspondente naquele sistema lingüístico.

Porém, a mudança não é algo que ocorre de maneira abrupta. Um item faz transições graduais até migrar de uma categoria para outra. O *cline* consiste nestes estágios de transição do item até ele, de fato, se gramaticalizar. É o caminho que guia o desenvolvimento do item. Sob uma perspectiva histórica, um *cline* seria um contínuo, uma linha imaginária com uma série de estágios que possui, no geral, um item lexical numa ponta e, na outra, um item gramatical. Quanto mais à direita da linha, mais gramatical será o item e quanto mais à esquerda mais lexical será este (Hopper e Traugott 1993, p.7).

No caso dos verbos em estudo neste trabalho, Gonçalves (2003) propõe *clines* que demonstram os estágios de mudança dos verbos *achar* e *parecer*, que partem da categoria dos verbos plenos, passam por usos mais abstratos, até chegarem aos usos mais gramaticais destes itens, em que eles deixam, respectivamente, de significar *encontrar* e *ter semelhança* e passam a funcionar como marcadores da atitude do falante que indicam modalidade e evidencialidade nos estágios em que se encontram mais gramaticalizados.

Para o verbo *achar* a mudança tem o seguinte percurso:

Verbo pleno > performativo modalizador > verbo de atitude proposicional > modalizador

Para parecer, a evolução se processa como:

Verbo pleno > suporte de predicação > predicado de atitude proposicional > quase satélite atitudinal > satélite atitudinal

De maneira geral, ao adquirir sua nova função, o elemento base do processo de GR não necessariamente perde suas propriedades e funções iniciais. A forma antiga e os novos usos do item podem co-existir no sistema lingüístico. Num estudo sincrônico, a GR é vista como um fenômeno sintático, semântico e discursivo-pragmático, visto que ela atinge estes três níveis. Além disso, este processo está sob influência direta dos contextos discursivos, que altera o estatuto categorial da unidade lingüística, fazendo com que esta se torne membro de outras categorias.

No estudo de Bybee, Perkins e Pagliuca (1994) sobre GR de morfemas, observou-se que alguns morfemas lexicais são mais freqüentes e mais gerais em significado, mudando gradualmente para o status de gramatical. Durante o processo de GR, de maneira geral, ocorrem mudanças no campo semântico, funcional, gramatical e fonológico, os quais estão intimamente ligados. Cada um destes campos estão descritos abaixo sob a visão destes mesmos autores.

No que tange aos tipos de mudança semântica, há a generalização semântica. Esta é assim chamada, visto que consiste na generalização de contextos em que um mesmo item é usado. No decorrer deste processo, alguns componentes do significado original do item podem se perder. A perda destes traços originais é conhecida como redução semântica, ou como *bleaching*.

Paralela à redução semântica, a redução fonológica continua atuando sobre o item lexical. Isto quer dizer que as consoantes e vogais do item gramatical, com perda de acentuação ou tonação independente que acompanha a perda do status lexical, passam por um processo de redução, a qual resulta, geralmente, na perda ou redução de material segmental e numa redução no comprimento do item. Heine *et. al.* (1991) também fala sobre esta redução, conforme veremos ainda nesta seção.

Ao passar pelas reduções fonológicas e semânticas, passa-se a ter uma maior dependência do material ao seu redor e começa a fundir-se com outros morfemas gramaticais ou lexicais deste ambiente. Junto a isso, há também uma dependência semântica do material de seu ambiente. Quanto maior a perda de traços de seu significado original, maior a dependência do significado proveniente do contexto.

Bybee, Perkins e Pagliuca (1994) abordam que, em consequência da redução tanto fonética quanto semântica e da dependência, no campo sintático, ocorre uma rigidez da posição sintática do item e da relação de escopo deste com outros elementos. Ou seja, as línguas, em sua maioria, permitem ao menos algumas modificações na ordem do morfema lexical por motivos pragmáticos e semânticos. No entanto, geralmente, o item gramaticalizado não se modifica para um item lexical e não é permutado pelos propósitos de mudança da modificação do escopo. Então, a mudança ocorre sempre no sentido item lexical > item gramatical.

Estes fatores geram uma situação em que o item gramaticalizado tende a se fundir com outros elementos que pertencem ao seu ambiente. Nestes casos, observam-se sistemas classificatórios em que um membro tende a ter sua produtividade aumentada e substitui o uso de classes menores. Tal desenvolvimento pode ser uma consequência da generalização

semântica, isto é, à medida que um item gramaticalizado generaliza-se em significado, ele é usado em contextos em que outro item era usado anteriormente.

Essa mudança de uma unidade de uma categoria para outra é resultado de uma reanálise categorial. Conforme Harris e Campebell (1995), temos, para a mudança sintática, três mecanismos básicos: reanálise, extensão e empréstimo. A reanálise é o mecanismo no qual há mudança na estrutura profunda. Ela pode também ser definida como reinterpretação e depende de um padrão caracterizado por uma ambigüidade de superfície ou da possibilidade de mais de uma análise.

O mecanismo de extensão resulta em uma modificação da manifestação superficial de um padrão, mas não envolve mudança na estrutura profunda. A extensão pode ser vista como parte da analogia, no entanto os dois processos não são os mesmos. Da mesma forma que a analogia, o contato lingüístico não consiste em um processo de mudança: nem sempre que se tem contato lingüístico ocorre mudança. Em ambos os casos temos causas freqüentes de mudança.

Desta forma, empréstimo não é o mesmo que contato lingüístico. Este é apenas uma situação que propicia a mudança por meio do empréstimo. Empréstimo é o mecanismo de mudança em que a replicação de um padrão sintático de uma língua é incorporado por outra língua. Esta influência ocorre através do contato de uma língua com a outra, do contato lingüístico que é tão propenso a gerar mudanças.

Na visão de Harris e Campebell (1995), a GR é apenas uma consequência de um destes mecanismos: da reanálise. GR é um tipo de macro-mudança que, freqüentemente, envolve mais de uma reanálise. Este processo caracteriza-se como um processo de mudança de categoria com simultânea mudança de significado.

Tem-se, tipicamente, dois processos como foco do estudo da gramaticalização: o processo de modelo item-lexical-para-morfema-gramatical, o qual, geralmente, envolve uma redução fonológica e uma mudança de palavra independente para um clítico e/ou afixo; o processo de modelo estrutura-de-discurso-para-marcador-morfosintático, o qual é responsável por fixar estratégias de discurso em estruturas sintáticas e morfológicas (Harris e Campebell 1995, p.92).

Gramaticalização geralmente liga-se a *bleaching* semântico. Este é considerado resultado de uma reanálise ou até mesmo a essência da reanálise. A GR pode envolver a reanálise de estruturas mais simples até aquelas que são mais complexas. Ela ocorrerá sempre de maneira gradual e não abrupta, já que a gramática passa por um ajuste à nova situação.

Assim, Harris e Campebell (1995, p.92) consideram como reanálise estes aspectos da GR, em que a estrutura sofre alteração, enquanto a manifestação superficial pode se manter a mesma. A superfície fica basicamente inalterada, apenas seu *status* gramatical sofre modificação.

A reanálise é uma parte importante da GR. Esta mudança de categoria e simultaneamente de significado é parte da macro-mudança da gramaticalização, mas, em parte, é independente das outras micro-mudanças no sentido em que elas não ocorrem no mesmo momento.

Embora as conseqüências semânticas da reanálise envolvam uma série de processos de mudanças, existem algumas evidências que mostram que a erosão fonológica não ocorre ao mesmo tempo em que a mudança semântica. As duas mudanças estão relacionadas, mas não são a mesma mudança.

Para Hopper (1991), a *Estratificação*, *Divergência*, *Especialização*, *Persistência* e *Decategorização* são parâmetros para a GR de um item lingüístico. Por meio destes princípios podemos identificar o início da GR.

A *Estratificação* seria a convivência das novas “camadas” que surgem com as pre-existentes, pois as formas novas não substituem as formas antigas imediatamente ou podem até mesmo nunca chegar a substituí-las. Isto faz com que as formas concretas interajam com usos abstratos do mesmo item. A Estratificação caracterizaria o início do processo de GR.

A *Divergência* é o princípio que torna possível que dois itens com mesma origem tenham funções diferentes, já que no processo de GR o item que serve de base para o item gramatical pode se manter de maneira autônoma. Isso quer dizer que o item original que está sofrendo GR ainda está suscetível às mudanças da sua classe ou até a um outro processo de GR.

A *Especialização* diz respeito às situações de usos de cada item. No momento em que um item surge para designar uma nova função, esta forma pode ter maior incidência de uso do que aquelas formas antigas que possuíam essa mesma função.

A *Persistência* garante que o item gramaticalizado contenha ainda traços da forma original. A manutenção destas características pode fazer com que o uso da nova forma sofra restrições sintáticas.

Na *Decategorização*, os itens que se encontram em processo de GR têm suas propriedades sintáticas e morfológicas da categoria plena enfraquecidas e adquirem as características da categoria secundária. Ou seja, perdem ou neutralizam as características dos

nomes e verbos, apropriando-se dos usos semântico-funcionais que são próprios de formas mais gramaticalizadas como advérbios ou preposições.

Heine *et. al.* (1991) sugere quatro critérios como básicos para caracterizar a GR: *Extensão* ou *Generalização*, *Dessementização* ou *Bleaching*, *Decategorização* e *Erosão* ou *Redução Fonética*.

A *Extensão* ou *Generalização* é o parâmetro que indica que o item está nos estágios iniciais da GR, já que trata dos padrões de novos usos de um item. Uma estrutura lingüística torna-se muito usada em um diferente contexto até que adquire, gradualmente, um novo significado. Desta forma, antes que um item passe pela *Dessementização* é fundamental que a *Extensão* ocorra.

Dessementização ou *Bleaching* é o parâmetro que corresponde à perda de traços do significado original de um item. Desta forma, quando um item já existente é usado em novos contextos, ocorre a perda de partes de seu significado base, sendo, assim, reinterpretado nestes novos usos. A partir disso, nota-se que o item possui um significado novo e, mesmo sofrendo perda de alguns traços, acaba tornando-se um item mais gramatical e conseqüentemente mais funcional.

Decategorização, ao contrário da *Dessementização* que significa perda semântica de alguns traços do item base, aponta para a perda morfossintática. Esta característica é comum em verbos e nomes usados em contextos específicos em que se desenvolvem as funções mais gramaticais. Após passarem por estes processos os itens assumem novas formas morfológicas e sintáticas.

Erosão ou *Redução Fonética* também trata de perda. No entanto o que ocorre é uma perda na substância fonética. Este é o último processo que acontece quando se desencadeia um caso de GR. Gonçalves (2003) afirma que a ligação entre a perda da substância fonética e a perda de alguns traços semânticos é circular, visto que não se sabe se o item fonte perde traços semânticos, tornando-se mais abstrato em decorrência da perda da substância fonética ou se o que ocorre é o inverso: a perda fonética pode ser conseqüência da *dessementização*.

Sob a visão de Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), existe um problema em definir quais são os itens lexicais candidatos à GR. Isto ocorre devido à dificuldade em postular em que ponto exato a GR tem seu início. O processo de GR pode abarcar, além dos itens lexicais, algumas unidades já gramaticais que contribuem para a construção do significado. A posição em que estas unidades que estão entrando em processo de GR ocupam, tanto em relação a outras unidades quanto em relação a unidades frasais ou lexicais, pode se modificar para contribuir com a construção do sentido.

Isto faz com que seja necessário que se observe, para traçar a origem do significado gramatical, não apenas o significado referencial do item lexical, mas também sua sintaxe e morfologia. É necessário levar em conta os aspectos sintático, semânticos e pragmáticos num processo de mudança. Neste estudo defende-se não que um significado original gera um único significado gramatical, mas que unicamente o significado base determina o caminho da GR que o item terá em seu desenvolvimento. Conforme Heine *et. al.* (1991), o significado original prefigura o significado gramatical.

3.2.1 A Unidirecionalidade na GR

Para HEINE *et. al.* (1991), um princípio geral da GR é a *Unidirecionalidade*. Esta aponta para o fato da mudança se dar sempre na direção do mais concreto para o menos concreto, do significado lexical para o gramatical e de um significado já gramatical para outro ainda mais gramatical, nunca fazendo o caminho inverso.

Esta propriedade é tida como um dogma, um princípio fundamental no processo de GR. Neste sentido temos princípio como uma lei determinante para que se constitua ou se identifique a ocorrência de um fenômeno.

De acordo com Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), a mudança evolui de usos mais específicos para outros mais gerais e abstratos. Isto ocorre de modo irreversível quando a mudança é por inferência ou quando ela se dá por generalização. Além da unidirecionalidade os referidos autores citam como característica básica da GR a gradualidade, pois a mudança nunca é abrupta, ela ocorre de maneira gradual, pois possui estágios.

Hopper e Traugott (1993) afirmam que, mesmo que a mudança do concreto para o abstrato nunca aconteça na direção contrária, um mesmo item pode passar por outra mudança rumo à uma nova direção semântica e gramatical. Isso se dá devido ao fato de o item que está sob processo de GR ainda poder ter seu comportamento original, o qual ainda está susceptível a outras mudanças. A este fenômeno deram o nome de poligramaticalização.

Os mesmos autores mencionados acima especificam que o que comprova a unidirecionalidade seria o fato de que um item lexical que está se gramaticalizando tem, antes de tudo, funções discursivas, em seguida, no plano da sintaxe, torna-se fixo e só depois se torna um morfema. O que se deseja especificar aqui é que a unidirecionalidade faz com que, tendo dois estágios de mudança, um sempre ocorra antes do outro e nunca ao contrário.

Para Hopper e Traugott (1993), a unidirecionalidade pode ser responsável por reger todos os outros mecanismos que atuam na GR como bleaching, reanálise, analogia, erosão, entre outros. Eles partem do fato de que nem todos estes mecanismos são necessários para que se caracterize um processo de GR e chegam à conclusão de que a unidirecionalidade é a única característica indispensável para a realização desta, já que este mecanismo é o único que se faz sempre presente.

Vários pesquisadores já deixaram claro o fato de que toda GR passa por fenômenos de mudança, mas que nem toda mudança acarretará num processo de GR. Por isso, tendo em vista as explicações acima, consideraremos neste trabalho a unidirecionalidade como um princípio que rege a GR, mesmo sabendo que muitos autores a criticam duramente. As ocorrências de desgramaticalização ou de regramaticalização não são significantes para que as tomemos como regras. Heine (1991) propõe que elas sejam vistas como casos de análises inadequadas.

3.2.1. Motivações para a GR

Metáfora e Metonímia

A metáfora e a metonímia são mecanismos de ordem cognitiva que promovem a GR. Assim como os outros processos, estes estão diretamente atrelados às estratégias comunicativas do usuário da língua. O falante sente necessidade de novas formas de comunicação e, de acordo com o princípio da economia, ao invés de criar novas expressões, faz uso de algumas já existentes e passa a usá-las em novos contextos com novos significados.

A metáfora, segundo Gonçalves (2003), é um mecanismo mais usado que a metonímia na GR, é fruto da abstratização de significados. Segundo Hopper e Traugott (1993), a metáfora ocorre quando um conceito é entendido em termos de outro. O que acontece é a transferência de um significado concreto para um mais abstrato. A metáfora motiva a GR em seus estágios iniciais justamente porque, segundo os autores acima, os seres humanos possuem uma tendência a usar estas construções.

Soma-se a isso o fato de a GR ter como princípio geral que o novo significado será proveniente do significado original por meio de inferência metafórica ou inferência

conceptual por metonímia, o que demonstra que a mudança de significado na GR não acontece de maneira arbitrária.

De acordo com os estudos de Heine *et al.* (1991), não é qualquer tipo de metáfora que caracteriza a GR. Neste plano o fenômeno não é relacionado às figuras de linguagem, mas tem motivação pragmática, pois não são formadas novas expressões, mas expressões já existentes são utilizadas em novos contextos e situações através da extensão de significados.

Hopper e Traugott (1993) afirmam que a metáfora opera entre domínios cognitivos e liga-se à analogia, que consiste na atração de itens já existentes por outras construções que também já existem no sistema. Os itens analisados sob a analogia são resultados de extensão de regras que já existem na língua, não podem ser vistos como criações gramaticais, pois não há a formação de novas expressões, apenas as já existentes começam a ser utilizadas em novos contextos através do processo de extensão de significados. Heine *et al.* (1991) afirma que esse processo se dá de maneira unidirecional, ou seja, parte sempre de significados mais concretos na direção dos significados mais abstratos e nunca faz o caminho inverso.

Já a metonímia se caracteriza por se expressar uma coisa em termos de outra, mas que não está expressa no contexto. Este fenômeno liga-se à reanálise e opera entre constituintes sintáticos interdependentes. A reanálise, ao contrário da analogia, possibilita a criação de formas gramaticais que, até então, não existiam nas línguas. Ela permite que uma forma seja reanalisada dentro de uma categoria diferente da que pertencia originalmente (Hopper e Traugott 1993).

Lakoff e Johnson (1980) afirmam que a função da metonímia é referencial e isto permite que uma entidade seja usada em substituição de outra. Ela também consiste em um mecanismo de entendimento, apontando aspectos de maneira mais específica. Isso mostra que a metonímia também não se dá de forma arbitrária, ela acontece por meio da substituição, por exemplo, “da parte pelo todo”, “do lugar pela instituição”, “da instituição pela pessoa responsável” e outras substituições. Portanto, este mecanismo acontece sempre de maneira sistemática. Contudo, Palmer (1986) afirma que nem sempre estas substituições são produtivas.

Segundo Gonçalves (2003), a metonímia na GR aponta para uma inferência pragmática, para uma associação feita no domínio conceptual, baseada no plano discursivo ou para uma transferência semântica feita por meio da contigüidade. Este fenômeno consiste em se usar uma palavra em um contexto em que uma idéia relacionada a tal palavra forma um novo elemento.

Traugott (2005) aponta também para as necessidades do falante no momento da comunicação, fazendo com que este use formas antigas com novas roupagens em novos contextos. Formas antigas são reutilizadas para expressar novos significados. A autora comenta que há duas maneiras de se fazer isso: tomando um elemento de uma estrutura conceptual em termos de um elemento de outra estrutura conceptual ou escolhendo palavras usadas para os semelhantes do que se pretende dizer.

A primeira maneira diz respeito à metáfora que se dá por relações paradigmáticas de semelhanças e diferenças entre domínios conceptuais. Já a segunda maneira diz respeito à metonímia que se dá por contigüidade, de maneira sintagmática entre termos que pertencem a um mesmo domínio.

A partir disto alguns autores consideram a metonímia como menos interessante, mais “pobre”, visto que esta é responsável por relacionar palavras que já fazem parte de um mesmo domínio, enquanto o processo metafórico relaciona palavras que pertencem a domínios diferentes. No entanto, a metáfora e a metonímia são, na verdade, processos complementares.

Mas há autores que vêem a metonímia não apenas como aquela que aponta partes específicas do que está sendo referido através de relações de substituição da parte pelo todo, do lugar pela instituição, da marca pelo produto e outros. Ela é vista como uma possível extensão de significados baseados na contigüidade.

Na GR, a metonímia é um tipo de inferência pragmática na qual o significado de uma palavra forma um novo elemento do contexto. Trata-se de uma transferência semântica permitida por meio da contigüidade. O que há é uma troca proveniente do uso de um vocábulo numa frase em que seu significado, que está relacionado à idéia deste vocábulo de alguma forma, pode formar um elemento no contexto. Ou seja, a metonímia liga-se a significados que se apresentam implícitos, que já estão presentes no contexto, mesmo que não seja de maneira explícita (Traugott 2005).

O quadro abaixo de Galvão (1999, p.33) mostra as diferenças traçadas por ele entre a Metáfora e a Metonímia.

Metáfora	Metonímia
Representa membros de um domínio semântico em termos de outro	Indicia, aponta significados que estão implícitos
Especifica uma coisa, usualmente mais complexa em termos de outra não presente no contexto	Especifica um significado em termos de outro que está presente, ainda que de forma não explícita no contexto
Opera através de analogia	Opera através de reanálise

Quadro 1 – Diferenças entre metáfora e metonímia

Fonte: Galvão, 1999

Através destes processos motivadores e a partir da necessidade comunicativa e de outros fatores, o sistema lingüístico do Português do Brasil passa a possuir itens que marcam evidencialidade e modalidade.

3.3 MODALIDADE EPISTÊMICA

Passaremos agora à abordagem da modalidade, privilegiando a modalidade epistêmica, pois esta possui características relevantes para se estabelecer os limites do domínio da EV. Percebemos que existem muitos estudos sobre a modalidade epistêmica – ME – no PB que tentam definir o termo e discriminar os tipos de modalidade dos sistemas lingüísticos. Contudo, poucos são os trabalhos que descrevem a sobreposição deste domínio ao da EV.

Caracterizaremos aqui a modalidade, que, conforme Neves, não é uma tarefa considerada fácil: *“Conceituar modalidade é uma tarefa complexa exatamente porque esse conceito envolve não apenas o significado das expressões modalizadoras, mas, ainda, a delimitação das noções inscritas no domínio conceptual implicado.”* (NEVES, 2006, p.151)

Para nós ela é um domínio lingüístico que expressa as atitudes do falante com relação ao dito. Esta estratégia do discurso veicula nas sentenças, além das atitudes, as opiniões do usuário da língua (NEVES, 2006).

Palmer (1986, p.16) defende que os modalizadores pertencem a uma classe que corresponde à GR das opiniões e das atitudes do falante. Os itens que se encontram dentro de

um sistema modal têm desenvolvimento gradual ao longo do tempo, podendo estar em estágios diferentes do processo de GR. Este processo tem, geralmente, sua origem em itens lexicais. A modalidade estaria situada entre os itens lexicais – considerados uma classe aberta – e os itens gramaticais – considerados uma classe fechada.

Para Palmer, a proposição é o conteúdo do dito, é a asserção, portanto pode sofrer questionamento, negação, ser suposto e até ser flexionado em outros modos gramaticais. Já o modal abarca tudo que não está dentro do conteúdo proposicional. Desta forma, é possível definir a modalidade através da separação dos elementos modais dos elementos proposicionais de uma sentença.

O autor acredita que os modalizadores têm o papel de veicular a atitude ou a opinião do falante em relação ao conteúdo da proposição. Sendo assim ele coloca a subjetividade como o traço fundamental da modalidade e afirma que esta subjetividade pode ser expressa por dois fundamentais tipos de modalidade que são a Modalidade Epistêmica e a Modalidade Deôntica.

A vontade se relaciona à Modalidade Deôntica, que se liga à ação do falante ou à de outra pessoa. Ela é subdividida em quatro tipos: diretiva, comissiva, volitiva e avaliativa. A diretiva é aquela que se relaciona à tentativa do falante de induzir o ouvinte a realizar algo, a comissiva é aquela que envolve os atos nos quais o falante se compromete a fazer alguma coisa, a volitiva é a vontade que se relaciona com a expressão dos sentimentos do falante e, por fim, a avaliativa é aquela que se relaciona com a expressão das atitudes do falante (Galvão, 1999).

No entanto, Palmer (1986) coloca os atos avaliativos como não completamente modais por causa de sua relação com afirmativas, proposições factuais e que os atos volitivos podem expressar não só modalidade deôntica como também sentimentos de esperança, desejo e medo.

A palavra Epistêmico é de origem grega *epistême* que significa conhecimento, ciência. Então, este tipo de modalidade se encontra no plano do conhecimento, opinião ou crença. É este tipo de modalidade que é responsável por expressar o grau de (des)comprometimento do falante com relação ao dito, que pode ser resultado de deduções, especulações ou comentários sobre um assunto ou até mesmo baseado em evidências. Galvão (1999) atesta que a modalidade de caráter epistêmico é aquela que é filtrada no conhecimento do falante.

Palmer (1986) ainda divide a Modalidade Epistêmica em duas outras subdivisões: a modalidade epistêmica de julgamento e a modalidade epistêmica evidencial. A de julgamento

engloba opiniões e conclusões, percebe-se dúvida ao emitir a proposição, são hipóteses, portanto não permite questionamentos ou justificações.

Na modalidade epistêmica evidencial, o falante se baseia em evidências para fazer a asseveração. Estas evidências são provenientes da dedução, por isso o falante demonstra alguma confiança no que afirma e, assim, o conteúdo proposicional pode sofrer questionamentos e até mesmo ser alterado pelo ouvinte.

No sistema evidencial epistêmico de julgamento, o falante diz o que julga como certo, já no sistema evidencial epistêmico, o falante faz uma consideração sobre o que o outro diz. No entanto, os dois sistemas possuem muitos pontos em comum, pois ambos se relacionam ao discurso, se manifestam em afirmativas enfáticas e têm as atitudes do falante relacionadas a crenças ou a fatos conhecidos de origem em situações lingüísticas ou não lingüísticas.

De acordo com a proposta de Palmer (1986), o quadro abaixo ilustra a subdivisão dos dois tipos de modalidade epistêmica.

	Modalidade Epistêmica de Julgamento: engloba opiniões e conclusões, portanto não pode ser questionada ou justificada
Modalidade Epistêmica: Passa pelos conhecimentos do falante	
	Modalidade Epistêmica Evidencial: Assevera com base em evidências provenientes de deduções, logo pode ser questionada ou alterada pelo ouvinte.

Quadro 2 – Tipos de Modalidade Epistêmica
Fonte: Palmer, 1986

Hengeveld (1988 apud Neves, 2001) separa a modalidade em três tipos:

a) a modalidade inerente que tem relação com a habilidade, a volição, a obrigação e a permissão. Trata-se dos meios lingüísticos que o falante utiliza para caracterizar a relação existente entre um participante do estado de coisa e a possibilidade deste ser realizado;

b) a modalidade objetiva que engloba os meios lingüísticos que o falante pode utilizar para fazer uma avaliação da realidade do estado de coisa. Estas avaliações podem ser epistêmicas, ou seja, baseadas, num universo hipotetizado, no conhecimento de situações que são possíveis, ou podem ser avaliações deônticas, ou seja, baseada em situações possíveis em relação a um sistema de convenções sociais, morais e legais;

c) a modalidade epistemológica se relaciona aos meios lingüísticos através dos quais o falante expressa comprometimento em relação à verdade contida na proposição. Este grau de comprometimento tem relação com a origem da informação presente na predicação, portanto ela é subdividida em subjetiva e evidencial.

De acordo com Hengeveld, a modalidade epistemológica subjetiva precisa ter formulação em termos positivos. Sua proposição não pode sofrer questionamentos, nem ser hipotetizada, pois o falante se coloca como aquele que julga a informação presente na predicação e como a fonte desta informação.

A modalidade epistemológica evidencial é relacionada ao julgamento do falante sobre a informação contida na proposição, porém ele não necessariamente se coloca como fonte da informação, o evento pode ter sido inferido, relatado por outra fonte ou experienciado por outra fonte.

A gradualidade do julgamento epistêmico é discutida através de exemplos do inglês. Ao comparar os modais *MAY* e *MUST*, percebe-se que estes são, respectivamente, julgamento “fraco” e “forte”. O que justifica esta gradualidade é a noção de *possibilidade/necessidade* existentes na relação entre esses dois itens. Esta noção se baseia nas relações lógicas existentes entre possibilidade e necessidade. A primeira relação é a equivalência entre “não possível” e “necessariamente não” e a segunda é a equivalência entre “não é necessário” e “possivelmente não” (Galvão 1999).

Outro fator que justifica a gradualidade do julgamento epistêmico é o tipo deste julgamento. Quando o falante quer sugerir convicção na verdade do que diz, a partir da

dedução baseada em fatos que ele conhece, ele opta pelo uso do modal *MUST*. Quando ele quer conferir ao enunciado o valor de possibilidade, deixando que o ouvinte perceba sua falta de confiança no que diz, ele usa o modal *MAY*. A partir disto, conclui-se que existem dois tipos de modais epistêmicos de julgamento: aquele que o falante atesta a validade da informação, e o que expressa a confiança do falante a respeito do que diz. Porém na maioria das vezes é impossível diferenciar quando o falante está indicando ou validando a informação, já que os dois tipos de modalidade epistêmica de julgamento estão intimamente ligados.

Neves (2006) considera que a modalidade é primária em relação à EV, ou seja, acredita que a modalidade inclui a EV. Isso se dá devido à crença de que a EV “prestaria serviço” ao compromisso do falante com a crença na verdade do que fala. A EV se relaciona com julgamento do falante, ou seja, apresenta uma relação com a categoria modal.

Iremos nos ater mais à descrição da ME, pois ela será fundamental para analisar os verbos aqui em questão. A ME é a categoria que marca a atitude do falante com relação ao valor da verdade presente em sua proposição. Conforme Galvão (2002), a modalidade é responsável por determinar o valor de verdade da proposição. Ela abarca noções como realidade, que corresponde à factualidade, e irreabilidade, que corresponde à possibilidade/necessidade.

Para Neves (1999), a realidade está ligada a fatos reais e factuais, pois para crer na verdade da sentença, é preciso crer que existe um objeto único. Porém, a realidade está no plano da predicação, a qual exprime um estado de coisa, e a factualidade está no plano da proposição, a qual expressa um fato possível. A ME expressa o comprometimento do falante com relação ao valor de verdade de sua proposição, logo atua no nível da proposição, dos fatos possíveis. Gonçalves (2003) afirma que a origem da informação existente na proposição é a base do comprometimento do falante em relação à verdade desta.

Galvão (2002) atesta que os epistêmicos atuam no plano dos fatos possíveis. Além disso, expressam as atitudes do falante em relação a seu comprometimento com o valor de verdade da proposição. Por este motivo considera-se que não é possível que se faça questionamentos, devido ao fato de ser impossível o falante questionar a sua própria atitude, e também não há como hipotetizar, pois não é possível tecer uma hipótese sobre algo que já é uma hipótese.

Lyons (1977) descreve a modalidade como a categoria das atitudes do falante. Em sua proposta, a ME, que consiste no julgamento do usuário da língua sobre a possibilidade de um estado de coisa no mundo real ocorrer, engloba a modalidade objetiva – afirmações de

fatos – e a modalidade subjetiva – suposições ou fatores subjetivos que têm base na intuição do falante.

Neves (2006) afirma que a ME sempre se relaciona com a fonte do conhecimento, porém o falante pode ou não estar comprometido com esta fonte. A base epistêmica da informação é que a qualifica nos termos de sua origem ou de acordo com a atitude do falante, que pode ser também de dúvida e de crença.

Para a autora, a ME relaciona-se com a necessidade epistêmica e também com a possibilidade epistêmica. Elas são expressas por um conjunto de proposições que representam o conhecimento de mundo do falante. A proposição é necessária epistemicamente quando ela é *acarretada* pelo conhecimento de mundo do falante e é possível epistemicamente quando ela é *compatível* com o conhecimento de mundo do falante.

A avaliação epistêmica, de acordo com Neves (2006), localiza-se entre o certo e o possível, que tem limites e graus indefinidos. A avaliação se localiza entre os pontos extremos da ME, entre a precisão e a imprecisão. O usuário da língua sustenta a certeza ou precisão quando se vê como origem do conhecimento que atesta, se baseia na evidência. Quando relativiza algo, situa algo como impreciso, ele se baseia na aparência. Os pontos que estão no plano das relativizações, nos pontos intermediários deste contínuo certeza-possível, são preenchidos de acordo com a intenção comunicativa que tem o falante, por outros recursos lingüísticos.

A qualificação epistêmica, que consiste na base epistêmica da avaliação, varia no nível da predicação em conformidade com o conhecimento do falante sobre um estado de coisa e no nível da proposição varia de acordo com o conhecimento sobre o valor de verdade da proposição. No momento em que o falante avalia como verdadeiro o conteúdo de um enunciado, faz uma asserção afirmativa ou uma negativa, que não permite dúvidas; a qualificação epistêmica se encontra o mais perto possível da certeza, já quando relativiza a qualificação, está no plano da incerteza, do possível e do provável.

A qualificação epistêmica de uma proposição é quando o falante se posiciona em relação à avaliação do valor de verdade que esta proposição possui. O falante, ao formular seu enunciado em primeira pessoa, falando de alguma coisa que se situa no plano da possibilidade, de que não tem certeza, permite que sua opinião possa ser inserida. Grande quantidade de ocorrências de verbos na primeira pessoa que expressam opinião e crença foi registrada por Neves (2006).

A autora chama a atenção para o fato de que, para atingir seu objetivo comunicativo, o usuário da língua faz uso de diversos itens para expressar a modalidade. Ele utiliza

elementos modais para se distanciar do enunciado que produz. Logo, a modalidade tem relação direta com as estratégias comunicativas. Ela propõe que, sob uma ótica comunicativa-pragmática, não existe um enunciado isento de modalização. O falante deixa alguma marca de verdade em seu enunciado e expressa algum grau de certeza sobre este marcador de verdade.

Neves (2006) afirma que diversos meios lingüísticos podem expressar modalidade. Ela cita que os verbos auxiliares podem fazer esse papel, como no exemplo:

(9) Esse casarão *deve* ser ideal para o reumatismo de minha tia Margherita. (ACM)

Ela também comenta que um verbo de significação plena, que indica uma opinião crença ou um saber também pode ser um marcador de modalidade, conforme atesta o exemplo dado pela autora:

(10) *Acho que* por humilhação maior jamais passaram. (A)

A autora também traz exemplos do verbo *parecer* como um indicador de probabilidade:

(11) *Parece que* a imaginação me iludiu.

(12) A imaginação *parece* ter-me iludido.

O exemplo com o verbo *achar*, conforme a autora, tem o papel de explicitar a opinião do locutor, visto que este verbo conjugado em primeira pessoa tem o objetivo de fazer este registro e ganhar credibilidade com o ouvinte. Quando usa esta estrutura, o falante deixa claro que seu enunciado está no campo das possibilidades e deixa transparecer suas incertezas e dúvidas. (Neves 2006, p.173)

Neves também apresenta estruturas com o verbo *parecer* como:

(13) *Me parece que* meu pronunciamento foi muito oportuno. (FSP)

(14) *Parece*, não lembro bem, *que* se chamava o Doutor Luís Alves. (CF)

Nestas estruturas o falante se apoia, baseado na fonte do conhecimento que detém, na imprecisão, na incerteza. Isto ocorre porque não há um conhecimento mais concreto da situação, logo o falante precisa fazer sua afirmação de maneira relativa, apoiando-se na aparência.

Adotaremos, da mesma maneira que Palmer (1986), o conceito de modalidade que descreve esta categoria como uma classe de itens lexicais que está passando por um processo de GR por expressar as opiniões e atitudes do falante. Analisaremos nossos dados sob a óptica da sintaxe com contribuição da semântica e da pragmática, pois todos estes níveis são atingidos pela GR. Acreditamos que os verbos *achar* e *parecer* estão perdendo o *status* de verbos plenos e se tornando marcadores das atitudes do falante e da fonte do conhecimento que é expresso nos enunciados.

3.4 A EVIDENCIALIDADE NO PORTUGUÊS DO BRASIL

A evidencialidade – EV – começou a ser estudada recentemente. Jacobsen (1986) mostra a heterogeneidade dos marcadores evidenciais como classe morfológica em Makah, língua falada numa área de Washington. Ela atenta para o pouco reconhecimento dado ao tema nos textos de grandes lingüistas. É a partir do trabalho destes autores que a EV passa a ser tópico mais freqüente nas pesquisas lingüísticas.

Segundo Neves (2006) o conceito de EV não é compartilhado pelos estudiosos. Há muitas divergências para conceituar o termo, no entanto é comum aos teóricos a idéia de que a EV indica a origem do conhecimento asseverado pelos usuários da língua.

O português do Brasil não tem, originalmente, um sistema evidencial, mas tem desenvolvido marcas de EV. Os evidenciais, segundo Bybee, Perkins & Pagliuca (1994), são aqueles que marcam a fonte da informação da proposição. Estas marcas sobre a origem da informação apontam também para as atitudes, crenças e conhecimentos do falante. As crenças são englobadas pela ME enquanto as atitudes estão entre o domínio da ME e a EV segundo Floyd (1999 apud Freitag, 2003).

A EV pode ser expressa através de itens lexicais ou gramaticais. Eles não expressam somente a origem direta ou indireta do conhecimento asseverado na proposição no momento

de uma interação, conferem, também, graus de (des)comprometimento do usuário da língua com o valor de verdade de seu enunciado.

Por este motivo, a dificuldade relativa a este domínio é estabelecer os seus limites. Há alguns autores que a colocam numa categoria dentro da modalidade, enquanto outros autores afirmam que Modalidade e Evidencialidade são categorias distintas. Tanto ME quanto EV caracterizam o envolvimento do falante com seu ato de fala. Neste sentido, Galvão (2002) observa que a EV tem sido descrita, por autores como Palmer (1986), Hengeveld (1988, 1989), Dik (1989) e Bybee, Pagliuca & Perkins (1994), como uma subcategoria da ME.

Gonçalves (2003) afirma que as relações entre ME e EV precisam ser levadas em consideração porque somente desta maneira seria possível analisar, de maneira consistente, o processo de (des)comprometimento do falante, já que a EV tem a função de indicar a origem do conhecimento que o falante expressa, ao mesmo tempo em que a ME caracteriza a distância em que o falante se encontra em relação à confiabilidade da informação presente em seu enunciado.

O que acontece é que a avaliação epistêmica (certeza, possibilidade e probabilidade) do usuário da língua é baseada no tipo de evidência disponibilizada para ele. Quando se atestou pessoalmente um determinado fato, o falante tem um grau maior de certeza, já quando um conhecimento é adquirido de maneira indireta, é normal que o falante expresse um grau de dúvida sobre tal fato. Portanto, a EV e a ME são categorias lingüísticas responsáveis pelo que se diz e guiam as estratégias discursivas norteadoras do (des)comprometimento do falante, sendo que a EV serve de base para a ME, pois aquela precede esta.

Segundo o autor, em línguas nas quais o sistema evidencial ainda não está gramaticalizado, como é o caso do PB, é comum que algumas formas acumulem funções. Isto quer dizer que a fonte da informação (EV) e a atitude do falante em relação à verdade desta informação (ME) estão sendo marcadas pela mesma forma, mas ainda não podem ser consideradas como sendo a mesma categoria.

De Haan (2005) afirma que a EV não é uma categoria modal. Ele a considera como uma categoria lingüística individual, pois não acredita haver nenhuma boa razão para considerarmos a EV como uma parte da ME ou para considerarmos ME e EV como termos intercambiáveis. A EV tem a função de asseverar a evidência, enquanto a ME tem o papel de avaliar as evidências.

Para ele, a EV pode dividir-se em duas categorias principais:

- a) a evidência direta, que é aquela em que o falante testemunha, de maneira direta, a ação;

b) a evidência indireta, em que o falante não tem experiência direta para fazer determinada afirmação sobre o assunto, porém outras fontes de informação permitem que ele se posicione.

A evidência direta é marcada por elementos visuais e auditivos, as evidências que precedem os sentidos. No caso da evidência indireta, o falante não presencia a ação e pode basear-se em fontes como inferências ou evidências reportadas por outra pessoa para se posicionar diante do assunto em foco. Neste caso, quem descreve verbalmente a ação pode ser uma segunda ou uma terceira pessoa ou pode ser ainda um folclore, uma lenda. Se a evidência vem da segunda pessoa, a situação é experienciada por quem a conta. Se a evidência vem da terceira pessoa, quem a conta também não experienciou a ação, apenas ouviu a pessoa que testemunhou a ação diretamente fazer declarações sobre ela, é o que caracteriza o boato. No caso da evidência de folclore ou de mito, a evidência vem de histórias consagradas do senso comum contadas oralmente. Quando o falante infere a situação descrita, não é preciso que ele divulgue se a inferência é proveniente de resultados que ele observou da ação ou de seu raciocínio.

Desta forma, quando o falante faz uso da evidência indireta, o que ele quer sinalizar é que a ação aconteceu fora de sua esfera dêitica. Já nos momentos em que o falante opta por utilizar a evidência direta, ele o faz devido ao fato de a ação ter acontecido dentro de sua esfera dêitica. Por este motivo De Haan (2005) não nega a relação existente entre EV e modalidade, mas propõe que a EV seja englobada pela categoria dêitica, não pela modalidade como tantos autores têm feito.

As evidências marcam se o fato pode ou não ser confirmado. A evidência direta atesta a confirmação do fato. A evidência indireta confere ao fato o *status* de não confirmado, ou seja, existem evidências sobre o fato, mas elas não foram vistas ou ouvidas diretamente pelo falante. Nesta situação, o fato não é colocado como incerto, mas o receptor da mensagem deve interpretá-lo como não confirmado. É muito difícil haver apenas evidências indiretas naquelas ações em que o próprio falante é o principal participante da ação. Nestes casos da participação direta do falante é comum que se tenha evidências visuais ou auditivas.

O autor descreve a evidência visual como uma situação em que o falante está numa distância em que é possível visualizar a ação descrita. Porém uma evidência que é puramente visual é algo raro. Geralmente ela implica em ao menos mais uma outra evidência direta, como a auditiva, a qual consiste em sons provenientes do próprio evento. Estes tipos de

evidências podem ser usados quando o falante é testemunha da ação ou quando o resultado da ação foi observado pelo falante, assim ele pode fazer uma inferência sobre o fato.

O que motiva Bybee, Pagliuca & Perkins (1994) a classificarem a evidência indireta como um subtipo da modalidade é o fato da evidência indireta indicar a atitude de descomprometimento do falante com o conteúdo da proposição, visto que ele só tem conhecimento indireto da situação. Desta forma, estes autores vêem na evidência indireta um valor epistêmico.

De Haan (2005) conclui que a categoria evidencial da inferência é usada quando o falante não testemunha a ação pessoalmente, contudo, ele testemunha algum tipo de traço evidencial da ação sobre a qual faz a asserção. Pode-se dizer, então, que a presença do falante em qualquer etapa de uma ação pode servir de base para que este tipo de evidência seja usada.

O autor afirma que algumas línguas que já possuem os evidenciais gramaticalizados comprovam o fato de a inferência ser uma categoria evidencial híbrida. Nestas línguas, é possível perceber que a inferência se situa entre a evidência direta e indireta, visto que o falante está ciente da evidência através da ação. O falante pode testemunhar apenas a evidência da ação para fazer uma inferência, não é, portanto, necessário que a ação em si seja presenciada por ele.

A diferença existente entre a evidência direta e a inferência é que, quando o falante presencia a ação, ele é o centro da experiência e, quando ele não é testemunha da ação, ele é recipiente da ação do discurso de outra pessoa sobre o evento ou testemunha do resultado do evento (De Haan 2005).

Chafe e Nichols (1986) fazem uma reunião de artigos, frutos da apresentação de diversos estudiosos na primeira conferência que abordou a EV. Nela diversos autores comparam a EV em várias línguas, principalmente as da América do Norte e do Sul. A partir dessa comparação, é possível apresentar um esquema básico da EV semelhante ao de De Haan (2005). Neste esquema é possível destacar a existência da evidência direta ou atestada e de dois tipos de evidência indireta: a reportada, por via verbal e a evidência baseada na inferência.

Galvão (2002) afirma não haver dúvida sobre a EV ser uma expressão lingüística universal no plano conceptual, ou seja, comum a todas as línguas; todos os falantes possuem algum tipo de fonte da informação internalizada. A EV pode ser vista como a origem da certeza e a certeza, como a origem dos lógicos. Porém a sua manifestação se dá de forma diferente em cada língua. Alguns idiomas possuem itens e construções lexicais para expressar as evidências, outros já possuem sistema evidencial mais elaborado, já gramaticalizado para

codificar as diversas experiências que deram origem ao conhecimento presente na proposição. A diferença entre a expressão evidencial entre as línguas se dá com base na necessidade comunicativa.

Galvão (2002) e De Haan (2005) afirmam que uma língua pode ter um sistema evidencial próprio, possuindo até alguns morfemas que são próprios para marcar esse domínio. Na reunião de artigos de Chafe e Nichols (1986), comparou-se o sistema evidencial em diversas línguas. Eles não tinham a intenção de criar uma abordagem unificada sobre o assunto, pois o objetivo era justamente destacar as várias interpretações e pontos de vista sobre o assunto estudado, por isso os autores abordam tantas línguas diferentes. Além disso, pretendia-se mostrar justamente que a EV é diferente em cada língua.

Como dito anteriormente, o artigo de Jacobsen (1986) apresenta a heterogeneidade dos marcadores da EV numa língua falada em Washington, o Makah, mostrando como eles são variados. Esta língua esteve em contato com a língua Quileute, pois esta era sua vizinha ao sul. Por isto houve alguns empréstimos lingüísticos entre Makah e Quileute. O autor mostra através de exemplos que a experiência direta é marcada geralmente por zero e os outros tipos de evidência são marcadas por sufixos específicos, como podemos ver nos exemplos.

(15) *wiki caxaw*

It's a bad westher.

(16) *wiki caxakpi d*

It looks like bad weather

No exemplo (15) a situação foi vista ou experienciada diretamente, por isso não se tem nenhuma marca. No entanto, o exemplo (16) possui um sufixo que mostra que o falante fez uma inferência de uma evidência física. Há nesta língua outros sufixos diferentes que marcam evidência auditiva, evidência reportada por alguém.

Já no artigo de Oswalt, no mesmo livro, os evidencias da língua Kashaya, falada em São Francisco, formam um sistema homogêneo, considerado um dos mais elaborados do mundo. Os sufixos marcadores da EV são divididos em três grupos: um que se baseia em verdades gerais, inferências baseadas em circunstâncias ou em observação direta; outro que se baseia em informação que o falante ouviu de outra pessoa; e um terceiro grupo que tem sufixo que marca um significado inferencial. Os dois primeiros grupos de sufixos são o mais

importantes do sistema evidencial desta língua e eles não podem ocorrer no mesmo verbo – a ocorrência de um exclui a ocorrência do outro. Schlichter também trata de um sistema evidencial homogêneo, como o de Kashaya, pertencente à língua Wintu, língua da Califórnia do Norte. Porém os marcadores evidenciais do Wintu parecem ter origem mais recente das línguas vizinhas.

No entanto o português do Brasil não apresenta esse sistema. Por isso Galvão (2002) acredita na hipótese de que essa língua está, com o tempo, desenvolvendo marcas da evidencialidade que estão se gramaticalizando. Ela comenta sobre usos de evidenciais no português do Brasil que começaram a se desenvolver a partir da gramaticalização da oração matriz que deixa de ser introdutora de oração encaixada para marcar a fonte da informação asseverada.

A fonte do conhecimento expresso no enunciado, ou seja, a EV, é um aspecto básico da linguagem, visto que a enunciação ocorre com base nos evidenciais. A produção de enunciado é fruto da junção da capacidade enunciativa com o conhecimento de mundo que o falante detém. EV e modalidade são categorias diferentes, mas as duas pertencem ao domínio das relações interpessoais (Galvão 2002). Gonçalves (2003) acredita que alguns autores divergem no momento de limitar a ME e a EV, misturando-as. Ele argumenta que isso pode decorrer de análises feitas por estes autores do sistema evidencial de diversas línguas que não têm relação genética entre si e, por isso, manifestam a ME e a EV de forma diferente, sendo que um pode se tornar mais gramatical que o outro.

Outro fator que faz com que alguns autores coloquem a EV dentro da ME, segundo Gonçalves (2003), é que através dos evidenciais o falante deixa transparecer um reduzido grau de crença na verdade que ele assevera em sua proposição. Porém, os evidenciais apenas sugerem a maneira como o falante obteve a informação que assevera, mantendo o enunciado neutro com relação ao valor de verdade lá contido. A EV expressa apenas a origem da informação da proposição e ME relaciona-se com o grau de confiança do falante no conteúdo presente em seu enunciado. Assim, quando o falante não é testemunha direta do fato sobre o qual assevera, ele não precisa necessariamente ter uma crença menor nesta informação.

Considerando o domínio evidencial, Galvão (2002) afirma que a EV atribui graus de comprometimento ao conteúdo asseverado por quem fala, logo, é necessário analisar a situação comunicativa. Ela percebeu que quanto mais informativo é um texto, ou quanto maior seu grau de formalidade, maior é o comprometimento do falante com a informação dada por ele. A conclusão a que se chegou foi que os evidenciais têm alguma relação com o grau de informatividade.

Todo enunciado tem as marcas do conhecimento geral ou adquirido cientificamente pelo falante, mesmo que isso ocorra de maneira implícita. Assim, o falante sempre deixa marcado, de alguma maneira, seu (des)comprometimento com relação à verdade do conteúdo da proposição. O que se conclui disso é que não existe discurso neutro, sem expressões de modalidade ou EV. Todo ele é permeado pelos conhecimentos e julgamentos do falante. Essas marcas podem ser expressas por itens lexicais ou gramaticais.

Mesmo que De Haan (1999) afirme que é possível que um enunciado apresente-se isento das marcas sociais e epistemológicas, é mínima a probabilidade do enunciado encontrar-se completamente neutro, impessoal.

Já Neves (1996) opõe-se a esta idéia. Segundo ela, há sempre resquícios das necessidades e intenções do falante sobre o que ele fala. Então é considerado improvável que o conteúdo de um enunciado esteja absolutamente isento das marcas do conhecimento e do julgamento do falante.

O português não tem um sistema evidencial já gramaticalizado. É por isso que os usuários de línguas apoderam-se de algumas expressões com o objetivo de dar a origem da proposição, de indicarem o grau de comprometimento e demonstrar as atitudes do falante. Todas as línguas têm uma maneira de marcar a fonte da informação, a EV é comum a todas as línguas. No entanto, há muitas línguas que não têm essa origem marcada lexical ou gramaticalmente.

Nuyts (1993 apud Galvão, 2002) faz distinção entre EV e modalidade, mas seus conceitos podem explicar por que muitos autores tratam estes dois domínios como intercambiáveis. Ele afirma que por trás de um julgamento modal há sempre uma evidência que pode variar em qualidade. Ele acredita na superioridade da EV com relação à modalidade, pois considera a evidência como algo imprescindível para se avaliar o enunciado. A ME é a avaliação do falante sobre a probabilidade de um estado de coisa e a EV serve de base para esta avaliação, já que a EV é a avaliação do falante da qualidade da fonte da evidência.

Para Galvão (2002), dizer que a EV tem superioridade com relação à modalidade não procede no plano lingüístico. Ela mostra exemplos em que expressões atitudinais incidem sobre elementos evidenciais, indicando que as duas categorias estão no mesmo nível do enunciado.

Givón (1984) percebe que, nas línguas naturais, a EV está no plano, principalmente, das asserções reais. É neste plano que a evidência é vista como esperada e útil. Para ele a interpretação da EV envolve atitudes que se relacionam ao conhecimento e também à confiabilidade deste conhecimento. Considera-se como maneiras de se conhecer: a crença,

que tem origem subjetiva; a indução, que é de origem evidencial; a dedução, com origem na hipótese; o boato, que se origina na linguagem; entre outros.

É claro que a EV é um componente conceptual independente da modalidade – a avaliação do usuário da língua sobre a verdade asseverada pela proposição. Com base nos artigos contidos em Chafe e Nichols (1986), é possível afirmar que há diferenças formais, gramaticais e inclusive semânticas entre os evidenciais e os modais. Porém a evidência é considerada como necessária para que se faça um julgamento, visto que só é possível julgar quando se tem um mínimo de conhecimento sobre o assunto, o julgamento precisa ser posterior ao conhecimento. Os evidenciais servem para indicar se o falante testemunhou o fato sobre o qual fala e se ele pode assegurar ou não a verdade do conteúdo de seu enunciado.

Quando um falante deixa transparecer a fonte da informação, presente no enunciado, para o ouvinte, ele fornece a este a possibilidade de fazer uma avaliação sobre a confiabilidade da informação divulgada, segundo Dendale & Tasmowski (1994 apud Galvão, 2002). Além disso, o interlocutor, a partir deste momento, está também apto a comparar a validade desta informação com as outras, das quais ele já dispõe, sobre o mesmo assunto.

Baseando-se nesses autores, é possível afirmar que EV e modalidade são fenômenos lingüísticos distintos: modalidade expressa a atitude do falante e EV expressa a maneira como se cria ou se coleta uma informação. Um falante pode optar por deixar mais ou menos claro a fonte da informação que divulga. Para atingir tal objetivo, ele pode usar diversas expressões evidenciais como aspas de citações, verbos modais epistêmicos, advérbios, etc. Segundo Dendale & Tasmowsky, para ser considerado como marcador evidencial basta a expressão lingüística expressar se o locutor mesmo produziu a informação transmitida a partir de uma experiência ou de uma inferência ou se ela foi reportada por outra pessoa.

Segundo Galvão (2002), os estudos de Anderson foram o ponto de partida para os estudos de vários teóricos sobre a EV. Ele propõe critérios para a identificação dos evidenciais e possui também teorias sobre a origem do sistema evidencial das línguas que o possuem gramaticalizado. Para isto o autor oferece duas hipóteses: o sistema evidencial pode ser original da língua ou pode ser desenvolvido a partir de processos como a GR. Mesmo que suas hipóteses possuam algumas defasagens, elas ainda servem de base para muitos lingüistas.

De Haan (1999) faz um estudo sobre a língua holandesa. Ao analisá-la, ele atesta que neste idioma há marcadores que conferem à ação o status de não observada de maneira direta pelo falante. Quando não se usa este marcador, fica convencionalizado que o falante observou a ação diretamente. Assim, ele propõe a seguinte hierarquia para a EV em Holandês:

direta > indireta

Fica, então, claro que o falante sempre opta pelo uso do nível mais alto da evidência que possui. O tipo de experiência do falante com relação ao conhecimento que atesta é que faz com que ele use a evidência direta ou indireta. Ele conclui que apenas se o falante não dispuser de alguma evidência direta sobre aquilo que fala é que ele utiliza uma evidência de nível mais baixo. Quando o falante usa a evidência direta, não significa que este não disponha de uma evidência indireta. Ela apenas pode não ter sido expressa. As evidências de nível mais baixo não precisam necessariamente ser explícitas. Porém, ao escolher um nível mais baixo da evidência, nega-se a existência de evidências de nível mais alto.

Em seus estudos sobre o processo de GR pelo qual o verbo parecer passa, Gonçalves (2003) propõe que o PB é uma das línguas que ainda não possui um sistema evidencial gramaticalizado, mas está sofrendo um processo de GR da EV. Neste trabalho adota-se a hierarquia da EV: o falante expressa apenas o maior nível da evidência que possui. Gonçalves observa que o processo de GR pelo qual os evidenciais passam no PB tem início na evidência indireta, o mais baixo nível da hierarquia pertencente a esta categoria. Ele propõe que, assim como muitas outras línguas com o sistema evidencial gramaticalizado, é provável que ocorra apenas GR da evidência indireta, enquanto a evidência direta fica marcada por zero em PB, ou seja, a evidência direta se caracteriza pela ausência da marcação.

Bybee (1985 apud Neves, 2006) chama de evidenciais os marcadores responsáveis por indicar alguma coisa sobre a origem da informação presente na proposição. Porém Neves (2006) afirma que na falta de marcadores evidenciais fica implícito que o falante seja a fonte do que enuncia. Ela entende que o enunciado expresso passa naturalmente pelo filtro do falante. Quando o falante não faz uso de evidenciais, ele, então, se coloca como autor da idéia que expressa, como responsável pelo conteúdo enunciado. Quando ele tiver a intenção de não se responsabilizar pelo que diz, ele precisa apontar a fonte externa da informação.

Baseando-nos nas teorias citadas anteriormente, faremos nossa análise a partir da idéia de que a EV é uma categoria que não é expressa sempre pelos mesmos itens, ou seja, é possível que itens lexicais, gramaticais ou até orações expressem-na. Esta categoria também não tem uma atuação fixa nas diversas línguas. Cada língua a manifesta de uma maneira e ela só é usada se o falante necessitar expressar a fonte do conhecimento em determinada situação comunicativa.

Nas línguas, como o PB, que ainda não têm sistema evidencial gramaticalizado a EV está sendo expressa por marcas que atestam também a atitude do falante com relação à confiabilidade de seu enunciado.

Consideraremos também a EV como uma categoria que serve de base para a ME. O falante mostra (des)comprometimento com relação valor de verdade existente na proposição que enuncia com base no tipo de evidência que possui. Acreditamos, portanto que a EV é um domínio que precede a ME.

Além disso partimos do pressuposto de que todo enunciado possui as marcas do falante, não há enunciado neutro. Mesmo assumindo que há diferença entre a confiança que o falante demonstra sobre a verdade que assevera e a evidência que ele tem para asseverar tal fato, ao negar sua participação num evento através de um evidencial, o falante se descompromete com a fonte da informação.

3.5 A EVIDENCIALIDADE E A MODALIDADE NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Alguns poucos trabalhos já mencionam a questão da EV e da ME no PB. Galvão (1999), Gonçalves (2003) e Freitag (2003) falam dos verbos *achar* e *parecer*, atestando que estão passando por um processo de GR, mostrando a origem da informação – EV – e a atitude do falante com relação ao que diz – ME.

Galvão (1999) fez um estudo sobre o verbo *achar* e o colocou como foco central de sua pesquisa lingüística. Este verbo tinha sido abordado em trabalhos que pesquisavam a relação entre orações encaixadas e as matrizes, verbos que introduziam pressupostos, marcadores discursivos, verbos modais e advérbios modalizadores.

A autora observou que o verbo *achar* passa a ter função de verbo modal em determinados contextos, podendo até a funcionar de maneira semelhante a um advérbio modalizador epistêmico quase-assertivo. No entanto, ele continua exercendo sua função de verbo pleno, ele não deixa de exercer a atividade original lexical que possui. Fica, assim, comprovado que o verbo passa por um processo de GR, pois, mesmo funcionando como verbo pleno, esta estrutura pode marcar modalidade.

Neste trabalho de Galvão há a descrição do processo de GR para que se comprove que o uso de *achar* verbo não está sob um processo de mudança qualquer. É mostrado que o

percurso de mudança percorrido pelo verbo pleno, que tem o significado de *encontrar*, é um caso específico de GR.

O fenômeno é descrito não só a partir de dados contemporâneos do PB, mas também levando em conta dados do português histórico para que não haja dúvidas sobre o processo. A pesquisa abrange tanto dados de amostras de fala diversas como também amostras do português escrito.

Como as pesquisas sobre GR e modalização no português são recentes, o objetivo de Galvão é mostrar a GR de *achar*, descrevendo as etapas intermediárias do processo até chegar ao nível mais gramaticalizado. Isto mostra que a GR deste verbo ocorre através de um contínuo.

Galvão divide seu trabalho em duas partes. A primeira é a parte teórica que descreve a visão de vários linguistas sobre os fenômenos que atingem esse verbo, como a GR e a modalidade. A outra parte do trabalho é uma análise dos dados que mostra a mudança no uso desta forma no PB.

Para mostrar os graus de GR de *achar* até chegar ao mais gramaticalizado em que o verbo deixa de ser verbo pleno e passa a funcionar como advérbio modalizador, a autora descreve os tipos de *achar*, com base nas propriedades estruturais e sintático-semânticas, encontrados nas amostras de fala. Apresentaremos um resumo sobre os tipos de *achar* que foram encontrados por Galvão, com os exemplos que ilustram as características descritas em cada caso.

***Achar 1:* [SN *achar* SN]**

É a ocorrência em que o verbo se encontra como verbo pleno, ou seja, se comporta como núcleo da predicação. ***Achar 1 ação*** seleciona um argumento externo – sujeito – que precisa ser agente de traço [+ animado] e [+ humano], pois exerce uma atividade de *tentar descobrir* ou *descobrir*. Mas este sujeito pode ou não se realizar foneticamente. Seleciona também um argumento interno, um complemento com traço [+ concreto]. O exemplo (15) ilustra este uso:

(17) *acha* o café pra mim, *acha* o açúcar (NS)

Com o verbo de ação o sujeito tem controle da ação de *descobrir* ou *tentar descobrir*, no entanto no resultado da ação da procura o sujeito tem [- controle].

Já no caso de *achar 1 processo* o verbo seleciona como argumento externo um sujeito *paciente/beneficiário*, ou seja, o sujeito é beneficiário da transferência da posse de algo. Desta forma, o verbo seleciona também um argumento interno de traço [+ concreto], que consiste no objeto a ser transferido para o sujeito, conforme percebe-se no exemplo abaixo:

(18) Valdinei é o meu mais velho...Valdinei num tá istudando tá trabalhando..quero vê si *acho* uma vaga...vai voltá a istudá (RD F, 40a, 0).

Tanto *achar 1 processo* quanto *achar 1 ação* são exemplos de usos de *achar* em que este se apresenta com as características de verbo pleno: concorda em número e pessoa, varia em tempo e modo, aparece em orações absolutas, hipotáticas ou encaixadas e pode aparecer na voz passiva. É a partir deste item lexical que o processo de GR tem início, ele é a fonte de alguns traços de significado que são observados nas outras ocorrências desta unidade.

Achar 2: [[SN achar] [que S]

O *achar 2* ainda apresenta características de verbo: há a seleção de argumentos. O verbo seleciona um sujeito de traço [+ humano] e um complemento oracional que tem o traço [+ abstrato].

Este tipo de *achar* pode ser considerado uma extensão metafórica de *achar 1 processo*, pois o falante toma alguns traços de natureza concreta do item original como base e os associa a conceitos não tão concretos.

(19) *Acho* que a economia é mais forte do que a lei...(NURC, F, 1)

No entanto, há dois usos do *achar* que apresentam um complemento oracional: *achar palpite* (suposição) e *achar apreciação*. Para diferenciá-los foram levados em conta aspectos semânticos. Os dois usos são uma maneira de se modalizar o enunciado, mas o *achar apreciação* encontra-se dentro do conteúdo da proposição enunciada.

Como para se fazer uma apreciação, um julgamento sobre algo é preciso que o falante já tenha tido alguma experiência direta ou indireta com o que descreve e que, na falta de experiência, só é possível dar um palpite, fazer uma suposição, optou-se por separar estes

tipos de *achar* em ***achar 2 (apreciação)*** e ***achar 3 (palpite)***. A autora acredita que estas duas ocorrências estão em etapas diferentes do processo de GR.

Uma outra maneira de se fazer um julgamento, uma apreciação é reduzir a oração que completa o verbo: ***achar2'***.

(20) *eu acho* ruim fazê comida separado (RD, F, 40 a, O).

Achar3 (palpite): [[SN *achar*] [que S]]

Fica tão claro que este uso indica modalidade que a cópula pode ser substituída pela locução *deve ser*, a qual indica modalidade epistêmica, pois marca uma possibilidade.

(21) *Eu acho* que (a prova) será na primeira semana de setembro. *Eu acho....*Isso que eu tô dizendo é pura especulação. (NS)

Este tipo de *achar* se caracteriza semanticamente por indicar o nível da experiência do falante com o que está descrito em seu enunciado. Um palpite só pode ser dado sobre uma situação desconhecida pelo falante. Desta forma o enunciado do falante não pode ser contestado. Não há a possibilidade de se negar que o falante não tem conhecimento sobre a situação.

Ao usar ***achar 3 palpite*** o falante mostra que não teve experiência direta com a situação sobre a qual enuncia, ou, ao menos, não se lembra de ter nenhuma experiência. Ele marca que o conteúdo do enunciado se encontra no plano das possibilidades, trata-se de uma probabilidade.

Os palpites podem se basear nas evidências indiretas que o falante possui sobre aquilo que diz. Estas não são consideradas por ele suficientes para que ele garanta a verdade daquilo que expressa, portanto ele utiliza essa estratégia com a intenção comunicativa de se descomprometer com a verdade do que diz, de se distanciar do enunciado produzido por ele. Há casos em que o falante nem consegue dizer em que se fundamenta para dar tal palpite, por isso o falante precisa se proteger de alguma possível cobrança do ouvinte. *Achar*, neste caso, trata-se de um modal, é considerado um verbo de atitude proposicional, pois indica a atitude do falante diante de sua proposição.

Achar 4: [S] *Achar*

Achar [S]

[S] [*Achar*] [S]

Neste caso, *achar* encontra-se fora da estrutura da sentença. Ele tem função modalizadora, visto que sua função é marcar incerteza do falante sobre sua afirmação. Além disso seu comportamento é diferente dos outros usos deste verbo. Suas propriedades não são mais as mesmas que pertencem aos verbos como variação de número, pessoa, tempo e modo.

As características de *achar* 4 se assemelham às daquelas da classe dos advérbios. Ele se cristalizou na primeira pessoa do singular, a qual não necessariamente se realiza foneticamente, no tempo presente do modo indicativo. Ele não subcategoriza nenhum argumento interno e, assim como os advérbios, pode ser encontrado anteposto, posposto ou até intercalado à sentença, mantendo o mesmo significado.

(22)...depois houve um hiAto grande...com más produçõ::es...e agora...*eu acho* éh éh estamos vendo...a tentativa de um cinema...mais expressivo do que seja...do Brasil...(NURC, F, 2)

(23) (Em relação a você) Até eu compro bastante coisa, *eu acho* (NURC/SP, F, 25a)

(24)...Essa (música) *eu acho* tu sabes qual é (NS)

Este tipo de *achar* deixa claro o julgamento do falante com relação à verdade de sua proposição e seu (des)comprometimento com esta verdade, com isso revela uma possibilidade epistêmica. Sua função é semelhante à dos *advérbios modalizadores epistêmicos quase-assertivos*. Seria o maior grau de GR da modalidade a partir de evidências.

Outro trabalho de grande relevância que trata da Gramaticalização da Modalidade e Evidencialidade no Português do Brasil é o de Gonçalves (2003). Seu objetivo inicial era descrever os cinco contextos em que o verbo *parecer* é usado no PB, levantando a hipótese de que os diferentes usos deste verbo não são uma mudança qualquer, mas um caso de GR.

Para o autor, *parecer*, que pertence à classe dos verbos plenos, em um determinado momento, passa a comportar-se como os satélites atitudinais, os quais se situam fora da estrutura de predicação. Existem alguns pontos intermediários neste processo. Em alguns usos *parecer* comporta-se como verbo suporte e como verbo de atitude proposicional. Estes usos

são arranjados de acordo com o princípio da unidirecionalidade, mostrando que o *continuun* de GR parte de usos menos gramaticais para usos mais gramaticais.

Gonçalves faz uma comparação histórica entre os usos dos verbos *achar* e *crer* com os de *parecer* para demonstrar que a mudança destas estruturas ocorreu de maneira gradual, comprovando tratar-se mesmo de um caso de GR. No entanto a pesquisa mostra que *parecer* ainda tem autonomia relativa, ou seja, o processo de GR deste verbo ainda não atingiu seu fim, seu grau de GR ainda é baixo.

É apresentada a possibilidade de *parecer* ainda estar no início do processo de GR, podendo, futuramente, vir a se comportar como categorias mais gramaticais como clíticos ou afixos. Há também a possibilidade da interrupção no processo de GR pelo qual este verbo passa.

O autor propõe que, por o PB não ser uma língua que possui os evidenciais gramaticalizados, esta língua está passando por um processo de GR da EV, iniciando-se pela marcação da evidência indireta, que tem relação direta com a ME. A partir da análise quantitativa e qualitativa dos dados estudados, o autor conclui que, da mesma maneira que outras línguas, o PB pode gramaticalizar apenas este nível mais baixo na hierarquia da EV e a evidência direta fica caracterizada pela forma que tem ausência de marcação.

Mostraremos agora a definição de cada tipo de *parecer* com os exemplos usados pelo autor, retirados de amostras de fala carioca.

Parecer 1 (predicador verbal):

Neste caso o verbo tem efetivamente a função de organizador de predicação, trata-se, então, de um verbo pleno, um item que ocupa o núcleo da predicação ao redor do qual os argumentos e outros elementos que fazem parte da estrutura da frase se encontram.

Como predicador, *parecer* indica *estado* e se situa no tempo e no espaço. A predicação pode também ser modificada por operadores e satélites que atuam sobre ela. O verbo indica uma comparação entre duas entidades e uma avaliação das semelhanças dos traços destas entidades.

(25) a. Eles queriam uma cunhada minha e eles falaram que eram eu, que eu *parecia* muito com ela quando era nova, sabe, era mais clara e tudo. (PEUL/TEM/T6)

Este é o uso mais concreto do verbo. Ele marca semelhança de traços físicos ou psicológicos entre entidades feita com base em um julgamento do falante sobre estados de coisa que podem ser observadas no mundo. É um verbo que se fundamenta em aspectos visuais para que o falante indique a semelhança entre as entidades. É um verbo de percepção visual.

Parecer 2 (suporte de predicação/operador modal)

Neste contexto *parecer* não é mais considerado organizador de predicação, já que não apresenta a propriedade da seleção. A relação de predicação se dá devido ao fato de se aplicar uma propriedade e uma entidade referencial, o verbo apenas sustenta esta predicação. Ele pode ser tratado como operador de modalidade epistêmica objetiva. No entanto, ainda possui marcas de verbo como flexão de tempo e modo.

Parecer 2 conserva ainda a idéia de “ter semelhança de” ou “ter a aparência de”, o que o aproxima de ***parecer 1***. Mas agora a comparação e avaliação não se dão mais entre entidades referenciais, a relação agora é estabelecida entre uma entidade e um predicado adjetival.

(26) Certas liberdades *pareciam* excessivas. (NURC/RJ/71)

Nos usos de ***parecer 2***, já é possível perceber um valor evidencial: o falante é a fonte da informação presente no conteúdo proposicional. Mas as evidências que o falante possui não são ainda suficientes para que ele faça uma afirmação sem deixar sua face preservada. Ele prefere colocar o conteúdo proposicional como provável ou possível e não como certo. Este uso de *parecer* mostra que a evidência que o falante possui sobre o assunto é inferida e, por isso, modaliza seu discurso, fazendo uma apreciação.

Parecer 3 (predicado de atitude proposicional):

Parecer 3 é considerado um predicador encaixador de proposição. Neste verbo é encaixado um conteúdo proposicional – sujeito sentencial. ***Parecer 3*** atua sobre a proposição,

indicando *modalidade epistemológica evidencial* (Gonçalves 2003, p.113). O objetivo do falante é expressar sua atitude com relação ao conteúdo presente na proposição.

Ao utilizar este item o falante demonstra para o ouvinte que este deve considerar o conteúdo expresso com algumas reservas, o falante mostra sua postura com relação à verdade do conteúdo da proposição. A função do verbo é modalizar o enunciado encaixado, reduzindo sua força asseverativa e mostrando a responsabilidade baixa do falante com relação ao conteúdo proposicional.

Este uso é uma extensão metafórica do ***parecer 1***, quase não apresenta flexões de tempo e não concorda com o falante, aparece na terceira pessoa (forma impessoal). Devido à reanálise sintática e semântica, este tipo de *parecer amplia suas propriedades de subcategorização de complemento oracional* (Gonçalves 2003, p.113). Agora não se tem mais a predicação considerada estado. Os outros tipos de complemento deste verbo possibilitam que a predicação seja do tipo ação, processo, evento e outros.

(27) A moto *parece* que naquela época custou uns oitenta e poucos mil cruzeiro.
(PEUL/CEN/E33)

O uso de *parecer* no exemplo mostra que o falante apresenta comprometimento fraco com a informação contida na oração encaixada, talvez por não se lembrar exatamente de quanto custava a moto. A expressão “naquela época” indica que a moto foi comprada há um tempo considerável, o que impossibilita a lembrança do valor exato. ***Parecer 3*** tem a função de modalizar, qualificar de maneira epistêmica o conteúdo da proposição, colocando no plano das possibilidades. Agora este verbo não tem mais a função comparativa, somente avalia o conteúdo da proposição dita por meio de inferência, que pode ser proveniente de resultados observáveis ou apenas do raciocínio.

Geralmente algumas expressões são ditas pelo falante para demonstrar que ele tem alguma dúvida sobre a sua afirmação, não tem experiência direta com a situação ou a situação está distante em sua consciência. Este uso é mais gramatical que ***parecer 1*** e ***parecer 2***, conforme podemos observar por suas propriedades semânticas e sintáticas. Ele traz marcas tanto da ME quanto de evidência indireta inferida.

Parecer 4 (quase-satélite atitudinal):

O que separa um *quase-satélite* (**parecer 4**) de um *satélite* (**parecer 5**) são propriedades formais. *Parecer 4* não introduz mais todo o complemento oracional, mas somente um constituinte desta oração. O verbo aparece no meio da sentença e ainda se apresenta com o complementizador *que*.

Esta união com o complementizador é uma propriedade da GR. Agora, a forma analisada não se trata mais de dois constituintes, mas de uma única estrutura. Além disso, o complementizador tem uma função semântica: ele aponta de maneira mais clara para o constituinte da oração escopado por ele.

(28) [o pedágio] passou para *parece que* sessenta cruzeiro a partir de dia prime-depois de manhã. (PEUL/CEN/E32)

Parecer 4 não elimina o grau de certeza do falante com relação ao dito, somente diminui este grau que incidiria sobre a proposição toda, fazendo com que se refira apenas a um determinado constituinte. Há uma diferença entre o grau de comprometimento do falante com a verdade de toda a proposição e o grau de verdade de somente uma parte deste complemento.

Novamente, o descomprometimento do falante com relação ao dito se faz com base nas evidências. Quando o falante não teve experiência com a situação ou não se lembra de uma experiência que teve por esta ter acontecido num tempo remoto ou foi informado da situação por outras fontes, fica caracterizada a evidência indireta e, por este motivo, o verbo *parecer* é usado para distanciar o falante daquilo que ele diz.

Parecer 5 (satélite atitudinal):

Através de um processo de reanálise, o uso do verbo + complementizador, por romper com sequência canônica da oração, pode fazer com que o ouvinte faça uma reinterpretação de acordo com o contexto e o verbo passa a agir da mesma forma em qualquer lugar da oração. Com isso, o complementizador *que* perde sua função sintática e, em decorrência disso, sofre apagamento e *parecer* passa a funcionar com as características de satélite.

Dentro do enunciado que modaliza, **parecer 5** possui uma independência sintática total. Além disso, ele, como os satélites, pode ser encontrado em posição inicial, final ou medial respectivamente, conforme os exemplos abaixo.

(29) [*me parece...os: presidentes são: eleitos por um período de três anos*]
(NURC/SET/DID/REC/131)

(30) a filha de Osvaldo...nesse tempo meu genro era...[*vereador...parece*]
(NURC/SET/D2/396/SP)

(31) mas esse colégio:: éh Florence:: depois é que foi vendido para ... [*parece dona Rosa Flat*] (NURC/SET/D2/396/SP)

No caso em que se encontra na posição inicial e final, *parecer 5* pode incidir sobre toda a proposição e, se estiver em posição medial, pode incidir, como *parecer 4*, sobre apenas um dos constituintes da oração.

Percebe-se que *parecer 5* passa por diversas alterações em suas propriedades sintático-semânticas e, por isso, se decategoriza como verbo. Ele se cristaliza na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, perde suas características originais de sua categoria e passa a ter o valor de um satélite. Agora *parecer* não tem mais a relação de predicado com a oração, mas a de adjunto. O item sofreu, então, uma mudança de categoria: passa de verbo pleno a satélite que marca a atitude do falante que se baseia em evidências.

Freitag (2003) elabora outro trabalho sobre a GR de *parecer* e *achar*. Nele ela afirma que estes verbos marcam evidências no português e mostra como estas duas formas podem indicar dúvida e incerteza, através de uma pesquisa qualitativa e quantitativa de amostras de fala do Banco de Dados do Projeto Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil (VARISUL).

O objetivo do trabalho é atestar que as línguas que não possuem um sistema evidencial já gramaticalizado podem desenvolver um ao longo do tempo. A GR permite que itens lexicais funcionem como gramaticais ou que itens não tão gramaticais exerçam funções ainda mais gramaticais.

Freitag mostra o momento em que ambos *achar (que)* e *parece (que)*, no português falado no sul do Brasil, passam a exercer a função semântico-discursivo de expressar incerteza e dúvida do falante com relação ao conteúdo proposicional ou à fonte da informação que se encontra presente na proposição. Para isto, mostra as condições sociais e lingüísticas que influenciam no uso destas formas, como faixa etária, tempo de escolarização, posição da frase em que ocorrem, presença do complementizador, grau de envolvimento do falante com

relação ao conteúdo contido na proposição, tipo da sequência discursiva e até o tipo de assunto.

Segundo a autora, a variação entre os dois itens é apenas um momento de transição no decorrer do trajeto da mudança. Neste trajeto eles passam de verbos + complemento oracional a formas que marcam a fonte da informação, ou seja, funcionam como evidenciais.

Freitag, ao contrário de outros trabalhos sobre a GR de *achar* e *parecer*, acredita que apenas a construção específica cristalizada na primeira pessoa do singular do presente do indicativo *acho (que)* e a construção cristalizada na terceira pessoa do singular do presente do indicativo *parece (que)* estão passando por um processo de GR.

Então, não seriam estes verbos que estariam se gramaticalizando, mas somente alguns usos especiais deles, ou seja, apenas os usos que marcam modalidade/evidencialidade.

Para caracterizar as ocorrências com estes verbos, a autora opta pelo critério semântico-discursivo e defende que estas duas construções podem funcionar como *marcadores de opinião* e *de percepção* e *marcadores de dúvida* e *incerteza*. O quadro abaixo mostra como as construções são classificadas de acordo com as funções que exercem (FREITAG, 2003, p.45).

Acho (que)		Parecer (que)	
Marcador de opinião	Marcador de dúvida	Marcador de percepção	Marcador de dúvida

Quadro 3 – Marcadores
Fonte: Freitag, 2003

Ela atesta que a função marcador de dúvida pode ter sua origem nas funções marcador de opinião, no caso de *acho (que)*, e marcador de percepção, no caso de *parecer (que)*. Desta forma o contínuo do processo de GR proposto pode ser mostrado da seguinte forma (FREITAG, 2003, p.45):

Acho (que) marcador de opinião > acho (que) marcador de dúvida

Parecer (que) marcador de percepção > parece (que) marcador de dúvida

Os usos das estruturas pesquisadas, segundo características sintáticas, são classificadas nesta mesma pesquisa da seguinte maneira (Freitag, 2003, p.45):

	Acho	Parece
V pleno	“encontrar”	“assemelhar-se”
V principal + complemento	acho que: marcador de opinião	parece que: marcador de percepção
V principal + complementizador integrado	acho que: marcador de dúvida	parece que: marcador de dúvida
Verbo + predicativo	acho + adjetivo	parece + adjetivo

Quadro 4 – Características Sintáticas

Fonte: Freitag, 2003

O que Freitag pretende demonstrar é que há um momento em que *achar* e *parecer* têm a função de *marcadores de dúvida* e que podem até ser substituídos um pelo outro sem modificação no significado. Este momento é descrito pela presença de verbo principal + complementizador integrado, assim chamado devido ao fato de a autora considerar esta construção como uma palavra única que se move de maneira integrada sem permitir nenhum material entre verbo e complementizador.

(32) Quando ela faleceu, faz dois anos, eu fiquei triste também. Ela estava grávida, *parece que* ela estava grávida e o que foi? Ela estava com pedra na vesícula e não sabia, né? O médico devia ter falado. SC FLP

(33) Quando ela faleceu, faz dois anos, eu fiquei triste também. Ela estava grávida, *acho que* ela estava grávida e o que foi? Ela estava com pedra na vesícula e não sabia, né? O médico devia ter falado.

Nestes exemplos fica claro como *achar*, que em alguns usos indica uma opinião, e *parecer*, que em alguns usos indica uma percepção, passam a marcar a dúvida e incerteza do falante com relação ao que ele diz.

A partir destas abordagens de *achar* e *parecer*, passaremos agora a uma análise nossa descrevendo estes verbos de acordo com seus usos encontrados nas amostras de fala da variação mineira.

3.6 AS CARACTERIZAÇÕES DE *ACHAR* E *PARECER*

O verbo *achar* foi, pela primeira vez, foco central de análise de pesquisa em Galvão (1999). Anteriormente a isso, sua caracterização estava englobada em estudos sobre verbos introdutores de pressupostos ou verbos modais, advérbios que se comportam como modalizadores, marcadores discursivos ou em estudos da integração entre orações encaixadas e suas matrizes (GALVÃO, 1999). Gonçalves (2003), ao traçar a trajetória histórica de GR de *parecer*, compara-a à evolução de *achar*. Para sucesso de tal tarefa o autor usa a descrição feita por Galvão (1999).

Ambos *achar* e *parecer* passam pelo processo de GR, visto que estes verbos, além de atuarem como verbos plenos, comportam-se também como advérbios modalizadores epistêmicos quase-assertivos, passando por vários estágios até chegar a este ponto. A língua portuguesa não possui ainda sistema evidencial gramaticalizado, mas a necessidade do falante pode fazer com que este sistema desenvolva-se (Galvão, 2002).

Tanto no uso de *achar* quanto no de *parecer* ocorre GR da oração matriz, já que eles não só introduzem orações encaixadas como também exprimem noções de modalidade e evidencialidade (Galvão, 2002). No entanto, mesmo notando que o maior número de ocorrências destes verbos são mais gramaticalizados, eles ainda são encontrados em nossos dados com seu sentido de verbo pleno. Isso demonstra que os itens em processo de GR não necessariamente perdem sua função lexical inicial.

No “Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa” de Ferreira (2004) temos a seguinte descrição do verbo *achar*:

Achar [Do lat. Vulg. **aflare*, por *afflare*.] **V.t.d.** 1. Encontrar por acaso ou procurando; deparar com: “Jamais em minha vida achei na rua ou em qualquer parte do globo um objeto qualquer.” (Carlos Drummond de Andrade, *A Bolsa & a Vida*, p.7) **2.** Atina (com); encontrar; descobrir: *Não achei modo de tocar no assunto.* **3.** Considerar, julgar, supor: *Achou que sua presença era indesejada.* **4.** Obter, conseguir: “achou logo amizade; o seu rosto bonito agradou” (Eça de Queirós, *O Crime do Padre Amaro*, p.37). **T. d. e i.** **5.** Sentir, experimentar: *Acha na dança imenso prazer.* **6.** Descobris, encontrar: “– Conversei com o homem; achei-lhe idéias delirantes.” (Machado de Assis, *Quincas Borba*, p.306.) **Transobj.** **7.** Julgar, considerar: “Achava-o aborrecido e antipático” (Machado de Assis, *Várias Histórias*, p.131.); “Ptolomeu achou o raciocínio exato” (Id., *Histórias sem Data*, p.101); *Achei lindas as negras.*” (Jorge de Lima, *Obra Completa*, I, p.364). **8.** Deparar com; encontrar: “Achou tudo mudado: casas novas, ... gente branca na roça.” (Coelho Neto *Banzo*, p.11.) **T. i.** **9.** Julgar acertado; deliberar; resolver: *Achou de viajar repentinamente;* “ele [o menino maluquinho] achou de inventar (pois tinha aprendido a criar) a Teoria dos Lados!” (Ziraldo, *O menino Maluquinho*, p. 84). **Int.** **10.** Encontrar; descobrir. **P.** **11.** Estar; encontrar-se: *Atualmente acha-se bem de finanças;* “As pernas queriam descer e entrar... Camilo achou-se diante de um longo

véu opaco...” (Machado de Assis, *Várias Histórias*, pp. 13-14.) **12.** Estar situado; situar-se: *Brasília acha-se no Planalto Central.* **13.** Considerar-se; julgar-se; reputar-se: *Acha-se um gênio.* **14.** Ser em um dado momento; estar: *Acham-se abertas as inscrições para o concurso.* [Pret. Imperf. Ind.: *achava*, ... *acháveis*, *achavam*; pres. subj.: *ache*, *aches*, *achem*, etc. Cf. *axe1* e *axe2* (cs), *achém*, o top. *Achém*, e *acháveis*, pl. de *achável*.] **Achar de bem.** Julgar acertado

Já o verbo *parecer* tem a seguinte descrição de acordo com o mesmo dicionário citado acima:

parecer. [Do lat. vulg. **parescere*, incoativo de *parerere*, ‘aparecer’.] **V. pred. 1.** Ter semelhança com; dar ares de: *O grande lago, ao longe, parecia oceano.* **2.** Ter a aparência de: *O homem parecia mais moço do que é.* **3.** Ser aparentemente: *Parece esnobe, mas é pessoa de grandes qualidades.* **Int. 4.** Ser verossímil, crível, provável: *Parece que a tempestade vai cair.* **5.** Representar-se na mente; afigurar-se, figurar-se: *Parece que esta solução é a melhor.* **T. i. 6.** Ser opinião ou parecer (de alguém): *Não quis dizer o que lhe parecia.* **7.** Afigurar-se, figurar-se: *Aquela pareceu-lhe a pior hipótese*; “As estrelas pareciam-lhe outras tantas notas musicais fixadas no céu à espera de alguém que as fosse descolar” (Machado de Assis, *Várias Histórias*, pp. 65-66). **P. 8.** Ser semelhante, igual ou análogo; dar ares de; assemelhar-se [Este verbo presta-se a dois tipos de construção: “ficou... calada, com os olhos fitos no rochedo fronteiro, em cuja face escabrosa as sombras pareciam dançar” (Alexandre Herculano, *Eurico, e Presbítero*, p. 273); “No horizonte não se vêem se não os topos pardo-azulados das serras do Algarve, que parece fugirem tanto quanto os cavaleiros caminham.” (Id., *Lendas e Narrativas*, II, p. 87); “Parece estarem – tão sem movimento / Seus ramos vês – as árvores dormindo. (Alberto de Oliveira, *Poesias*, 2ª série, p. 311). No primeiro exemplo, o sujeito de *pareciam* é *as sombras*; no segundo, o sujeito de *parece* é a oração *fugirem tanto*; no terceiro, é *estarem as árvores dormindo*.] [Conjug.: v. *aquecer*.] **S.m. 9.** Aspecto fisionômico. **10.** P. Ext. Aparência, aspecto: *Moça de belo parecer*; “Na margem oposta levantava-se, entre umas laranjeiras e uns oitizeiros, uma casa de bom parecer.” (Franklin Távora, *O Cabeleira*, p. 250). **11.** Modo de ver, de pensar; conceito, opinião, juízo. **12.** Opinião fundamentada sobre determinado assunto, emitida por especialista: *O jurisconsulto cobra caro pelos seus pareceres.* [Cf., nesta acepç., relatório (4).]

Desta forma, percebemos que o dicionário apresenta várias acepções de *achar* e *parecer*, mas os caracteriza como verbos plenos, o que mostra que os itens têm origem lexical, ou seja, partem de um uso concreto. Contudo, já nestas descrições há exemplos de usos abstratos do verbo *achar* – como na acepção 3, em que foi usado com sentido de julgamento, suposição – e de *parecer* – como nas acepções 4 e 5, em que tem o sentido de probabilidade e de pensamento, respectivamente. Os usos dos verbos *achar* e *parecer* demonstram que eles passam por processo de GR para evoluírem de verbos plenos a satélite atitudinal, que consiste em seus usos mais gramaticalizados.

Utilizaremos, neste trabalho, a caracterização de cada um dos quatro contextos de uso do verbo *achar*, conforme proposta de Galvão (1999), e cada um dos cinco tipos de *parecer*, conforme proposta de Gonçalves (2003), nos dados de fala mineira. Podemos observar que esta mesma diferenciação encontrada pelos autores nos dados de fala carioca também está presente em amostras de fala mineira, coletadas em Conceição de Ibitipoca

(Resende 2006). Isto corrobora a hipótese de que tanto *achar* quanto *parecer* encontram-se em intenso processo de GR.

Contudo, ficou claro que nos dados de fala mineira encontramos algumas especificidades no uso destes verbos que não foram observadas por Galvão (1999) e Gonçalves (2003) e que serão mais bem explicadas no fim deste capítulo.

A categoria verbal é analisada morfológicamente como aquela que carrega marcas de tempo, modo, número e pessoa, sendo, por isso, considerada uma unidade lexical isolável. Se o verbo é núcleo do predicado – base da estrutura da frase –, será em torno deste que os argumentos e todos os outros elementos do predicado se organizarão, alguns com maior grau de dependência e coesão que outros. O estatuto sintático-semântico dos verbos é especificado pelo nível destas relações entre predicado e seus argumentos (Galvão 1999).

3.7 A CARACTERIZAÇÃO DOS VERBOS

Utilizaremos as teorias de Neves (2002), Mateus *et al.* (1983) e Borba (1990) para descrever o comportamento dos verbos em relação a seus argumentos.

Para Neves, a frase apresenta conexões realizadas através de relações de dependência e sob uma hierarquização. O termo regente das frases é o verbo. Ele atrai alguns elementos para si, os quais ficam sob sua dependência. Cada verbo exige um número limitado de argumentos obrigatórios, mas os circunstantes são ilimitados, os quais são elementos adverbiais que dão circunstâncias do processo, mas não são determinados pelo verbo.

O número de argumentos obrigatórios varia de zero a três e através deste critério os verbos se classificam em:

- a) avalentes – sem complemento obrigatório;
- b) monovalentes – com um complemento obrigatório;
- c) bivalentes – com dois complementos obrigatórios;
- d) trivalentes – com três complementos obrigatórios.

Sob uma análise semântica, o primeiro argumento obrigatório realiza a ação, o segundo completa esta ação e é afetado por ela e o terceiro é aquele que recebe alguma coisa em seu proveito ou em seu prejuízo.

Num frase como:

(34) Paulo comprou o livro. (2002, p.112)

Percebemos que o verbo comprar abre lugar para dois argumentos que são obrigatórios: um Agente, *Paulo*, e um Paciente, *o livro*.

Mateus *et al.* (1983) afirmam que predicar é atribuir propriedades a termos ou estabelecer relação entre termos. Logo, predicar objetiva descrever estados de coisa. Para caracterizar os tipos possíveis de estados de coisas, será feita uma descrição semântico-pragmática do comportamento dos predicadores, mas apenas aqueles que descrevem estados de coisas dentro do mundo real.

(35) O João está deitado.

Neste exemplo as autoras apontam para o fato de que a entidade – *João* – envolvida no estado de coisa não sofre nenhuma alteração ou transição durante o momento em que o estado de coisa ocorre. Por este motivo este estado de coisa tem traço [- DINÂMICO] e é chamado de ESTADO.

(36) A Ana escreveu um romance.

(37) A Maria guiou o jipe todo dia.

Já nos exemplos (36) e (37) as autoras destacam que pelo menos uma das entidades envolvidas realiza ou sofre um “fazer” e mudam de lugar ou de estado. Estes estado de coisa têm traço [+ DINÂMICO].

O exemplo (36) retrata um estado de coisa que muda de estado que tinha no momento anterior e passa a ter outro estado no momento seguinte: o romance que não existia passa para um outro estado, passa a existir. Neste caso, *Ana* é que é a responsável pela mudança de estado que ocorreu. Desta forma, os estados de coisa [+ DINÂMICO] que expressam a mudança de um estado localizado num determinado intervalo de tempo são chamados de EVENTOS.

Já o exemplo (37) não ilustra a mudança de um estado, mas um “fazer” específico, que é realizado ou sofrido por uma determinada entidade e que é delimitado pelo evento de começar e pelo de acabar este fazer específico. Neste exemplo a entidade que realiza o fazer específico de *guiar o jipe* é *Maria*. Este fazer inicia-se no momento posterior ao evento de

Maria começa a guiar o jipe e termina com o evento de *Maria acabar de guiar o jipe*. Portanto, os estados de coisa com traço [+ DINÂMICO] que expressam um fazer num tempo delimitado por dois “eventos” – o início e o fim do fazer – têm o nome de PROCESSOS (Mateus *et. al.* 1983, p.49).

No entanto, (35), (36) e (37) têm uma entidade envolvida com o poder de, propositalmente, determinar a ocorrência ou não do estado de coisa. Atribui-se, então, às entidades *João*, *Maria* e *Ana* o traço [+ CONTROLADORA]. Os estados, eventos e processos com este traço recebem, respectivamente, os nomes POSIÇÕES, AÇÕES e ATIVIDADES.

Já num exemplo como

(38) O vento partiu o vidro da janela.,

percebemos que se trata de um evento, pois há uma mudança de estado que ocorre num intervalo de tempo. Porém nenhuma das duas entidades envolvidas no estado de coisa – *o vento* e *o vidro da janela* – têm poder sobre a ocorrência do estado de coisa, recebendo o traço [- CONTROLADORA].

Nos estados [- CONTROLADO] se há uma única entidade participante, esta recebe uma propriedade não dinâmica e, se há duas entidades, uma consiste na localização da outra.

No caso dos processos [- CONTROLADO], os participantes são uma entidade que é origem ou objeto do fazer ou uma entidade de um fazer específico e uma entidade objeto deste fazer.

Já nos eventos [- CONTROLADO], os participantes são uma entidade que é origem ou objeto da mudança de estado ou lugar ou uma entidade que é origem da mudança de estado ou lugar e uma entidade que é objeto de tal mudança.

As autoras tratam o predicador como um núcleo que serve de base para a organização da predicação, pois é em torno deste núcleo que a predicação é organizada. Assim, elas abordam também o número de argumentos selecionados pelo predicador e a relação semântica destes argumentos com seu predicador.

Cada predicador exige obrigatoriamente um número de argumentos:

(39) O Luís está doente.

(40) O Luís acha que é melhor o doente ser internado.

(41) O Luís ofereceu um disco ao amigo.

Mateus *at al.* afirmam que o predador de (39) seleciona apenas um argumento, o de (40) seleciona dois argumentos e o de (41) seleciona três argumentos. Os predadores destes tipos são chamados respectivamente de *predadores de um lugar*, *predadores de dois lugares* e *predadores de três lugares*.

Observamos que em (40) o predador *achar* seleciona como um argumento toda a oração *é melhor o doente ser internado*.

Segundo as mesmas autoras um argumento pode ter diversas relações com seu predador. Estas funções são chamadas funções semânticas. Em (39) o predador de estado seleciona o argumento *O Luís* que consiste na entidade à qual foi atribuída uma propriedade não dinâmica. Este argumento tem a função semântica de PACIENTE.

Em (40) temos um argumento – *O Luís* – que consiste na entidade controladora do estado de coisa, ou seja, o AGENTE. Temos também um outro argumento – *é melhor o doente ser internado* – que consiste na entidade que é resultante de uma propriedade expressa por um evento, ou seja, o OBJETO.

Já em (41) o argumento *ao amigo* designa a entidade que teve algo transferido para si, literalmente ou não, ou seja, o RECIPIENTE.

As mesmas autoras ressaltam que verbos de atividade mental como *concluir*, *deduzir*, *inferir* – e entre estes verbos podemos incluir *achar* – são predadores agentivos. Além disso, afirmam que predadores de estado que permitem argumentos [- HUMANO], como aqueles cujo único argumento é uma frase, como o caso de *parecer*, nunca ocorrem nas descrições de estado [+ CONTROLADO].

Para Borba (1990), em seu “Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil”, os verbos que selecionam argumentos podem ser de quatro tipos: de *ação* se apresentarem sujeito (argumento externo) ativo; de *processo* se selecionar sujeito afetado; de *ação-processo* se o sujeito for ativo ou causativo, necessitando de um argumento interno que será afetado, e de *estado*, se o sujeito não for ativo, causativo ou afetado.

Consideraremos que o sujeito agente é o que consiste na origem e no controlador da atividade expressa pelo verbo, o qual deve exigir ao menos um argumento, podendo ter outros como complementos ou especificadores. Estes não sofrem modificações de nenhuma espécie, já aqueles são atingidos pela ação verbal. Neste caso o sujeito tem sempre o traço [+ animado].

Os verbos caracterizados como sendo de processo, além de terem um argumento obrigatório, podem ter também um argumento optativo. Eles são elementos nucleares das orações que trazem um acontecimento ou um evento. O sujeito *afetado* é um sujeito *paciente*, *experimentador* ou *beneficiário* da ação verbal. No caso do experimentador, tem-se uma experiência ligada à cognição, ou seja, a uma sensação, emoção, etc. Já o beneficiário é aquele que funciona como recebedor do benefício ou foco da transferência da posse.

Ainda de acordo com Borba (1990), se um verbo possui, obrigatoriamente, dois argumentos, sendo um o *agente/causativo* e o outro o *afetado/afetado*, este é de *ação-processo*. O sujeito causativo vai ser o que causa o estado de coisa que o verbo expressa, o causador do efeito. O desempenho deste sujeito que é responsável pela existência, mudança de estado, posição ou condição do argumento interno.

Os verbos de estado se destacam por possuírem um argumento externo obrigatório que não é agente, causativo ou paciente, ou seja, o sujeito é inativo. Estes verbos apenas ligam o sujeito ao núcleo do predicativo e, se expressarem estado/condição por meio de um núcleo verbal, não precisam ter complementos, podem ter especificadores, predicativo, complemento adverbial ou ter um ou dois argumentos.

A partir dos esclarecimentos acima descreveremos primeiramente os tipos de *achar* e em seguida os tipos de *parecer* que foram encontrados em amostras da fala de Minas Gerais. Demonstraremos que os contextos em que encontramos estes verbos têm sido diferenciados, pois apresentam propriedades estruturais diferentes.

4 ANÁLISE DE DADOS

Faremos uso de alguns exemplos para descrever cada tipo de *achar* de acordo com suas propriedades. O verbo será caracterizado da maneira como foi proposto por Galvão (1999). Realizaremos uma análise que prioriza aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos com a finalidade de verificar as funções lexicais e gramaticais nos diferentes usos deste verbo.

4.1 O ACHAR NAS AMOSTRAS DE FALA MINEIRA

Achar 1: [SN *achar* SN]:

Neste caso o verbo tem sua função plena. *Achar 1* se comporta como núcleo da predicação. De acordo com a teoria de Borba (1990) aqui adotada ele seria um verbo de ação ou de processo.

No caso do verbo de ação, há a seleção obrigatória de dois argumentos. É necessária a existência de um sujeito, chamado de argumento externo. Ele funcionará como o agente. O sujeito não necessariamente precisa ser realizado foneticamente, porém ele precisa ser [+animado] e [+humano] / [+humanizado]. Isto ocorre, visto que é o sujeito quem tem o objetivo de descobrir, quem tem que exercer a atividade de procurar. O verbo também seleciona obrigatoriamente um argumento interno. Este complemento deve ter o traço [+concreto], pois se trata de algo a ser descoberto pelo sujeito, é o objeto que está sendo procurado.

No exemplo:

(42) Eu já vi várias pessoas falá que tem uns lugar que (benzedô) manda...manda...cavucá que tem tesoro...muitas veiz cavuca chega lá num *acha* nada, né ô? (D. A. F.)

Aqui fica claro que o sujeito agente controla a ação que realiza, ou seja, a ação de procurar, no entanto o resultado desta atividade é algo sobre o qual não se tem nenhum

controle. Mesmo após “cavucar” num território indicado como tendo um tesouro, não há nenhuma descoberta.

Contudo, quando se trata deste uso do verbo, conforme Borba (1990), o sujeito passa a exercer um controle sobre a ação. O argumento externo é afetado, pois é beneficiário da posse de algo ou mesmo de um benefício. Temos a posse de alguma coisa transferida para a posse do sujeito. Este objeto a ser transferido é chamado de argumento interno, também exigido pelo verbo e com o traço [concreto]. O verbo consiste no acontecimento de encontrar, este ato pode ter ocorrido por acaso ou ser o resultado de uma procura.

(43) Vai roçar o pasto, vai fazê uma lavora, aí *acha* um cupim de abelha e ele num qué que ela fica ali (J. B. M.)

Neste exemplo, ao “roçar” o pasto, “fazer a lavoura”, alguém, mesmo sem ter o objetivo, pratica a ação de encontrar um cupim. O verbo *achar* seleciona como argumento interno “um cupim.

As duas análises, mesmo tendo tipos de sujeitos diferentes, acima serão englobadas em *achar 1*, já que tanto verbo de processo quanto de ação serão caracterizados como plenos. Como todos os verbos eles flexionam em número, pessoa, tempo, modo e podem ser colocados na voz passiva.

Achar 2: [[SN achar] [que S]] ou [SN achar SAdj]

Assim como *achar 1*, *achar 2* seleciona obrigatoriamente dois argumentos, sendo um deles um sujeito que terá traço [+ humano]. É um verbo pleno performativo-modalizador. No entanto, o verbo seleciona como argumento interno um complemento [+ abstrato] que será, necessariamente, uma oração.

O que provavelmente ocorre é que o falante associa os aspectos concretos do item base e os transfere para usos menos concretos. Seria, então, um uso de conotação metafórica do *achar 1* processo.

Vogt & Figueira (1989 apud Galvão, 1999) já atestaram que, no português do Brasil, existem dois tipos de *achar* que têm como complemento uma oração. Eles diferenciam “*achar palpite*” (suposição) de “*achar apreciação*”. Ambos apontam para a modalidade da enunciação, porém “*achar apreciação*” faz parte do conteúdo proposicional desta.

Não abordaremos aqui as noções de posto e pressuposto ao contrário do que fez Galvão (1999) através da análise de Vogt & Figueira (1989). Chamaremos de *achar 2 (apreciação)* aquele usado pelo falante que tem alguma evidência direta ou indireta sobre o assunto e *achar 3 (palpite)* aquele usado por falantes que não possuem evidência sobre aquele assunto, logo fazem apenas suposições.

Desta forma, levar-se-á em conta que só é possível fazer apreciação sobre determinado assunto se o falante possuir algum conhecimento sobre este ou tiver alguma experiência ou evidência, mesmo que sejam indiretas. No caso do sujeito não saber nada sobre aquilo que ele diz, a única possibilidade que se tem é fazer uma suposição, dar um palpite.

(44) INQ.- Ahan...a mãe do oro então a senhora já viu?

INF.- Eu acho qu'ê ela porque é uma coisa enorme que eu vi. (D. A. F.)

No exemplo (44) fica claro que o falante apresenta um motivo para fazer tal afirmação. O sujeito atesta que “era ela” baseado-se em uma experiência direta, apegando-se, conforme descreve De Haan (2005), à evidência visual. O falante foi testemunha direta da ação, pois atestou o fato visualmente. Percebe-se que aqui a oração que complementa o verbo encontra-se desenvolvida.

Logo, para que se possa fazer uma apreciação o falante precisa ter um ponto de referência para fazer o julgamento. *Achar 2 (apreciação)* ainda está no nível da predicação, é considerado verbo performativo: encabeça um ato ilocucionário. Ele tem traços de modalizador, indica subjetividade. Neste uso o sujeito tem algum tipo de conhecimento sobre aquilo a que se refere para poder dar-lhe um predicativo, do contrário é possível fazer apenas uma suposição.

No entanto, há, também, a possibilidade de a oração que complementa o verbo em estudo vir reduzida. Quando isso acontece, o *que* e o verbo da oração completiva não aparecem de maneira explícita. Galvão (1999) utiliza-se do argumento de que este uso possui esta peculiaridade estrutural para classificá-lo como *acha 2'*. Ao contrário da autora, englobaremos o [SN achar 0 SAdj] sob a mesma classificação, que é *achar 2*, visto que adotaremos o critério de análise de que em ambos casos trata-se de uma apreciação feita por um falante, já que sua afirmação está baseada em algum tipo de experiência ou de evidência.

(45) muita gente é contra o::... os fogos, mais é uma coisa tradicional... uma coisa já vem de mu...muitas gerações o...o foguete...eh::...os donos de pousada acha muito ruim. (V. M.)

(46) Eu *acho* muito difícil se recuperá isso (V. M.)

(47) ficô muito bravo na hora, depois que'le sobe que a gente que tinha feito a brincadeira ele até que num... num *achô* ruim não (V. M.)

No exemplos (45), (46) e (47) o verbo *achar* tem o comportamento de um verbo pleno, pois pode variar em número, pessoa, tempo e modo. Em (45) o sujeito do verbo é *os donos de pousada* – terceira pessoa do plural – e em (47) o sujeito é *ele* – terceira pessoa do singular.

Além disso o sujeito é afetado, um experienciador. O verbo de “processo” tem o sujeito com o traço [+ humano] e seleciona um argumento interno que não precisa vir realizado foneticamente, mas que tem um SAdj qualificando-o. Isto acontece no exemplo (46) em que o falante não menciona o que não “acha ruim”, pois tal informação – “a brincadeira” – é recuperável pela análise do contexto. O adjetivo funciona como predicativo da oração encaixada reduzida, mas o verbo de ligação e o “que” são suprimidos.

(45a) muita gente é contra o::... os fogos, mais é uma coisa tradicional... uma coisa já vem de mu...muitas gerações o...o foguete...eh::...os donos de pousada *acha* (que) (é) muito ruim.

(46a) Eu *acho* (que) (é) muito difícil se recuperá isso

(47a) ficô muito bravo na hora, depois que'le sobe que a gente que tinha feito a brincadeira ele até que num... num *achô* (que) (é) ruim não

A estrutura descrita acima faz com que ocorra também a possibilidade de se inverter a posição mais recorrente do adjetivo e do SN, ou seja, pode ocorrer do adjetivo vir antes do SN que qualifica, conforme pode ser visualizado abaixo.

(46b) Eu *acho* se recuperá isso muito difícil

A diferença estrutural deste uso consolida um preceito da GR que atesta que as mudanças na língua não se dão de maneira abrupta. As modificações passam por estágios, atestando a teoria de Harris e Campebell (1995) da gradualidade das mudanças no processo de GR.

*Achar 3 (palpite): [[SN **achar**] [que S]]*

Este tipo de *achar* indica modalidade epistêmica, possibilidade. É um verbo modalizador epistêmico. Pode ser intercambiável com a expressão *deve ser*. Não há como se negar o enunciado do falante por se tratar de um palpite, não existir nenhuma experiência deste com o que atesta, ele não ter conhecimento da situação.

(48) É, aí... aí eu num sei... *acho que* enterrô nesse lugar sim, mais, (assim), eu num tenho muita certeza nisso não. (V. M.)

(49) as pessoas daqui sei lá...num tem esse costume de se harmonizá umas com as outras, então, eu *acho que* é isso que tá acontecendo (F. M.)

Nos exemplos (48) e (49) fica explícito que o falante desconhece as situações sobre as quais dá um palpite. A expressão “num tenho muita certeza nisso não” deixa claro que a informação não é confiável, não existe experiência nem evidência suficiente para que se faça apreciação. Da mesma forma, a expressão “sei lá” indica que não é possível ter certeza sobre “o que está acontecendo”, é só um palpite descomprometido, baseado numa possibilidade. Este palpite, segundo De Haan (2005), indica que o falante não tem evidência direta sobre o que diz, pois ele sempre opta pelo nível mais alto na hierarquia da EV. Esta possibilidade pode ter sido tecida, de acordo com este mesmo autor, por evidências indiretas, reportadas ou inferidas.

Conforme Neves (1996), o uso do palpite no lugar da apreciação deve-se à intenção do falante em modalizar o ato de fala. A tentativa é de usar uma estratégia que deixe claro para o interlocutor que o desejo é de não se comprometer com o enunciado produzido, pretende-se obter um distanciamento com relação àquilo que está sendo dito devido ao fato de não se ter conhecimento suficiente.

Como o falante indica lingüísticamente que não tem certeza do que fala, ele não se compromete com a veracidade de sua enunciação. Através desta estratégia ele se protege de uma cobrança que pode partir do interlocutor sobre o grau de verdade da afirmação.

(50) Ah num...num sei não...*acho que* nesses jardim aí que enterrô, num sei ondê que é mais não. (D. A. F.)

O falante pode ter a intenção de sinalizar um desconhecimento do assunto, uma falta de experiência ou evidência sobre o que se fala ou ainda indicar que, mesmo que tenha tido experiência, não se lembra daquilo suficientemente para que a verdade de seu enunciado seja incontestável. No exemplo (50), o falante, ao usar a expressão “num sei ondê que é mais não”, demonstra que já teve um conhecimento sobre o que fala, mas já não é mais capaz de se lembrar com precisão.

A partir destas explicações classificamos *achar 3 (palpite)* como um verbo de atitude proposicional, aquele que é usado para explicitar a atitude do falante diante de sua proposição. Isso nos permite associar este verbo aos modais, pois estes podem ser verbos, advérbios, etc. Porém ainda tem a característica verbal de selecionar um argumento interno, sendo este uma oração. No exemplo (50) *achar* seleciona toda a oração “que nesses jardim aí que enterrô”. Portanto, podemos afirmar que se trata de um verbo modalizador, ou seja, tem a propriedade dos verbos de selecionar e tem também a propriedade dos modais de atenuar o grau de verdade da proposição

Muitas vezes é difícil distinguir *achar 2 (apreciação)* de *achar 3 (palpite)*. A dificuldade é proveniente do fato de muitas vezes não estar explícito se o falante emite um enunciado baseado em algum conhecimento, tem autoridade para dar aquela opinião, ou se é uma suposição sem bases concretas.

Como *achar 2 (apreciação)* ainda está no nível da predicação, afirma-se que este apresenta-se menos gramaticalizado que *achar 3 (palpite)*. Além disso *achar 2 (apreciação)* atesta maior grau de verdade acerca da enunciado que introduz, mas ainda não é totalmente modalizador. *Achar 3 (palpite)* é considerado mais gramaticalizado se considerarmos o fato de que seu caráter modalizador é mais acentuado, não é mais núcleo da predicação, não é verbo pleno, é um verbo modal.

Achar 4: [S] Achar

Achar [S]

[S] *Achar* [S]

Achar 4 tem função modalizadora. Seu papel é indicar a incerteza do falante com relação a seu enunciado. Este uso tem também outras propriedades específicas quando comparado aos outros. O verbo, neste contexto, encontra-se fora da estrutura da sentença, perdendo a característica dos verbos e aproximando-o do comportamento exercido pela classe dos advérbios.

Seu grau de GR é tanto que seu uso já está cristalizado na primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Já não é mais possível flexioná-lo em número, pessoa, tempo e modo como ocorre com os verbos de uma maneira geral. Caso apareça com alguma flexão, seu sentido deixa de ser de dúvida e passa a ser de julgamento, impossibilitando a classificação deste verbo como *achar 4* e transferindo-o para a categoria de *achar 3 (palpite)*.

Como não tem mais as propriedades de um verbo, *achar 4* não seleciona nenhum item como argumento interno como acontece nos outros contextos. Da mesma maneira que acontece com os advérbios, ele possui intensa mobilidade, pode ocupar diversas posições na sentença.

Encontramos ocorrências do verbo posposto à emissão da sentença (51), na posição medial (52) e na posição inicial (53).

(51) muito turista que vem, geralmente dos Estados Unidos, vem dessa área, eu *acho* (R. F.)

(52) Olha, tinha prova assim de conhecimentos gerais que eu *acho* tinha...tinha umas provas assim até direcionadas a Ibitipoca (R. F.)

(53) Eu *acho* se ele, se consegui ele num fô o prefeito (risos), né ? Ele vai ficá muito triste, que é uma, uma coisa que ele... (J. B. M.)

Acredita-se que, nos exemplos (51), (52) e (53) o falante optou pela utilização de *achar 4* para manifestar seu julgamento acerca da verdade da proposição. Ele deseja também deixar claro que não se compromete com a verdade do dito, manifesta apenas uma possibilidade epistêmica. Nestes três exemplos fica notório que *achar* não seleciona argumento interno de nenhuma espécie. Isso permite atestar que *achar 4* tem as mesmas funções que os *advérbios modalizadores epistêmicos quase-assertivos*, em conformidade com

as teorias de Castilho & Castilho (1996 apud Galvão, 1999), pois atestam o grau e a condição da verdade da proposição.

Os exemplos são base para considerar *achar 4* como estando num grau mais avançado do processo de GR do que *achar 3 (palpite)*. Isto ocorre, pois, aqui, *achar* não seleciona um argumento interno. Sua função é modalizar toda a oração que está anteposta a ele, atestar ao dito o valor de dúvida, incerteza.

Neste estágio o verbo também já perdeu o complementizador “que”. Esta perda acentua a independência do item dentro da oração, pois o “que” consiste numa marca de subordinação e serve para focalizar o elemento subordinado.

Castilho & Castilho investigam que a posição em que *achar 4* mais ocorre – à direita da sentença – é a mesma posição em que *provavelmente* ocorre mais frequentemente. Por isso, os autores afirmam que ele apresenta comportamento semelhante a *provavelmente* e *talvez*. E, assim como esses modalizadores, *achar 4* não tem mais o papel de núcleo da oração.

Existe uma relação entre os tipos de *achar*. É notável que o verbo passa por vários estágios para se gramaticalizar. Heine (1993) coloca a unidirecionalidade como característica da GR. Na evolução deste verbo percebemos que este parte de um uso mais concreto, que chamamos de *achar 1*, em direção a um uso mais abstrato, que é o *achar 4*, e não faz o caminho inverso.

Além disso, também é unidirecional o caminho que o verbo percorre no sentido em que um verbo pleno passa a ter comportamento de um advérbio. *Achar 1* tem comportamento de verbo pleno, possui todas as possibilidades de flexão e seleciona argumentos. *Achar 2* ainda é núcleo de predicação, mas já tem função de conferir maior grau de certeza ao que é dito, pois baseia-se em experiência/evidência do falante. *Achar 3* já não é mais núcleo de predicação, tem caráter mais modalizador, pois o falante não tem conhecimento sobre o dito, descomprometendo-se com a verdade da enunciação. Já *achar 4* não possui mais característica de verbo, visto que não seleciona argumento interno e tem flexão cristalizada. Ele se move livremente pela sentença, funcionando como advérbio modalizador que marca incerteza dúvida e probabilidade.

Segundo o mesmo teórico, a GR é um processo que não ocorre de uma forma abrupta. O verbo em estudo, que inicialmente tem uso concreto, passa por alguns estágios – *achar 2 (apreciação)* e *achar 3 (palpite)* – antes de ser usado em sua forma mais abstrata. Comprovamos através deste fato que a mudança se deu de uma maneira gradual. Através de

etapas gradativas o verbo deixa de apresentar características de verbo pleno e vai se decategorizando.

Como foi comentado na sessão de GR no capítulo de pressupostos teóricos, um item não necessariamente precisa deixar de ser usado em sua forma base para passar a ter usos mais gramaticalizados. Encontraram-se ocorrências de *achar 1*, *achar 2*, *achar 3* e *achar 4* em amostras de fala de um mesmo falante. Assim, os diferentes contextos de uso do verbo ocorrem simultaneamente. Isto permite que o item fonte possa passar por outro tipo de mudança, desencadeando um outro processo de GR que será paralelo a este que analisamos neste trabalho.

Caracterizados os tipos de contextos em que *achar* ocorre e suas propriedades, passaremos agora à mesma descrição do verbo *parecer* feita com base na pesquisa de Gonçalves (2003).

4.2 O PARECER NAS AMOSTRAS DE FALA MINEIRA

Parecer 1:

Este uso de *parecer* é aquele em que o verbo é pleno, é núcleo da predicação. É baseado nele que se dá a organização frasal. É um verbo considerado de estado, ou seja, a entidade envolvida no estado de coisa não sofre alteração ou transição, portanto este estado de coisa é [- DINÂMICO]. Sua função é de apenas ligar o núcleo do sujeito ao núcleo do predicativo. Tem possibilidade de se flexionar em número, pessoa, tempo e modo assim como ocorre com os verbos de uma maneira geral.

Nesta estrutura, o sentido do verbo é de semelhança, uma entidade tem a aparência de outra, é uma avaliação que se baseia numa situação externa. Afirma-se que este uso é mais concreto baseado no fato de que o falante compara duas entidades. Para isso, o mesmo apela para sua capacidade de percepção, é assim que a avaliação é feita.

Após o falante comparar os traços de cada entidade, ele tem um embasamento para afirmar a semelhança entre as entidades. É por este motivo que o uso de *parecer 1* tem como base uma evidência direta que é observável pelo falante. Logo, nós o caracterizaremos como um verbo de percepção visual, o julgamento do falante possui uma base concreta.

(54) tem várias orquídeas, bromélias, é lindo o caminho, *parece* um jardim assim, uma coisa linda (R. F.)

Em (54), o verbo *parecer* tem seu uso mais concreto. “Caminho” é o argumento externo selecionado pelo verbo. Analisando seu papel temático, atestamos que este sujeito não é ativo nem causativo nem afetado. Trata-se de um sujeito inativo. O verbo apenas tem a função de ligá-lo ao predicativo “jardim”.

O falante, ao observar as “orquídeas” e “bromélias”, tem a percepção visual de um jardim. Para julgar o caminho parecido com um jardim, semelhante a algo deste tipo, ele tem uma evidência direta. A afirmativa é conclusão tirada a partir da observação de como é o “caminho”, relacionando-a à visualização que se tem de jardins.

Por ter todas estas características de verbo pleno, *parecer 1* é tido como o item fonte para o desencadeamento do processo de GR

Parecer 2:

Parecer 2, ao contrário de *parecer 1*, não é responsável pela predicação verbal. É considerado apenas suporte da predicação, é unicamente o mediador entre a propriedade que se deseja aplicar (predicador adjetival) e a entidade ou o termo que receberá esta propriedade.

Dik (1989 apud Gonçalves, 2003) afirma que nesses casos o verbo é designado como suporte devido ao fato de designarem apenas as noções de tempo, modo e aspecto, as quais precisam de um termo verbal para se expressarem. Esta é a função da forma verbal, não a predicação.

Este uso de *parecer* encontra-se mais gramaticalizado que *parecer 1*. O falante também faz uma avaliação de uma entidade e aplica a ela seu conhecimento de mundo. Assim o verbo expressa uma modalidade epistêmica objetiva, já que ele utiliza da probabilidade daquela entidade possuir aquela propriedade. No entanto, o verbo expressa também um significado descritivo. Isso é uma característica de verbos que, de fato, são núcleos de predicação.

Parecer com suporte de predicação é usado como uma estratégia para que o falante se proteja. Mesmo que este tenha evidências diretas para fazer determinada afirmação, ele prefere modalizar sua fala com o objetivo de não se comprometer tanto com a certeza do que

fala, impossibilitando uma possível cobrança de seu interlocutor sobre a verdade do conteúdo de sua sentença.

Desta forma, dizemos que *parecer 2* tanto sustenta marcas morfológicas de verbo – tempo, modo, aspecto, concordância – como também marca uma possibilidade que é típica da modalidade epistêmica, já que esta possibilidade é fruto da avaliação do falante que baseia-se em evidências

No entanto, nenhuma ocorrência de *parecer 2* foi encontrada nos dados de fala mineira.

Parecer 3:

Este uso de *parecer* é o que tem sido encontrado com maior frequência. Isto é fruto da complexidade estrutural que ele permite. É chamado também de predicador encaixador de proposição. Por ser um predicado de atitude proposicional, *parecer 3* apresenta o primeiro argumento que seleciona – argumento externo – na forma de um conteúdo proposicional.

O motivo de o falante escolher esta estrutura é o de demonstrar uma modalidade epistêmica evidencial. Novamente a intenção do falante é se resguardar quanto à cobrança de seu interlocutor com relação à verdade do que está sendo falado. Modaliza a força assertiva.

É necessário que o falante se proteja de uma possível cobrança do ouvinte em determinada situação por não possuir evidências diretas sobre o que afirma. A enunciação é baseada em evidências indiretas. O falante não teve experiência direta com aquela situação. É um comprometimento mais fraco com relação ao conteúdo proposicional do que o que é asseverado por *parecer 2*.

O verbo *parecer 2* que subcategoriza uma propriedade, agora seleciona toda uma oração, dando a ela uma maior certeza da incerteza do falante sobre seu conteúdo. A fonte da verdade agora é apenas o falante, não se tem mais a observação de possibilidades baseadas em conhecimento prévio.

(55) INQ.- Mais por aqui na região aqui de Ibitipoca tem muito muro que é de escravo, num tem?

INF.- É, é de escravo...isso tem.

INQ.- *Parece* que passa um muro perto da mata ali em cima, num é?...aquele muro é de escravo, não?

INF.- Ali em cima?

INQ.- É.

INF.- É...ali tem um muro qu'êz feiz...que eles fi...feiz assim de piso de pedra...em vez de fazê cerca de arame...aí ês fizero divisa...assim (inint) as coisa tudo difícil, né ô? (D. A. F.)

Na fala acima, ocorre o uso de *parecer* 3. O verbo seleciona como argumento externo toda a oração “passa um muro perto da mata ali em cima”. Nestes casos já não é comum encontrar o verbo flexionado em outras formas que não seja a terceira pessoa do singular do presente do indicativo.

O inquiridor pretende deixar claro sua dúvida, sua incerteza sobre o fato de o muro passar perto da mata. Ele não tem evidências diretas para fazer tal afirmação, por isso precisa modalizar o conteúdo assertivo. Desta forma nenhum ouvinte pode exigir do falante que tal afirmação seja verdadeira.

Agora, a oração que é chamada de encaixada passa a possuir o conteúdo mais importante da enunciação e a que é chamada de oração principal, neste caso constituída de *parecer*, tem a função de modalizar o conteúdo assertivo da oração encaixada, ou seja, a oração principal está se dessentencializando.

Percebe-se que, ao fim de sua enunciação, o falante faz uma pergunta. A sentença “num é?” marca a insegurança, a dúvida dele sobre o assunto sobre o qual se fala porque não se tem observações sobre o objeto. Esta sentença não funciona apenas como um marcador discursivo, o qual serviria apenas para que o informante confirmasse a afirmativa do inquiridor. Com ela o inquiridor pretende mesmo saber se o informante sabe sobre esse muro, esperando uma resposta positiva ou negativa deste. Se houvesse evidências visuais por parte do inquiridor sobre o lugar em que está o muro, com certeza ele não optaria por esta estrutura.

(56) INQ.- Ahn...senhora prefere na panela ou na outra?

INF.- Gos...gosto mais da panela.

INQ.- Por que o outro é difícil de dá o ponto?

INF.- É...*parece* que fica um café com gosto de fumaça...esquisito.

INQ.- Mais esse aí que era pra ficá porque esse aí é que fica aberto...o outro fica fechadinho. (D. A. F.)

Neste caso *parecer* seleciona como argumento a proposição *fica um café com gosto de fumaça...esquisito*. Nesse exemplo o falante usa o verbo em questão de forma avaliativa e sem se comprometer com a verdade do que fala. Pode ser que ele não queira garantir que o gosto do café será de fumaça se for feito de outra forma, que não na panela, porque outra pessoa pode não ter a mesma percepção. Dessa forma ele acaba modalizando esta afirmação.

Assim, *parece 3* marca maior grau de dúvida com relação ao dito. É fruto de uma evidência indireta, pois o falante não experienciou a situação sobre a qual fala ou não tem certeza absoluta sobre o que fala, pois sua idéia pode ser contrariada por uma outra pessoa qualquer.

Parecer 4 e Parecer 5:

Estes dois usos de *parecer* apresentam comportamento de satélite atitudinal. Porém *parecer 4* é considerado um quase satélite porque ocorre sempre na posição medial e causa uma ruptura na estrutura da sentença. Ele introduz oração, mas apenas modaliza um constituinte da oração. A dúvida não é sobre toda a oração, mas sobre apenas uma parte dela.

(57) Porque que é separado homem de mulher?...*parece que* lá em Lima Duarte é tudo junto. (D. A. F.)

O exemplo (57) traz o verbo *parecer* que introduzindo a sentença “lá em Lima Duarte é tudo junto”. Porém a dúvida do falante não é sobre toda esta oração, é apenas sobre o lugar em que é tudo junto, ou seja, a incerteza é sobre o SN “Lima Duarte”. Só não tem informações suficientes sobre a localidade.

Já *parecer 5* funciona como um advérbio: pode ocorrer em qualquer posição da sentença e não é mais acompanhado pelo complementizador “que”. O verbo não traz mais o complementizador atrelado a si, pois o *parecer 4* passa por uma reanálise em que o verbo passa a funcionar como satélite em qualquer parte da oração. Mas, assim como *parecer 4*, o que o falante pretende é explicitar o grau máximo de incerteza sobre o que se diz. A diferença é que a dúvida não mais recai apenas sobre parte da oração, mas sobre toda ela. Novamente não se tem uma fonte segura à qual se pode apegar para fazer determinadas afirmativas.

(58) INF.- Na época fazia aquelas barracas, né? quando fazia festa lá de cima e tal e::...tinha muitas barracas, a comunidade fazia as barracas...pessoas da comunidade eram

contratadas pra fazê as barracas pra sê alugada, sê explorada, né? pela igreja naquela época... pra fazê as festas...e é uma festa que eu cheguei ir, uma vez, me *parece*, foi a missa uma ou duas vezes, lá em cima...lá nos anos cinquenta (W. M.)

(59) tanto é que o governador visitou Ibitipoca no carnaval foi de dois mil, né? *parece* carnaval de dois mil...e aí sugiu o plano diretor (W. M.)

(60) inclusive aquele professor da João Pinheiro que esteve aqui, o...PIN, *me parece*, um espanhol...falô “a tendência de vocês é o turismo ecológico, é uma coisa assim, bem suave eh::... é uma música lenta, baixa e um forrosim de Ibitipoca, aquela música tradicional” (W. M.)

O verbo *parecer* no exemplo (58) encontra-se em posição final e modaliza toda a oração anterior “e é uma festa que eu cheguei a ir, uma vez,”. Ele pode ocupar essa posição devido a sua independência sintática, mas marca uma dúvida com relação a tudo que foi dito anteriormente. É um caso em que o falante não quer se comprometer com a verdade do dito por não ter evidências ou experiências diretas. Precisa, por isso, modalizar o conteúdo.

Em (59) *parecer* encontra-se em posição anteposta ao elemento modalizado, e modaliza a expressão “carnaval de dois mil”, mostrando que a dúvida do falante é em relação à data em que a visita do governador ocorreu. Tem-se a impressão de que, por a visita do governador ocorrer no passado, o falante não tem mais condições de se apoiar nesta lembrança distante para fazer determinada afirmação.

Em (60) *parecer* encontra-se em posição medial, em sua forma pronominal e funciona como um modalizador. Com ele o falante deixa claro sua incerteza, ele não sabe se o nome do espanhol, professor da João Pinheiro que deu a dica sobre a música é mesmo aquele.

É visível que este é um caso máximo da GR de *parecer*. O verbo se apresenta completamente independente sintaticamente, não cabe na sintaxe da oração. Ele está decategorizado. Não tem mais a função de um verbo que é ser núcleo de predicação, selecionando argumentos.

Este tipo de *parecer* pode se manifestar em diversas posições da oração, inclusive posposto à sentença, que consiste na posição em que os advérbios aparecem de maneira mais freqüente. Por isso e por não apresentar mais características verbais – seu uso está cristalizado na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, impedindo flexões e não é núcleo de predicação – que *parecer* 5 está no grau máximo do processo de GR deste verbo.

4.3 AS PECULIARIDADES DE *ACHAR* E *PARECER* NA FALA MINEIRA

Ao analisar os dados de fala coletados em Ibitipoca, fizemos, em paralelo, uma comparação com os resultados da análise dos dados de fala carioca presentes em Galvão (1999) e Gonçalves (2003). Sendo assim, foi possível notar que, em alguns momentos, os resultados da análise das variedades lingüísticas são diferentes.

Percebemos que, ao contrário do que Galvão (1999) afirma, há na fala mineira a presença de uma ocorrência de *achar* 4 no pretérito perfeito do indicativo, contrariando a afirmação de Galvão (1999) de que este tipo de *achar* já está cristalizado na primeira pessoa do singular do presente do indicativo.

(61) eu lembro que era...uma vez que teve uma prova, que era isso, que era telefone...nossa, e era super interessante, eu *achei* ...então tinha umas coisas muito...que resgata muito a cultura e tem coisas que a gente nunca viu (R. F.)

A ocorrência acima mostra que na fala mineira a gramaticalização de *achar* pode não estar tão avançada quanto na fala carioca, pois *achar* 4 ainda não se encontra completamente cristalizado, pois, apesar de estar na primeira pessoa do singular, não se encontra no presente do indicativo.

Outra diferença encontrada foi a presença de *achar* 3 com o sujeito diferente da primeira pessoa do singular. Tal fato pode ter acontecido devido ao tipo de entrevista, já que em vários momentos o inquiridor pede que o informante dê um palpite sobre algo, como no exemplo abaixo em que o sujeito é o pronome *cê*:

(62) INQ.- E *cê acha que* a...que a...as pessoas agora têm consciência disso? (V. M.)

Há, alguma vezes também, em que o informante fala o palpite da população nativa de Ibitipoca sobre algum assunto ou sobre o palpite de uma terceira pessoa específica, conforme o exemplo (63) em que o sujeito é o pronome *ele*, terceira pessoa do singular:

(63) INF. - Não, num demora (inint) não, qu'ele *acha que* demora se a gente daquilo esquece, né ? nem sabe que demorô. (D. M. N. F.)

As ocorrências de *achar 3* encontradas na fala mineira com o sujeito diferente da primeira pessoa do singular também vão de encontro com o que Galvão (1999) encontrou na fala carioca, pois nesta há apenas ocorrências de *achar 3* na primeira pessoa do singular.

Também foram encontradas ocorrências de *achar 3* no passado e no infinitivo, o que também não acontece na variedade carioca. Isso pode indicar que na fala mineira este item ainda não está tão gramaticalizado como na carioca.

Quanto a *parecer*, ao contrário do que Gonçalves (2003) encontrou na fala carioca, não foi identificada nenhuma ocorrência de *parecer 2*. *Parecer* apresentou, na fala mineira, pequena variação de tempo. No entanto, na variedade mineira há ocorrências de *parecer 3* no passado e no gerúndio, respectivamente os exemplos (64) e (65), podendo indicar que esse uso do item não está tão cristalizado na fala mineira quanto na carioca, na qual não apresenta tal variedade de tempo.

(64) INQ.- Eu tinha...eh, eu tinha sete anos na época, né? fiquei brincano com essas (fruta de lobo) aí rolano, coisa de criança, né? passô a portera, aí assim que eu pulei a cobra tava...assim...mat...tinha acabado de matá um sapo, né? aí até ah, as pessoas me falaro que...dei muita sorte o veneno dela ela tinha...

INQ.- Usado no sapo.

INF.- Usado no sapo...aí eu pulei, ele só me picou a perna, eu tive várias (lucinações), eu saí correno, *parecia* que a cobra tava correno atrás de mim...aí acabô que eu fui pará lá em Bom Jardim de Minas que era a cidade que tinha mais... (F. M.)

(65) “oh mia fia, cê fica de olho (inint) que o seu pai tá *pareceno que* ele num tá passano muito bem não”, ah mia fia, ês foi embora, aquele home ficô tão ruim de noite... (D. A. F.)

Sendo assim, é possível observar que a gramaticalização dos verbos *achar* e *parecer* se dá de maneira diferente na variedade mineira e na carioca. Isso mostra que estes itens ainda estão passando por um processo de gramaticalização e não concluíram todo o percurso da mudança.

5 ANÁLISE QUANTITATIVA DOS DADOS

A partir de agora passaremos a uma análise quantitativa de todas as ocorrências de *achar* e *parecer* encontradas nas amostras de fala de Conceição de Ibitipoca, Minas Gerais. Para este propósito submeteremos as amostras ao programa estatístico Goldvarb.

Esta análise servirá para corroborar a análise qualitativa presente no capítulo anterior, na qual afirmamos que os dois verbos em questão estão passando por um processo de GR, ou seja, são itens que assumem funções mais gramaticais que partem de um uso concreto para um uso mais abstrato. É através desta análise que podemos avaliar as etapas deste processo de mudança que se encontra em curso.

Inicialmente, um dado que chamou muito a atenção foi o número tão discrepante entre a quantidade de ocorrências de *achar* e de *parecer*. Na análise da entrevista de oito falantes, cada uma com duração de uma hora, enquanto foram encontradas 331 ocorrências de *achar*, apenas 22 de *parecer* foram encontradas. Essa discrepância já foi observada no levantamento de Gonçalves (2007).

Através dos dados fica também comprovado que os usos mais abstratos dos itens não impedem que o mesmo seja usado em sua forma original. Isso faz com que o mesmo item apresente características diversificadas, variando de acordo com o contexto em que ocorre.

No entanto as ocorrências mostram que tanto *achar1* quanto *parecer1*, os usos mais concretos destes verbos, representam um número de ocorrências muito pequeno com relação ao número de ocorrências dos outros tipos de *achar* e *parecer*, principalmente com relação às ocorrências destes verbos que marcam dúvida do falante.

As tabelas abaixo ilustram isso:

Tabela 1 – ocorrências dos tipos de *achar*

Achar1	Achar2	Achar3	Achar4	Total
19 / 5%	70 / 21%	236 / 71%	6 / 1%	331 / 100%

Tabela 2 – ocorrências dos tipos de *parecer*

Parecer1	Parecer2	Parecer3	Parecer4	Parecer5	Total
3 / 14%	0 / 0%	15 / 68%	1 / 4%	3 / 14%	22 / 100%

Uma prova de que os itens em estudo ainda não finalizaram seu processo de GR é o fato de que estes ainda são pouco usados em seus estágios mais gramaticalizados. Isso mostra que a mudança ocorre aos poucos e que o sistema lingüístico muda de maneira gradual.

As ocorrências foram submetidas ao programa estatístico para que fosse possível verificar o percentual de cada variável independente com relação aos tipos das ocorrências, ou seja, com relação à variável dependente. As tabelas abaixo mostram o tempo verbal em que se encontram os dados dos dois verbos:

Tabela 3 – *achar* X forma verbal

	Achar1	Achar2	Achar3	Achar4	Total
Presente	9 / 41%	56 / 80%	229 / 98%	5 / 83%	299
Passado	7 / 32%	10 / 14%	3 / 1,3%	1 / 17%	21
Infinitivo	3 / 13%	1 / 1%	1 / 0,4%	0 / 0%	5
Gerúndio	3 / 13%	3 / 4%	0 / 0%	0 / 0%	6

Tabela 4 – *parecer* X forma verbal

	Parecer1	Parecer2	Parecer3	Parecer4	Parecer5	Total
Presente	3 / 100%	0 / 0%	13 / 86	1 / 100%	3 / 100%	20
Passado	0	0	1 / 7%	0	0	1
Gerúndio	0	0	1 / 7%	0	0	1

O uso de *achar3* é quase categórica no presente, apresentando uma pequena variação. Já *achar2* e *acha4* mostram uma percentagem bem equivalente de variação, mas também ocorrem em maior número no presente. *Achar1* apresenta um equilíbrio maior de variação, pois possui um maior de ocorrências no passado e no presente. Já com *parecer* percebemos que só há variação na forma verbal com *parecer3* e apenas em duas ocorrências.

No entanto, fica claro que *achar* e *parecer* se apresentam, na grande maioria das vezes, no presente. Além disso, nenhuma ocorrência dos verbos foi encontrada no futuro ou no particípio. A realização dos itens preferencialmente no presente pode ser explicada pelo fato de que a avaliação do falante geralmente acontece no momento da fala.

Com relação às pessoas do discurso o cruzamento dos dados apresentou os seguintes números:

Tabela 5 – *achar* X pessoas do discurso

	Achar1	Achar2	Achar3	Achar4	Total
1ª p. singular	1 / 5%	48 / 69%	193 / 82%	6 / 100%	248
2ª p. singular	0	14 / 20%	34 / 14%	0	48
3ª p. singular	18 / 95%	8 / 11%	9 / 4%	0	35

É notável que todas as ocorrências de *achar4* apresentam-se conjugados na 1ª pessoa do singular e que as ocorrências de *achar3* que apresentam outra pessoa diferente dessa são poucas. Logo, quando tem caráter modalizador, este verbo está se cristalizando na 1ª pessoa do singular, colocando-se como responsável sobre o valor de verdade daquilo que enuncia.

Um motivo pelo qual acreditamos que *achar3* *achar2* ocorrem com a segunda e terceira pessoa é o fato de que as amostras de fala analisadas sejam de entrevistas. Desta forma, quando o entrevistador pede que o informante dê um palpite ou faça uma apreciação sobre algo, baseando-se em evidências, aquele faz uso da segunda pessoa singular e a terceira pessoa do singular é usada pelo falante para indicar o palpite ou a apreciação de outra pessoa.

Por outro lado, *parecer* não apresenta em nenhum momento pessoa do discurso diferente da terceira pessoa do singular. Nos estágios mais avançados da GR – *parecer4* e *parecer5* – isso pode indicar que o falante deseja descomprometer-se com o valor de verdade do que diz. *Parecer* tem fundamentalmente a função de tirar o foco do falante, isentando-o da responsabilidade.

Com relação à realização fonética do sujeito de *achar* temos os resultados apresentados a seguir:

Tabela 6 – *achar* X realização do sujeito

	Achar1	Achar2	Achar3	Achar4	Total
Realizado	4 / 21%	48 / 69%	133 / 56%	6 / 100%	191
Não Realizado	15 / 79%	22 / 31%	103 / 44%	0	140

Estes dados demonstram que nas ocorrências em que *achar* se encontra mais gramaticalizado é comum que seu sujeito venha realizado foneticamente. Com *achar2* e *achar3* as ocorrências possuem maior número de sujeito realizado e *achar4* apresenta todas as ocorrências como sujeito realizado. Pode-se explicar isso levando em consideração o fato de que quando marca apreciação e dúvida, ou seja, quando o item é usado para fazer julgamento, o falante tende a se colocar de maneira explícita e clara como a fonte da avaliação.

Percebemos, com o verbo *parecer*, que este em algumas vezes se apresenta de maneira pronominal, ou seja, acompanhado por um pronome. A seguir observa-se a tabela que mostra o número de ocorrências do verbo que apresenta-se na forma pronominal com relação aos tipos de *parecer*:

Tabela 7 – Ocorrências de *parecer* em sua forma pronominal

	Parecer1	Parecer2	Parecer3	Parecer4	Parecer5	Total
Presença do Pronome	0	0	1 7%	0	2 67%	3
Ausência do Pronome	3 / 100%	1 / 100%	13 / 93%	1 / 100%	1 / 33%	19

Percebemos que é mais comum encontrar este verbo sem ser em sua forma pronominal. Além disso, vale destacar que das três ocorrências de *parecer* pronominal, 2 delas são ocorrências de *parecer5*, ou seja, 67% das ocorrências deste tipo de verbo se dá em sua forma mais gramaticalizada.

Apesar de o número de ocorrências destes dois verbos analisadas não ter sido muito extensa, a análise se fez de maneira produtiva, pois foi possível encontrar peculiaridades destes verbos em seus usos pelos falantes mineiros.

6 Conclusão

Após a análise de todas estas ocorrências de *achar* e *parecer* da fala mineira, é possível concluir que estes dois itens estão passando por um processo de mudança específico: a gramaticalização.

Podemos concluir também que esta gramaticalização acontece através de um *continuum*. Ela não ocorre de maneira abrupta, mas sim através de etapas em que os itens passam a ser usados não só com seus sentidos mais concretos – *encontrar* e *ter semelhança* – mas também com sentidos mais abstratos. Isso fica ainda mais visível ao observarmos que os vários tipos desses dois verbos ocorrem de forma concomitante, inclusive são encontrados nos dados de um mesmo falante.

Outro fator em evidência é a diferença no processo de gramaticalização dos itens na fala mineira e na carioca. Quando comparamos as duas variedades, percebemos que há diferença no uso desses itens. Algumas propriedades só foram encontradas em Minas Gerais, o que pode indicar que a gramaticalização acontece de maneira diferente na variedade mineira.

Ficou comprovado também nesta análise que o PB ainda não possui um sistema evidencial gramaticalizado, mas que alguns itens podem estar começando a constituir este sistema. Sendo assim, fica claro que estes itens estão sendo usados para marcar modalidade e evidencialidade, eles estão sendo usados para que os falantes indiquem dúvida com relação ao dito e também a fonte do conhecimento expresso.

Também é possível concluir que, no processo de gramaticalização, *achar* e *parecer*, quando usados indicando modalidade/evidencialidade, deixam de apresentar algumas características típicas dos verbos e passam a possuir as características que se assemelham com as dos advérbios. Como a GR é uma consequência da reanálise, os dois verbos passam não só por um processo de mudança de categoria, deixando de se comportarem como verbos para serem usados como advérbios, mas também passam por mudança de significado de forma simultânea.

A partir disso, chegamos também à conclusão de que as construções com *achar* e *parecer* funcionando como performativo-modalizador estão se dessentencializando. Isso quer dizer que o que a gramática tradicional chama de oração principal + oração encaixada, no caso em que a oração principal tem como base *achar* ou *parecer* funcionando como performativo-modalizador, não tem efetivamente esta organização. A oração principal deixa de ser oração, pois os verbos não apresentam mais características dessa categoria. Logo, a

oração chamada de encaixada passa a ser a única e a construção com *achar* ou *parecer* tem apenas a função de indicar a fonte do conhecimento asseverado e o julgamento do falante.

REFERÊNCIAS

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BORBA, F. S. (coord.). **Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil**. São Paulo: Unesp, 1990.

BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. **The evolution of grammar**. Tense, Aspect and Modality in the Languages of the World. Chicago: Chicago University Press, 1994.

CHAFE, W. L; NICHOLS, J. (eds.) **Evidentiality**: the linguistics coding of epistemology. Norwood, New Jearsey: Ablex, 1986.

CUNHA, C; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DE HAAN, F. **Evidentiality and epistemic modality**: Setting boundaries. *Southwest Journal of Linguistics*, 18, 83-101. 1999 (Online: www.u.arizona.edu/~fdehaan/papers/SWJL99.pdf).

_____. Encoding speaker perspective: Evidentials. In: Z. Frajzyngier & D. Rood (Eds.), **Linguistic diversity and language theories**. Amsterdam: Benjamins. 2005. ISBN 90-272-3082-X, ISBN 1-58811-577-1. (Online: www.u.arizona.edu/~fdehaan/papers/boulder.pdf).

FEITAG, R. **Variação e gramaticalização e de acho (que) e parece (que) na fala de Florianópolis**. Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Lingüística). – Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3. ed. – Curitiba : Positivo, 2004.

GALVÃO, Vânia Cristina Casseb. **O achar no português do Brasil**: um caso de gramaticalização. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Campinas: Unicamp, 1999.

_____. **Evidencialidade e gramaticalização no Português do Brasil**: os usos da expressão diz que. Araraquara. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. 2001

GIVÓN, T. **Syntax. A functional – typological introduction**. Amsterdam: John Benjamins, 1984. V. I.

GONÇALVES, S. C. L. Gramaticalização de orações matrizes com predicados de atitude proposicional. In: Ronald Beline Mendes. (Org.). **Passando a palavra**: uma homenagem a Maria Luiza Braga. 1. ed. São Paulo: Paulistana, 2007. p. 11-35.

_____. **Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade**. 250f. Tese (Doutorado em Linguística) – IEL, UNICAMP, Campinas, 2003.

HARRIS, A. C.; CAMPEBELL, L. **Historical syntax in cross-linguistic perspective**. Cambridge Press. 1995.

HEINE, B. *et al.* **Grammaticalization**: a conceptual framework. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

_____. **Auxiliaries. Cognitive force and grammaticalization**. Oxford University Press. 1993.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, C. (Ed.). **Approaches to grammaticalization**: focus on theoretical and methodological issues. V. I. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 17-35.

_____; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

JACOBSEN, W. H. The heterogeneity of evidentials in Makah. In: CHAFE, W. L.; NICHOLS, J. (eds.). **Evidentiality**: the linguistics coding of epistemology. Norwood, New Jersey: Ablex, 1986. p. 3-28.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Methaphors. We live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (ed.). **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1988. p. 275-330.

LYONS, J. **Semantics 2**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. V. 2.

MATEUS, M. H. M. **Gramática da Língua Portuguesa**. Coimbra, Livraria Almedina, 1983.

NEVES, M. H. M. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do Português Falado**. Campinas: Unicamp/PAPESP, 1996. V. VI. 163-200.

_____. (org.). **Gramática do português falado**: novos estudos. Campinas: Editora da Unicamp/Humanitas/Fapesp, 1999. V. VII.

_____. (org.). **Descrição do Português**: definindo rumos de pesquisa. Araraquara/São Paulo: FCL/Laboratório Editorial/Unesp; Cultura Acadêmica Editora, 2001. V. I.

_____. **A gramática**: história, teoria e análise, ensino. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

_____. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

PALMER, F. R. **Mood and modality**. New York: Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

RESENDE, T. C. C. de. **Dinâmica do contato dialetal**: estudo sócio-lingüístico em Conceição de Ibitipoca - MG. Tese (Doutorado em Lingüística) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

TRAUGOTT, E. The Framework. In: **Regularity in Semantic Change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

ANEXOS

CORPUS IBITIPOCA

ANEXO 01

INQ. – Terezinha Cristina Campos de Resende – **DATA:** 25/04/2004
AUX. – Érika de Paiva Almeida
INF. – Aparecida Carolina Guimarães
TRT. – Natália Sathler Sigiliano – **DATA:** 16/05/2004
REV. – Alice Queiroz Frascaroli
REV. – Terezinha Cristina Campos de Resende – **DATA:** 11/06/04

INQ.- Eh, olha aqui...eu tô aqui na...na Cachoeirinha, co'a:: dona APA, né?

INF.- É isto!

INQ.- Que tem sessenta e cinco anos, né dona

INF.- É isto...é::...

INQ.- APA? e aceitou de dá uma intrevista, tô aqui co'a ÉRI e vamo conversá um pouco...como que é a vida aqui dona APA?

INF.- Ah a vida aqui é essa que eu tô sofrendo muitas tristeza, isso qui eu vô contá pro cê...oh...tinha me...meu fi coitadim...vai (arrumá) machuca uma perna dipois tinha que sê operado, ficô muito tempo sem trabaiaí ...agora, nesse mei tempo...o menino tamém...doente de coração... (cata) dum, funga no outro...tá passando o maió trabaio coitadim, se o menino num fô operado nesse coração...e eu tentano de í lá, mas num tem jeito de saí::

INQ.- Ir onde, dona APA?

INF.- Ahn?

INQ.- Ir onde?

INF.- Lá::, vê o neto...aí chegô em Lima Duarte, o netinho recaiu, né?...foi operado em Belo Horizonte...recaiu levô pra Juiz de Fora...aposto que já chegô, mas eu inda num fui lá vê ele não...ah a gente sofre muita tristeza, né?

INQ.- E a senhora...como que tá de saúde?

INF.- Ah eu num tô bem de saúde não...eu num tô guentano andá, tava contano pra ela ali...eu saio um cadiquim tô com cansera, dor nas perna...né?

INQ.- Toma um chazinho daqui mesmo...como que a senhora faz?

INF.- Tomo... eu tomo um chá, eu faço xaropim de horta, junto no mei do mato... aqueles camarazim, fruta de lobo, vô juntano aqueles punhadim frevento, faiz aquele aquele lambedô, pra í bebendo pra cudí a pedra, pra num pegá ruim.

INQ.-Acudi o que, Dona APA?

INF.- A pedra, por dentro...miorá, né?(risos)

INQ.-Ah::sei.(risos) e::.

INF.-Oh meu Deus do Céu.

INQ.-E ...e...e chá casero assim, hortelã, arruda, essas outras (inint)...

INF.- Pois é...essas....

INQ.- que que tem aí?

INF.- (inint) é qu' eu tô te contano...eu ponho camarazim, ponho fruta de lobo, ponho artelã, ponho erva cidera, põe funcho junto na pia, junto tudo na panela só e boto cozinhá...aí depois eu cõo eie, e boto frevê ele com açúcar e faço aquele xarope pra gente ir tomando né?...pra miorá...porque todo dia num tem jeito de ir no médico.

INQ.-Eh, aqui...o...o médico aqui num é em Ibitiboca que a senhora costuma ir na vila?

INF.-Ah não...mas eu num vô aí não...é muito difícil.

INQ.-E onde que a senhora vai...procura médico?

INF.-Eu vô em Lima Duarte...

INQ.-Em qual médico que a senhora vai?

INF.-Meu médico lá é o doutor JOC...é ele...

INQ.-Ahn...certo.

INF.-Ah:...passá male no mei desses campo aqui minha fia...é muito triste.

INQ.-Aqui é muito difícil a...o acesso, né? dona...

INF.- Eh::muito...(inint)

INQ.- Depois do turismo as estradas melhoraram muito, né? dona APA...

INF.- Eh, mas escuta...oh...se docê véi como nós, ou ieu ou o JOL de noite, é muito ruim minha fia...num tem um carro, num tem nada, né?...até que sai pra ir lá na Ibitipoca aquilo já passou da hora de tomá aquele remédio...e eu tenho essa desconfiança (se vier)...mas eu sô muito medrosa, na mesma hora que eu tô doente eu já num tô aqui mais...eu pego entro dentro do ônibus e vô embora...(inint)

INQ.- Pode esperá apertá não , né?

INF.-Não, num pode...de jeito nenhum...

INQ.- É verdade...dona APA, e os partos...a senhora falou que teve treze filhos, né?...que é mãe de treze filhos?

INF.- Treze fio...

INQ.- Foi tudo com partera?

INF.-Foi tudo, que era a minha mãe...minha mãe era partera...

INQ.-Ah:: sei.

INF.-Foi tudo no meio do mato, minha fia, né?...não tinha esse negócio de levá pra Santa Casa, hoje **a coisa tá muito bão**...tem mode d'invitá pra num criá:...tem a Santa Casa que tá lá esperano, doeceu é só í pra lá ...nesse tempo num tinha, né? nós coitado criava, minha fia, lá pro mei do mato.

INQ.- Passava muito aperto, dona APA?

INF.- Ih::Nossa Senhora...tudo (pobizinho)...e eu já trabaiei muito na roça debaixo de tempestade e de chuva mia fia(inint)...cantava co...c'uns pedacim de lona...as criancinha de baço, os outro pequitito tud'oiano a gente (inint)

INQ.-Na casa da senhora?

INF.- Hein?

INQ.- Ah não...isso aí é na...no mato, né?

INF.- Na roça, mia fia.

INQ.- Onde trabalha, né?

INF.- Onde nós trabaiaava.

INQ.- Então a senhora pegou na enxada, dona APA?

INF.- Ih::mia fia do céu...ieu já capinei e oh...ieu já capinei, ieu já rocei pasto, ieu já **judei** o meu marido tirá leite...po patrão...ieu já fiz de tudo...hoje eu num **guento** mais não...**hoje eu num guento trabaiaá mais não**...só mesmo assim numa horta de cove, numa coisa quahqué aqui perto, nu dá não...cabô.

INQ.- Oh dona APA, e as criança como que era o...umbigo? como que cuidava, como que curava?

INF.- Que curava?...era assim mia fia...fazia um pó de fumo, e dipois socava assim artelã, uns brotim de foia de laranja...aí ia fa...fazia aquele inguentim pa...até caí ia pono pó de fumo...no imbiguim...aí depois que caía, põe aquele inguentim de **artelã**, socado com foia de laranja ... (inint) **ês curava**...mas graças a Deus, nunca perdi nem um fio de imbimgu...não.

INQ.- E depois que caía fazia o que c'umbigo?

INF.- O **imbigo**?

INQ.- É.

INF.- A gente enterava ele, né?(risos).

INQ.- Enterrava onde, dona APA?

INF.- Ah...era bõ enterrá assim num...perto dum...coicero de portera, né? aí nós furava um buraquim...

INQ.- Tanto de menino quanto de menina?

INF.- **É...é...cinco me...de menino, cinco de menina**, né? nós guardava ali os negócio.

INQ.- Bem enterradinho?

INF.- É.

AUX.- E a senhora lembra quantos dias demorava pra cair, dona APA?

INF.- Ah, **era cinco dia...batia cinco dia**...

AUX.- Desculpa.

INF.- tratano dereitim, e aquilo pronto, caía.

INQ.- É? ahan...e o que que a mulher tinha que respeitá depois que ganhava a criança... assim...como que era o resguardo?

INF.- O resguardo? ah, o resguardo tinha muito a que lhe diga, mia fia...se não lhe tivesse o modo suficiente pá alimentá o **estâmo**, cê tinha que tomá uma sopa de fubá...né?...ou de fubá ou a sopa de farinha...dessa farinha comprada mas...num podia (fazê de bobera), num fazia...meu irmão sempre ia na mi'a casa, o mais velho, e falava assim: "oh cumadre...ocê num faz arte não, no caso da dúvida não teno uma coisa que ce vê que num vai te fazê mal, ocê toma u...uma sopa de fubá".

INQ.- E a canja de galinha?

INF.- É, aquela tamém eu...comia...a hora que tinha, mia fia do céu, aquilo era bõ demais mas quando o frango **cabava** oh...cabô o apetite.

INQ.- (risos)

INF.- (risos)

INQ.- E mais o quê, dona APA? que tinha que guardá assim, que num podia...

INF.- Às vez, o leite fahtava, cê tinha que saí campiano umas cerraia lá no mato, pra comê no mei da roça...

INQ.- Pra aumentá o leite.

INF.- Pra aumentá o leite, socá u'a carne muida, botava aquilo cozinhá, pra bebê a água pra aumentá leite.

INQ.- Dava muito leite? a senhora amamentava muito?

INF.- Dava, dava muito leite graças a Deus(inint).

INQ.- Até que idade? até quantos meses que a senhora...

INF.- Ah::eles...minhas crianças **mamava** tudo até ano, mia fia...era de ano... de ano qu'eu desmamava ês.

INQ.- E bico? **chupava** dona APA?

INF.- **Chupava** biquim...**chupava**...as crianças de hoje até **é** gozada, né? a gente vê pouco ês **chupá** bico, né?

INQ.- É::hoje em dia já num vê muito, né?

INF.- ind' é bõ... e dipois de acostumá co'aquele bico é igual a gente quando tá fumano...não é? ah não...Nossa Senhora.

INQ.- A senhora fuma, dona APA?

INF.- ih mia fia, mas ieu fumava e era muito...mas de ontem pra cá eu só tô pitano um pitim à noite.

INQ.-É?!!

INF.-De paia.

INQ.- É desses feito em casa? a senhora faz?

INF.- O...o pito de fumo, né?

INQ.- É.

INF.- Eu faço o pitim e pito de noite...deusde ontem que eu num tô fumano não meus fiim num **querem** que eu pita zangano que é pa pará, o cigarro tá matano, o dotor ZEC fala tamém, cê vai morrê de repente, co'essas pitação...então vão vê se Deus me ajuda (inint).

INQ.- Às vezes pára, né? dona APA?

INF.- Hum::se Deus quisé...Nossa Senhora da Aparecida (inint).

INQ.- Como que arruma o fumo aqui, é comprado ou é feito (inint).

INF.- Não, é comprado...é comprado...cigarrim de fumo é trem bão, ma eu gosto dele be:::m fraquim, mas (inint).

INQ.- A senhora num sabe alguma simpatia pá pará de fumá não?

INF.- Num sei, mia fia, aqui tem uma sobrinha minha lá de Juiz de Fora...ela me contano que eu tinha um sobrim, casado com ela lá, ele...eles **pitava** muito...aí uma vez contano: “ah tia APA, o TIA vei remédio de fora pra ele ele largô de fumá”, né?...aí me **contaro**...aí me (inint) contano: “aí, eu tamém larguei de pitá”...aí eu falei: “gente, encomenda pra mim tamém esse remédio”... “ah, mas isso só a senhora mêmo, pro cê í lá e encomendá o remédio”...e eu num fui lá, num encomendei o remédio mas Deus vai me protegê...eu tô largano... eu tive internada na Santa Casa de Lima Duarte e eu fumava...aí chegou lá, a médica de lá vme tirô o cigarro...e “ah meu Deus do céu, agora eu vô acabá de morrê aqui”...olhava prum lado, olhava pro outro, ah que coisa mais ruim...(aquilo num aguentano mais)...eu fiquei lá quato dia e quato noite...mas ocê **credita** que invês d'eu largá a danada das binga do cigarro por lá onde já tinha ficado, cheguei em casa eu fui pitá de novo.

INQ.- Tava morreno de vontade.

INF.- Ih::Nossa Senhora...e ela me pediu: “cê num põe mais esse pito na boca”

INQ.- Num adiantô nada.

INF.- Num adiantô nada...agora to largano otra veiz porque(inint)...

INQ.- Desde que idade que a senhora fuma?

INF.- Ah::...desde a idade que eu fazia assim cigarro pa minha mãe, sabe? tinha uma vizinha tamém lá perto de casa gostava que eu fazia piti, né? eu fazia o cigarro pra ela...e eu cindia, pitava pra depois entregá ela, ah::

INQ.- Aí gostô.

INF.- Ih::Nossa Senhora.

INQ.- Antes de casar.

INF.- Hein?

INQ.- Antes de casar?

INF.- Inante de casá mia fia...podia tê uns::...uns catorze ano por aí (inint)...tem muito ano num tem que eu fumo?

INQ.- Tem...tem (risos).

INF.- Nossa Senhora...ceis todas duas é sortera?

INQ.- Somos.

INF.- Eh...íxi **tá** bonita demais tamém (risos).

INQ.- Tamo, dona APA? tamo conservada, tamo enxuta?

INF.- **Ta** sim, **tá** bonita, **tá enxuta**, cês **tá** fofa.

AUX.- A senhora que é simpática

INQ.-(risos)

INF.- Ah meu Deus do céu.

INQ.- Mas oh dona APA, e o marido da senhora fuma tamém?

INF.- Não...ele fumava.

INQ.- E ele nunca:: incomodô co'a senhora de a senhora fumá não?

INF.- Não, ele fumava tamém...mas sabe, ele gostava de fumá assim um fumo bão...então o dia que tinha o bão ele fumava...o dia que nu...comprava o fumo era ruim, ele foi desgosto

co'aquilo, né? falou "ai, eu num vô pitá mais não...um dia tá bão outro dia tá ruim", ele largô...inda foi sorte, né?

INQ.- É::...parô já tem muito tempo?

INF.- Ih::tem, tem muito tempo...ah::eh...foi sorte dele, né? (inint) oceis **achô** que (inint).

INQ.- Oh...oh dona APA, a senhora foi... eh...participô da Semana Santa, foi nas missas, acompanhô procissão esse ano?

INF.- Num fui não, menina...eu só acumpanhei pela tele...televisão...na Grobo,né? ali na Grobo.

INQ.- É e quando a senhora era mais nova...

INF.- Ah, isso ieu...ieu num perdia nada, mia fia...oh...te conto a verdade oh...ieu num perdia uma missa...ieu num perdia um pagode(risos).

INQ.- Tava nas festa tudo, né?

INF.- É...ieu num perdia nada, era um (terço) podia sê longe...eu juntava meus piquitito,uns nas carcunda dos outro, otros nos braço...otra hora tinha os conhecido, as conhecida (inint) e eu ia mêmo , num pirdia nada.

INQ.- Nunca teve problema pa...

INF.- Hein?

INQ.- Os filhos num **impediro** a senhora de::

INF.- Não...mas agora, dipois de véia eu num tô...ino muito assim saino não (inint).

INQ.- O pessoal fala muito tempo do padre CAR aqui.

INF.- Ah...padre que era bão, nós era da irmandade do Sagrado Coração...tinha uma mulhé, ela morava aí na...na Tapera)...essa era minha zeladora de mim, pá...era (inint) do Sagrado Coração...e ela era titora, né? a TIT, APA do MAN...cê deve tê uvido falá nessa mulhé.

INQ.- Não.

INF.- Não? sogra da IRI, do ANC.

INQ.- Ah, sei.

INF.- É, aquela mulhé é titora minha...(inint) e dipois aquilo foi...trapaiano tudo, um dia tinha padre, outro dia num tinha, né?

INQ.- Mas na época do padre CAR, como que era? tinha reunião toda semana?

INF.- Todos domingo, toda sexta-fera nós tava no caminho, fazeno as nossas comunhão, cunfessano, né?...participano da igreja...na primera sexta-fera nós ia, no primero domingo do mês nós tava ali rente... e foi...e foi ino, foi ino... acho que o padre ficô mais difícil, né?

INQ.- Depois que o padre CAR morreu, né?

INF.- É::porque o padre CAR ali era uma beleza.

AUX.- E ele ficô aqui muitos anos, dona APA?

INF.- Ficô, mia fia, muitos anos.

INQ.- Ele vei de onde, dona APA? a senhora sabe?...ele vei de onde?

AUX.- O padre CAR? eu num sei, eu sei qu'ele amorava ali no Tanque, né? onde mora a cumade MIU, ele morava ali.

INQ.- E a senhora tava falando de Apareci...de Aparecida do Norte, que a senhora gosta de lá, que a senhora no aniversário da senhora a senhora vai...conta uma viagem que a senhora fez...já foi mais de uma vez?

INF.- Ah::eu já fui lá umas treis veiz...eu quero até que seje mais, mais...(vamo supô) umas treis veiz, né?

INQ.- E como que é, é de:: ônibus?

INF.- É::, de ônibus faz a romaria, sabe? nós vai pa Lima Duarte...aí fica esperano o ônibus vem busca aí na Ibitipoca...aí depois chega em Lima Duarte nós espera, nós fica lá parado até fazê ali pas deiz hora...quando dá deiz hora nós...nóis vai embora, aí chega lá com o dia clariano.

INQ.- Dá pa dormi na viagem?

INF.- Ah, **ieu num drumo não**.

INQ.- A senhora fica com medo da estrada?

INF.- É, ieu num drumo não mia fia...desde que sai de casa, oh...eu num drumo de jeito nenhum não...que eu sô muito medrosa.

INQ.- Mas e quando chega lá tá muito cansada agüenta bem?

INF.- Muito cansada mas a gente chega, e até sai dali, mia fia, co' aquela...tanta fé que a gente tem c'a nossa mãe sagrada...eu sai lá do ânibu, vô lá na tornera, lavo o rosto, passo a mão na água no cabelo e vô m'embora lá pa igreja...o dia nem inda num tá acabado de clareá tudo...(daqui enfusca enfusca) eu já tô lá c'a mia mãe, dento da igreja...ali eu espero a missa, espero tudo, a cerimônia porque ali é assim cada uma pa trás e num vem outra, né? mas eu tem...quando eu vô, eu gosto de espera tudo (inint), a cerimônia da igreja...a gente saiu pa í vê a mãe da gente tem que ficá com ela lá, né?

INQ.- Por conta, né? ...

INF.- É uai.

INQ.- Aí a senhora assiste mais de uma missa?

INF.- Sisto, eu sisto.

INQ.- Compra as lembrancinha de lá pra trazê, os tercinho, as...

INF.- Não...tem época que:: ((tosse)) a gente compra umas recordaçãozinha, né?...desta vez mermo que vai lá, vai lá pagá promessa.

INQ.- Ah é, dona APA? dessa vez a senhora vai? que promessa que a senhora fez?

INF.- Oh...o rapaz, coitadim, foi me levá...me levô na Santa casa, no dia qu'eu adoeci...coitadim...levô com boa vontade...depois foi passado uns dia, eu num sei que batida que ele arrumô aí pra lá aí, quebrô a perna, o moço...até ele é **irmão** do meu genro...meu genro mora na cidade (inint)...ah mia fia, aquilo pra mim foi a maior tristeza, né? coitadim...então ta::...o pai dele pegô com Nossa Senhora da Aparecida, fez a promessa pra ele...então eu pa ajudá a pagá a promessa dele, que fez um benefício pra mim, né? então eu quero í n...na romaria, pra mim vê:: a nossa mãe lá...e **judá** a pagá a promessa dele porque teno a romaria, tá judano, né?

INQ.- Ele vai tamém, dona APA?

INF.- Vai.

INQ.- E ele ficô bom?

INF.- Ele tá firmano bem...ele num tá em Lima Duarte não, ele tá em Juiz de Fora.

INQ.- Já anda?

INF.- Já anda mucadim, né? já tá firmano, eu inda falei pra ele "oh meu fii, com muito cuidado...num firma muito c'a perna", que ele anda de muleta, né?... "se pudé firma, cê firma mais c'a outra que num tá doente, pa num corrê perigo mais"...coitado um mocinho novo, bão...ah, mas a vida é essa memo, né? meu marido tamém mia fia do céu, já...já teve um home muito parálítico...ele tava arrumano um caminho lá no Baú quando nós morô lá no terreno do ANT, pá passá um **tratori**...e foi derrubá a árvre mia fia, ah desceu inriba da pé dele... ah...cortô os dedo minha fia do céu e fico e tem só dois dedo assim dum pé...o resto assim, oh...aqui...chegô lá em casa lá dentro tudo dipindurado...e minha fia (inint) cumpade PED (inint) pra podê í embora porque tá ruim... coitado chego lá invêis de tirá aquilo dua vez, imendô com lá péia, né? aquilo lá ia dano um teto, foi preciso de tirá tudo, do corpo todo...os três dedo...ele tem...então ele tem só esses dois dedo, essa foi uma...e antes disso, tava trabaiano judano (inint) até esses negócio de capim, (reitiro), a cobra pegô ele, né?...aí ficô ruim, aquele home, meu Deus...aí é que ele já ia dano...ficano...dano um negócio preto...uma pelota preta e ele lá ia só ficano ruim...aí qu'eu tive que levá pra cidade ...(inint)

INQ.- No dia seguinte?

INF.- Hum?

INQ.-No dia seguinte?

INF.- É...aí oh, ficô lá na cidade fazeno curativo e teve que abri o dedo, né? da...aquela ampola onde a cobra pegô...urutu cruzero... e foi e vei de lá, tava até bem trabaiano...vai arrumá um rancho aí do...do...do DAR, aí do JOD...ah teia queibrô com ele lá e ele caiu, acho que lá ia desmaiano...isso já tem muitos ano atrás...quebrô três costela.

INQ.- Nossa!

INF.- D'uma veiz...essa menina minha que mora aqui trabaia lá na...na (rua), ela é empregada...mas quando sobrava u...um cadim de tempo ela vinha aqui...aí, né? ela teve aí e eu falei: “oh mia fia, cê fica de olho (inint) que o seu pai tá pareceno que ele num tá passano muito bem não”, ah mia fia, **ês foi embora**, aquele home ficô tão ruim de noite...o que me valeu foi dum home que invinha passano com uns carquejo de mii no caminho, o GER do JOA, aí eu gritei ele, ele respondeu eu falei: “será que ocê podia me fazê um favore?” de noite... “posso”...cê vai lá fala com a LEN pra ela vim trazê o JOA que JOS tá munto ruim...aí que ele veio, trouxe o carro, veio até aquela mulhé, aquela GLO, ficô comigo aí mocado... e a menina pegô, entrô dentro do carro e foi embora co'ele pra cidade...ah::ele tem passado...nóis tem passado muita amargura, mia fia...ah::tem...Nossa Senhora...

INQ.- Mas hoje em dia já tem as estradas milhores, né?

INF.- Tem, isto é.

INQ.- Em vista do que era antes, né?

INF.- É, agora já miorô muito.

INQ.- A senhora acha que o turismo trouxe benefícios pra cá ou...ou piorô? como...o que que a senhora acha?

INF.- Não...graças a Deus que tá até bem bão, né?...oh mia fia eu já passei muito trabaio...oh...moitava numa casa de sapé...capim de sapé, **oceis conhece capim sapé?** tampada de sapé mia fia...aquilo piquitito, eu já passei muito trabaio na mia vida.

INQ.- E o chão? como que era o chão?

INF.- Hein?

INQ.- O chão, piso.

INF.- Eu num tinha piso não, mia fia...é o chão...não tinha não, num tinha banhero, num tinha piso, num tinha nada...dipois que eu vim pr'aqui...que essa menina que mora ali tá trabaiano aí pu...pum povo aí, a cumade MAD e a cumade ANI e ela é empregada lá...e o JOA também trabaia com o TIL é **qu'ês estudô de fazê essa casa...foi ês que fez...**mas eu vô te contá a verdade...essa casa...**cêis tá veno ela assim...boa**, até que de **filusumia** ela tá boa...mia fia mai num tem lugá de drumí...ela móia tudo.

INQ.- É mesmo, o telhado?

INF.- Nossa Senhora, mas móia tudo.

INQ.- É...e num conserta telhado, num arranja jeito...

INF.- A gente tem uma teia que nu...num vale nada...ela num tem beral assim pra uni uma na outra.

INQ.- Às vezes tem que trocá, né dona APA? porque num pode ficá numa casa assim (inint).

INF.- (inint) ieu num vô escondê do ceis não...que a gente contá a verdade é bonito, falá mentira é feio...mia casa móia tudo...o lugarzim que é miozim, é esse quarto meu aqui, esse que (inint) **qu'ês forrô ele, né?**

INQ.- Ah é...bem forradim, né?

INF.- É...mas ieu acho que lá por riba, quando tá pingano, lá também móia por riba...num desce por causa do forro, né? e a mia cama lá dentro, **as menina fala**: “ah, (inint)da mia mãe tá moiano tudo”...pega uma lona, até que alargo ela até os pé da cama, pá tampá a cama mai...menina essa casa móia, ma móia pa incardí...cuiz credo...móia demais...é que'u tô até falano, eu tô falano c'a mia(inint) “oh...essa casa ela num adianta nada tá arrumada porque...ela móia tudo”.

INQ.- Tem que arrumá um telhado...é preferível sê de sapé que não molhava, né dona APA?

INF.- Ieu lá vô largá ela, porque isso aqui.

AUX.- Ou pelo menos colocá uma telha mais barata assim de amianto, que a outra refresca, né?

INF.- É, né?...aí vai arrumá acho que aqui aquele menino meu caçula...ele tá trabaiano assim pa fora.

INQ.- E a senhora vai pra onde?

INF.- Eu queria ir pr'aquela rancho, tampa ele e í pra lá que ao menos eu num móio...a teia é dessa teia (basilic) mas ela num móia, né? estralha é munto... ca chuva, né?

INQ.- Aqui cai muito relâmpago?

INF.- Hum::Nossa Senhora da Aparecida...ieu tenho um medo.

INQ.- A senhora tem medo?

INF.- Até me dá dor de barriga.

INQ.- Que que a senhora faz na hora, reza, acende vela?

INF.- Ih::eu rezo, acendo mias velinhas, Nossa Senhora da Aparecida fico andano c'ela no mei da casa pedino socorro, né?

INQ.- E aqueles ramos de Domingo de Ramos, a senhora queima?

INF.- Aí ieu tenho...ali na minha horta eu tenho um coquero bento...porque benzeu o coquero, sabe?

INQ.- Quem que benzeu?

INF.- **Foi os padre aí na rua**, já tem muitos ano, sabe? aí, benzeu o coquero...chegô aqui tirei u'as foinha... guardei pa quando (andá) chuva a gente botá queimá fumacinha é bão, né? JOS pegô, prantô a muda, falô: "oh...eu vô prantá essa uma aqui, pruke às veiz um dia num tem jeito de saí pra ir levá, nós vem na horta e rebenta e panha, né?"...tá lá, pegô, mas tá um brute de coquero.

INQ.- Aí a senhora sempre pega as (painha)?

INF.- É...pra suspendê as painha é bão, né?

INQ.- Mas a senhora acende só na...no dia de chuva ou a senhora usa as palha dele otro dia?

INF.- Não...é só na...quando tá armano chuva, né? aí cê põe um mucadim de brasa, e põe ele lá e bota as...as brasinha por riba pra fazê fumacinha,né? (inint) incenso iguali que queima na hora da missa, né?

INQ.- É cherosim?

INF.- É:: cheroso, é...ah::a gente tem que cuidá de tudo por que a gente tá cá no mei do mato porque Deus é que nos guarda a nóis, né?

INQ.- A senhora conhece alguém por aqui que já...já:: morreu de relâmpago? assim, sabe alguma história?

INF.- Sei.

INQ.- Acontece muito aqui?

INF.- Contece mia fia...e é por isso é qu'eu te falo que...Deus que me perdoe porque Deus num gosta que fale que tem medo não, mas eu tenho memo, né? morreu um filho do senhor JOA, ali na Tapera de relâmpago...morreu um otro foi no tempo...que morava pra lá pro lado do Trigo, um filho do senhô ZEE tamém, morreu de relâmpago,né?...ah, isso é muito triste, mia fia.

INQ.- E quando o raí cai na árvore, dona APA?

INF.- Na árvre?

INQ.- É, que seca a árvore toda, né?

INF.- Taía tudo, mia fia.

INQ.- Porque num pode quemá aquela lenha, né?

INF.- Não, num pode...ali memo caiu...ali pra frente caiu numa árvre lá...

INQ.- Aí num pode pegá lenha ?

INF.- Não, num pode botá aquilo no fogo não oh...eu quando deito, essas luz de casa... é medoim pa acabá, né?... aí eu levo a mia velinha benta, ponho assim na bera da cama (inint), se num cendeu, eu cendo mia velinha benta, né?...pa ficá protegeno a gente.

INQ.- E dona APA, e:: rezadô pras almas, já veio aqui?

INF.- Ih::ieu era encomendadera de alma.

INQ.- Ah::então a senhora num me fala.

INF.- Mia fia, mas eu saía com meu irmão, nós andava mun::to chão de noite.

INQ.- É, dona APA?

INF.- Rezava numa casa, rezava nota, rezava numa casa, rezava nota ... e na noite de quinta-fera santa pa...pa sexta-fera da paxão, nós manhici o dia... rezando pas arma.

INQ.- É? e...**e as pessoas abriam** a casa pa recebê?

INF.- **Abria, chamava**...a gente tinha que tocá::...aquelas matraca, berrá boi, pra podê...chamá as arma pa gente chegá, né? pá tomá o café.

INQ.- A senhora lembra ainda como que era alguma música? a senhora sabe cantá, pode cantá pra nós? (risos).

INF.- Oh...isso era muito gozado eu saí mais d'uns...ih, muito mais d'uns sete ano.

INQ.- Porque diz que num pode saí menos de sete não...

INF.- É...

INQ.- né dona APA?

INF.- num pode não.

INQ.- Saiu uma vez, tem que saí sete.

INF.- Tem que saí.

INQ.- E é promessa?

INF.- Não, num era não...nós era porque era devoto às arma, né?... poque às veiz cê tá assim a...apertado com qualquer coisa pra fazê::...ou às veiz tem u1a doença lá::(inint) tal lugar assim, assim que me ajudarei, né?

INQ.- Diz que as almas da rancharia **são**...muito milagrosa...

INF.- **Essas é milagrosa mia fia**... é.

INQ.- E:: por que dona oh...dona APA? o que que teve na rancharia que essas almas...**são tão milagrosas?**

INF.- Lá por (certo) que é o cemitério da pobreza, mia fia...né? **é por isso qu'esa é milagrosa**...lá tem muita gente rico...tamém ((o lado A da fita acabou)).

INF.- Tem o padrinho CAR, tem a madrinha TUI, tem a cumade DIN, até nem sei o cumpade ARI, tá lá tamém, Nossa Senhora...ai...ali tem muita gente pobre, muita gente que morreu...pode falá até a míngua, né? **passaro muita fome, né?** tem algu'a (inint).

INQ.- E alguma doença braba assim, matô muita gente ao mehmo tempo...teve isso?

INF.- Não.

INQ.- Alguma febre assim que...

INF.- Não, não...a minha mãe memo é enterrada lá...eu tenho um fiim meu tamém...lá...na rancharia...sempre dia das arma...eu falava "ah eu tenho que ir na rancharia, ah eu tenho que ir na rancharia", na cova da mia mãe, do meu mininim...mas aí um dia agora...foi ano trasado, ano passado, eu saí e fui (de preitada), fui levá a vela, botei lá cendi...a vela lá, luminei, eu falei que haveria de argum dia í...aluminá o cemintério da rancharia de uma vela...e fui memo...leveí cinco caxa de vela, tudo grande, botei tudo quemá, cada uma num...num canto pos meios, botei lá...fui pagá mia prumessa, né?...ah...**as arma da rancharia é muito milagrosa**.

INQ.- É? conta dona APA, como que era pro ceis **irem** então de casa em casa, o grupo era grande? quem que fazia parte?

INF.- Assim que ia pá reza.

INQ.- Tem muita gente viva ainda ou já... o pessoal já morreu?

INF.- Que ia rezá pás arma? não, **tem bem gente viva e muitas já morreu...**meu irmão memo é vivo que nós saía, né?

INQ.- Quem que saía, dona APA?

INF.- Meu irmão, cumpade PED, a MAR, o VIC, o MAR e a JAN, ieu, ZEB...o...**mias crianças era pequena mas eu levava**, tudo, pra encomendá arma, né?

INQ.- **Eles cantavam** tamém?

INF.- **Cantava...**eles **chegava** lá na casa eles **rezava**: ((canta)) “ cordai quem tá dormino esse sono adormecido...**vamo lembrá das arma que é da nossa obrigação**”...é mas oh...era a coisa mais linda do mundo...aí dava um tempo, né? e **ês rezava** porq...aí já começava pedi os padi-nosso, né? (que dava tempo de) rezá...aí meu irmão rezava...(era pidino)...

INQ.- Como que ele falava?

INF.- Ele falava : ((cantando)) “ rezá um padi-nosso (inint) ave Mari::a”...**os outro respondia**: ((cantando)) “ave Mari::a...ave Mari::a”...lá dento tava rezano, calado...era muito bonito mia fia...de tão bonito era triste...mas ele num gostava de andá sem eu...toda banda que ia ele tinha que chamá...**porqu’as otras num tinha voz pra ajudá ele**.

INQ.- Mas a senhora tá cantano tão bonito.

AUX.- Tão bonito, né? (risos)

INQ.- Canta mais um pouco...como que era...e depois, o que mais que cantava?

INF.- Cant...cantava muito, mia fia... muitas música.

INQ.- Que que a senhora lembra? conta pra gente porque...porque hoje em dia **eles num tão cantano** mais (isso fica perdido).

INF.- Num canta ma::is...como é que é...eu num tô muito a par mais não, a gente tem que tá (inint).

INQ.- Vai puxano, lá:: dentro da memória...como que era, dona APA?

INF.- (risos) ((cantando)) “Lá no céu tem um castelo, lá no céu tem um castelo pintadô:: de mara::via, pintadô:: de mara::via...quem pintô foi rei da glória, quem pintô foi rei da glória, filho da:: virgem:: Maria, filho da:: virgem:: Maria” (risos).

INQ.- Tá bonito...pode continuá...e aí eu acho bonito quando um grupo fala e outro responde.

INF.- É bonito sim.

INQ.- Aí como que respondia?

INF.- É aí oh...tinha munta...tinha munta oração que fazia, né?...comé que é, gente?... era assim: ((canta)) “São José subiu o céu, numa escada de prata...vai visi::tá sa madrinha Nossa Se::nhora da Lapa” ...eu encho os óio da’gua às porque a gente lembra d’um rimão, num tem ele mais, né? assim...nóis num reza mais, sem ele nós num reza mais...mas era muito bão quando nós saia rezano, né?

INQ.- E com quem que vocês aprendero? como que a senhora aprendeu?

INF.- Ah eu aprendi (inint) cheguei a entendê po...por gente...a mia mãe tamém gostava de saí, né?

INQ.- Ela tamém saía?

INF.- Saía...e o pai da senhora?

INQ.- Ah esse já era mais coisa e num gostava disso aí não.

INF.- Então a mãe da senhora que levava a senhora?

INQ.- Levava...aí depois ela morreu, né? mas nós continuava...ino...ia com meu irmão, ele levava os fio dele...ieu tamém ia c’a minha família...agora hoje agente num vai mais, mas nós sente farta, né? de quem reze.

INQ.- E aqui num tem ninguém mais quem saiba?

INF.- Não .

AUX.- Nem um filho da senhora, filha?

INF.- Num vai não.

INQ.- Cabô então.

INF.- Ieu e meu irmão, nós era muito animado.

INQ.- A senhora num tem vontade de saí mais um poco não?

INF.- Ieu tenho, mia fia...ieu tenho.

INQ.- Por que que a senhora nu...num chama um irmão da senhora pra saí?

INF.- Ieu acho que quando for outra **coresma** que eu tivé passano bem, ieu vô buscá meu irmão pra ele vim pra cá pa nós saí.

INQ.- Quando que sai, dona APA? é na quaresma intera?

INF.- É na coresma intera e quando que fô na...na sexta-fera santa a gente vai entregá...a reza das arma, né?

INQ.- Entregá onde?

INF.- Entregá na cruz...é na cruz

INQ.- Mas qual cruz que a senhora(inint)?

INF.- Nós entregava lá nas três portera, numa cruz que tinha lá.

INQ.- Como que era a entrega?

INF.- Ah...isso até o ma...maestro da entrega era orimão...essa agora já num alembro mais, mas eu sei...que ele chamava aquelas armas tudo, né?...ele chamava ((canta)) “vamo chegar até (inint) com Deus e Nossa Senhora...vamo entregá essa reza aos armá da Ibitipoca...vamo entregá essa reza as armá da Rancharia”... rezava e oferecia aonde tinha o cemitério né?...coitadinho...acho que é por isso que a gente é protegido, sabe?

INQ.- Oh dona APA, diz que quando tá:... no caminho, indo pra rezá pras alma, a pessoa num pode olhá pa trás, né?

INF.- Não, num pode não.

INQ.- Por quê?

INF.- Isso que parece que costuma me parecê... **diz que as arma acompanha a gente, né?.**

INQ.- **Que elas vão atrás...**

INF.- **Vai.**

INQ.- Aí se olhá vai enxerga alma?

INF.- Enxerga...(inint).

INQ.- (inint)

INF.- (inint) e nós quando nós chegava na casa, pa tomá um café, nós chamava ela pa chega, né?...nós lá ia chegá...naquela casa pa bebê o café, nós chamava...((desta vez falando)) “vamos chegar as devotas com Deus e Nossa senhora”, né? aí nós entrava pa dento, batia as matraca, tomava o café e num parava também não...ia embora...é...ah::hoje o povo de hoje num vai mais.

INQ.- Oh..oh dona APA, a senhora já desrespeitô algua vez, a senhora olhou pa vê se via algua coisa?

INF.- Não.

INQ.- Tinha respeito, né?

INF.- Tinha.

AUX.- E tinha mais alguma coisa assim que num podia fazê , dona APA?

INF.- Não, fiinha...que eu saba não, eu sei que...que se eu chegava numa casa cê num podia entrá pa dentro se num chamava as arma e tocava assim os instrumento, né?...aí depois, nós ia lá, bebia o café e parava poco.

INQ.- Aí chamava as alma de novo?

INF.- Chamava.

INQ.- Porque se num chamasse é capaz que ficava naquela casa, né?

INF.- (Ah ficava)...aí chamava elas, eh (tosse)...mas isso é verdade memo, quem tá encomendano arma num pode olha pa trás não...uma vez eu fui na Semana Santa aí na rua...dipois que nós já parô de rezá pras arma...menina do céu, mas eu fiquei com tanto medo, né? tinha um bicho dento do caminho (aquele montuco de bicho)... ((gritando)) ai meu Deus

do céu (num dá... vamo vortá pra trais) porque o bicho tá lá no camim... e era o Lobisome (nóis vamo) com Deus (inint)...aí tinha uma netinha minha comigo tamém...ela (até tá aí pa rua trabaiano na Teresa da Amargura)...o bicho tava lá e eu falava “é Lobisome, Lobisome, Lobisome, Lobisome”...mas num era nada, menina...era um porco do vizim que escapuliu e aquilo tava muntado lá dento do camim, né? e eu falei assim : “ ieu vô jogá ao menos um toco naquilo...(palmas e sonoplastia) joguei naquilo eh...e ele só tremeu a oreia dele e ficô queto, né?...falei (inint) é Lobisome memo, né? mas foi embora e no otro dia eu fiquei sabeno que era um porco...do vizim que tinha sortado...mas sei lá.

INQ.- É dona APA?

INF.- Eu acho que aquilo não era porco nada...eu acho que aquilo era memo Lobisome (inint).

INQ.- E na quaresma, nessas andança aí de noite, de rezá pás almas, a senhora já viu alguma coisa?

INF.- Não, nunca vi porque nós sai...

INQ.- Protegido.

INF.- Nós sai **aprotégido**, né?...ah:: pode tá traqüilo...quem tá rezano c’a boa fé...c’a boa mente...num contece nada c’aquela pessoa...pode ir, andá (viandá) , vorta pa trás, num vê nada.

INQ.- E ali na cruz das alma, diz que aquele lugar é assombrado, né? dona APA?

INF.- Ah, ali diz que é...mas graças a Deus eu já desci ali uma porção de veiz, até de noite nós num tinha condução pra cá ...aqui, nós ia as veiz na cidade fazê consurta pra nós, pras criança, mas ia de caminhão mia fia, pegava lá no GER...cê sabe aonde é GER? ia pegá um caminhão ali naquele Gerardo de Parma, nós ia a pé...saía de noite ainda daí...pra lá...ah já passei muito trabaio na mia vida.

INQ.- E nunca viu nada...mas o que que as pessoas **vêm** lá que contam? o que?

INF.- De quê?

INQ.- Que que...que qu’os as pesso...o pessoal conta lá da...da cruz das almas, que vê o que?

INF.- Ah ês **fala** que lá tem onça, que lá tem diabo a quatro, mas eu...eu nunca vi nada memo, então num sei contá.

INQ.- E a luz, dona APA? a luz que aparece aí no mato?

INF.- Ah aparece memo sim.

INQ.- É?

INF.- Aparece.

INQ.- E a senhora já viu?

INF.- Ah, eu já vi um dia.

INQ.- Conta como que foi...

INF.- Mas assim...ela apresenta que é uma lu/...**presenta** que é uma tocha de fogo assim porque nós já andô...**ceis conhece esses farole quando usava criosena?** tirava o bambu, aí botava criosena dentro do bambu, quando nós precisava de andá de noite, saí c’uma criança pá leva aí num...num farmacêutico que nós já levô muitas vezes aí na Ibitipoca, que é seu JAZ, aí do lado...(inint) aí aquilo apresenta que parece até uma tocha menina, aquilo sai andano assim oh avoano...

INQ.- Faz barulho?

INF.- Não...aquilo a gente vê assim, bate assim no chão e dá uma levantada pra riba, que eu já vi aquilo só uma veiz e num quero vê mais.

INQ.- Não dona APA? a senhora acha que aquilo é o que? aquilo seria o quê?

INF.- Aquilo deve sê uma assombração, né? uma...uma arma perdida...aquela arma que num ganhô a salvação...num fez boas obra nesse mundo...aquilo vira arma perdida, né? cruz credo...eu tenho um medo mia fia...Nossa Senhora vê coisa assim.

INQ.- Num qué vê de novo não?

INF.- Não, se Deus quisé.

AUX.- A senhora conhece mais alguém que viu, dona APA?

INF.- Ahan?

AUX.- Mais alguém aqui viu?

INF.- Já...é...todo mundo que anda de noite aí quase que vê esse negócio...cruz credo, eu tenho muito medo...Deus me livre, falô em sombração comigo, eu tô fora.(risos)

INQ.- Mas a senhora tá protegida.

INF.- Graças a Deus.

INQ.- Pessoa de muita fé, né?

INF.- Eu tem fé...eu tein mia fé, viva...eu tein mia santa, oh...aqui chegô um home, num era conhecido meu, num era nada meu...(inint) oh meu Deus do céu, esse home tá chamano a senhora, mas acho que arguém contô ele, o meu nome...aí acho qu'ele escreveu o meu nome, né? aí chegô aqui, "oh dona APA, oh dona APA..." oh meu Deus do céu, eu num conheço esse home, ele tá me chamano por nome, né? má abri a porta...abri a porta e chamei pá chegá... "ah dona APA, ele tá...vendeno u...um santo então às vezes a senhora qué comprá"...eu falei "mas cê tem a image?" "tein, tein de amostra"... eu falei: "mas cê dexa ela pra mim, eu compro ela"... "não, num posso dexá" "mas eu truxe p'ocê vê, aí eu levo... assinado, com trinta dia eu trago a image"...troxe memo, né?

INQ.- É, aí dexô...só na hora que paga?

INF.- É...não, é:: na hora que entrega a gente paga, mas o nome (inint) ali ele ficô e num devolve mai não...eu tein (inint) de cendê as lampinhas, né? chega de noite eu chego assim, (inda) ela fica toda luminada, né? a mia san...ah vem cá, **é só oceis num repará.**

INQ.- Vem cá, vamo vê.

INF.- **Ceis num repara** (inint).

INQ.- Nada.

((vão para outro cômodo da casa))

AUX.- A gente num vai repará de jeito nenhum.

INF.- Então

INQ.- Esse aqui é o quarto da senhora?

INF.- É...que eu tava contano proceis que móia...aí mia image oh qué vê...a lá, oh.

INQ.-Ah...muito bonita.

AUX.- Ah, é mesmo.

INF.- Ieu num sô protegida? eu deito ali, fico rezano, olhano ela aqui, né? aí quando eu vejo qu'eu tô quereno drumi eu apago ela...Nossa Senhora da Aparecida, Sagrado Coração de Jesuise, essa aqui co'eu já esqueci.

INQ.- Sagrado Coração de Maria.

INF.- É isso memo, mia filha...aqui qu'eu tô te contano que a mia cama móia tudo, oh...**às vez cêis imagina assim:** "isso é mentira dessa muié"...a lona aqui, oh, que eu forro aqui por riba, mia fia pá num moiá a cama, oh, ispia aqui comé que tá moiada, oh.

AUX.- Esses dia choveu, né?

INF.- Molha tudo, essa casa num vale nada...eu tô no tempo, mia fia.

INQ.- Tá doida pra saí daqui.

INF.- Ahn?

INQ.- A senhora tá doida pra saí daqui.

INF.- Eu quero ir lá pa'quele rancho ali, tampá ele, mas acha mia fia, tem que comprá, vô comprá lajota, né?

INQ.- Pra fechá ele, né?

INF.- Pra fechá:: mia fia...coitado de quem é nóis pobre...mas tá muito bão.

INQ.- Oh dona APA, a senhora cozinha mais no gás ou na lenha?

INF.- Olha é na lenha.

INQ.- É? aqui tem facilidade pa pegá lenha, né?

INF.- Tem, eh...eu pido ali o JOR co'a MON né? aí e...ês **ruma**.

INQ.- Eles dexam pega a lenha lá.

INF.- **Dexa, dexa, dexa...**é uma muié muito boa, de estima que a gente tem, né?

INQ.- Ela que falô pra gente vim aqui.

INF.- Foi ela? ah cadeli::nha... (minha morosa!)

INQ.- (risos) ela falô: “vai lá conversá co'a dona APA, que a dona APA é muito boa de conversa”.

INF.- Não, eu gosto muito dela.

INQ.- Vai contá muita coisa.

INF.- A FLO vez inquando vem aqui... c'o JOR...ah, ieu gosto muito da muié... Nossa Senhora...oh...aquela muié (igual otro) dia ieu tava falano pra ela, eu falei “oh MON, o que tu precisá de mim, tu num picisa tê vergonha...pode falá comigo, se num fô uma coisa que tivé ao meu arcance, eu pego uma das menina pa ir lá te acudi as vez que tivé precisano”, sabe? que ela já valeu muito pá mia fia VIC...VIC coitada, tinha uma vida muito triste aí nessa rua, né?...d'uma mudança dela, d'umas coisa que ela memo deu ela, de uma outra dona aí da Ibitipoca, que ela trabaiava, mia fia trabaiava pa EDN... aí... aí arrumô...o marido dela num era esse home não...era um tali...comé que chamava?

INQ.- VEN?

INF.- Isso memo, VEN... ele até andava co'uns (inint) cabelin assim marrado...aí eu...ele vei aqui, troxe a mudança da VIC, carro de **bôio**...e eu fiquei muito satisfeita...eu vi...ela que mando, então ieu falei pra ela: “o que eu pude fazê pra tu, ieu faço”.

INQ.- Oh dona APA, a senhora co...sabe simpatia, conhece alguma simpatia, pa acabá com barriga...simpatia pra... pra essas coisa assim, pa...arrumá casamento...a senhora sabe alguma simpatia?

INF.- Não, essa ieu num sei não...

INQ.- Num sabe nenhuma não?

INF.- Não.

INQ.- Nenhuma, dona APA?

INF.- Não, essa ieu num sei não.

INQ.- E alguma oração assim de alguma benzeção, a senhora sabe?

INF.- Óia, ieu vô...ieu num vô t'escondê...ieu benzo quebrante.

INQ.- O::lha, é mesmo?

INF.- Quebrante, eu benzo porque coitadim dos nenenzim, né? cê reza um Padi-Nosso, uma Ave Maria o preço prum santo que a gente tem perto, aliveia, quebranta uma criança.

INQ.- Como que reza pra quebrá?

INF.- Reza um Pade- Nosso, uma Ave Maria, fala o nome daquela criancinha, né? aí peço prum santo **qu'ês mióra**.

INQ.- Tem que passá algum raminho, algum galinho?

INF.- Tem que passa, galim de funfo, a gente vai benzeno c'um galin de funfo...cobreiro né?

INQ.- E depois faz o que cum galinho?

INF.- Juga no rio.

INQ.- Ah...e cobrero?

INF.- O cobrero tem que cortá, mia fia de.

INQ.- Que ramo é que a senhora usa?

INF.- O ramo é...talim de mamonero...a gente corta né?...ah, é isso.

INQ.- E o que que a senhora reza?

INF.- A gente quando tá cortano fala assim “que cose? Cobrero... no mei do corpo e do rabo” aí dipois cê reza ...

INQ.- No mei do corpo e de onde, dona APA?

INF.- No mei do corpo e do rabo...o cobrero, sabe? (risos) aí, oh, corta aquilo, né? (risos) e seca, menina, (inint)...

INQ.-E seca direitim...e faz o que? joga no fogo?

INF.- Não, **cê bota os gaím, o...o...os gaim de mamonero secá lá::** debaxo daquele lugar onde cai assim (recanto de) (inint)

INQ.- O dia que o galim acaba de secá o cobrero.

INF.- O cobrero tá acabano de secá.

INQ.- Mais o que que a senhora benze?

INF.- É só.

INQ.- Cobrero e o quebrante.

INF.- E o quebrante, é, é só...num tem mais nada não...eu tamém tô precisano fazê uma consulta, menina, acho qu'eu tô sofreno da vista...eu tô com uma dor assim...oh... isso dá diaria ni mimin... doeno assim...os olhos encheno assim de água, sabe? eu já era pa tê ido num médico, mais inda num fui...pa fazê uma consurta...eu tô achano que va...qu'eu tô sofreno da vista.

INQ.- É, a senhora tá piscano muito o olho, né?

INF.- Tô, eu to achano qu'eu to sofreno da vista...que diz que quando dói aqui, oh...pode procurá um médico...tá me dano muita dor de cabeça, sabe? eu fico até c'oa cabeça **dilurida**.

INQ.- Oh, oh, dona APA, tô escutano o barulho d'uma moto, na época do enduro, os motoqueros **passam** aqui?

INF.- **Ih::fiinha passa demais da conta...ih::Nossa Senhora.**

INQ.- Faz barulho?

INF.- Passa mais d'umas deiz motoca aí...m'aquilo zoa ((sonoplastia))...um dia a menina tava saino daqui, "ai meu Deus do céu coitadim da mia fia (inint) toma conta da mia fia e o Espírito Santo há de dá guarda, né?"...mas aí Deus me ajuda q'ela inda pare memo ai memo...aí ela encosta, **aqueles motoquero passa...tem dia que passa deiz motoquero...**d'uma vez...desse lado, agora num sei da onde...porque aquilo acho que vem de lá pra cá aí.

INQ.- É...e atrapalha aqui? ocês aqui?

INF.- Não, num trapaia não...eu gosto de zuada, né? ((risos)) ieu tenho vontade de andá daquilo, menina.

INQ.- É, dona APA?

INF.- Eu tein um fio que tem uma motoquinha dele ir po serviço, sabe? eu tô achano qu'eu inda vô pedi ele pa dexá eu...me carregá eu mucadin...eu tenho vontade...mas se caí é qu' é o pior.

INQ.- Não, tem que segurá na cintura dele...mas tem que pô calça comprida, a senhora usa calça comprida?

INF.- Uso, eu uso calça comprida...eh... e é bom uma ropa mais de cahça comprida até que é mió a ropa...home num gosta de muié às vez de cahça cumprida não.

INQ.- Por que dona APA?

INF.- Porque é dois home. ((risos))

INQ.- É?

INF.- Mas num é não, **aí cêis tá enganada...**é o mes da muié.

INQ.- O marido da senhora num gosta não?

INF.-Não, não...mas ieu gosto demais, né? eu prefiro mais uma cahça do que um vestido, né?

INQ.- Fica mais a vontade, né?

INF.- Fica mais a vontade, ocê qué subi assim num carro, **os outro num adianta ficá subino com receio**, cê tá tudo agasaiado...mas e...ele gosta de vestido, saia, essas coisa, né?

INQ.- Tem horta aqui, né, dona APA? tô veno ali, a senhora é que cuida?

INF.- É, mia fia...a menina mia plantô um canterin dali mas **as galin entrô tudo**, bambu aqui é muito difícil...já plantô mitinha ali.

INQ.- De bambu?

INF.- De bambu, mas ela ta muito nova pa cortá, sabe?

INQ.- Ainda num panhê nenhuma veiz.

INF.- A lá...a lá o pé de coquero que nós prantô bento...a lá oh.

INQ.- Ah, sei, ahan...aquele é que a senhora usa, né?

INF.- É, é aquele.

INQ.- Milho ali também é..é pro gasto aqui, é pra porco, galinha? a senhora cria porco?

INF.- Tem...tem uma leitoinha aí sim...mas tá magrinha...aqui nós compra, né?

INQ.- Sei... e galinha, tem bastante?

INF.- Não, **galinha tem poco**...ah...aqui num é bom pa criá galinha não!

INQ.- Não?

INF.- Não, num sei de onde é que sai tanto bicho pra comê essas galinha aqui...esses...**aqueles cachorro ainda valia pa tocá**, agora ele num tá tocano mais, ele ta muito véio, né? num toca mais não, ele tá preguiçoso.

INQ.- Será que é bicho mesmo, dona APA?

INF.- É bicho.

INQ.- Ou é bicho home?

INF.- Não, é bicho memo...a gente vê eles.

INQ.- É o que? onça?

INF.- Não, uns bichin preto...diz que aquilo é ilara, lontra...então vem mais aquilo pula no pescoço da galinha e de todo jeito ele já arrastano e dento do rio ele vai comê ele lá pa dento d'água de certo, lá p'um buraco, né? (inint) vô pará com isso, eu gosto já gostei muito carne de galinha, mas com esse negócio que a gente vê fala aí de gripe do frango, né? de...de granja.

INQ.- Essa razão, né?

INF.- Num quero, num quero mais come nem carne de frango...de veiz em quando, de veiz em quando a gente fica com medo, né? diz que a gripe dele fica debaxo da asa, né?(risos) cruz credo Ave Maria, né?

INQ.- Pegá na gente, né dona APA?

INF.- É:...Deus me livre, cruz credo.

INQ.- Corrê de doença, né?

INF.- É memo...já basta a que já...a gente já anda, né?

INQ.- Oh dona APA...e aquela figuera lá da vila, diz que aquela figuera lá já morreu muita gente lá enforcada, né?

INF.- Aonde, fiinha?

INQ.- Ali em frente a...a igreja, aquela árvore grande que tem lá.

INF.- Aqui? menina, eu num sei não, gente do céu.

INQ.- É...dia que era lugar de enforcá os escravos...que...que...que::saia das ordens do patrão...a senhora nunca ouviu contá essas histórias aí não?

INF.- Não, nunca vi contá não.

INQ.- E::e história assim de ouro, do ouro de antigamente, a senhora já ouviu contá? diz que ainda tem muito tesouro enterrado aí na...nas roça...a senhora acredita nisso?

INF.- Não...eu num acredito nisso não.

INQ.- A senhora já ouviu contá?

INF.- A gente...sempre a gente vê contá que nos lugá tem ouro, né? cruz credo, ave Maria (inint)

INQ.- (inint) diz qu'os donos do ouro **voltam**, né? diz qu'os donos do ouro voltam pa...pa mostrá onde tá, né? algo.

INF.- Diz que é, né?

INQ.- É assim mesmo?

INF.- Oh, uma irimã mia , ela até já morreu...ela contava, né? Ela morreu lá em São Paulo porque **ês mudô pa lá**...então ela veio aqui pagá umas promessa, coitadinha da minha irimã, morreu pa lá e nunca mais a gente viu ela...mas no tempo qu'ela morava co'a mia mãe sortera, era uma mulher muito apertada, lavava muita ropa pos outro e a da casa, porque a família lá era grande... aí tinha uma bica d'água e ela gritava: "ah mia Nossa Senhora que me vale, tô tão apertada...tenho que lavá ropa pos outro, tenho que lava pa nós, né?" aí diz ela que oiô assim pra lá, pedino Nossa Senhora pa'judá ,ela viu Nossa Senhora, mia fia, diz que pareceu pa ela, evinha do lado de um caminho assim, duma tale grota que tinha lá, sabe? com um cabelo grande assim, toda vestida de azul assim...azul claro...tava aquele véu assim na cabeça e a ropa tamém , a vestimenta de Nossa Senhora...diz ela qu'era a Nossa Senhora, aí correu pa gritá pa vê, mas o que tem de vê, oh, **é um só...dois num é**...todo mundo correu, chegô lá ninguém viu...foi só n'alegria, né? ela já tinha, oh, desaparecido...agora esse negócio de ouro, num lugar lá ((tosse))...tem uma laje de pedra por riba d'um...d'um córrego lá...lá que tinha ouro...o povo é que falava.

INQ.- Aonde?

INF.- Lá numa tale Grota, isso é pra lá...num é aqui nesses mei não...vô falá, agora agente nunca viu num pode afrimá não que é **vredade**, né?

INQ.- E o:: sobre o cavaleiro da meia noite? a senhora já escutô falá?

INF.- (risos) cavaleiro da meia noite.

INQ.- Lá de Ibitipoca.

INF.- Não, nunca uví contá isso não, fiinha.

INQ.- Nunca ouviu falá?

INF.- Não...(risos) cruz credo...eu já vi contá duns que/ assim... um povo do senhô ISE , morava pó lado do trigo, então ele vei , num sei se foi na semana santa trazeno as irmã dele, né?...e quando chegô no camin, ele estava de casaco (sonoplastia de cavalo) pa estrada afora **as menina bateu o co'ele** aí... **virô** pa trás "ai é mió nós vortá pra trais... tem uns home ali... um defunto aquela gente carregano) e aquele bruto caxão de defunto invém ali... (falava toca, toca, toca... se ele tá mexeno co'ele, ele num vai mexê com nós não" mas aquilo presentô dentro do camin, rumô uma coisa lá dentro do camin, que até virô assim os carregado...carregadô de caxão pa num dexá **ês passá**... eu num sei se ele meteu o coro naquilo, só sei que ele chegô drumente em casa...cruz credo.

INQ.- Meu Deus do céu, passô um aperto, hein?

INF.- Passô aperto, né? (inint) semana santa de noite...ah, eu num ando mais de noite não, tenho um medo doido...

INQ.- A senhora tem que criá corage pa senhora voltá a cantá pas almas, ué.

INF.- É, isso é bão, né?

INQ.- A senhora falô que usa matraca e mais o quê?

INF.- Berra-boio.

INQ.- Como que é esse berra-boio?

INF.- É um negócio que marra assim numa corda de rodá assim, oh, e vai rodano assim.

INQ.- E como que é o barulho?

INF.- Aquilo faz ((sonoplastia)).

INQ.- Olha só.

INF.- A matraca é mais bonita ((sonoplastia)).

Palavras 8729

Parece 04

Acho 21

ANEXO 02

INQ. – Terezinha Cristina Campos de Resende – **DATA:** 23/04/2004

INF. : Aurora de Sales

TRT. - Alice Queiroz Frascaroli – **DATA:** 13/06/2004

REV - Natália Sathler Sigiliano – **DATA:** 15/06/2004

INF. - Eu estou aqui no sítio do Tanque...são::dezessete horas, né? hoje é dia vinte três de abril, estou aqui com a dona AUR que:: concordô em:: as...em::concedê a entrevista pra nós pra falá um pouco sobre Ibitipoca, sobre os costumes daqui...hein dona AUR?...a senhora então nasceu aqui na fazenda do Tanque, né?

INF. - Nasci.

INQ. - A senhora eh...família é grande dona AUR?

INF. - Não eh...**era** cinco irmãos já morreu um...o (inint), o AMA, a MAR e a TER.

INQ. - E todos **moram** aqui eh...

INF. - Não.

INQ. - Não?

INF. - A TER mora em Lima Duarte.

INQ. - Ah::tá.

INF. - Eu e o AMA e a MAR que mora aqui.

INQ. - Ah entendi...a TER...dona TER mora lá, né?

INF. - É.

INQ. - Eh::ô dona AUR a senhora vê muitas mudanças hoje em dia com o turismo aqui, o crescimento do lugar?

INF. - Ah isso a gente vê, né? já modificô muito, né?...na...na...na...Ibitipoca aí tem muitas casa, né?

INQ. - Ahan...e a senhora vê.

INF. - (inint) a frente já da...assim muita coisa, né?

INQ. - Ahan...a senhora acha que foi bom...mudança pra...pro lado bom ou não?...trouxe vantagem no turismo ou não?

INF. - Óia...pra...pra muitas pessoas aí o turismo tá ajudando...quem...quem era pobre aí lá vai levantano a cabeça...num tinha nada pa todo mundo...ganhano dinheiro e mexeno com tu...com os turi...com o turismo, né?...então vai ajudano o pessoal aí (inint).

INQ. - Ahan...então troxe vantagem?

INF. - Troxe vantagem mai narguas coisa num traiz porque...vai fazê um...um serviço pra tu...pra turista...o turista num tem base de...de preço das coisas aqui, né? dá roça, não?

INQ. - Sei.

INF. - aí vai a gente (inint) pagá uma pessoa qué cobrá um absurdo por causa de...de...de turista pagá quea quantidade e aí.

INQ. - Os turistas **pagam** bem.

INF. - **Paga...paga** fora da base, né?

INQ. - É...**paga** mais, né?

INF. - Agora cê entendeu como que é.

INQ. - Entendi...aí eles acostuma recebê aquilo.

INF. - Aí a gente num aguenta, né?

INQ. - Ahan...e...

INF. - Aí então sê...nessa faxa que prejudica.

INQ. - Que aumentô o:: a mão de...o custo da mão de obra, num é?

INF. - O custo da mão de obra, né?

INQ.- Ficô mais...hoje pra capiná, pra roçá um pasto deve ser difícil de achá alguém, num é dona AUR?

INF.- É ué...ês só **qué** trabaiaí pr'esse pessoal de fora, né?...que a gente que tá aqui na roça entende assim...cê qué mais um...uma merendinha? (inint)

CIR1.- (inint)

INF.- Eu puis um pedacim do queijo aí pro cê por cima do calderão, viu?...vorta amanhã?

CIR1.- (inint).

INF.- É.

INQ.- Ele mora aonde?

INF.- Mora no arraial.

INQ.- Ah:: mora lá na rua...é aqui mesmo da...da...de Ibitipoca?

INF.- É.

CIR1.- (inint).

INQ.- Ah sei...ahan.

CIR1.- Numa casinha nova.

INQ.- Casinha nova?

INF.- Ô ZE, come mais um bolinho aqui.

INQ.- Aí mora na casinha nova agora?

CIR1.- Moro na casinha nova agora...(inint).

INF.- (inint).

INQ.- Ah no fundo da ODE.

CIR1.- Isso.

INQ.- Ah:: sei.

CIR1.- (inint).

INF.- Cê conhece (inint)?

INQ.- ODE conheço...hein dona AUR?...

INF.- (inint).

INQ.- Mais vem contá mais aqui...agora a gente...eh::vamo...vamo cabá...então até otra hora, tá?

CIR1.- (inint).

INQ.- Tchau...eh:: então a senhora acha que o...a mão de obra aumentô muito, né?...o leite tá muito barato, as coisas da roça assim pra quem vive mesmo da roça, só das coisas da roça, tá apertado, né?

INF.- Uai num...num...uai apertado uai...quem...quem já aposentô ainda...ainda...ainda é o que vale, né?...que se não num guenta mantê não uai.

INQ.- Ahan...eu estou aqui oh...a dona AUR tá fazeno uns barulhos aqui porque nós tamo em volta do fúgão de lenha...tá quentim...ela agora tá colocano água no feijão e tá torrano um café aqui, né?

INF.- (risos)

INQ.- Conta como que é isso aqui dona AUR é uma pa...panela de fe...de ferro, né?...como que é?...o...a senhora dexe o café secano...esse...esse café é colhido aqui? conta pra gente desd'o começo...a senhora que panhô?

INF.- É...culhido aqui...secado aqui...lavado aqui...e torrado aqui e moído aqui (risos).

INQ.- Tudo aqui, né? depois eu quero prová um golinho do café...eu vi a senhora colocano um poquim de açúcar, porque dona AUR?

INF.- Porque...(inint) ele num sapeca tanto no torrâ e fica mais gostoso...eu acho que sim...e ele torrado só puro ele fica assim (inint)...muito amargo...aí eu ponho...um poquim só pra...pra temperá...é.

INQ.- A senhora (inint)...já dexe bastante moído ou...ou mói sempre na hora de:: cuá?

INF.- Não...moi d'uma vez no muinho elétrico.

INQ.- Ah é no muinho elétrico?

INF.- É, num tinha o muinho agora nós já tem.

INQ.- Ahan...antes era no braço, né?

INF.- É...antes era no braço, no muinhozim tocado a mão (risos).

INQ.- Ô dona AUR mais a senhora ajudô...a senhora aju...(inint) tá participano desse café aí des da hora de colhê ou otra pessoa que colheu e preparô?

INF.- Não, isso é otra pessoa eu tô aqui só...

INQ.- A parte da senhora é só na torração?

INF.- Na torração, é.

INQ.- Ahan...e depois na hora de cuá também, né?

INF.- É...esse café num foi culhido aqui não, foi comprado.

INQ.- Foi comprado?

INF.- Que deu poco aí na hora...esse foi comprado.

INQ.- Ah sei.

INF.- Mas eu escolhi lá, né?

INQ.- Compra aqui dos vizinhos mesmo?

INF.- Não, comprô fora...comprô dum rapaiz lá pro lado de Juiz de Fora eu nem sei quem é o VAL que comprô.

INQ.- Ahan...cêis num **gostam** de tomá dos...daquele de saquim que já vem moído, não?

INF.- Não...ninguém aqui gosta daquele café...a TE...a TER (inint) aquilo mais pra ela...ela tem diabete, ela num ajeita com aquês pó comprado de jeito nenhum...qué dizê que o açuquinha que põe num tem perigo não, né?

INQ.- Ah:: num tem não.

INF.- (inint).

INQ.- Põe poquim, né?

INF.- É.

INQ.- E:: tem mais alguma coisa que cêis **preparam** aqui....farinha, mandio...eh...farinha de mandioca, polvilho, vocês **preparam** aqui na roça ainda?

INF.- Nós já feiz porvilho, já feiz farinha...o ano passado ainda feiz um poco.

INQ.- Feiz dona...

INF.- Fiz.

INQ.- Dona...dona AUR...

INF.- (inint)

INQ.- como que é o processo de fazê o polvilho (inint)...pode explicá pra...pra nós como que é?

INF.- Ih:: (inint) difícil.

INQ.- É muito difícil?

INF.- Uai ranca...lava as raiz...raspa, rala e depois marra o cuador (no cualho de vaca) cum pano e cê vai passano a (massa) ali e vai saino o porvilho e fica aquele bagaço no pano,

INQ.- Vai colocano água?

INF.- (inint)...vai vai colocano água...é com água.

INQ.- E coando no pano?

INF.- Aí...aí dexta sentá...aí tem que azedá, né?

INQ.- Quantos dias?

INF.- Ah::é quais uns vinte dias pa azedá...depois colocá no sol pra secá.

INQ.- Sei.

INF.- Agora quando é porvilho doce ele acentô a gente seca, né? pa fazê o biscoitim...brevidade, essas coisas que faiz.

INQ.- É o polvilho doce...mais é o mesmo...é a mesma mandioca...ou o polvilho doce é otro tipo de mandioca?

INF.- Não, é a mesma mandioca.

INQ.- É a mesma?

INF.- É a mesma.

INQ.- Mais aí qual a diferença no::.

INF.- Uai ocê num compra nos mercados os pacote de porvilho.

INQ.- Sei, mais aí...ele (inint)

INF.- Seca ele sem azedá.

INQ.- Ah::

INF.- Chama porvilho doce.

INQ.- Sem azedá?

INF.- Sem azedá.

INQ.- Entendi...e o otro azedo é de fazê o pão de quei::jo.

INF.- É...fazê o pão de queijo, o biscoito de porvilho, né?

INQ.- E o doce é de fazê a brevidade...né?

INF.- É a brevidade, as (rosquinha), né?

INQ.- Ahan...cêis **fazem** biscoito aqui ô dona AUR?...sempre tem biscoito de casa...ou compra de padaria?

INF.- Não...sempre faiz.

INQ.- Que que cêis **fazem**?

INF.- Faiz rosquinha, broa, pão de canela, pão de queijo, biscoito de porvilho...brevidade...eh esses biscoitim casero mesmo da roça.

INQ.- E é...é no forno ali...no forno de barro...que vocês **fazem**?

INF.- É...forno de tijolo.

INQ.- É forno de (varrer)?

INF.- Forno de (varrê)...e faiz aqui também no fugão.

INQ.- No forninho do fugão?

INF.- É...quando às vez num tem prazo de fazê lá, né?

INQ.- E cabe muitas latas lá ô...ô dona AUR...dentro do...forno?

INF.- Ah cabe, ele é grande.

INQ.- Quantas?

INF.- Deve de cabê uma...umas oito lata ou mais...assim depende dos...dos tabureros for do tipo daquelas ali.

INQ.- Sei...oito.

INF.- É...umas oito.

INQ.- E quando vai fazê quitanda é o dia intero por conta das quitandas?

INF.- É ué...pra fazê o armoço tem que fazê o armoço dipressa porque se não num dá prazo de...

INQ.- É?

INF.- de fazê porque tem poca gente pra ajudá a enrola, né?

INQ.- Ahan...e...e...e::porco mata aqui também dona AUR?

INF.- Mata...só demora a matá (inint)...atrapalhô o porco a engordá.

INQ.- Porque dona AUR?

INF.- Num sei...panhô uma (inint).

INQ.- É?...mais demora pra engordá ou.

INF.- É.

INQ.- Fica doente, não?

INF.- É acho que ficô doente, né?...teve...tem uns aí que num **quis** engordá, teve que matá magrelo assim mesmo.

INQ.- É?...e deu pra pruveitá?

INF.- E tudo tá entrevistado?

INQ.- Mais num tem problema não dona AUR.

INF.- Não ué...

INQ.- Isso aqui ninguém vai ouvi não...isso aqui num é pra ninguém ouvi não.

INF.- Deu pra aproveitá uns...porque **tava** assim negano comida (cê compreende)...num **engorda** ali (inint).

INQ.- Porque vocês **aproveitam** a banha, a gordura, num é?

INF.- É a gordura.

INQ.- Por isso que (inint) engordá bastante, né?

INF.- É uai.

INQ.- Ahan...certo...ô...ô dona AUR fala um pouco do tempo de antigamente pra gente...como que era essa...**era** tão mais difícil as coisas...as parteras **tinha** que í na...na...nas casas, num era?...como que.

INF.- Uai é a...

INQ.- Senhora nasceu de par...com partera?

INF.- Nasci de partera.

INQ.- Aqui na casa mesmo?

INF.- Aqui na casa mesmo...chamava...tinha apelido de (inint) DIO.

INQ.- E era aqui de perto?

INF.- É...morava ali pra baxo onde tá a aldeia por ali que era a casinha dela ali (inint).

INQ.- Feiz todos os partos aqui da mãe da senhora?

INF.- Todos...não acho que dá...o...a MAR (inint) e o AMA **nasceu** lá em cima...depois é que minha mãe teve essa casa mudô pra'qui...(inint).

INQ.- A partera...aí era outra partera ou...ou...ou era a mesma que ia lá?

INF.- Aí é que'u num sei...eu...o que eu sei que a minha...de quando eu nasci foi (essa) DIO.

INQ.- Sei.

INF.- Ela mascava fumo.

INQ.- É?

INF.- Tinha (inint).

INQ.- Nossa Senhora...e...e aí como que era dona AUR?...às vezes a...mandava chamá quando já tava mesmo na hora ou contecia dela ficá alguns dias na casa.

INF.- Ficava...ficava uns dias?

INQ.- É?

INF.- Acho que ficava aqui...era tudo diferente, né?

INQ.- É.

INF.- Hoje a...a...a...tá até morreno poca mulher no parto porque tem muito mais conforto, né?

INQ.- Morria muito?

INF.- Nossa Senhora, morria muito.

INQ.- É?

INF.- A mãe da minha mãe mesmo morreu de parto.

INQ.- Foi dona AUR?

INF.- Foi.

INQ.- Nossa...chegô.

INF.- Ganhô ela e morreu.

INQ.- E teve mais filho?

INF.- Mais um filho e...e.

INQ.- Teve só dois então.

INF.- Só dois.

INQ.- Morreu muito nova então, né?

INF.- Depois casô...meu avô casô com a outra irmã dela.

INQ.- Oh.

INF.- A outra teve uma purção de filhos, quando foi no último ela morreu de parto também.

INQ.- Também...dona AUR?

INF.- E foi uma coisa horrorosa.

INQ.- Como que murria, né?

INF.- É uai...num tinha conforto, né?

INQ.- Nossa...às vezes dava algum problema, num é?

INF.- É

INQ.- Num tinha recurso, né?

INF.- Num tinha.

INQ.- E como era o...o...tratado os umbigos assim do pessoal interrava, né? o::umbigo, tinha tradição que num podia jugá fora e num podia...como que era?

INF.- É que...que num pode bicho rápido carregá os umbigo, né?...muitos **guardava** na latinha...muitos **enterrava** no...nos pé de rosa mais diz que num pode.

INQ.- Não?...por quê?

INF.- Que a rosa tem espinho,né? (inint)

INQ.- Aí é...(pega o sofrimento).

INF.- É...sofrimento ué...é bom enterrá diz que é assim aonde tem um pé de flor...assim um cravo cheroso.

INQ.- Sem espinho?

INF.- Sem espinho, né?

INQ.- Ahan...a senhora sabe aonde foi enterrado o da senhora?

INF.- Ah num...num sei não...acho que nesses jardim aí que enterrô, num sei ondê que é mais não.

INQ.- Ahan...e dente quando arrancava (inint)...a primera denteição que trocava os dente...onde que jogava os dentinhos?

INF.- Num pedaço de angu e dava pro cachorro cumê (risos).

INQ.- É?...pra ficá com dente forte dona AUR?

INF.- É, acho que é.

INQ.- É?

INF.- (inint) entrevista tá bem (inint), num tá?

INQ.- Tá...não, eu quero sabê essas coisas assim mesmo.

INF.- As coisas da roça (absurda, né?).

INQ.- (Os costumes, né?)

INF.- É.

INQ.- Quê mais que a senhora sabe contá assim desses costumes assim que hoje em dia já num **faiz** mais...coisas da roça...na época do...de que chove assim o pessoal queima muito aquelas palhas da semana santa, num é dona AUR?...senhora.

INF.- Ah...ah é.

INQ.- senhora vai no domingo de ramos?...senhora pega o ramo?

INF.- Pego...quando chove, dá pempestade a gente põe um poquim da palha aberta no...no fogo, né? o...medo de tempestade...ainda mais aqui oh...antiontem deu uma chuva à noite.

INQ.- Cêis **quemaram**?

INF.- Nossa Senhora...eu fui deitá a nuve tava ali, quando ela vira pro lado do parque (inint) pra'quele lado num tem quais isolamento, né?...aí a...eu deitei e começô trujejá e eu cochilei...eu deixei a luz acesa pro VAL chegá...(cindi do poste) mais foi um estrago minha fia...ca casa...ca casa até tremeu...aquilo bum...foi o mesmo que rebentá uma bomba.

INQ.- Aqui tem muita tempestade, né?

INF.- Foi...aí **quemô** as lâmpada dos poste, quemô o chuvero lá (fora)...hoje é que tava concertano o chuvero.

INQ.- Nó::.

INF.- (inint) comprô as lâmpada pra arrumá (inint) lá do trabaio pra arrumá.

INQ.- Sempre dá essas tempestade ô dona AUR?

INF.- Uai...chuva muito forte tem que desligâ tudo, dexá as chave tudo, né?...desligada...num pode cendê lâmpada nenhuma.

INQ.- Ahan...e...e morre muita gente também de relâmpago, num morre dona AUR?

INF.- Morre.

INQ.- aqui na roça?

INF.- Veiz em quando morre, né?

INQ.- É?

INF.- O povo tem que tê cuidado, né?

INQ.- E quando cai um raio numa árvore assim que queima a árvore?...diz que num pode pegá a lenha não, né dona AUR?...num tem disso?

INF.- A minha mãe falava isso que num pode não, né?

INQ.- É?...porque será?

INF.- Num sei...com certeza tem algum (contado), né?...mais às veiz muitas pessoas às veiz **pega** porque num sabe, né?

INQ.- É...é.

INF.- Mais as crianças quando **nascia**, né?...a gente curava o...os imbigo das criancinha era com:: pó de fumo, né?

INQ.- É?...rapé?

INF.- É...rapé...às veiz no tempo da sua mãe às veiz ela ainda é...(fazia).

INQ.- Colocava folha de laranja, num é?

INF.- É...folha de laranja...e...e num usava essas carça plástica, né ô?...num num usava nada disso, né ô?

INQ.- Era cuero?

INF.- Era cuero e aquelas (tapinha) que punha, né? por dentro do cuero, né?

INQ.- É?

INF.- Que a criança fazia o cocozinho (inint) naquela (tapinha)...e usava.

INQ.- Como que era essa tapinha?...lavava depois?

INF.- É lavava...umas tirinha de pano assim, né?

INQ.- Sei.

INF.- Éas **enrolava** assim na criança e...e:: usava uma cinta, né?...enrolava o cuero e marrava aquela cinta...pertano a barriguinha.

INQ.- E ficava quanto tempo com a cinta ô...ô dona AUR?...ficava quanto tempo?

INF.- Ah isso eu num sei se é até caí o imbigo, né?...ou...não, acho que fica mais um poco pra firmá, né?...usava aquela cinta.

INQ.- E a.

INF.- aquela cinta de pano (inint).

INQ.- Mais mulher que ganhava o...o neném ficava só tomano canjica...aquela eh...aquela...aquela eh:: canja de galinha, caldo de galinha...como que era?

INF.- (inint)...sopa de farinha de...de (inint)...dessas de (inint)...e...e.

INQ.- E frango.

INF.- e de galinha...o frango (inint).

INQ.- Ahan...ficava (inint).

INF.- Ficava oito dia deitada na cama, né?

INQ.- É, não podia saí, fazê nada.

INF.- É, num podia saí.

INQ.- E respeitava o resguardo, né?

INF.- E respeitava os quarenta dia.

INQ.- Quarenta dias, né?...respeitava assim sem saí de casa? como que era a dieta?

INF.- É acho que tinha dieta...acho que até pra num cumê carne de...de boi, né?

INQ.- Ahan...só no caldo de galinha?

INF.- Só no caldo de galinha...não, mais assim...acho que até passá os sete dias, né?...qu'ês num **fala** que mal de mulher quando ganha criança vale sete dias...cê já viu falá?

INQ.- Já.

INF.- Pois é, acho que até os sete dias tem que tê muito (respeito)...hoje num tem nada disso mais...(inint).

INQ.- Ninguém respeita isso mais, né dona AUR?

INF.- É.

INQ.- Eh:::e chá dona AUR?...que...que chá que...vocês tem bastane chá aqui...cêis **usam** bastante remédio casero?

INF.- Ah a gente tem aqui funcho, hortelã...esse (inint).

INQ.- Que que a senhora disse dona AUR?

INF.- É pra repetí as (mesma)?

INQ.- É...é.

INF.- Uai é funcho é...é...hortelã, guaco...(é o) estrela de capim...esses chá casero.

INQ.- E arnica?

INF.- Arnica num tem não.

INQ.- Não?...cêis num...num...mais num **pega** no campo aí?

INF.- A arnica pega se fô lá na...nos...nos pasto lá perto do parque.

INQ.- Ahan...cêis tem em casa arnica?

INF.- Não, num tem não.

INQ.- Num tem não?...porque arnica é muito bom, né dona AUR?

INF.- Mas num pó tomá o chá não, pode?

INQ.- Não, não...é pra passá no roxo, uma dor assim, né?

INF.- Ah é...arnica é...ieu tenho até num vidrim ali que o (inint).

INQ.- Cê tem?

INF.- troxe de lá...eu coloquei no álcool até nem sei se secô.

INQ.- Sei...tem que esperá (inint) secá primero?

INF.- Não, eu falo assim que às veiz o álcool secô no vidro.

INQ.- Ah::entendi...que num tá usano, né?

INF.- É...eu tô até com meu pé doeno, eu nem lembro de passá...tô com uma dor no pé.

INQ.- É?...e simpatia, dona AUR, tem? a senhora conhece algumas simpatias assim pra curá alguma coisa?

INF.- Uai tem várias simpatias, mais eu num tenho assim nada guardado na minha mente não.

INQ.- Não?

INF.- Não.

INQ.- Pra emagrecê::...pra casá::pra::(risos) (inint).

INF.- (inint)...pra casá aí...eu vejo alguma coisa assim nesses livrim...que vem...ques horóscopo aqueas coisa tem umas simpatias, né?...mas eu nem guardo aquilo na cabeça, né?

INQ.- Num sabe nenhuma de cór não.

INF.- Não, num sei de cór não.

INQ.- E essas coisas assim que o pessoal na roça respeita muito é que...entrô numa porta tem que saí na mesma porta...senhora sabe disso, dessas.

INF.- É...isso eu já ovi falá de que a gente quando chega numa casa de fora...que a gente quando...aonde entrô tem que saí, né?...e que é ruim pegá objeto (que o) otro tá entregano a gente pela janela.

INQ.- Ah é?

INF.- É...o VAL onti tava saino pra í lá...(atendê) com o médico lá (inint)...aí ele pois a bolsa na janela ali oh...eu fui e falei pra ele “oh, ocê num pega a bolsa pa janela não...ocê dá a vorta e pega na porta porque diz que faiz mal”...aí ele vortô pra pega (risos).

INQ.- Ele acreditô?

INF.- Ele acreditô.

INQ.- Respeitô?

INF.- Respeitô uai...diz que é ruim, né?

INQ.- (Isso) mesmo...é.

INF.- Passa...

INQ.- Mais o quê?

INF.- Passá debaxo de escada também...ali no (inint) tem aquela escada...

INQ.- A senhora não passa?

INF.- Qu'eu vi passá na televisão falano...da escada...eu fui falei “ah ieu num passo debaxo da escada (inint), eu vorto pra trais”.

INQ.- É?...agora a senhora não passa mais?

INF.- Diz que faiz azar, né?

INQ.- Ahan...e:: e beija-flor quando aparece...na janela assim entrano dentro de casa?

INF.- Ah diz que o...que o pardo num é bom não, né? aquele do...pardim do rabo branco...e o verde é bom, boas notícias.

INQ.- É? e o pardo acontece o quê?

INF.- Uai ês **fala** que vem assim quarqué uma notícia que a...que desagrada a gente, né?

INQ.- Ahan...e a senhora já reparô se é verdade, se aconteceu.

INF.- É ieu reparei sabe por causa de que?...o dia que o GUT faleceu...cê cunheceu o GUT?

INQ.- Conheci...irmão do VAL.

INF.- De manhã eu levantei pra mim í no posto e eu num tinha tido a notícia de lá não...depois mais tarde o VAL chegô...ele tava ruim lá...aí eu comecei a tomá o café, cheguei na janela da sala o beija-flor pardo vei três vez em mim assim...três...eu ga...eu gravei aquilo...aquele dia mesmo ele morreu.

INQ.- Chegô a notícia?

INF.- Uai chegô uai...(inint) tá ruim, ué?...eu tava com a caneca de café de manhã ali na janela...aquilo ele veio, deu aquelas três...virada pro meu lado assim .

INQ.- E na hora a senhora pensô...

INF.- A minha mãe falava...

INQ.- alguma coisa?

INF.- Uai, eu lembrei nele uê.

INQ.- Nossa.

INF.- Lembrei nele (inint).

INQ.- Às veiz foi até a hora que ele morreu, num é não?

INF.- Não, ele morreu foi...foi às...às deiz e meia da noite...mais no mesmo dia...a minha mãe falava que beija-flor pardo que...que é notíça ruim.

INQ.- E:: e o João-de-barro ô dona AUR...já...a senhora:: sabe alguma coisa sobre o João-de-barro da...daquela casinha que ele faiz, diz que'le sabe pra...de que lado que vem a chuva...qu'ele constrói direitim...senhora sabe sobre isso?

INF.- É...di...**dizem** que...que...que'le faiz a...a frente da porta da casinha contra o lado que a chuva vem naquele ano, né?...e...e a porta fica ao contrário, a chuva num entra dentro da casinha dele, né?

INQ.- Ahan...certo...e diz que quando ele fica chateado com a...com a companheira dele, que ele prende ela lá dentro...senhora sabe?

INF.- Ah eu já vi falá isso também...e...e desmancharo ali no pinhero a casinha do João-de-barro ali ó...o João-de-barro ficô numa bravura lá na árvore que só veno.

INQ.- É?

INF.- Aí ele feiz otro.

INQ.- No mesmo lugar?

INF.- Acho que foi (moleque que chutô) (inint).

INQ.- É?

INF.- Tornô fazê otro...falei “que absurdo é tão bonitinho as casinha dele”.

INQ.- Ah::: que dó, né?...alguém que veio aqui que...que feiz isso dona AUR?

INF.- É...uns moleque aí que...que **chuxô** na...na caxa (pra essas estrada aí)...criança...deve sê menino, né?

INQ.- Diz que João-de-barro, ele aceita o convite, a senhora já ouviu falá...que se a gente eh::vê um João-de-barro construino a casa dele num lugar e falá “vai construí l’em casa” diz que ele vai.

INF.- Uai dessa eu num sabia não.

INQ.- Sabia não?

INF.- Não.

INQ.- É:: e diz que o...o João-de-barro também é um...é um::...um passarinho abençoado...que ele ajudô escondê Jesus...quando Maria tava passando fugindo com Jesus o bem-te-vi gritô “bem te vi” e o João-de-barro não, ele ajudô...o bem-te-vi é amaldiçoado e o João-de-barro ele é...ele é:: abençoado...a senhora num sabe sobre isso não?

INF.- Não, des...desse trechim eu num sei não...eu sei que o beija-flor é abençoado, né?

INQ.- É?...já **construio** aqui na casa da senhora?...o ninhozinho deles?...cê já soube...já **construiu** por aqui?

INF.- Já...nas horta aí eu já vi ninhozim deles.

INQ.- É... ês é tão fofinho, né dona AUR?

INF.- É muito bonitim, né?

INQ.- O ninho dele é tão...maciinho, né?

INF.- É.

INQ.- Ahan...dona AUR e doce?...senhora costuma fazê doce?

INF.- De vez em quando faiz.

INQ.- É?

INF.- É.

INQ.- De que (inint)?

INF.- Faiz um doce de leite, um doce de goiaba, de cidra...é de fruta de.

INQ.- Mamão?

INF.- Mamão, figo...tudo a gente faiz.

INQ.- Laranja?

INF.- De laranja.

INQ.- De laranja é em calda ou é seco?

INF.- É em calda e seco...faiz a gosto.

INQ.- Ahan...só pro consumo ô...ô dona AUR? ou faiz por encomenda?...faiz pra vendê também?

INF.- Não, faiz só pra...pra despesa.

INQ.- Ahan...queijo também vocês **fazem**?

INF.- Faiz assim um quejim só pra...pro gasto...num faiz queijo pra vendê não.

INF.- Ahan...qual doce que a senhora gosta mais?

INF.- Ah ieu pra mim des que fô doce tudo eu gosto (risos).

INQ.- É?

INF.- É.

INQ.- Gosta de fazê também?

INF.- Uai...gosto porque (tem hora) que a gente tem que fazê pra aproveitá o que tem, né ô?...é gostoso.

INQ.- Aqui na época da semana santa ainda te...ainda te::m doação de leite?...o pessoal busca leite ainda dona...dona AUR?

INF.- Não, a...agora buscô mais nosso não, que nós num tinha leite pra vendê...tava alugado pr'um rapaiz aí, buscaro aí.

INQ.- Ahan...todo mundo respeita ainda, num respeita dona AUR?

INF.- Não, qué dizê que buscô porque ele tava pagano o aluguel em leite...e...e aquele (inint) naquele dia o pessoal buscô, né?...sexta fera santa.

INQ.- Sei...ainda tem muita tradição de buscá leite aqui...todo mundo doua o leite na semana santa?

INF.- Essas pessoal aí (por roda) tudo **doua**, né?

INQ.- Ahan...vai muita gente buscá?...vem gente da vila, como que é?

INF.- É, vem gente da vila...os...os que num tem, né? (vem) buscá, né?

INQ.- Ahan... (sai) cedo?

INF.- Sai cedo.

INQ.- Fazeno fi...tem que fazê fila, chegá cedo no curral?

INF.- É...tem uns que vem até de madrugada, né?

INQ.- É dona AUR?

INF.- É.

INQ.- O pessoal faiz muito é arroz doce, né? na época da.

INF.- Porque quando...quando às vez os retiro é longe...às vez quando chega às vez (partiro), né?

INQ.- Fica sem, né?

INF.- Aí o pessoal (vem cedo) pra...pra ganhá um poco.

INQ.- Ahan...e na época da semana santa o doce mais feito é o arroz doce, num é dona AUR?

INF.- É.

INQ.- Ou doce de leite?

INF.- Os dois, né?

INQ.- É?...tanto um quanto o otro, né?...esse aí já tá frio dona AUR?...que que a senhora vai fazê agora?

INF.- Vô despejá ele...ele tá até (umideceno) aqui por fora da...da (inint).

INQ.- Sei.

INF.- Pra mim colocá o otro pra esfriá.

INQ.- Esse é o que ela já torrô, né?...tá torrquinho...o otro tá acabano de chegá, num tá dona AUR?

INF.- Eu num posso nem pará (inint).

INQ.- Pode não...senhora qué que eu mexo um poquinho pra senhora?

INF.- Pode.

INQ.- Vô mexeno aqui então...vô desligá um poquinho ((pausa na fita))...dona AUR, aqui a senho...cêis num tem torradera daquela redonda não?

INF.- Não, num tem não...tinha mais cabô.

INQ.- Ahn...senhora prefere na panela ou na outra?

INF.- Gos...gosto mais da panela.

INQ.- Porque o otro é difícil de dá o ponto?

INF.- É...parece que fica um café com gosto de fumaça...esquisito.

INQ.- Mais esse aí que era pra ficá porque esse aí é que fica aberto...o otro fica fechadinho.

INF.- Não, mais esse aqui vai torrano e a gente vai mexeno, né ô?

INQ.- O otro, dona AUR, diz que é pela cor da fumaça que sabe se tá certo, né?...se tá na hora de tirá o ponto.

INF.- É?

INQ.- da torradera...é...que eu já vi minha mãe fazeno...vai com:: um ramim de vassora fura assim e dependendo da fumaça que saí...tem um buraquim que tira as pelinhas do::...do:::café que **vai** entupindo, né?...o buraquinho...aí faiz um...um furadinho nele assim com o palitim e::...e aí dependendo da cor da fumaça...parece que tem que sê uma fumaça clara.

INF.- É.

INQ.- Uma fumaça que sai lá de dentro.

INF.- É, mais quando ele vai dano o ponto aqui ela sai clara mesmo, ele fica levinho.

INQ.- Num é?

INF.- É.

INQ.- Pelo jeito da senhora torrâ (aí) a senhora já sabe, né?

INF.- Já.

INQ.- Ahan...esse tá quase na hora?

INF.- Tá...ainda tá mei marrom ainda.

INQ.- Dura quanto tempo, dona AUR, descascá duas panelas de café mais ou menos?

INF.- Quase um mês, né?

INQ.- É?

INF.- Mais aqui eu tiro pra í pra TER.

INQ.- Ah sei.

INF.- Aí já...já.

INQ.- já manda moído pra ela?

INF.- Já manda moído...aí diminói um pouco, né?

INQ.- Ahan...ô dona AUR, a senhora acompanhô a semana santa esse ano?

INF.- Não, companhei não...por causa da minha irmã tava doente eu nem lá na por...ó tem um...mais de um mês que eu num vô lá na rua.

INQ.- É?

INF.- Eu faço parte (inint).

INQ.- Dos vicentinos?

INF.- Dos vicentino.

INQ.- Senhora é vicentina?

INF.- Eu sô...e tem um mês que eu num vô...até pedi uma colega minha lá pra ela í me representano.

INQ.- Sei...ela...ela é pa...ela faiz parte também?

INF.- Ela faiz.

INQ.- Ahan...a senhora representa algum cargo lá?

INF.- Uai...ieu tra...eu sô secretária.

INQ.- É?

INF.- É.

INQ.- O que que a senhora faiz, qual é a função lá da senhora?

INF.- Uai, secretária lá da...da reunião do.

INQ.- A senhora que faiz a ata...o que...o que que foi falado?

INF.- É...ieu que...que lei a...a...a ata, mais sempre ela que escreve a ata que eu sô ((acaba a fita))...sempre ela que...que escreve a ata que eu sô mais ocupada, ela escreve lá e eu...e aí a gente.

INQ.- Na hora de começá a reunião a senhora lê?

INF.- Ieu lei... agora em junho vai trocá porque **tá** venceno os três anos.

INQ.- Ah é de três em três anos?

INF.- É...de três em três anos tem que mudá (o presidente).

INQ.- Quem que é o presidente desse ano...desse?

INF.- É a MAR.

INQ.- Sei...tem muitas mulheres, ô dona AUR?

INF.- Só nove.

INQ.- E homem...a de vocês é só de mulher?

INF.- Não...nossa é só de mulher...de homem tem um purção.

INQ.- Mais aí é outra reunião?

INF.- Outras reuniões...aí.

INQ.- E outra diretoria?

INF.- Outra diretoria.

INQ.- Porque que é separado homem de mulher?...parece que lá em Lima Duarte é tudo junto.

INF.- Aí tem uma de Santa Edivirge que eu faço parte.

INQ.- Ah::então (inint)...o JOA (inint)...

INF.- E tem a de Nossa Senhora da Aparecida, outras...outras mulher lá que **faiz**...

INQ.- Ah a senhora é da Santa Ediviges?

INF.- É...e tem a de São José, de Santo Antônio, de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora da Conceição.

INQ.- Tem isso tudo?

INF.- Tem uai...os grupo aí tem muito ar...vicentino aí uai.

INQ.- É?

INF.- É.

INQ.- E todos eles tem bastante gente?

INF.- É, tem.

INQ.- E vocês na...a reunião de vocês é toda semana dona...dona AUR?

INF.- A minha é só nos domingos.

INQ.- Na igreja?

INF.- Na igreja.

INQ.- Na matriz?

INF.- Na igreja do Rosário.

INQ.- Ahan...qual horário?

INF.- Às duas e meia.

INQ.- Que caridade que vocês **fazem** assim...que serviço que vocês **prestam** na comunidade?

INF.- Uai...de...de...assim nós...de...o...o...a...tem as pessoas já que **recebe** o vale...aquela quantia de.

INQ.- Família já certa?

INF.- Já certa.

INQ.- Todo mês?

INF.- Todo mês...uma pessoa (inint)...e...e quando tem um doente tira o dinheiro na caixa e todo mundo ajuda pagá.

INQ.- Tem muita família carente em...no arraial dona AUR?

INF.- Não...até num tem muitos não.

INQ.- E...e fora do arraial (inint)?

INF.- Fora tem.

INQ.- Tem?...tem mais?...mais necessidade?

INF.- Tem.

INQ.- E vocês **ajudam** mais fora ou dentro da vila?

INF.- Ajuda dentro da...da vila mais assim...que se tivé um doente que precisa de...de socorrê um remédio...tira o dinheiro assim pra fazê uma casa...assim uma ajudazinha que todo mundo tira e dá um pouco.

INQ.- E esse dinheiro vem da onde ô...ô dona AUR?...vocês **pedem** durante a semana?

INF.- Uai...o dinheiro fica aí em...em depósito, né?

INQ.- Sei...mais o::

INF.- Mais assim, é poca quantidade.

INQ.- Como que consegue o dinheiro...esse dinheiro consegue (inint)?

INF.- Uai, o dinheiro é assim, cê dá com a coleta lá na hora da reunião...uma faiz a coleta ali, conta aquele dinheiro, escreve lá no...no livro.

INQ.- É só quem vai na reunião.

INF.- (inint).

INQ.- que ajuda?

INF.- Só.

INQ.- Que leva o dinheiro?

INF.- Só...e agora aqui.

INQ.- E na rua.

INF.- Não.

INQ.- num pede não, durante a semana?

INF.- Não, num pede não.

INQ.- Não?

INF.- Ahn ahn.

INQ.- Ah:: então é só com o dinheiro da...da...das participantes, né?

INF.- Das participantes...pede assim se...se tivé em falta (inint) alguma coisa que...precisa dá um socorro, aí pede um poco.

INQ.- Ahan...e ganha (inint) tem boa vontade de ajudá?

INF.- Algumas...algumas pessoas **dá**, otros num **dá** não.

INQ.- Ahan...às vezes os que têm menos **são** os que **ajudam** mais, num é dona AUR?

INF.- É...os que tem.

INQ.- Às vezes os mais necessitados às vezes ês **tão** mais pronto pra ajudá num é?

INF.- É.

INQ.- Ahan...e essa Santa Ediviges, ela (inint)...ela é milagrosa assim que que'la...qual que é a história dela?... (inint)?

INF.- Uai a santa assim se a pessoa tá indvidado, né ô?...faiz um pedido ela...ela protege porque ela é protetora de (negócio) de dinheiro, né?...e qu'ela santificô porque'la fazia muita caridade acho que no...nos...no...no...nos...como que fala?...no...no...nos (arvido)...ela ajudava muito então por isso...acho que aí ela santificô, né?

INQ.- Agora a senhora tá despejando, aí tem que:: esparramá e dexá secá, num é?

INF.- É, dexá esfriá, né?

INQ.- Dexá esfriá...mói hoje mesmo dona AUR?

INF.- É, vô vê se eu môo um poco porque às veiz o que tá ali num dá pra manhã.

INQ.- Ahn...dona AUR, a senhora já foi em algum terço no pião?...lá no...no...no cruzero (inint)?

INF.- No cruzero já.

INQ.- Já?

INF.- Já fui terço, já fui na...em missa lá.

INQ.- Todo ano tinha, num tinha dona AUR?

INF.- Tinha.

INQ.- Que época que era?

INF.- Sempre é dia de Santa Cruz, né?

INQ.- É em maio, né?

INF.- É...três de maio.

INQ.- Três de maio?

INF.- Três de maio.

INQ.- E...e ainda tem, dona AUR, esse terço lá?

INF.- Acho que ainda tem...muitos inda **vai** lá rezá o terço dia três de maio.

INQ.- Ahan...senhora (inint).

INQ.- Mais eu tem muito tempo que'u num vô.

INQ.- Ih::.

INF.- Ê::...tem muito tempo que'u não vô no parque.

INQ.- É...e quando a senhora era mais nova a senhora ia sempre?

INF.- Sempre eu ia, mais tem uns lugar lá que eu nem...num conheço...mai num ia muito também não...ia mais assim no tempo do padre CAR...celebrava a missa lá e a gente ia.

INQ.- Ahan...fazia festa lá?

INF.- Fazia, mais a festa lá eu num cheguei arcançá não...foi no tempo da minha mãe...prova de que essas laranja que tem aí foi semente que a minha mãe comprô lá...que o pessoal de fora trazia aquês (burro) de...de mode...de vendê mode cumê lá, né?

INQ.- Lá dentro do parque?

INF.- Dentro do parque.

INQ.- Nessas festas?

INF.- Lá...lá no pião...e tinha acho que duas casa de morada lá.

INQ.- E a capela?

INF.- E a capela...aí vinha aquês...as...pessoal de fora assim que tinha fazenda, né ô?...o pessoal ficava nas casa lá...e aí a minha mãe comprô as...as laranja, tangerina, serra d'água e campista...aqui inda tem até hoje.

INQ.- Ainda dá?

INF.- Des...do...do...do tempo que tinha capela lá...inda dá...ela comprô e sameô as...as semente que'la comprô e...e as laranja ainda não **cabô** é tudo boa de qualidade.

INQ.- Ahan...e...e baile dona AUR?...a senhora chegô a frequentá assim muito baile, muita festa aqui?...como que era antigamente?

INF.- (inint)...(quando) tinha uma festinha...as festinha aí **era** simples, né?...num **era**...

INQ.- Lá na igreja?

INF.- É...lá da igreja...(inint) Santo Antônio, São Bento...assim a gente era mocinha nova...aí tinha assim...aquela ilusão, né?

INQ.- É.

INF.- De í nas...naquelas festinha...e baile.

INQ.- O pessoal aqui tem muita devoção a São Bento, né dona AUR?

INF.- É, e...e baile assim...tinha esses baile na...nas fazenda aí na roça...isso eu fui em baile (bão).

INQ.- É?

INF.- É.

INQ.- Co tocadô mesmo ali do...?

INF.- Tocadô de acordiom.

INQ.- Cordiom?

INF.- Cordiom, violão.

INQ.- Ahan...era baile mais de multirão dona...dona AUR?

INF.- É...tinha arguns que **era** de mutirão, otros **era** mesmo baile assim de (inint)...de família.

INQ.- Casamento?

INF.- Casa...é de casamento, de.

INQ.- De aniversário, né?

INF.- É.

INQ.- Ahan...hoje em dia num tem mais mutirão, né dona AUR?...ou ainda tem?

INF.- Ah::num tá (veno) isso mais não, né?...tinha uns mutirão aí que **cantava** jongo, né?

INQ.- Ah é...a senhora sabe algum (inint).

INF.- Ah num sei verso de jongo não.

INQ.- Quem sabe cantá jongo por aqui?...que eu sô doida pra pegá...gravá algum cantadô de jongo...ainda tem?

INF.- Uai tinha é o compadre JOA mais ele morreu, né?

INQ.- Ahan...e num...na família dele num ficô ninguém.

INF.- Não.

INQ.- Cê sabe?

INF.- AN...o ANT acho que nem canta nada não.

INQ.- Filho dele chama ANT?

INF.- Chama ANT...num canta não.

INQ.- Não?...num tem mais ninguém que canta jongo por aqui dona...

INF.- Ah.

INQ.- dona AUR?

INF.- tinha os...os rocero antigo **cantava**, né? ô... hoje num tá usano isso mais não.

INQ.- Cantava em que época?...quando que eles **cantavam**?

INF.- Hein?

INQ.- Quando que...que era cantado o jongo?

INF.- Uai, o dia que fazia o baile de mutirão **cantava** os jongo nas roça, nas...nos baile, né ô?

INQ.- Mais na hora de colhê o...a...o milho...

INF.- Não...o mutirão assim...era mutirão de capina.

INQ.- Ah de capina.

INF.- Aí fazia aquele bloco de homem e ia capiná aquele roça.

INQ.- E ia cantano junto...ao mesmo tempo?

INF.- É acho que ês **cantava** lá...ieu até nunca vi cantano...o jongo, só vi comentá.

INQ.- Ahan...e reza pras almas?...vem rezadô pras almas aqui ainda dona AUR?

INF.- Não, num vem mais não, já...de primero vinha muito agora num vem mais não.

INQ.- Não tem mais gente que reza pras almas aqui?

INF.- Saia rezano assim fora de hora, chegava nas casa e cantava aquelas cantiga de...pras almas, né?...aí muitos **abria** a porta na hora que **chamava** pra tomá café...otros às vez **espiava** (pra assim)...pra gretinha e num...**ficava** quetim (inint).

INQ.- Senhora entendia que que eles **cantavam**?

INF.- Uai a gente entendia, mais eu num tenho nada guardado na minha mente não.

INQ.- Sobre o que que eles **falavam** não?

INF.- Não.

INQ.- Mais dava pra entendê?

INF.- Uai dava uai.

INQ.- o canto de...do.

INF.- Dava.

INQ.- a letra?

INF.- A letra.

INQ.- E...

INF.- E o negócio da serenata também, né?

INQ.- Ah tinha?

INF.- (inint) da serenata?

INQ.- O pessoal vinha?...mais só quando tinha...paquerava uma moça.

INF.- É.

INQ.- na fazenda aí.

INF.- É...fazê as serenatas na...

INQ.- Aqui já teve serenata pras moça?

INF.- Não (aqui não)...aqui na minha casa não.

INQ.- Não?

INF.- Não.

INQ.- Senhora nunca ganhô uma serenata (inint).

INF.- Não...ganhei não.

INQ.- (risos)...mais sabe de alguma colega, alguma parente que já...ganhô?

INF.- Ah ieu num cu...eu cu...que eu sei que ganhô a PAR do CUN...a PAR (que tava).

INQ.- Ganhô foi do...do...depois que ca...que casô com ela?

INF.- Não, antes...ele tava namorano...o CUN namorano ela, feiz a serenata...cantô lá de fora da casa da...eu (num) sei se a casa paroquial ou a casa lá na rua que ela dormiu...aí ela diz que...que ês feiz a serenata lá de fora pra ela...ela que me contô.

INQ.- E ela gostô?

INF.- Uai, ela gostô porque depois ela casô com ele, né?

INQ.- Gostô demais então, né?

INF.- Gostô.

INQ.- Ahan...e...e...e folia de reis, tem por aqui?

INF.- Ah num tem não...folia de reis eu já vi passá na televisão, né?...*(nesses cantão)*.

INQ.- Aqui não tem?

INF.- Não aqui num tem não.

INQ.- E história ô...ô dona AUR?

INF.- Tá um calor...*(inint)*.

INQ.- É, e num pode saí no vento não, né?

INF.- É.

INQ.- E história dona AUR de...do tempo de antigamente assim...história de...de escravos, dona AUR, do tempo da escravidão...a senhora sabe alguma história?...por aqui teve...já teve escravo?

INF.- Não...aqui nunca teve não, né?...ieu num.

INQ.- Mais e aqueles muros que **são** construídos, até ali no fundo tem, parece que **é** construção de escravo, num foi?

INF.- Não, aques muro...(lá embaxo)...que **foi** meu pai que feiz.

INQ.- É?

INF.- É.

INQ.- Mais por aqui na região aqui de Ibitipoca tem muito muro que **é** de escravo, num tem?

INF.- É, é de escravo...isso tem.

INQ.- Parece que passa um muro perto da mata ali em cima, num é?...aquele muro **é** de escravo, não?

INF.- Ali em cima?

INQ.- É.

INF.- É...ali tem um muro qu'ês **feiz**...que eles **fi...feiz** assim de piso de pedra...em vez de **fazê** cerca de arame...aí ês **fizero** divisa...assim (*inint*) as coisa tudo difícil, né ô?

INQ.- E quem que feiz?...isso aí foi trabalho...

INF.- (*inint*).

INQ.- escravo?

INF.- e **deve** sê os escravo, né?...coisa antiga.

INQ.- A senhora sabe alguma história de...de antigamente?

INF.- Ah num sei não...e coisa assim de escravo eu num sei muita coisa não...sei que assim que a escravidão...a minha mãe contava que...que no tempo dos escravo diz que...que as escrava **pegava**...uma ia abrino a lã...e as otra **cardano**...à noite depois que...que jantava, que rumava tudo...que'las **tinha** que cardá uma quarta de...de lã...deve sê assim um caxotinho e enxeno ele de lã cardada...sem...sabe como que **é** esse negócio de lã, num sabe?

INQ.- Como que **é** que faiz?

INF.- Que...que'las.

INQ.- Mais depois que::.

INF.- Que'las **cardava** e...e uma tinha que enchê um fuso de lã.

INQ.- Pra fazê a linha?

INF.- Pra fazê a linha...e uma ia cardano, a otra ia (fiano), a otra abrino a lã...que ali enquanto elas num **fizesse** aquilo elas num **podia**...

INQ.- Como que é cardá?

INF.- que'las num **podia** deitá.

INQ.- Como que é?...explica dona AUR...como que faiz?

INF.- Você já num viu não?...(**cardo**)?...(**inint**)?

INQ.- É aquela que passa uma na otra assim?

INF.- É...é aquilo...(é ne)...e que...que eu sei dos escravo que a minha mãe contava era isso...mais ela num arcanço a escravidão não.

INQ.- Só escutô história.

INF.- É.

INQ.- que a mãe dela contava, né?

INF.- É...a mãe dela não, a avó, né?...que a mãe dela morreu, dexô ela novinha.

INQ.- Ah é...que ela morreu no parto, né?

INF.- A avó que criou ela.

INQ.- A avó que contava, né?

INF.- É.

INQ.- Ficô bom o café dona AUR?

INF.- Eu acho que vai ficá.

INQ.- Senhora acha que ficô num ponto bom?

INF.- Ficô.

INQ.- Ah, então tá jóia..eu espero qu'eu num tenha atrapalhado a senhora aí...

INF.- Não (inint)

INQ.- na torração da senhora...o chero tá muito gostoso.

INF.- Não num atrapalhô não...eu (até vô passa) um (poquinho) (**inint**).

INQ.- Ô dona AUR uma curiosidade que eu tenho aqui.

INF.- (Já tem moído ali).

INQ.- é sobre aquela luz que aparece...a bola de fogo...a senhora já viu?

INF.- Uma que gira assim?

INQ.- É.

INF.- É, eu já vi aquilo, mais assim pe...perto de mim ela nunca chegô não.

INQ.- De longe só, né?

INF.- De longe.

INQ.- E o que que é?...o que que o pessoal fala que é aquilo dona AUR?

INF.- Ah ieu num...num se...num...uns **diz** que...que num pode abusá...que um rapaiz abusô que aque...que'le saiu à noite e falô assim "hoje eu quero...cá'quela...cá'quela luiz chega perto de mim que'u num tenho medo"...que aí ela montô na garupa do cavalo assim (o que'le) sentiu um quemor que quemô até as costa...é aqui pr'esses (campo) pra cá...que o rapaiz abusô.

INQ.- E aconteceu alguma coisa (**inint**)?

INF.- Não uai...uai ele sentiu aquele calor e aquele...

INQ.- Só quemô, né?

INF.- e aquele peso...aí depois.

INQ.- E teve alguma maldição pra ele?

INF.- Aí saiu fora,né?

INQ.- É?

INF.- Aí com certeza só mostrô que num invorvesse com aquilo, né ô?...aí que'u sei é só isso.

INQ.- E alguma história lá da cruz das almas, a senhora sabe?...sobre assombração assim.

INF.- O pessoal fala.

INQ.- fica com medo de passá lá de noite.

INF.- o pessoal fala que lá é assombrado, mais eu num sei informá assim o que que já viro não, sabe?

INQ.- E o cavaleiro da meia noite será que...senho já escutô falá dele?

INF.- Já...já ovi falá...o EDI do CHI...(tem) lá em Ibitipoca uma família que morava aí, já mudô, já...muito tempo que EDI...acho que eu ainda nem sei se'le ainda é vivo...ele diz que abriu a janela à noite...ali perto do JOA...naquela casa ali do pessoal do JOA...ele abriu a janela, (ele virô)...ele diz que escutô aquele (trupélio) assim...aquela ferradura bateno no...nas pedras...na rua, né?...que ali tinha muita pedra...e tinha areia também...hoje já tem carçamento, né?...já tá diferente...aí ele diz que oviu...aquele barulho e abriu a janela...quando ele abriu a janela, mais que era um cavaleiro numa artura, uma coisa doida...aí ele ficô olhando aquilo...quanto mais ele olhava mais o...mais aquele cavalo crescia e o cavaleiro...passano...(inint)...então chama cavaleiro da meia noite...sombração, né?

INQ.- Pois é.

INF.- Esse...esse eu lembro de vê um rapaiz contá.

INQ.- É?

INF.- Aí ele fechô a janela e ficô quietim...teve medo de vê aquilo, né ô?

INQ.- Ahan...sei...e o:...espera aí, acho...que tem gente chegano aqui...vamo vê quem é que é ((pausa na fita))...vamo continuá...tem outra coisa também que o pessoal conta lá da vila.

INF.- Ahn:...dixa eu pegá meu poquim de açuca aqui.

INQ.- É lá da venda do seu ANT, né?...diz que ele tinha um negócio lá que assustava todo mundo, né?...a senhora sabe?

INF.- Ah num sei disso não, né?

INQ.- Não?...hein?...a senhora não sabe?...seu ANT?

CIR2.- (inint)

INF.- O que que é que ele tinha (inint)?

CIR2.- (inint)

INQ.- Que'le tinha um diabim lá na garrafa.

INF.- Eu vi comentá isso lá...a gente num sabe se é verdade, né?

INQ.- Que que a senhora escutô...escutava falá?

INF.- Uai o pessoal que falava isso...que'le...que'las.

CIR2.- Ele mesmo falava.

INF.- Ele mesmo falava, né?

INQ.- Ahan...ele tinha parte com o negócio?

INF.- Ah num sei não...(inint) (e a gente fica falano), né?

INQ.- Não ué...mais (inint).

INF.- Uai (inint).

INQ.- (inint).

INF.- (inint)...ele que falava pros otro...às vez ele falava assim pra assombrá as pessoa, né ô?

INQ.- Ahan...pra pagá direitim, né?

INF.- É...às vez assim...às vez a pessoa comprava dele lá...às vez (inint) um poquim pagá, né ô?

INQ.- Aí o que que ele fazia?

INF.- Oia, às vez ele falava assim pra espantá, né? as pessoa, né ô?

INQ.- Ahan...e:...e dava certo? será que funcionava, todo mundo pagava direitim?

INF.- Uai...quem deve ele cum certeza pagava, né? ((pausa na fita))

INQ.- Hein ô dona AUR?

INF.- Ele...ele assim caçoava, brincava, ele era assim uma pessoa alegre.

INQ.- Então ele num fazia isso por maldade não, às veiz era mais por brincadera , num é?

INF.- (inint) brincadera, né?

INQ.- Ahan...ele ainda tem parente aí dona AUR?...em Ibitipoca ou vendero lá e foi todo mundo embora?

INF.- Não uai...tem uai, tem o TUN, tem a.

INQ.- Ah o TUN é o pai dele, né?

INF.- O TUN é filho dele.

INQ.- É filho dele.

INF.- Tem o TUN, tem a ...a...tem a MIU.

INQ.- Ah é mesmo.

INF.- Mora ali no sítio.

INQ.- É, sô...esposa do sô JOS, né?

INF.- É, tem a...o (ZIM) lá nopinhal...tem a...a JUL que...a JUL morava aqui no (inint), mudô pra Juiz de Fora...tem a VER que mora em Juiz de Fora, tem a IVO.

INQ.- A IVO mora em Juiz de Fora também?

INF.- A IVO mora.

INQ.- Ahan...ô...ô dona AUR, e a...e a história do...da cruz da moça, a senhora já oviu falá?...duma cruz que tem por aqui que chama cruz da moça, né?

INF.- Ah eu já vi falá que...que lá tem uma capela, né?...e que...que muita gente faiz promessa, vai lá.

INQ.- Mais porque que chama cruiz da moça?...o que que aconteceu?...a senhora sabe a história?

INF.- Ieu num sei se é essa mo...se a cruiz da moça que o pai cortô...que ela tinha um namorado...aí que'u num sei informá bem comé que é não.

INQ.- Não, mais pode falá do jeito que a senhora sabe.

INF.- Que'la tinha o...o namorado e o pai dela num queria qu'ela casasse e ela fugiu com o rapaiz e ele (ajustô) uma pessoa pra matá ela e ran...e cortá o seio dela e tazê, entregá ele...então diz que por isso que...que ela santificô, né?...coisa horrível, né?

INQ.- É.

INF.- Cruiz credo ave Maria uma coisa dessa.

INQ.- Isso será que é de muitos anos atrás?...ou é.

INF.- Ah ieu num sei da...do tempo não fia...aí eu num sei te informá quan...quanto tempo é não.

INQ.- Ahan...a senhora já foi nesse lugar?

INF.- Não, nunca fui lá não.

INQ.- Já viu onde que é?

INF.- Não, nunca vi não, mais assim é na estrada que vai pra Barbacena que tem a estrada pra lá, né?...mais eu nunca cheguei lá não.

INQ.- Ahan...e ôro dona...dona AUR?...diz que aqui por causa da...da mineração, né? que o pessoal tirava oro diz que ainda ficô tesoro enterrado, né? nas fazenda...senhora sabe dessa histórias aí...que o pessoal conta que diz que quem entorrô o tesoro de veiz enquanto volta pra...pra mostrá...gente que já morreu.

INF.- É...ês fala isso, né? que...que...que...que...que...que deu uns barulho que...qu'ê tesoro...(inint) coloquei água demais.

INQ.- Aqui tem algum dona AUR?

INF.- Ah aqui...aqui num sei não.

INQ.- (Risos) ai ai...onde que a senhora sabe...que...por aqui...quem que conta que tem?

INF.- Eu já vi várias pessoas falá que tem uns lugar que (benzedô) manda...manda...cavucá que tem tesoro...muitas veiz cavuca chega lá num acha nada, né ô?

INQ.- Nunca acharo nada?

INF.- É...às veiz algum achô, né?...a...ali (inint) cavucô ali, feiz um bruto dum buraco.

INQ.- Aqui perto?

INF.- É...mais ês num **tirô** foi nada.

INQ.- Num achô nada?

INF.- Num achô nada...só ali aparece um...uma luiz de noite, mais ês **fala** que é a mãe do oro que'la gira, né?

INQ.- Ah sei.

INF.- Que...que'la aparece ali do otro lado assim (inint) tocha de.

INQ.- A senhora já viu?

INF.- Aquela estrela bonita...eu já vi ea passá um dia aí...à noite cheguei na janela ea tava passano, eu té assustei.

INQ.- Ela é grande?

INF.- Ah é grande.

INQ.- Que cor que'la é?

INF.- Uai, cor de oro.

INQ.- É?

INF.- E assim...um...atráis assim um rabo igual um pexe.

INQ.- Então senhora já viu?

INF.- Passô aqui ó...quando eu fui chamá eles pra **vê**, aquilo desapareceu...ela dobrô ali ó...(inint).

INQ.- Mais é essa mesma luz que seguiu o moço que foi na garupa do cavalo?

INF.- Não...num deve sê não.

INQ.- Essa é otra?

INF.- Ah essa...num sei, essa do cavalo deve sê otra, né?

INQ.- Ahn?...então num é a mãe do oro não?

INF.- Não, essa que passô aí deve sê a mãe do oro.

INQ.- Ahan...a mãe do oro então a senhora já viu?

INF.- Eu acho qu'ê ela porque é uma coisa enorme que eu vi.

INQ.- (Mais que vem...)

INF.- E diz que a gente quando vê num pode chamá otra pessoa...eu cu...eu vim pra dentro fa...levei aquele choque quando eu vi aquilo...porque eu pensei que o mundo tava acabano.

INQ.- É dona AUR?...e nesse dia só a senhora que viu?

INF.- Nesse dia foi só eu que vi.

INQ.- É?

INF.- É...à noite eu cheguei na janela (aquilo passô aí chiano)...passô assim chi::.

INQ.- Fazeno barulho?

INF.- Fazeno barulho, minha fia, chiano...aí dobrô lá no esbarrancado ali que eles **falam** que tem oro.

INQ.- Ah sei.

INF.- Já foi minerado ali...ali do lado do.

INQ.- Só essa veiz que a senhora viu dona AUR?

INF.- Só essa veiz.

INQ.- Só essa veiz que a senhora viu?

INF.- Só... só essa veiz.

CIR3.- Muito grande mesmo (inint).

INF.- (inint)...ó era uma coisa enorme ela...ela vinha daqui lá assim...no...na parede aquela coisa comprida assim...primero tava aquela estrela na frente, né?...quando eu...mais passa disparado.

CIR3.- Uma calda enorme.

INF.- Aquela calda comprida uma coisa enorme...(que é) um mistério memo de Deus, né?

INQ.- Ahan...ô::...ô dona AUR agora vamo mudá só um poquinho de assunto...sobre religião aqui em Ibitipoca...aqui tantos anos só teve a igreja católica e agora parece que **estão** chegado os evangélicos aqui, num tão?

INF.- Ieu tô veno falá que aí na rua aí tá.

INQ.- (inint).

INF.- tem uma outra religião já, né?

INQ.- Ahan...pois é, e será que já têm muitos frequentadores...senhora já.

INF.- Ah não...num sei porque ieu num fraquento, né?...vejo falá que tem muita.

INQ.- É?

INF.- Na...num tem a igreja, mais **tá** assim nas casa particular, né?

INQ.- Ah::...num tem uma sede ainda não?

INF.- Não, num tem não.

INQ.- Aí as reuniões será que **é** cada dia numa casa?

INF.- Ieu num sei como que **é** não...eu já vi comentano aí que... que tem.

INQ.- Aí será que vem pastor ô::dona AUR?

INF.- Ah num sei te informá não...(inint) ((conversa com outra pessoa presente))...num sei informá não.

INQ.- É porque um lugar com tantos anos de igreja católica agora, né?...apareceu essa outra aí, né?...igreja evangélica.

INF.- Cê...ocê é católica?

INQ.- Eu sô católica ((pessoas conversando))...e macumbero tem aqui em Ibitipoca dona AUR?

INF.- Macumbero?

INQ.- É.

INF.- Ah não, num sei não, acho que num tem não, né?

INQ.- (Risos)...tem não?

INF.- Cê podia fechá as janela aí(pra detro pra mim ó).

INQ.- E benzedô?

INF.- Benzedô também tinha o compadre JOA, ele binzia muito, ele morreu coitado.

INQ.- Num tem mais benzedô?

INF.- Aqui que'u saiba não.

INF.- Ahan...e da família dele num ficô ninguém pra seguí ele?

INQ.- Não, num ficô não...ele binzia assim fazia aquies oração...benzia assim quando uma cobra murdia uma criação, né ô?

INF.- Já benzeu a senhora?

INF.- Já, ele já be...ele já me benzeu.

INQ.- De quê?

INF.- Assim do...tava cá cabeça doeno...(depois que eu peguei um vento, ele benzeu) (inint).

INQ.- Ahan...e foi bom?

INF.- Foi.

INQ.- Dona AUR, pra encerrá mesmo agora a nossa conversa tem uma pergunta que a gente sempre faiz...senhora já passô uma situação assim de muita dificuldade que a senhora teve que enfrentá um perigo de vida, um medo que a senhora sofreu, alguma história assim que marcô a senhora?

INF.- Não...isso não...assim de...de perigo assim de.

INQ.- Ou tê que enfrentá um bicho, uma cobra, um...uma aranha ou:: ou o caso duma doença de tê que levá um susto assim?

INF.- Uma doença assim na família?

INQ.- É...alguma coisa assim (inint).

INF.- Uai isso assim a gente já...eu perdi pai, minha mãe, meu irmão... o GUT sobrim, né ô?

INQ.- Tão novo.

INF.- Então é...é um...é uns arranco muito pesado, num é?...isso que u já.

INQ.- Mais a senhora mesmo assim nunca viveu nenhum perigo alguma co...(inint) que a senhora teve que enfrentá algum problema assim, alguma dificuldade, um medo que a senhora passô?

INF.- Não, isso não.

INQ.- Não?

INF.- Não.

CIR3.- Nunca ocorreu de uma vaca.

INF.- Ah não de...de...assim de criação isso a gente tem medo, né?...assim.

INQ.- Conta aí um susto que a senhora já passô.

INF.- Uai, um dia eu fui lá em ci...no curral lá em cima e tinha um bode, até...é uma coisa (inint) falá do bode...que é um animalzim pequeno, né?

INQ.- É.

INF.- Aí o...o...o bode pen...ele pegava a gente...ele curria atrás da gente...eu vim lá de cima aqui eu na frente e ele atrás (risos)...nesse dia eu passei um susto...medo dele me machucá uai.

INQ.- Senhora num chegô a encostá (no cano, não)?

INF.- Não, num chegô encostá não porque eu...ele...ele correno e eu na frente e ele atrás...ele num tinha.

CIR3.- (Era daqui)?

INF.- Era daqui...eu num tinha assim um...uma vara pra batê nele assim, uma coisa, uma defesa, né ô?...aí ele...vei correno (inint).

INQ.- Nesse dia a senhora...sentiu medo?

INF.- Uai, eu senti medo pois ele tava correno atrás de mim (risos)...e ele tinha chifre ué.

INQ.- E boi?...já.

INF.- Não, não boi graças a Deus num correu atrás de mim não.

INQ.- Galinha de pinto?

INF.- Ah galinha de pinto isso acontece até de biliscá na gente.

INQ.- É?

INF.- É. ((alguém fala ao fundo))

INQ.- Como que é?...fica muito bravo?

INF.- Uai, às veiz...às veiz cê vai chegá vai pô o trato...às veiz cê vai chegá ela...veiz dela aceitá ela avança na gente, né ô?

INQ.- Ahan...e marreco já teve aqui?...que marreco é um bicho bravo, num é?...eh marreco não, ganço.

INF.- Não, num teve ganço aqui não.

CIR3.- História com cobra num.

INQ.- Já passô algum susto com cobra?

INF.- (inint) com cobra a gente passa susto ué.

INQ.- Contá aí um que a senhora passô.

INF.- Eu tava na bica lavano ropa...esfregano umas ropa em cima dum (giral) grande que tem comprido assim...e eu tava intirtida e num tava veno a cobra...a MAR chegô lá per de mim e virô assim “Nossa Senhora cê tá aí lavano ropa ali que enorme de cobra que tá ali”...a cobra tava ino pra baxo assim co.

INQ.- Paradinha?

INF.- Paradinha...aí ela chamô ele, ele foi lá e matô...mai graças a Deus num (fendeu) ninguém não.

INQ.- Aqui alguém já foi (ofendido) que teve que tomá soro?

INF.- Ele...AMA foi (ofendido) de aranha...catano pinhão.
 INQ.- É?
 INF.- É.
 INQ.- No mato?
 INF.- Mais cobra graças a Deus não.
 INQ.- Catano na árvore ou no chão?
 INF.- No chão...aranha mordeu nele...ele...ele teve até (variado) ele teve que í pra Santa Casa...ele dormiu uma noite lá ué.
 INQ.- É?
 INF.- É.
 INQ.- Saiu daqui (variado)?
 INF.- Saiu (variado)...deu a...assim(varieudade) e febre, né ô?...ai.
 INQ.- Num sabia que que tava falando?
 INF.- Não...sabe pri...primero ele tava sabeno mais depois dipois ele pegô variá...ai eles medicô ele direitim lá, ele melhorô.
 INQ.- E escorpião?
 INF.- Graças a Deus ninguém nunca foi (ofendido) não.
 INQ.- Não?
 INF.- Agora taturana sapeca a gente, né ô?...(inint)
 INQ.- Tem umas muito brava, né ô?
 INF.- (inint)...hoje mesmo eu matei uma ali na laranjera.
 INQ.- Chegô a sapecá a senhora, não né?
 INF.- Não, graças a Deus não.
 INQ.- E quando sapeca o que que passa dona...AUR?...como que faiz pra curá?
 INF.- Uai, pa...passa álcool...passa assim um...um gelol assim uma coisa que refresca, né?...porque aquilo.
 INQ.- Sal (inint), num é?
 INF.- É...sal num pode.
 INQ.- Minha mãe.
 INF.- passá não.
 INQ.- minha mãe...minha mãe mandava a gente passá sal (inint)
 INF.- Se a gente passá sal ((acaba a fita))

Palavras 9393

Parece 06

Acho 32

ANEXO 03

INQ: Terezinha Cristina Campos de Resende	DATA: 14/05/2004
INF: Maria Neuza de Souza	IDADE: 52 anos
LOC.: Sítio Clemente	RURAL
TRT.: Thalita Vasconcelos de Sá Moura	DATA: 02/07/2004
REV.: Terezinha Cristina Campos de Resende	DATA: 22/07/2004

INQ:Eu estou aqui na casa da dona MAR|NEU, como que é o nome aqui dona MAR|NEU ?

INF:Sítio Clemente.

INQ:Sítio do Clemente e...eu estou aqui na casa dela, hoje é dia quinze...de maio e nós vamos começar nossa conversa. É...ô dona MAR|NEU, a senhora teve quantos filhos ?

INF:Ó...deiz.

INQ:Todos dez ainda estão vivos ?

INF:Não, um eu perdi com problema de coração...ah...nasceu e...com coração adulto.

INQ:É ? Nasceu com o coração grande ?

INF:Uhun.

INQ:E...aí ô...ô dona NEU, e os os filhos da senhora a senhora teve todos aqui ?

INF:Não, eu tive aqui quatro...mais veio aqui...em casa, seis...na cidade esse pequeninho é de Juiz de Fora.

INQ:É ? Senhora teve que í pra Juiz de Fora ?

INF:É.

INQ:Tava com algum risco ?

INF:Ah, eu tava cum medo, né ? Porque eu tenho muito problema de veia (inint) de exprodi, sabe ?

INQ:Então dona NEU a senhora teve que í pra Juiz de Fora ?

INF:Foi.

INQ:Por que mesmo ?

INF:Porque eu, tava cum medo, né ? D'eu...porque minhas veia **custuma** rebentá, né ? E eu já tinha furado elas...aí ês **ficô** cum medo de rebentá de novo, né ?

INQ:Uhun.

INF:E otra que eu queria fazê uma cesa/uma ligação tamém, proveitá que eu tava, bem de idade eu tava com quarenta e quatro ano, eu queria fazê a ligação, só que chegô lá eles num **quis**.

INQ:Não dona NEU ? Porquê ? Que que eles **falaram** ?

INF:Que, porque eu tenho muita veia arrebetada, tava cum peso, sabe ?

INQ:Uhun.

INF:Aí destruía a grávideiz dessa minina mais veia que tava cumigo, aí num tinha ninguém pra responsabilizá...a...a ligação.

INQ:Uhun...certo, e...e os primeros dona NEU, que a senhora teve, foi com partera ?

INF:Foi.

INQ:Daqui ?

INF:É.

INQ:Aí como que é, conta pra gente, elas **vinham**...

INF:É.

INQ:Com...com...com dia de antecedência ô...

INF:Ah, vinha nada, vinha com...como se diz, com a coragem e Deus na frente,

né ?

INQ:Sei, mas aí ficava esperano aqui até a senhora ganhá ?

INF:Não, vinha na hora que já tava passano mal (inint)

INQ:Aí mandava chamá ?

INF:É, otra hora vinha ficava no dia assim...antes, otra hora vinha em cima da hora...era assim (risos).

INQ:É ?

INF:É.

INQ:E ficava uns dias depois ?

INF:Não.

INQ:Só fazia o parto.

INF:É...e ia embora.

INQ:E ia embora...e...e todos eles **foram** tranqüilos ?

INF: **Foi**, não esse minino mais veio que entrô aqui agora não, esse foi o que tava mai miudinho e tanto que depois que eu ganhei ele, ele (ficô) cum...assim trem assim no alto da cabeça, assim igual um ovo... aquilo molim, a gente passava assim na cabeça dele, aquilo tava molinho, tava quase que foi preciso até de levá ele pra operá, num sei de quê, (inint) por que razão.

INQ:Foi o primero ?

INF:Foi, o primero.

INQ:Nossa, então foi um susto pra senhora.

INF:Ah...custô pra melhorá...o calombo dele, aí eu peguei passá é...óleo de Nossa Senhora da Aparecida em cima do cacuruto dele... usava todo dia que dava banho nele e foi ini foino desapareceu.

INQ:E, mas ele tomô o remédio de farmácia ?

INF:Uhn uhn.

INQ:Não, a/aqui vocês **usam** muito erva assim de...de casa ?

INF:Ah, usa chá... usa a farmácia porque num...num adianta remédio num danta, igual aquela ali aquela ali tá numa...numa peleja com remédio tem mai d'um...d'uns quatro meis...uns seis meis.

INQ:Que que ela tem ?

INF:Probrema na cabeça.

INQ:É ? Dói a cabeça ?

INF:Dói e quase diária e ela...vive dano, deu crise caiu...agora e a cabeça dói quase diária e num tem aí...aí, aí, aí, aqui num ajuda nada (gastô mais de quinhentos reais) pra fazê exame em Juiz de Fora, pagano page de dois... tem que comprá comida, essas coisa e tudo e pagano o exame

INQ:Pra acompanhá, né ?

INF:É.

INQ:E num consegue com a prefeitura não ?

INF:Consegue nada, eu fui lá té cansá.

INQ:Pediu e não conseguiu...

INF:Até cansá

INQ:Às vezes gasta até mais de tanto í lá, né ? E...

INF:É, tanto í lá e num danta nada, eu fui lá pedi...pelo menos os passe de Lima Duarte pra lá...eles **prometeu**, que se num **mandasse** os passe, num **desse** os passe pr'ela e acompanhante **mandava** a ambulância levá...chegô lá no dia que ela foi, chegô lá, lá ese **pegô**... deu desculpa com a ambulância tinha otras pessoa mais ruim pra levá, que a ambulância num podia levá ela, e...(quis í) teve que í pagano tamém.

INQ:Falta de compromisso, né ?

INF: E ês **tinha** tratado comigo com certeza que levava, ô dava os passe, ô levava, num levô porcaria nenhuma.

INQ: Nem uma coisa nem outra...e, e com o tratamento da outra filha da senhora, esse também é pela prefe/é pela prefeitura, num é no NAE (Núcleo de Atendimento ao Especial) ?

INF: Ma lá ela só foi o ano passado, esse ano eles ainda num **levô** ela lá inda não, eu levo ela memo todos quinze dia só na psicóloga.

INQ: Uhun, mas essa

INF: Agora... não

INQ: Mas qual que é o contrato

INF: Num sei

INQ: Que a senhora falô que tem co' a ERI ?

INF: Co'a ERI, o ano passado, né ? Qu'ela tava ino no NAE (Núcleo de Atendimento ao Especial), né ? Só que esse ano ês inda num...num **levô** ninguém aqui da Ibitipoca ês **era** oito...oito que **ia** daqui pra lá.

INQ: É ?

INF: Agora num tem nem um... esse ano inda num foi chamado nenhum.

INQ: É dona NEU ?

INF: É.

INQ: E...então, a senho/a filha da senhora então, tem/ toma o remédio ?

INF: Não, num toma não, falá a verdade, ela só (inint) que a psicóloga dela é só de conversa tamém.

INQ: Num dá remédio.

INF: Não, num dá, antão eu tava levano num otro psiquiatra, esse dava remédio (inint).

INQ: Lá em...Lima Duarte ?

INF: Lima Duarte .

INQ: Atende onde ?

INF: Em poricrínica tamém, mas só que é muito difícil, porque é assim, lá::num tem uma tal de ERL, pelo intrimédio da...é da empresa de um ônibus, ela dá os passe... mas assim, tem dia que tu vai chega lá num tem os passe pra tu vortá pra trais, e nem pra torná em otro dia...igual.

INQ: Então num é de confiança.

INF: Num é, muitas veiz ó, esse tempo pra trais eu fui saí daqui sem nenhum centavo, num tinha nada cheguei lá, quedê, nem era lá em Lima Duarte num tava, é a, quando ela saísse ela tinha que dexá as passage com a outra enfermera lá na policrínica, num tinha ?

INQ: Uhun.

INF: Não, sai numlarga nada no lugar, cheguei lá levei tinta, aí fui na prefeitura...cheguei lá na prefeitura ês **falou** que num...num podia dá porque ês **pode** dá passage de Lima Duarte pra Juiz de Fora, Lima Duarte interior da (inint) num pode dá...aí eu peguei

INQ: Que coisa

INF: E falei assim ma então tem que ligá pra eles não, aí ficô

INQ: A senhora devia tê falado: “então me dá uma aí pra Juiz de Fora”, a senhora vendia, pegava o dinheiro. (risos)

INF: (Risos)...aí mia fia.

INQ: A senhora (inint) pra Juiz de Fora.

INF: (Risos) aí mia fia do céu, aí acontece o quê, aí ligô pro

INQ:Quando eles **falarem** isso com a senhora de novo, dona MARINEU, a senhora fala: “então eu quero é pra Juiz de Fora”.

INF:(Risos) aí ês, o que que **feiz**, aí eu falei: “então liga pr’ eles lá”, aí ligô num telefone que (inin) o telefone...num atendeu, aí ligô pelo telefone celular dela, sabe ?... Aí o telefone celular dela atendeu...aí, liberô, aí falô lá na prefeitura, ela conversô co’a...co’a secretária lá da prefeitura e falô que era pra conversá com o motorista... do ônibus, o motorista do ônibus me trazê, sem passagem, que a hora que ela chegasse ela conversava com o... lá no escritório da empresa.

INQ:Uhun.

INF:Assim que eu vim, (moça)

INQ:Aí conseguiu ?

INF:Aí consegui (risos).

INQ:Ainda bem que é tudo de casa, né ?

INF:É.

INQ:O motorista de cidade pequena...

INF:É, de cidade pequena

INQ:O motorista...

INF:É, pro motorista

INQ:Né ? Todo mundo conhece.

INF:É, conhece o...

INQ:(Inint)

INF:O trocador todo mundo conhece tamém, né ?

INQ:Ahan.

INF:Aí passa, mas e...aí eu levo ela, agora que nem, aí outro dia eu mandei pegá lá, e eu fui num tinha, aí eu vim e tive que pagá pra vim, segunda-feira passada, agora depois de amanhã **faiz** quinze dia...

INQ:Ahan...então...pode falá.

INF:Só que...aí eu mandei uma vizinha que mora dali pegá as passage pra mim depois de amanhã, mandô, as duas, agora vão vê se depois de amanhã se vai tê passage pra mim vortá ô se num vai... eu tô desacossoano de mexê!

INQ:Ó, fica até...com medo, né ?

INF:Ó, eu, pra mim com ela í e vortá é vinte reais.

INQ:É.

INF:Deiz pra nóis vim, deiz pra nóis vortá.

INQ:O ônibus tá cobranço cinco ?

INF:É, cinco pra í cinco pra vortá, de cada uma.

INQ:E, olha ô dona MARINEU, nós tamo falano de uma realidade de pôco tempo pra cá, porque antes não tinha ônibus.

INF:Não.

INQ:Como é que era ?

INF:Oia...

INQ:Como que era ?

INF:Aí ia num caminhão de leite, ia de cavalo, ia de pé (risos) se güentava í, se num güentava ficava sem conhecê Lima Duarte, minha vó morreu cum...oitenta e sete ano e num...sem conhecê Lima Duarte!

INQ:Nunca viajô ?...Nunca saiu ?

INF:Não.

INQ:Com as estradas aqui **eram** muito difícil, num eram... Dona MARINEU?

INF:Ah era... **era**, elas **tá** ruim, ma de primero elas **era** muito mais ruim, falá a verdade, que elas tamém **tá** ruim agora.

INQ:É ?

INF:Tá dano cada buleu Deus o livre

INQ:É.

INF:Mas de (inint) Nossa Senhora...aqui saía, adoecia uma pessoa, a gente tinha uma vizinha ali que adoeceu ali ó...ela teve que sê carregada no catre...dali até lá onde tá aquela venda do mosquito elétrico...

INQ:No::ssa

INF:Lá in/nem caminhão aqui no Ibitipoca num vinha caminhão leitero não... só vinha caminhão leitero até no mosquito elétrico.

INQ:Só no mosquito ?

INF:Só.

INQ:Então dali tinha que sê a pé ô a cavalo.

INF:Ali até o cavalo se tivesse meso muito ruim tamém pro, juntava uma turma de home e punha em cima de uma cama e...levava

INQ:E carro de boi ?

INF:Carro de boi tinha.

INQ:Aí...às vezes tamém servia ?

INF:Não, isso acho que, eu num lembro de carregá (risos) ninguém no carro de boi não, lembro que carregava mesmo.

INQ:Carro de boi é pra serviço, né ?

INF:É...carrega mio, pedra, lenha...

INQ:(Inint)

INF:(Risos)

INQ:E o...aqui, por exemplo, aqui num tem, senhora não usa charrete, né ?

INF:Não.

INQ:Aqui tamém, mas também de cha/a charrete precisa tê uma estrada tamém, né ?

INF:Precisa.

INQ:Qu'ela num, dura, de roda num vai corrê num lugar que num tem...né ? Boa passagem, mas então voltano a...ao caso dos remédios, né ? Dona MAR NEU, a senhora tem aqui que tipo de remédio casero que a senhora tem assim, que que a senhora faiz, que que a se/que que tem plantado, que que a senhora pega no mato que num é de casa ?

INF:Ah, dentro de casa memo eu tenho...só manjerona...tem aquele de, como é que chama...(inint)...poejo, essas coisa que num...funcho tamém num tem, arruda, (inint) coisa que pega no mato, erva de passarinho...assa-peixe...é...queles, ah um porção de coisa que é bom pra, diz qu' é bom pra prumunia (risos).

INQ:É ? E como que faiz o chá ?

INF:Nóis faiz, põe na panela e cozinha, descasca cozinha põe açúcar.

INQ:Faiz tipo um xarope ?

INF:É...aí bebe aquilo.

INQ:E bebe, e...e...e arnica ?

INF:Arnica também tem, mas arnica inté pra falá a verdade nem sei se aquilo usa pra bebê ô se é pra fazê fumentação!

INQ:É...aí senhora num usa arnica não ?

INF:Não, uso só pra fazê fumentação.

INQ:Como que é ?

INF:Eu ponho de moio dentro do arco e fumenta ali onde que tivé co'a dor.

INQ:Aonde tivé, deu uma batida...

INF:É

INQ:Aonde tivé doeno.

INF:No reumatismo...uma coisa ali, eu ponho ali.

INQ:Ahan.

INF:Igual esse minino, esse minino tem...desde segunda-feira ô terça qu'ele tá chorano de noite.

INQ:(Inint)

INF:É, tá com dor nas costa.

INQ:É, aí senhora tá passano arnica ?

INF:Passo, arnica, hoje memo eu já passei de manhã, passo aqueles, pomada que gente compra na farmácia, aqueles (totozinho) qu'eles **fala**.

INQ:Aí (inint).

INF:Num tá diantano nada não.

INQ:(Inint) não tá adiantano, né ?

INF:Não...Tá diantano nada não.

INQ:É.

INF:Tô achano que vô tê que levá ele no médico depois de amanhã tamém porque numsei boba se aquilo é pronomimente um jeito que ele tá muito novo, e ele descarrega trata (inint) das vaca, as coisa...ele...ele é muito novo pra (pegá) peso, né ?

INQ:É.

INF:(Uma vez ele saiu)...

INQ:Pega muito peso, né ?

INF:(Inint) assim os ossinho da espinha **saiu** do lugá, ô se é uma gripe eu nem sei, eu vô levá no médico, pro médico.

INQ:Uhun.

INF:Entendeu ? Queria que uma gripe

INQ:Aí agora essas passagens que a senhora tá esperano é pra, pra descê com ele ?

INF:Não, é pra mim descê cum ela, só que eu vô proveitá::e vô levá ele duma vez

INQ:Aí uma a senhora paga, né ?

INF:É, aí a dele eu tenho que pagá.

INQ:Ah, mas chega lá a senhora pede, fala que adoeceu outro.

INF:Ma (inint) de falá, num é falá mal da prefeitura, mas a prefeitura nossa de Lima Duarte ma num va::le nada, ma nada dessa vida.

INQ:É, num ajuda, né ?

INF:Ó, só esses poste ali ó...tem quatro ano qu'esses poste **tá** fincado aí e luiz inté hoje.

INQ:Não tem luz aqui ? Tô veno uma lâmpada ali.

INF:Ma é de...uma usina comum, mas em tempo de seca num...

INQ:Aí num funciona

INF:Ela num fonciona, porque tem água .

INQ:Por enquanto inda tem ?

INF:Por enquanto inda tem.

INQ:Mas na hora que começá o

INF:A::a chuva diminuí, que a água começá a cabá num dá, porque tem quatro ano feiz em janero, qu'os poste **tá** fincado.

INQ:E nada.

INF:E nada.

INQ:E ele consegue energia de novo, o danado, né ?

INF:Ah, mas eu acho que num pode não, né ? Né possive .

INQ:A::

INF:O povo daqui do município de Lima Duarte votá pra ele eu acho que... ês **precisa** até de cacete, porque num é possíve ué, quê que isso.

INQ:Dona MAR|NEU, falta um vereador aqui, né ?

INF:Farta.

INQ:Cês já **tiveram**, num já ?

INF:Já.

INQ:Na época que, que vocês...

INF:Já teve vereador por duas veiz, (qu'eu alembro), mas tamém num puxô nada pro lugá não.

INQ:Não ? Não resolveu ?

INF:Não resolveu probrema nenhum.

INQ:Que sempre tem candidato, mas eles num **ganham**, né ?

INF:Não, mas, sempre já ganhô, aquele, o TAI (inint) já ganhô uma veiz...eleição passada, sem sê essa d'agora.

INQ:Uhun.

INF:O ZEF tamém, cêis **conhece** ele tamém, já ganhô, pra falá a verdade, nenhum dos dois num...atacô nada pro lugá...agora tá começano, o TAI mesmo tá começano que vai eleg/eu vai candidatá esse ano de novo, num sei.

INQ:Será qu'ele consegue elegê, se elegê ?

INF:Ah, sei lá.

INQ:Diz que o pessoal aqui divide, né? ao invés de votá... mesmo que num faça nada, mas é uma esperança, num é ?

INF:É, isso é...

INQ:De tê um vereador daqui ?

INF:Uma esperança de tê...num

INQ:Mas o pessoal acaba votano no lá da cidade

INF:Só que acontece.

INQ:Que tamém não ajudam eles.

INF:Acontece boba, que aqui o lugarzim é pequeno conforme cê memo conhece...ês põe mais de deiz vereadô...ainda parece um amigo, um otro que a gente gosta lá em Lima Duarte.

INQ:Parente.

INF:Um parente, um...otra pessoa que a gente às veiz gosta até mais do que tem aqui...vota pra lá no, aí é mais candidato do que eleitor...como é que vai ganhá, num tem como ganhá.

INQ:É verdade, que que a senhora acha que eles **deviam** fazê, um acordo e...e, e, e tentá só dois...

INF:Tinha que sê, quanto muito só dois, é como inda excrusive eu tava falano, que tem o ZEF que tinha falado que ia entrá pra (inint) Lima Duarte, o GER que vai entrá pra...prefeito, do PT (Partido dos Trabalhadores)... se entrasse o TAI, o ZEF, pelo menos os dois, às veze se um num ganhava o otro ganhava.

INQ:É.

INF:Mais é...

INQ:Entram vários ?

INF:Mais é...tô veno falá que só aqui no Ibitipoca tem quase deiz candidato pra entrá pra vereador, onde que vai saí gente pra isso tudo aí...num tem como uai.

INQ:Aí acaba num conseguino nada.

INF:Num dá pra consegui ninguém.

INQ:Num elege nem um nem otro, né ?

INF:Nem um nem outro...que um vota pro ZEF, outro vota pro TAI, outro vota pro outro, outro vota pro outro, onde que vai saí gente, aí ninguém ganha nada.

INQ:Ahan...e...dona MAR NEU, senhora acha que Ibitipoca devia se transformá numa cidade...(inint)

INF:Ah::(risos), sei lá

INQ:Num município...emancipar?

INF:Ah, sei lá, eu ach/mais tinha que (sabê), né ? Passá a cidade, mais pra tê o que precisa, numa cidade, né ? Porque passa uma cidade igual ela é aí num dianta nada... (inint) cê precisa dum médico, olha qu'eu sô do grupo dos hipertenso...o mês passado eu fui lá...num tinha nem um remédio...esse mês nem lá tamém eu num fui, mais tamém diz que num tinha remédio, num dianta, num...

INQ:É reunião mensal ?

INF:É...reunião dos hipertensos.

INQ:Aí é sem o médico) ?

INF:É...e tem médico todas terça-feira, mais cê vai lá com uma criança gripa, vai lá...né ? Passa um remédio num tem...tem que í lá pra Lima Duarte otra hora í lá pra Juiz de Fora pra (inint) do remédio ô interna

INQ:Aqui em Ibitipoca não tem farmácia.

INF:Não, num tem farmácia, num tem o farmacêutico, num tem um médico direto, num tem nada ué...uai, mordeu uma cascavel num minino do...do CAM mora na Ibitipoca, fio do...né ? Do JOA EMB...o minino tava inté numa entrevista no MGTV...o minino saiu daqui...quase morto, já certo pra í (inint) pra interná em Juiz de Fora, esse meu que tá aqui tamém, esse ROM, a cobra mordeu nele, tava uma chuva um ar assim.

INQ:(Inint)

INF:Não, no qu'ele saiu daqui era quase uma hora dessa, uma chuva que num tinha...como subi carro nem nada, saiu de cavalo enrolado numa capa...as menina, aquela ali c'uma otra **foi** correno na frente pra arrumá carro pra vim vê se encontrava no caminho...chegô em Lima Duarte, ês **pois** ele no soro, acho que o médico inté medô, ficô internado lá::umas oito hora da noite lá em Juiz de Fora.

INQ:É ? Será que tava com falta de soro ?

INF:Num sei, eu acho qu'ês...**cismô**, né ? E ele levô a cobra junto, mais eu acho qu'ele começô...branqueá, num sei o que que é, e ês **ficô** cum medo, mandô pra Juiz de Fora, foi interná lá em Juiz de Fora.

INQ:Mas e ficô muitos dias ?

INF:Não.

INQ:Não ?

INF:Não, porque aí ese...lá passô o soro próprio da cobra...e colocô quelas injeção, diz ele que eu num fui não, foi o pai dele que foi co'ele, umas injeção que é contra o veneno, sabe ? Ela é mais venenosa do que o veneno e de vez em quando tirava o sangue dele, aí depois tirô no otro dia tirô sangue dele já num tava cum veneno mais, aí ele veio embora.

INQ:Liberô o (inint), né ?

INF:Liberô, mais aí só deu regime pra ele, de comê, de jantá, um porção de coisa (risos).

INQ:É ? Como que era o regime ?

INF:Ai...num cumê muitas coisa pesada, de num andá quase... né ? Criança é difícil...

INQ:Aí, ele respeitô, dona MAR NEU ?

INF:Ah, respeitô nada.

INQ:Não ?

INF:(Risos) nada.

INQ:Mas acabô dano tudo certo, né ?

INF:Deu, graças a Deus...mas ali, mas acontece qu'ele também num ficô cum medo não... nós ficô cum mais medo do que ele.

INQ:Ele, ele, vocês **usam** bota aqui pra í pr'as roça ?

INF:Usa... ma ele num gosta não.

INQ:Não ?

INF:Ele tava de pé no chão e foi memo ali onde fica a praça no cocho, tava em cima do trato!

INQ:E aqui devia andá sempre de bota, né dona MAR NEU ?

INF:Ah devia, ma ele ele tava de pé no chão...todos dois, tanto ele como o mais veio, foi pra buscá o trato, a cobra tava/ enfiô o pé assim ó...a, o, o (berano o feche) e a cobra veio, (tacô) no, no dedo dele.

INQ:Uhun, como que a senhora, dona MAR NEU, a senhora nasceu aqui e criô, né ? Viu Ibitipoca antes...do turismo e vê Ibitipoca hoje, como que a senhora acha, a senhora acha que melhorô ? O turismo trouxe melhoria, pra cá ?

INF:Pra mim troxe, né ? Principalmente pra Ibitipoca, agora pra mim aqui num acho vantagem.

INQ:Não ?

INF:Porque num dá renda ó, tem as menina aí tudo era dentro de casa, antes de construí aqueles chalé ali no MAR era uma casinha de tijolo que tinha ali, eu pedi serviço pro MAR pra ela, não, té hoje nunca sobrô uma vaga...ali onde que é o NIR tamém era uma casinha de tijolo que tinha ali no... um tal QUI que chamava o dono dali... té hoje, então pra nós aqui...vai vendê um ovo num acha quem compra, que dá valor, vai vendê um frango num tem que dá valor.

INQ:É ?

INF:Então...mais pros lado do Ibitipoca muitos, tem um lá o ADA memo que é, que é meu primo lá, tá forgado ele é novinho qu'ele tá com trinta e quatro ano, tá rico, nas cacunda dos turista.

INQ:É.

INF:(Risos) na cacunda deles porque...

INQ:Mas pro pessoal da roça a senhora acha que foi ruim ? Prejudicô em alguma coisa ?

INF:Não, isso os turista pra, o povo da roça num **prejudicô** não...prejudicô assim, ma quem qué tamém , né ? Porque...os que **empregô**, então cabô cum mai gente pra trabaiá na roça, né ? Mais aí num é problema porque...por conta disso emprego tá ganhano serviço, né ?

INQ:Ahan.

INF:Mai num tem problema não

INQ:Mais agora dificultô a mão-de-obra aqui, num acha uma pessoa pra arrumá sapato, né ?

INF:É...isso não...pra, pra prantá um milho uma coisa assim num acha de jeito nenhum.

INQ:E quando acha eles **tão** cobrano muito caro, né ?

INF:É, cobrano caro.

INQ:Que recebe

INF: Munto! turista, pra fazê uma coisinha de nada paga bem, quem vai dexá de ganhá bem pra ficá à toa, pra fazê muito... dia intero difíci, né ?

INQ:A senhora preferia aquele sossego de antes ?

INF:Ah, num é o caso, sossego pra nós aqui nu/num tem desassossego com os turista não.

INQ:Não ?

INF:Não.

INQ:Mas por exemplo, as festas de hoje, da Semana Santa, né ? As festas do/ festa que tem na vila, antes era só o pessoal daqui, agora...

INF:É, mais isso até melhorô boba, porque tem muitos, que num é da religião católica, mais tem muitos que é, então os que é da religião católica eles **participa** da igreja...**ajuda**, que nem

tem a PAT ali do Pão/do MAR Pão com Lingüiça ela tá puxano muito pela... a restauração da igreja.

INQ:Uhun.

INF:Tá ajudano memo, ela tá correno atrais pra...pra reformá a igreja.

INQ:Ahan.

INF:Então num é todos, mais tem muitos que **tá**...otros não, otros vem aí só pra, como se diz, maconhá e...e, e pintá as (inint) mesmo, mais tem uns que **tá** puxa/ajudano memo tamém.

INQ:Uhun

INF:Falá a verdade, porque a gente tem que falá a verdade num merece gastigo, né?

INQ:Não, eu quero vê a...a opinião da senhora, né ?

INF:Agora, aqui na Ibitipoca, pra sê uma cidade tinha necessidade dela tá sozinha, eu concordo que ela tinha que passá... que vamo supô, tinha que tê uma, um posto...bom, um médico direto, uma enfermera boa, né ? Antão tinha que...

INQ:Uma ambulância

INF:Uma ambulança, aqui teve uma ambulança, o...não sei se foi o TON, foi um deputado lá de fora que deu, eles **pegou vendeu** ela ó, **emborsô** ela ó...

INQ:É mesmo ?

INF:E aquilo (nivô) té hoje.

INQ:Mas quem que, quem que fez isso ?

INF:(Inint)

INQ:Como que pode gente, tirá uma coisa que é necessária pra, pra comunidade ?

INF:E ela nunca carregô uma, uma pessoas pobre, porque uma ambulança tem carregá aqueles mais pobre

INQ:E num (inint)

INF:Que num tem como pagá um carro pra levá, né ? Ela nunca carregô, pegô e foi, ganhô novinho, o deputado mandô ela novinha, zerinha pra cá.

INQ:É ? A senhora já, a senhora nunca utilizô ela ?

INF:Não, ninguém, nem eu nem mia famia, hoje tinha uma minina, uma que mora nos Lopes ((distrito de Lima Duarte, vizinho de Conceição de Ibitipoca)), tava passano mal aí que é pra ganhá criança...teve que í na rua, lá na Ibitipoca, passô ela lá qu'ela tava estragada, que num tinha gasolina, tinha que pô gasolina num sei o que que arrumô, teve que pagá carro e levá até foi no...um tal de REI que/ uma irmã da TAN do MAR é que, que levô ela, pra ganhá a criança, lá em Lima Duarte.

INQ:Uhun...e então venderam a, a...a ambulância e num colocaram otra no lugar não ?

INF:Não.

INQ:E o, o, a pessoa que doou a ambulância, será que tomô conhecimento disso ?

INF:Num sei, ah isso eu também num sei porque hoje a gente fica aqui mais de carroça, né ? Às veze se tivé que í lá no arraiale poco, né?

INQ:Mas tinha que sê denunciado ué, foi gente da prefeitura será ?

INF:Não, ((ruídos com a boca).

INQ:Vendeu isso ?

INQ:Não.

INQ:Tinha que tê uma denúncia.

INF:Tem não.

INQ:Mas no poco que tem inda tem gente pra robá, né ?

INF:Tem, porque o poco já custô e foi deputado de fora que deu, num é prefeitura de Lima Duarte nem nada, é deputado de fora que deu...

INQ:Uhun.

INF:E pegô vendeu e, e cabô, cabô com a (inint), ninguém nem toca assunto mais que teve ambulança lá na Ibitipoca... tinha que tê uma, eu acho qu'ela tinha que passá a cidade sim,

mas cum banco... pra pessoa recebê igual, tem essa, essa que veio co'cês, essa véia é minha sogra, ela, é aposentada contece que ela nem em Lima Duarte num vai, mais aí ela vai lá só na época de trocá a senha, porque o dono mesmo tem que í, aí... durante o, o, a época de trocá a senha eu que já vô levá aquela e pego o dinheiro lá no banco.

INQ: E pega pra ela.

INF: É.

INQ: Passa a senha dela.

INF: É

INQ: Aí dá certo.

INF: É, aí só ela tem que í memo na época de...

INQ: Trocá.

INF: De trocá, porque tem que sê o dono mesmo pra trocá, né ?

INQ: É.

INF: Mas como é qu'ela vai saí...de carro ? Um carro aí tem um nosso que leva ela...tá cobranço, tá pedino trinta reais pra í.

INQ: De Ibitipoca lá ?

INF: É, pra Lima Duarte, o ônibus...

INQ: Pra í e voltá ?

INF: É, pra í e volta, o ônibus, mas de passage num é de especial não, sabe ?

INQ: Uhun.

INF: Sabe ? O ônibus ela já tá de idade, deu uma chuva o ônibus tava no caminho, num tem como ela andá a pé.

INQ: Por que ela num paga passagem não, né ?

INF: Paga.

INQ: Porque aqui...

INF: Aqui num tem, pra roça num tem.

INQ: Não ?

INF: ((Ruídos com a boca)).

INQ: Que isso, dona MAR NEU ?

INF: Num tem.

INQ: Isso é uma injustiça uai, isso tem em todo lugar

INF: Tem, em Lima Duarte pra Juiz de Fora já tem, ma de Lima Duarte pros interior num tem.

INQ: Ah::mas isso é uma grande injustiça!

INF: Esses dias eu inda vi lá na rodoviária em Lima Duarte, um véio lá combateno com o trocador, por causa qu'ele tem o...o cartãozinho da passa/ de viagem, sabe ?

INQ: Uhun.

INF: Só qu'ele num aceitô, porque pra mim ês é turista lá de Juiz de Fora, só qu'eles já tem um cartãozinho ele mostrô até o cartãozinho...

INQ: Uhun.

INF: Mas num tem.

INQ: Que coisa!!!

INF: De Lima Duarte pra cá todo mundo, criança, principalmente esse pequeno meu aí ó.

INQ: Tudo paga.

INF: Se brincá paga, só se dé cum trocadô bonzinho, ele inda... passa a gente porque muito conhecido passa, mas se tivé cum otro tem que pagá tudo.

INQ: E com o TON, senhora já chegô a andá ?

INF: Pois antão, ele que cobra, trinta reais pra levá uma pessoa.

INQ: Ah::, porque antes de tê o ônibus ele que fazia...

INF: É, ele que fazia a viage.

INQ: A viagem, né ? Já, já andô muito com ele ?

INF: Nós já. Mu/muito especial cum ele também, já feiz muito especial cum ele tamém.

INQ:É ?

INF:É.

INQ:Só pra família ?

INF:É, aí adocece um, tem que í num tinha aqui num tinha otro pra levá, tinha que sê ele mesmo (risos).

INQ:É.

INF:Eu mesmo já fui bem umasvez no especial cum ele tamém, cum pé machucado.

INQ:Por causa das veias da senhora ?

INF:É.

INQ:E na época do, da grávideiz piora dona MAR NEU ?

INF:Ah, piora.

INQ:É ?

INF:Aí fura mesmo!

INQ:É ?

INF:Teve uma vez foi, quando eu ganhei esse minino pequeno aí...

INQ:Qualquer esbarrada fura ?

INF:Fura, qualquer esbarradim, quando eu ganhei esse minino pequeno aí, as minina **tava** (inint) um trabaio pra í, aquela minina ali e um genro meu ficô cum ele, mais (chegô) uma chuva, porque num tinha lugá de passá...num tinha lugá de passá, nós tinha que dá a vorta lá na Rancharia, na Olaria, saí lá em Lima Duarte, a velença que até parô de saí, se num tivesse que...

INQ:Pois alguma coisa pra estancá ?

INF:Eu puis açúcar, com querosene (risos).

INQ:Querosene mesmo ?

INF:Açúcar com querosene (risos).

INQ:O pessoal fala que pra estancá sangue é bom teia de aranha ?

INF:É, teia de aranha mas nós num, eu nunca puis teia de aranha não, mais diz que teia de aranha é bão meso tamém.

INQ:É ?

INF:É água de bananera tamém diz que é bom.

INQ:Senhora também nunca usô ?

INF:Não, só mesmo o açúcar e querosene que eu ponho.

INQ:É ?

INF:Aí... mais a velnaça que o pé parô de saí sangue, senão num tinha chegado nem lá em Lima Duarte, porque numa vorta tinhaum barranco caído ali na, serra, aí num dava pra rompê nem nada...

INQ:E saí daqui também é difícil, né dona MAR NEU ?

INF:Ah, é.

INQ:Eu já achei tanto morro aqui...

INF:(Inint).

INQ:Uma estrada escorregadia, né ? Uma estrada, uma terra vermelha...

INF:Não::ma ruim esses primero que sobe aqui e aquele que vem de lá pra cá.

INQ:É, aquele tinha até que voltá um poco...

INF:É igual essas criança, essas criança tem semana que **fica** a semana intera sem í na escola, porque a kombi num sobe.

INQ:E a kombi vem até, vem até aqui ?

INF:Uma vez só. Que aí eu tenho três pe/ e aquela ali, e os dois mais pequeno **estuda** de manhã e tem essa ali com aquele minino, com o ROM **estuda** no ginásio, na parte da tarde, mas ês ela num busca também não.

INQ:Não ?

INF:Não, só busca os de manhã aqui, aí traiz lá no arto, naquela portera que vira pra cá...

INQ:Sei.

INF:De tarde, só traiz eles lá no, naquela portera e pega, esses aqui tem que subi a pé, ela cum o ROM, quando vorta de tarde já larga lá no mata burro embaxo, aí nem no (arco) ela já num sai o, os dois maior mais.

INQ:Já chega aqui escureceno.

INF:Chega, eles **tá** chegano aqui quase de noite.

INQ:No::ssa, que perigo, né ?

INF:Tem dia qu'ês **tão** chegano aqui quase de noite, mais já froxei minha fia... ó, já fui até na, a promotora!

INQ:Ahn.

INF:Lá em Lima Duarte.

INQ:E reclamô e num aconteceu nada.

INF:Já recramei, já na prefeitura, nas câimbra, ó, quase toda semana, eu faço recrame e não adianta.

INQ:A senhora, a senhora tem que reclamá mesmo, porque é um direto qu' eles tem, né ?

INF:Num sei, a gente vai na prefeitura

INQ:Tá achano o quê ? Que é porque mora na roça num...

INF:A gente vai na prefeitura, diz que num tem verba pra educação, vai na câimbra,a câimbra diz que a verba da educação num paga, eu num sei onde é que tá essa mintira.

INQ:Cada um mintino mais do que o otro, né dona MAR NEU ?

INF:Cada um mintino mais do que o otro.

INQ:Aí a gente desanima até de votá num é dona MAR NEU ?

INF:Desanima ué, eu falei qu'esse ano eu num tô com vontade de votá em ninguém mesmo.Eles só lembra ó, uai, num vem ninguém aqui.

INQ:(Inint).

INF:Num veio kombi num veio nada.

INQ:Não ? Ah, mais pedi vem.

INF:Mais daqui lá (inint) daqui dois três méis, vai vê como vem cá todo dia pedi voto. ((Término do Lado A)).

INQ:É::dona MAR NEU, e essa filha mais velha da senhora, senhora falô, ela, ela já tinha algum problema antes ?

INF:Não, de/dessa vez que tem quantos ano, dezoito ano que deu primera vez, né ? Deve sê dezoito dezenove, por aí...só que ela num sentia nada, agora depois que o cunhado dela morreu qu'ela passô, já tava co'essa dor de cabeça, que tampô co'essa dor de cabeça agora, que num...hoje memo tava doeno.

INQ:Cunhado dela é marido...

INF:É, irmão do...

INQ:É irmão do marido dela ?

INF:É.

INQ:Morreu de quê, dona NEU ?

INF:É doença de câncer, na cabeça, né ? Aí, aí ela tá...

INQ:Aí mesmo no dia do enterro senhora falô

INF:É, aí ela ficô preocupada, sei lá o quê, aí num miorô nada mais, já foi em Juiz de Fora duas vez... duas vez, já foi pô benzedor (risos).

INQ:Já ? Senhora levô ?

INF:Já, num tem nada que tá...

INQ:Tem não ?

INF:Não, hoje memo fiquei sabeno que tá rachano de doê.

INQ:E tá tomano remédio ?

INF:Tá, gardenal.

INQ:Ah, sei. Mas e o analgésico assim, ela pode tomá...um, um dorflex, uma novalgina...

INF:Pode.

INQ:Uma coisa assim...

INF:Pode.

INQ:A senhora toma também pra aliviá ?

INF:Tomo, tomo, agora tá bebendo aquele...como que chama memo ? Amoxicilina.

INQ:E a senhora num tem aquela planta de novalgina não ? necroton ...

INF:Não, novalgina não, eu tem...é...é só é anador eu tenho plantado aqui.

INQ:Tem plantado ?

INF:Anador eu tenho e ela tem um...vapurube ...acho que é só vapurube que compra...de farmácia é só.

INQ:Sei, mais aí ela tá tomano o chá ?

INF:(Risos).

INQ:Senhora num acredita no chá, acha que num...

INF:Sei lá, já froxô de bebê, né ?

INQ:Anador ?

INF:Bebe tudo quanto é tipo de chá quando a cabeça tá doeno, aí, custuma de doê, ma doê memo que grita, mai grita memo, tem nada que põe, té azeite...cê conhece azeite aqui que a gente põe em casa (inint)

INQ:De mamona, num é ?

INF:É, pa pô na cabeça, amarrá pano!

INQ:Cêis inda **fazem** azeite aqui ?

INF:Faiz.

INQ:Explica como que é o processo, como que faiz ?

INF:(Risos), aquilo é ruim demais de mexê co' aquilo uai (risos).

INQ:É ?

INF:Aquilo cata, a gente cata o mamono... põe no sol, o cacho dele, aí ele seca rebenta, depois qu'ele rebenta a gente põe ele num... numa panela, torra bem torrado, e a hora qu'ele começa a rebentá pra lá a gente vira ele no pilão e soca, e soca bem socadinho até ele virá aquela massinha... depois qu'ele vira quela massinha a gente pega, aquilo põe numa vasia cum água fervê, depois que aí a água cumeça a fervê cumeça a, a boiá o azeite em cima daquela massa, aí a gente vai catano com uma cuié e pô notra vasia, depois a gente põe ele notra vasia pa cabá de apurá da água...aí pode engarrafá.

INQ:Entendi, e aí vocês **usam** pra quê ?

INF:Usa gripe, (fumentado), bebê pa gripe (inint) (risos).

INQ:É ? Qu' é ruim toda vida, né ?

INF:Ah, pa bebê é.

INQ:Qua/ alguém precisa bebê que reclama muito ?

INF:Ah, aquele ali coitado já bebeu muito, manteiga de vaca, essas coisa qu'ele era muito ruinzinho, empestiado tamém (risos).

INQ:ROM ?

INF:RON, o MAR, aquele minino ali ó.

INQ:Ah sei, ah sei.

INF:Ele manteiga, magarina essas coisa ele nem come em pão, nem nada, de tanto nojo qu'ele tem daquilo.

INQ:É ? Já teve que tomá, né ?

INF: Bebe diária (risos).

INQ:É ? E aí tem que pô pa boca abaxo, como qu'ele toma ?

INF:Ele agora já, bebe sozinho porque a mãe põe a chinela na mão e ele pega e engole tudo (risos), com a cara ruim vomitano, mais vai engolino (risos).

INQ:É, dona NEU ? Mas é pra espectorá, num é, o catarro ?

INF:É, é pra despeitorá.

INQ:Funciona bem ?

INF:Ah, é bom, hoje esse minino meu mais véio quando ele era piquitinho ele tava uns três mês...aí ele ficô ruim. Aí o meu sogro foi lá em Lima Duarte, foi a pé, lá em Lima Duarte, foi buscá remédio, uma pessoa/ uma criancinha ruim, e í até Lima Duarte e voltá aqui a pé.

INQ:Nossa Senhora.

INF:Já pensô ? Aí ele tava ruim memo, aí eu peguei, da...puis na cuié, ele tava cum três mês só, puis uma cuié de azeite nele pa boca abaxo.

INQ:Ele num vomitô não ?

INF:Não, ele tava piquinininho, né ? Aí eu peguei, aí (inint), foi...lá no, chegô, aí chegô lá no ART, na farmácia, que foi, chegô lá com o ART, pegô informação do moleque, pediu o rapaizinho (inint), aí o ART falô assim: “ó, se ês **atiná** de dá ele um azeite, ele miora, agora se ês num, num **atiná** de dá ele um azeite, ele perigoso num escapá não”.

INQ:Sorte a senhora atinô, né ?

INF:É. aí o (inint) chegô aqui assim com o remédio já tava de noite, mais das oito hora da noite, ele já tinha miorado bem, enrolei ele num, num cobertô bem quentinho, ele suô, né ? Aí, o catarro desagarrô dos purmão...miorô.

INQ:E simpatia, dona MARINEU ? Cês **acreditam** assim, porque pessoa quando tá assim, longe do recurso, a/ recorre pra otras coisa, né ?

INF:Credito, em simpatia eu acredito.

INQ:Que tipo de simpatia que a senhora faiz assim, já fez, a senhora acha que deu certo ?

INF:Ó, isso tem, simpatia pra bronquite, faiz, né ? Pra quebradura tamém, se fô criança pequena a gente faiz e sara.

INQ:Como que é, a senhora pode falá ?

INF:Ah::eu fiz uma pa minha, uma minina prima minha, ela é minha afilhada, eu fiz no cipó de maracujá, no, a gente racha o cipó assim ó...no meio, lá no pé mesmo, no corta ele do pé não, a gente leva a criança lá onde tá o pé, aí, enfia assim ó... racha o cipó, aí a mãe co'a madrinha, uma madrinha de representá que é a boa de fazê, aí pega a criança e...

INQ:Então tem que sê madrinha de representá, não é a principal ?

INF:É, a pri/não é a que representá que faiz a simpatia, aí a gente pega a criança enfia lá dentro do cipó assim pra lá, a outra pega de lá, a outra, o a mãe, outra pessoa pra fazê

INQ:Dá pra passá no meio?

INF:Dá, aí passa pra lá, a madrinha pega dum lado e a outra pega do otro, aí a outra...

INQ:E a outra pega do otro.

INF:É, aí a outra enfia de lá, a madrinha pega de cá, três veiz lá no cipó, um passa pra lá a outra passa pra cá, um passa pra lá outra passa pra cá, treis veiz... ali no, depois que passô três veiz, pega o cipó marra assim, sem cortá ele do pé.

INQ:Amarra cum quê ?

INF:Marra c'ua imbirinha, um otro cipozim marra.

INQ:Onde abriu amarra.

INF:É...a, quando o cipó cola a quebradura sarô.

INQ:É, dona MAR NEU ? E demora pra colá ?

INF:Não, num demora (inint) não, qu'ele acha que demora se a gente daquilo esquece, né ? nem sabe que demorô.

INQ:Aí vai lá e olha se tá colado?

INF:Não, eu num fui não, oiá não.

INQ:Mas a quebradura melhorô.

INF: Sarô.

INQ: Que otra simpatia que a senhora fez, a senhora falô pra bronquite, eh::

INF: Ah, pra bronquite tem, tem de inhame, tem de pegá u'as furmiguinha...no...

INQ: Explica esse das furmiguinhas.

INF: Eu chamo a furmiguinha da sorte, uma que anda vermeinha grandona, no, no furmiguero das furmiga cabiçuda, a gente pega essa chama furmiga (xexem), chiadera, qué dizê

INQ: É a cabeçuda ?

INF: É, mas ela é, ela é diferente, ela é pelada, grandona

INQ: Mas ela fica junto com as outras ?

INF: É, fica. A gente pega marra um patoazim assim num panim em cima do pescocinho da criança, tamém.

INQ: Uma furmiga só ?

INF: É, só a formiga...é...chiadera qu'ês **fala**, otros **fala** furmiga da sorte...

INQ: Sei.

INF: (Risos).

INQ: E isso aí, aí mata a formiga ?

INF: Não.

INQ: Amarra ela viva ?

INF: É.

INQ: E ela fica chiano ali ?

INF: Deve de ficá, né ? Que nós fiz co'esse moleque mais ele perdeu o...o paninho.

INQ: O patuá ?

INF: É, ele perdeu o patuá.

INQ: Ma nessa aí a furmiga morre.

INF: Ah, deve de morrê, né ?

INQ: Deve sê assim, a hora qu'ela pára de chiá, a criança pára tamém.

INF: É, agora me ensinar, mais essa eu nunca fiz não, me ensinar que, que...é terra dessas caxinha de marimbondo é memo até **tinha** duas caxinha cumprida que faiz assim nas parede...

INQ: Sei.

INF: Diz que a terrinha daquele/ furmiga tamém cura.

INQ: Pega a terrinha dela ?

INF: É, e faiz o chá, daquela...o marimbondo faiz uma casinha cumprida assim na parede.

INQ: Ahan.

INF: Aí diz que se pegá aquela terrinha dele, dé e fazê o chá e dá a pessoa que tem aquilo tamém sara, mas essa eu nunca fiz tamém não.

INQ: Ahan, diz que quando aquele marimbondo faz a...aquela casinha dentro de casa, tem uma coisa que vai acontecê, a senhora sabe ?

INF: Não, eu já ovi falá que quando ês **faiz** ela cumprida, a vida do dono da casa tá certa, quando ês **faiz** ela meio de caracole, a vida tá torta.

INQ: É ?

INF: Descontrolada assim, eu já ovi falá...

INQ: Eu já ouvi falá que quando faiz é porque vai nascê criança.

INF: Ah::

INQ: Vai chegá (inint)

INF: Ah:: acho que num é nada, que aqui elas **faiz** aqui diário.

INQ: É ? Ma aqui tem tanta ? Tanta criança, agora já parô dona MAR NEU ?

INF: Agora tem muito tempo viu...eu, aqui em casa memo não, mas eu tenho uma minina, uma fia minha, uma que mora lá perto da ZEL do ZEA, sabe uma casa que tem lá perto do (aurdeia) ?

INQ : Sei...ahan.

INF: Aquela lá tá esperano (risos) a criança, ela é minha filha.

INQ: Casada ?

INF: É, casada.

INQ: E ela já teve?

INF: Tem três...

INQ: Aí, tá veno?

INF: Interá o quarto.

INQ: Vai vê qu'ela tá arrumano os filho lá, os marimbondo **tão** fazeno aqui.

INF: (Risos).

INQ: Lá em Ibitipoca tem desse marimbondo tamém ?

INF: Tem.

INQ: Ah, então a senhora fala assim: "ó vai fazê lá na casa de quem...(risos) tá esperano", né? E como que é a casinha aqui, ela é cumprida ô é torta, dona MAE NEU?

INF: Ela faiz torta, faiz cumprida. (risos)

INQ: Então faiz de todo jeito (risos) uma hora tá no caminho certo, outra hora vai entortando! ah meu Deus do céu!!

INF: (Cê vivê) na roça é difícil, boba.

INQ: É muita dificuldade, (é muito aperto), né dona NEU ? Cês tem cavalo aqui ?

INF: Tem, tem só dois que **leva**...um leva leite no ponto e o otro fica pra viajá, né?

INQ: Sei, senhora já teve que saí tamém a cavalo tamém... assim...

INF: Já sim.

INQ: Às vezes por causa de doença, alguma coisa assim ?

INF: Já... quando meu pé fura... tem muito tempo já...precisava de í pa operá (inint).

INQ: Ah::sei.

INF: Aí logo depois da operação...

INQ: Se pô umas meia, assim, num protege não dona NEU ?

INF: Protege de meia, mas eu preciso daquelas meia elástica, sabe ?

INQ: Uhun.

INF: Só que eu num consegui usá elas não.

INQ: Achô que apertô demais ?

INF: Nossa Senhora...

INQ: Doe u ?

INF: Ih, aquilo perta um tanto, que não há quem agüenta...

INQ: A senhora num qué sentá não, dona NEU ?

INF: Não, tô acostumada a ficá em pé, boba.

INQ: Senta aqui, não, senta aqui.

INF: Aí eu num...

INQ: Senta aqui que nós duas tão quase acabano a nossa (entrevista).

INF: Nós num...num dava pa, pa arrumá não.

INQ: Tô preocupada com a senhora.

INF: Não, porque eu mexo munto no meio do mato, a gente levanta cedo pra água a horta, mexê pra lá, aquilo xuja tudo, num tem... num dá pa ficá não, porque aquilo xujo num tem como ficá...pa tirá elas num danta, eu nem uso, eu nem uso de uma veiz.

INQ: Mais talvez a senhora tivesse que tê duas, né ? Dois pares, não ? Se tivesse dois pares, um lavava, outra...

INF: Ah, mas a meia muito, as veia muito fininha boba, tem que carçá elas, elas é mu::ito apertada, tem medo de...

INQ: Difícil de calçá, num é dona NEU ?

INF: E elas **tá** memo assim, (inint) fora da pele.

INQ: Senhora nunca pensô em operá...fazê uma cirurgia ?

INF: De veia ?

INQ: É.

INF: Não...quando eu furei e...elas a primera vez, tava pa ganhá esse minino que veio co'cê.

INQ: Uhun.

INF: Só que, o dr. ZÉC queria que operasse, (inint), aí eu tava lá na Santa Casa fazeno curativo fiquei lá dezessete dia em Lima Duarte fazeno curativo...aí ele...aí chegô um véio lá, um véio com duas pessoa, um home e uma moça, sigurano aquele véio...aí o véio ia assim o, o home entrô com o véio lá no banhero a moça ficô de fora.

INQ: Uhun.

INF: Aí eu perguntei ela: “mais o que que ele tem qu'ele num...num anda não ?”, aí assim, era o pai dela: “não, o pai desde que, que fez uma cirurgia de veia ele perdeu os galeio...”

INQ: Por causa da...

INF: Qu'ele perdeu os galeio da perna, aí ele num ficava em pé mais sozinho.

INQ: Como que é esses galeio, como assim ? É...força ?

INF: Ué, ele perdeu a força de ficá em pé sozinho, só ficava em pé se tivesse gente sigurano ele nos braço assim, pa...caminhá ele.

INQ: Aí a senhora ficô cum medo.

INF: Ah, falei “eu não, eu tô cum elas arrebetada mais tô andano pr'esse mundo intero” (risos).

INQ: Mais às vezes não acontece com todo mundo dona NEU.

INF: Ah, sei lá, eu fiquei cum medo, falei não...

INQ: É ?

INF: É, as minha é muita, né ? Quando é só fininha assim ó, aí faiz aplicação, né ? Que lá em Lima Duarte meso tem médico, faiz aplicação.

INQ: É, é... senhora nunca foi lá no dotor LIC não ?

INF: Já...

INQ: Que qu'ele falô ?

INF: O ano passado mesmo eu fui.

INQ: Que qu'ele falô ? Eu já fiz aplicação com ele!

INF: Ah, eu eles num, ele falô, a única coisa qu'ele falô comigo qu'eu tem que fazê é reposo.

INQ: Como que faiz né dona NEU, com a lida aqui da roça, né ?

INF: É deitá na cama umas duas hora co' as perna pra cima, eu que num consigo...

INQ: Não dona NEU ?

INF: Num consigo ficá sentada nem uma hora, nem pra vê televisão novela, eu num assisto sentada começo da novela até o fim eu num fico nela sentada (risos).

INQ: É mesmo dona NEU ? Mas senhora tem que ficá uai, a senhora aproveita a hora da novela e estica as perna pra cima.

INF: Ah, num tenho paciência, num tenho paciência de jeito nenhum.

INQ: Muito agitada né assim já acostumô né dona NEU ?

INF: Eu num gosto de ficá parada.

INQ: Uhun. Vão falá mais um poco daqui da/ dos custume daqui da roça, coisas que vocês **acreditam**, quando um beja-flor aparece na janela assim essa coisa, a senhora...

INF: Ah, sei lá.

INQ: Tem alguma...

INF: As minina daqui...diz que, que aquelas marrom que **parece** é notícia ruim, eu num curdito nisso não (risos).

INQ: Não ?

INF: Não.

INQ: E essa, essa memo que veio, essa que, (inint), diz ela que se o galo cantá meio-dia pra aí, destampá cantá é notícia ruim, diz que se fô pegá, (tampa) pedrinha na por cima da teia é notícia ruim, eu num concordo cum isso nada não.

INQ: Num acredita não dona NEU ?

INF: Eu não.

INQ: Nunca aconteceu não ?

INF: Nada... única coisa que, qu'eu, que já aconteceu comigo é (quando) as galinha no galinheiro...

INQ: Uhn.

INF: Vai durmi de tarde qu'elas **tampa** pinicá uma nas otra dentro do poleiro eu acredito.

INQ: Aí o que que acontece ?

INF: Aí logo a gente sabe que vai morrê qualqué um da família da pessoa, um parente, ô aqui ô lá pra Juiz de Fora, ô lá pra onde que tivé, mais que...

INQ: E já aconteceu dona NEU ?

INF: Já.

INQ: Conta como que foi.

INF: Já.

INQ: Senhora...

INF: Poco tempo memo...é deve tê, num tem nem um ano memo, que as galinha **arrumô** uma brigaiada uns três dia em seguida, aí quando foi uns três dia morreu um tio nosso, o tio do ZE aqui lá em Lima Duarte, (que foi chamado) nem, num tava pensano qu'ele tava ruim não.

INQ: E a senhora quando viu aquelas galinhas brigano, a senhora falô assim: "ah::isso é notícia".

INF: É, mas eu já falo memo, assim se eu fui lá, agora esse dia elas **tá** pinicano pinicano, eu falei que deve sê o DAR.

INQ: Quem qu'ê DAR ?

INF: Um lá da Ibitipoca, ele tá muito ruim internado em Juiz de Fora, né ? Aí eu falei deve sê ele, ele é paren/ele é sogro doTON LAG, conhece o TON LAG?

INQ: Sei, ele é sogro dele.

INF: Ele é sogro do TON, eu falei o DAR agora capaiz de í, porque...

INQ: Já estão brigano as galinha.

INF: Elas **tão** numa brigaiada todo dia, fui lá (inint) pescoção numa, joguei pra lá (risos).

INQ: Pára de brigá cês tão quereno pará.

INF: Num qué brigá, num qué pará, deito o coro (risos).

INQ: (Risos), ai ai, mais o quê dona NEU, que, que cês **acreditam** aqui ?

INF: Ah, eu num credito em muitas coisa não.

INQ: Tá, mas o pessoal fala assim, e aquela luz, já apareceu por aqui dona NEU ?

INF: Já...

INQ: Conta como que foi?

INF: Por aqui não, lá no campo lá de Santana qu'ela aparece.

INQ: É, lá pro lado de Santana, né ?

INF: É, lá po lado de Santana ela aparece.

INQ: A minha vó já viu muito lá.

INF: Quem ?

INQ: A minha vó é do Rio Grande.

INF: Qual ?

INQ: Ah, ela já faleceu há muito tempo, chamava JOA e... minha mãe é da família dos MIR...sabe quem que é ? ALI MIR lá de Santana é irmã da minha mãe, JOA MIR, aqui pro lado de Santa Rita, a minha mãe faleceu ano passado...

sabe ? Então minha vó, minha vó conta que, conta que que cê, que cê já ouviu falá dessa luz.

INF: Ah, eu já...

INQ: Alguém aqui da sua casa já viu ?

INF: Já.

INQ: Quem que

INF: Eu memo já vi, os minino já viu, a MAR, aquela, a vó delas já viu, essa diz que a primera veiz, qu'ela é mai apegada, tá cum oitenta ano...da primera veiz qu'ela viu, que apareceu pa ela, diz ela que gritava pa tudo quanto era deus que tinha no céu pa cudi ela... di\ que a luz vinha assim, ela subia prum lado ela com a mãe dela, a luiz passava... sentava no miorão... elas **tava** lá pros arto dos campo, né?

INQ: E tava perto delas ô longe ?

INF: Tava pertinho, diz ela que a luiz vinha pertinho assim, elas **corria**, a luiz passava na frente, diz ela que aí quando tava já chegano nas escada da casa dela lá, que tampô gritás os otros que **tava** dentro de casa que era pa acudi elas qu'elas **tava** morreno de medo lá no meio do mato (risos).

INQ: É ?

INF: É, igual u'a (cambanha) tem ali.

INQ: E, e essa luz, como qu'ela é ?

INF: É igual a uma (cambã), tá cheio de (cambã)...

INQ: Não, como que é a (cambã) ?

INF: Um bambu que a gente põe querosene nele e um...

INQ: Uma tocha.

INF: Um... papelão assim faz uma tocha, igual aquelas... igualzinho aquela tocha...eu já vi ela tamém.

INQ: E fica grande ?

INF: Fica, só pra gente vê, e eu vi ela, quando eu vi ela, eu tava saino numa casa lá no...duns sobrinho dela, dona MAR, dois sobrinho, aí nós lá ia assim da, saino da casa pa subi, aí lá no...e tinha um caminho que vem de Santana, passano por cima assim no arto, aí nós lá ia pa subi, eu falei “nóis agora vai sai juntinho cum ela” de cima no Mata-Burro que tinha, mais aí quando nós saiu do Mata-Burro, que desceu, que nós chegô lá na outra casa, ela pa/ aí ela tava lá no arto assim, aí pertim pertim memo num vi ela não.

INQ: Não, e se , e já encostô em alguém, diz que se encostá a pessoa adocece.

INF: Não, acho que encostá encostá num encostô em ninguém.

INQ: Uhun.

INF: O (inint) memo qu'eu...o meu sogro, uma veiz foi í pa Santana cum uma turma de gente numa, sei lá o que tinha pra lá, diz ele, diz ele dos que tava no jipe, diz qu'ela vinha até assim no canto do vidro do jipe, por detrás.

INQ: E...

INF: O povo que tava dentro do jipe diz que deitava no jipe, uns **tamparo** a rezá, otros **tamparo** a chorá, e ela em cima memo, (quais qu'ela pega) o carro (risos).

INQ: E agora, vamo, vamo no mais importante, o que que é essa luz ?

INF: Num sei.

INQ: Que que o pessoal fala...pessoal tem medo dela, num tem ?

INF: Tem.

INQ: Acredita que é o quê ?

INF: Sei lá, o povo fala que é uma arma que num salvô e tá vagano, né ? Assim diz, num sei, né ? Que é uma arma que, que num salvô e ela tá vagano até vê se acha uma pessoa que ela... mata ela, pa ficá no lugá dela... assim diz.

INQ: Então por isso o pessoal tem muito medo, né ?

INF: É, deve sê por isso, né ?

INQ: Falá em alma, dona MAR NEU, já veio rezá a dor das almas aqui ?

INF: ((Ruídos com a boca indicando negação)), só uma vez.

INQ: É ?

INF: E tem muito tempo já, deve tê mais duns...duns vinte seis ano por aí ô mais.

INQ: Veio aqui nessa casa ?

INF: Veio.

INQ: Senhora abriu ?

INF: Não.

INQ: Abriu não, olhô na fechadura ?

INF: Tamém não (risos).

INQ: Se olhá...vê, né ?

INF: Diz que vê, se vê memo eu num sei, a mãe da/ дума dona escurinha que mora lá onde tá aquelas bananera, diz ela que viu, só qu'ela já morreu tamém, a véia mesmo, a mãe dela já morreu, mas diz que lá na casa dela antigamente, diz que ia muito encomendadô pras arma, diz ela, a mãe dela, gostava muito de dá café, aí depois que cabava de rezá, ela chamava o povo pa bebê café...

INQ: Uhun.

INF: Aí diz ela que, a mãe dela falô assim, a véia que era vó da, da, da, da, da ALI que mora ali, falô assim: “ó, tu vai lá, olha no, na porta, lá na fechadura, quantas pessoa tem, pra nós já sabê o tanto de café que coa” né? Aí diz que a muié foi lá oiô, mas diz que o terrero dela assim da sala, mais tava lotadinho de gente, mais cheinho de gente...

INQ: (Risos).

INF: Aí ela falô assim: “ih, mãe, tem muita gente memo”, aí cuô café, quando foi lá abriu, cabô de rezá, qu'ela foi lá abri a porta pa, pessoal mesmo só **tinha** quatro pessoa.

INQ: Gente do céu!!! então era tudo alma que tava ali.

INF: Devia de sê, com certeza, porque diz qu'ela viu, o terrero tava cheinho de gente quando abriu só tinha quatro, e tinha quatro e aquele montão de café pra dá aquela baburrera de gente e num era ninguém (risos).

INQ: Gente do céu (risos)!

INF: E eu nunca vi tamém não.

INQ: Mais aí que...

INF: Tamém nunca oiei tamém não (risos).

INQ: Não, não, num quis conferi não, né dona MAR NEU ?

INF: Nunca conferi não.

INQ: Dizem que os próprios rezadores, se **olharem** pra trás tamém que **vê**, senhora já, já ouviu contá isso ?

INF: Já, o (inint) que é o marido dela, tamém diz que quando ele era mai novo rezava, pás arma, aí diz ele que, um dia foi rezá, aí diz que chegô lá no, num arto dum campo lá, aí diz que **ficaro** lá pelejano, mais os que **tava** cum ele lá, nós passa na casa do fulano os otro eu num sei se eu passo, aí conversano... se ia passá na casa do otro ô num ia, né ? Aí diz que quando oiô pra baxo, ma que tava aquele povaréu naquela conversaiada, aquela coisa medonha, e num era gente nada, diz que tava assim pra baxo num barrancado lá...

INQ: Num devia tê olhado, né ?

INF: (Risos).

INQ: (Risos), foi olhá. É...ô dona MAR NEU, e diz que o pessoal quando sai pra rezá tem que rezá sete anos, não é ?

INF: Num sei, isso tamém nunca ovi falá não.

INQ: Num pode rezá só um ano não, e tem que cada noite passá em sete casas.

INF: Num sei, isso tamém num sei não.

INQ: Não ? Num sabe não ? E Folia de Reis, já apareceu por aqui ?

INF: Tamém não, nem na Ibitipoca num vem, Folia de Reis, nem em Ibitipoca num tem, eu já vi Folia de Reis tem... tem dezessete ano qu'eu vi Folia de Reis em Lima Duarte.

INQ: Mais aqui não...

INF: Aqui...

INQ: Mais o pessoal que encomendava alma aqui, parô de encomenda, né ?

INF: Parô porque...

INQ: Porque todo mundo qu'eu pergunto, ninguém fala que vai mais.

INF: Num tem, ele morreu, né ? Esse povo escuro que tinha aí, ês **morreu**, os novo hoje em dia num **qué** sabe de nada antigo mais, né ?

INQ: Uhun.

INF: Faze o quê...eu memo nem sei o que que é encomendá pa arma (risos), nem sei o que que é (risos).

INQ: É ?

INF: (Risos), nunca participei, nem nunca vi, só vi essa veiz aqui, mais nem puis muito sintido nenhum, porque quando nós tava lá na cozinha conversano, tinha gente de fora, quando nós escutô...o, com'ê que chama ? Matraca dês batê, acho qu'eles já **tava** era acabano, é...nem puis, nem puis sentido!

INQ: Num podia olhá, né dona MAR NEU ? (Risos).

INF: Eu nem ia oiá mesmo não (risos).

INQ: Falá em alma dona MAR NEU, ali, diz que na Cruz das Almas é um lugar assombrado, né ? A senhora já ouviu contá alguma coisa ? A senhora sabe alguma história, alguém que já, viu alguma coisa ?

INF: Ó, uma história que eu já ovi falá ali é (inint) aquele sô JOA, aquele, que tem lá na Ibitipoca, um meio caduco?

INQ: JOA do NOR, que eles **falam**?

INF: É, JOA do NOR, qu'eles **fala**.

INQ: Não, ma num sei quem que é não, que que é a história dele ?

INF: Diz ele que esses dia pa tráis, tava com a sobrinha dele passeano lá tarde da noite, diz ele que quando viu lá atrás da cruz, só pareceu aquele vulto, daquele home, desapareceu lá po lado de lá, lá po lado dos mato, pra baxo pra lá, aí que a sobrinha dele tampô a gritá, qu'ele falô que num era nada, ma diz ele que era uma assombrção, mais eu tamém num sei, nunca, nunca vi nada lá não (risos).

INQ: Não, né ?

INF: Eu, falá verdade, nunca vi sombração.

INQ: Graças a Deus, né dona MAR NEU ?

INF: Nem quero vê, cruiz credo (risos).

INQ: Tá doido (risos), dona MAR NEU, a senhora é uma pessoa muito devota, né? A senhora/ aqui tem missa quantas vezes por, por mês ?

INF: Uma veiz só.

INQ: Senhora vai ?

INF: Tem veiz que eu vô, tem veiz que eu num vô não.

INQ: É ? E a senhora participa de alguma irmandade ?

INF: Não.

INQ: Porque fica longe, né dona MAR NEU ?

INF: Fica longe e otra que eu acho desaforo, sabe por quê ?

INQ: Ahn.

INF: Porque aqui tem irmandade vicentina...

INQ: Uhun.

INF: Mais eu acho que é desaforo porque, o santo memo num ganha nada.

INQ: Não ?

INF: Não (risos).

INQ: Por que dona MARNEU, quem que ganha ?

INF: Ganha é os otro, aí pega faiz, arruma di/casa, pra quem num precisa, dá, cesta/ vale, pros vicentino, pra quem num precisa, gente qué só bebê cachaça lá na rua.

INQ: É, dona NEU ?

INF: Deus que me perdoe, só por causa disso...

INQ: E eles vem aqui pedi ?

INF: Custuma de vim.

INQ: Volta co' a sacolinha vazia.

INF: Não, aqui cum São Vicente memo, ele sempre pede assim pra fazê casa pros otro alguma coisa lá mais eu, sempre nós dá pa, lá pra, Lima Duarte, pro albergue, sempre a gente dá, um feijão, dá um leite...quando tem festa igual aqui vai tê no mês de julho, aí nós custuma dá, o leite do, num dia dá o leite tudo pra fazê canjica pro...

INQ: É ?

INF: Pras pessoa internada que tá lá.

INQ: Eles vem buscá ?

INF: Não, aí (inint) manda no caminhão do leite, o caminhão entrega lá no dia.

INQ: Ahan... que bom que a senhora ajuda, né ?

INF: Aí a...

INQ: Que aí lá a senhora sabe pra onde que ta indo, né ?

INF: Aqui na Ibitipoca não boba, aqui no Ibitipoca...quem precisa, igual tô te falano, aquela ali precisa, das coisa qu' eles, a prefeitura ajuda, as coisa, o São Vicente ajuda, e hoje tem dia até, na conferência pa ajudá pagá conta de venda pra ela, eles num **ajuda**, e que tem gente que é muito mais de saúde, ganha da conferência, ganhô casa nova... ganha vale todo mês e fica na rua o mês intero só bebendo cachaça.

INQ: Então num dá, né ?

INF: Aí num...

INQ: Quem tá precisano mesmo num, num tem benefício, né ?

INF: Quem tá picisano num...já o que precisa num ganha, eu num vô dá pra quem num picisa também não.

INQ: Uhun, é verdade, então aí senhora tamém não, nunca teve vontade de participa não, mai tem irmandade de mulhé tamém, só de mulher, né ? Fora de São Vicente parece que tem...

INF: É, não, aqui na Ibitipoca não, só tem assim irmandade de São Vicente aí é, aí é partido em grupo, tem o Santa Teresinha...tem São Vicente, tem Santa Teresinha, tem...num sei uma outra coisa, acho que é quatro...ou cincoi grupo de...

INQ: Mais tudo pertence a São Vicente.

INF: Tudo pertence a São Vicente.

INQ: As mulheres **reúnem** separado ?

INF: Não, tudo misturado.

INQ: É junto ?

INF: É.

INQ: Ah, entendi.

INF: Tudo misturado, home, muié, ma muita gente que era da, da conferência, tá inté saino por causa disso, sabe ? Tá achano que é desaforo.

INQ: Uhun, dona MAR NEU senhora já foi em terço no Cruzeiro ?

INF: Já.

INQ: No último que teve a senhora foi ?

INF: Não.

INQ: Quanto tempo tem que a senhora num vai ?

INF: Ah eu, eu fui em terço no Cruzeiro deve tê, vinte e nove ano.

INQ: Isso tudo, dona MAR NEU ? Senhora já era casada ?

INF: Já.

INQ: E...e como que era ? Ia muita gente ?

INF: Ia...ia sim.

INQ: Mas eles inda **fazem** todo ano, né dona MAR NEU ?

INF: **Faiz**, o terço **faiz**...lá na...todo dia três de maio, que é dia de Santa Cruz eles **vão** na, quando num começa assim dá muito sol tamém, vai pinitença leva água, leva pedra lá na, no Cruzeiro pa podê chuvê.

INQ: Isso ainda acontece aqui ?

INF: Contece.

INQ: E, na época da seca.

INF: É.

INQ: Aí num tem um dia certo não, é quando precisa.

INF: Não, aí a pessoa::ta ali, co'aquela vantage só, aí tem que (inint) a DIN, conhece a DIN, num conhece ?

INQ: Não.

INF: A DIN do ZUZ.

INQ: Sei quem que é essa ZUZ, mas é...

INF: É fia do ZUZ.

INQ: Ah tá.

INF: Aí (inint).

INQ: Que organiza.

INF: Mais organiza o terço lá, sabe ? Porque, falá a verdade, na Ibitipoca pa rezá/devução só o povo do ZUZ que é o mais.

INQ: É ?

INF: É, porque nem esse padre que tá vino em Ibitipoca o povo num tá gostano dele.

INQ: Não ?...Diz que já tá entrano notra igreja tamém, né dona MAR NEU ?

INF: É já tem, otra igreja, já, padre (inint), porque tá assim, eu gosto é de falá, lei é lei, tem lei pra mim, tem pr'ocê, tem pro ROM, tem pra (inint), tem pro RON, aqui tem lei pra uns e num tem pros otro.

INQ: Mas o padre tamém tá no meio di/disso ?

INF: É, o padre, com o padre, o padre assim, se tu vai levá uma criança pra batizá que num é casado, qu'ele não aceita batiza, mas se o ROM tamém num é casado e levá ele batiza.

INQ: Pra uns **pode** e pra otros não.

INF: É, pra uns **pode** e pos otro num **pode**, é igual pa crisma, aquele minino ali chamô, uma madrinha pra, pra ele de crisma, a madrinha hoje mandô falá pra ele qu'ela num vai podê í, porque ela num é casada, é cê conhece o...

INQ: Mora junto ma num é casada.

INF: O...o DOM do...do ZE JAC? Conhece ele ?

INQ: Não.

INF: O XIN, um que trabalha com (inint) ?

INQ: Não, ele, é a mulher dele que vai sê.

INF: É, aí chamô a muié do XIN pa sê, ela hoje

INQ: Ma num é casada na igreja.

INF: Num é, num é casada.

INQ: Aí num pode.

INF: Mais e faiz mia fia, se um dia, dia dois feiz, batizado de gente de otra religião, de otra, de gente de otra religião o padre batizô, e por que que pra uns tem lei...e pra otros num tem, eu falei eu, ele vai ficá sem crismá, e ela não pode sê, só que aí tem mais da metade dos padrinho, quem é convidado pra sê padrinho, que gente que mora junto e num é casado.

INQ: Aí vamo vê se vão crismá, né ?

INF: Agora, agora eu vô batê quexo, quando (foi na prefeitura)...

INQ: Não, mas senhora leva, leva, leva, se os outros **vão** levá a senhora leva tamém, ué.

INF: Chega lá, ês **barrá** que num aceitá, falá assim: “não”, ele chama pa TAD, falá assim: “não, TAD, o negócio aqui é, é assim, o senhor tem lei puns lado e num tem pro otro, o senhor vai me desculpá d’eu falá, mais o senhor tem lei que dia dois de maio o senhor batizô gente aqui d’otra religião, sô batizô lá no artale, no pé de Nossa Senhora da Conceição”, antão se é lei pra um é pra todo mundo.

INQ: É.

INF: Já que num pode sê padrinho amigado, os pais, se num **fô** casado não **pode** batizá os fio, ah, antão tem que sê todo mundo.

INQ: Por que que uns **são** diferentes, né ?

INF: Uai, num pode sê uai.

INQ: Num é tudo filho de Deus ?

INF: Pois antão, porque uns **é** mais rico otros **é** mais ((término da fita)).

Palavras 11307

Parece 02

Acho 33

ANEXO 04

INQ.: Terezinha Cristina Campos de Resende **DATA:**

AUX.- Jussara

INF.: Fabiano

TRT.- Natália Sathler Sigiliano – **DATA:** 12/06/2004

VER.- Alice Queiroz Frascaroli – **DATA:** 15/06/2004

INQ.- (Mero) hoje...e:: agora a conversa vai ser cum o FAB, o músico de Ibitipoca...eh FAB, a gente tava quereno sabê um poco da história da...da vila...da...de Ibitipoca, cê comé que começô, porquê que...que::...quê que cê sabe sobre (dela)...a história?

INF.- Oh, eu sei muito poca coisa memo, assim...do nome, a respeito do nome...única coisa que eu sei de importante é que era um lugar, né? bastante indígena, antigamente **vivia**...vários índios aí,(aqui a gente) tem uma figura, né? que é onde torturava os escravos, coisa e tal, (igreja feita de pedra).

INQ.- Ahan...aquela figura...aquela figura ali eh...comé que é a história dela? eles **enforacavam** os escravos ali?

INF.- É, ali que o escravo que tentava fugí e tal...eles era enforcado ali.

AUX.- Será que chegô a morrer alguém ali?

INF.- Ah, chegô (*inint*).

AUX.- Cê sabe de alguma história assim...será que o lugar ficô meio assombrado? tem alguma coisa assim nesse sentido?

INF.- Bom, eu té (até) nem lembro nenhum, mas já ouví (*inint*) ZEV, ZEF **contá** ali várias histórias ali.

INQ.- E da...e sobre o ouro...que...que...daqui de Ibitipoca, quê que cê sabe?

INF.- Bom, dizem que até hoje inda tem ouro...em Ibitipoca (*inint*)...mais...então é ali...esbarrancado mesmo, muita gente já chegô a...cavucá ali pra procurá oro, mais até hoje num encontrô não...acho que só o...senhô ALA, ele que (*inint*).

INQ.- Cê lembra do senhô ALA, não né?

INF.- Vagamente...eu inda era bem.

INQ.- Pequeno, né?

INF.- Pequeno.

AUX.- Mas, eh...você disse que ainda hoje as pessoas **procuram** oro?

INF.- Tem alguém que já chegô a comprar...que eu fiquei sabeno...chegô a comprá terra que...sei lá, uví o comentário, que falô lá tem oro, que chegô a comprá a terra mais...acho que (*inint*) quebrô a cara, né?

AUX.- Na esperança de inda encontrar, né?...mas esse lugar aqui, você sabe o início da história aqui que foi em torno do oro, né?

INF.- (*inint*)

INQ.- Os banderantes que chegaram, né?...procurando oro.

INF.- Na exploração (*inint*) eu fiquei sabeno (*inint*)...num sei muita coisa.

AUX.- E...e a respeito do parque? cê vai bastante lá? gosta de frequentá desde pequeno? conta como que é sua relação lá com o parque.

INF.- Bom, sempre fui, mas assim inda num...num tinha esse contato co' a natureza, né? (*inint*) sabedoria.

((parece que alguém fala junto com a inquiridora))

INQ.- Cê nunca pensô em sê guia, cê sempre pensô em ser músico?

INF.- Bom...não...sê guia vô...até pretendo a sê agora, fazê (*inint*) (curso) tivé...só agora qu'eu tô frequentano bastante o parque...bem direto mesmo.

AUX.- E isso teve a ver co'a música? depois que cê entrô pra banda? teve alguma coisa...mudô alguma coisa?

INF.- Ah teve a vê...o ritmo de vida mudô muito aí...então eh...aquela rotina...aí lá no parque é sempre o local onde se pode descansá (da...dos milhões de problema).

AUX.- Buscá inspiração.

INF.- Isso.

AUX.- Bem...já que nós tamo tocano que eu acho que é um assunto que vai rendê bastante, né FAB? eh...estamo tocano no...na banda, né? a banda (Ispin...Inspin de Cactus)...você...de que você é membro...eh...conta pra gente como que foi a formação da banda...eh...desde o comecinho, quem teve a idéia, quem chamou quem...e como que vocês **criaram** a banda...e...como que vocês estão.

INF.- Olha, é uma história...bastante longa e complicada, né? porque...foi nas férias do ano passado, no mei do ano, de julho, a gente tava ali em frente o Pão com Linguça, até o GAB que é colega meu...eu já tocava acordion antes, vilão...mas eu inda num tinha sabedoria, né? ah, a gente tava lá...tinha eh...MAR e EDU, lá de...Petrópolis, **tava** aí eles...um sanfonero e um cara do (piano)...aí nós ficamo conhecendo eles, de repente...Ibitipoca ainda era muito movimentado...num era igual tá hoje (inint)...começamo a fazê um forró ali...fui em casa, peguei sanfona, uma motinha...aí começamo a tocá...dali todos os dias...e caiu na rotina aquela mania de tá sempre encontrano os mesmo pessoal, as mesma coisa, decidimo nós...decidimo montá uma banda...aí originou-se o nome Ispim de Cactus que é em homenagem ao (inint) (melanus) lá do parque, né? a gente tava procurano uma coisa que tem a ver com o parque pra gente colocá o nome da banda...aí chegô.

AUX.- Como é o nome científico, do.

INF.- (*Autróciros Melanum*).

AUX.- Mas quem que chamô quem pra formá a banda? quem...de quem que foi a idéia primero?

INF.- GAB, ele que...na verdade num ninguém eh...foi...aquela coisa simples (isso eu já falei)...mas aí ele só deu o nome, né? e hoje (inint).

INQ.- E que que ceis **tão** planejano pra frente aí?

INF.- Agora...tem dois (quadros) aí da morte de meu irmão foi...até então a gente num tinha um motivo pra tê a banda...agora a gente tem, né? então nós queremos aí pra frente é levá a mesmo a coisa a sério, estudá música e essas coisa tudo.

INQ.- Ceis já **pensaro** entre vocês eh...de resgatá a música de Ibitipoca...que sempre foi tocada aqui...a moda de viola, o galango..porque o forró que vocês **fazem** é o forró nordestino, né?

INF.- Exatamente.

INQ.- Ceis **conversam** isso entre vocês? a música que seu pais...pelo men...faz, é a música autêntica de Ibitipoca.

INF.- Isso.

INQ.- Ceis **pensam** em incluir no repertório, isso aí?

INF.- Bom agora que vai ficá mais...vai ficá mais pé de serra aí (inint), né? e aí a gente...num chegamo a comentá não, mas há essa possibilidade da gente...

AUX.- Vamo esclarecê aqui...é que a banda era formada por...quantos membros oh FAB? fala cada um e os seus instrumentos.

INF.- Eram cinco componentes... DAN, que tocava eh (afonché) e cachichi, GAB, que tocava acho que pandero e JOP, que era meu irmão, tocava um (tabaquinho) que era pequenininho e o GEN mesmo no (piano).

AUX.- E você na...

INF.- E eu na sanfona.

AUX.- Então houve um impacto muito...muito triste, né? já tem duas semanas? quinze dias?

INQ.- É...duas semanas.

AUX.- Há quinze dias atrás houve o falecimento do...do GAB, né?

INQ.- Não, do JOP.

AUX.- Do JOP...e...agora vocês **vão** fazê uma nove formação, né? conta pra gente como que vocês **tão** pensano em...em planejá isso.

INF.- É...agora vai sê sanfona, (inint) já era triângulo...eh...alguns (percussão) de (abroque, carvilhão)e...o GAB na azabumba e um prato pra (inint).

INQ.- Então não vai substituir?

INF.- Não.

INQ.- Não vai incluir mais ninguém?

AUX.- Mas eram cinco e agora vão ficar três? quem que vai saí?

INF.- Vô te falá...o DAN...ele já havia saído, né? devido a compromisso e tal, a gente sempre marcava ensaios e ele num ia, aí.

AUX.- O DAN é namorado da EST, né?

INF.- (inint) aí ficamo só nós quatro....e agora que JOP veio a falecer, vamos ficar três...a gente tem tamém eh a vontade de...montá...vontade não...vamo montá agora uma banda de MPB e uma de (inint).

INQ.- Com outra formação?

INF.- Isso...mas aí vamo ter mais pessoas.

AUX.- Mas o trio Ispin de Cactus vai permanecê...vai...

INF.- Vai, no carnaval a gente vai tá voltano aí.

AUX.- Quais os planos? carnaval aqui em Ibitipoca?

INF.- A gente num queria tocá aqui em Ibitipoca pra num dá eh...o pessoal já tá acostumado co'aqueles instrumentos e tal...agora vai saí, vai mudá um pouco...tô pretendeno tocá fora, de repente pra ficá mais a vontade, né? mas há possibilidade também...já...várias pessoas aqui já **procurô** a gente pra tocá em otro carnaval.

AUX.- Estão estudando ainda, né? vocês **ensaiam** muito, oh...oh FAB? qual que é a frequência dos ensaios de vocês...as pessoas que **estão** na banda tem disponibilidade?

INF.- Olha, eh, a gente num...com a formação qu'a gente tinha a gente num ensaiava muito porque a gente tava sempre tocando, todo final de semana a gente tava tocando...dia de semana tamém às vezes a gente tava tocando então...acabava que a gente ficava cansado...os nosso ensaio **era** os shows mesmo.

AUX.- Mas e agora, ceis **tão** com planos de assim estudar, né? no caso...ceis **vão** estudar fora ou **vão** estudar aqui mesmo, entre vocês...como que vai sê, assim?

INF.- Olha, a gente tá pensano em í pra Juiz de Fora porque já tem visto lá eh...no pro-music, né? eh...a dona ODE já tá veno pra gente lá.

AUX.- ODE, a flautista, né? e aí no caso vocês **tão** pretendeno morá lá e istudá...né? final de semana vem.

INF.- Pertim.

AUX.- Você tá animado co'essa idéia?

INF.- Poxa (risos)...muito bom.

AUX.- Cêis **pensam** em morá juntos?

INF.- Eh, já tem lá uma colega da gente que.

INQ.- Já tem a casa lá pra ficá?

INF.- É...MAR, colega da gente, já cedeu lá o local...pra gente começá, né? depois a gente.

INQ.- O primero pontapé, né?

AUX.- E...que qu'eu ia perguntá ainda sobre a banda?...me deu um branco (pausa)...vamu vê oh JOP, que que você acha do...desculpa, FAB...eh...que que você...qual que é a sua visão, a sua visão sobre Ibitipoca hoje, né? você já nasceu com Ibitipoca transformando, né? você acha que isso tá sendo bom pro local, esse crescimento...como que você percebe seus pais,

seus avós, as pessoas mais antigas **gostam** também disso...que que você teria pra dizê sobre esse crescimento, essa mudança que ocorreu aqui?

INF.- (Bom), a respeito do parque...e sem contá que é uma evolução enorme, uma atrás da outra que antes, o parque era só...digamos assim...um pasto livre, né? nos nossos dias...daí já passô, veio o IEF e tal, mudô , começô e tal, aquela coisa toda, né?...deu certo...ingresso barato, num tinha limite de pessoas, Ibitipoca era...(mas) muito frequentada mesmo, vinha muita gente pra cá...esse pessoal antigo sim...num era acostumado com isso...então ele...até hoje tem várias gentes que **detesta** esse...(tá) esse movimento de turista porque, por causa da paz mesmo.

INQ.- E você...pra você, isso é bom?

INF.- Bom, agora...esse parque do jeito que tá aí...assim se a gente fosse trabalhá...por isso até que a gente até tá indo pra Juiz de Fora...se a gente quisesse trabalhá aqui em Ibitipoca, e tal...eu num daria mais, que tá caindo muito mesmo.

AUX.- A quê que você atribui esse...esse decréscimo aí no fluxo de turismo? você tá dizendo “o parque do jeito que tá aí”...conta pra gente, o que que é isso?

INF.- O parque do jeito que tá aí?

AUX.- Isso.

INF.- Eh...o IE...o IEF, né? limitô o parque em oitocentas pessoas, aumentô o ingresso, né? cinco de semana, final de semana deiz, feriado quinze...isso várias pessoas que **vinham** pra cá (**diziam**) assim “num tenho essa grana toda” depois cê vai pagá guia pra entrá no parque (inint) e foi aí que caiu mesmo o movimento...da vila até, né? (com exceção de) Ibitipoca, mas (inint) todo esse feriado veio só o pessoal mais, digamos assim, que tinha dinheiro.

INQ.- Deu uma penerada, né?

AUX.- Tá mudando mesmo o perfil, né?

INF.- Tá mudano.

AUX.- Num é qualquer uma que pode (inint)...e isso aí tem suas vantagens e desvantagens, né?

INF.- Com certeza.

AUX.- Porque seleciona o público mas também perde em números, né?...é...você...sabe alguma coisa sobre aquelas, os nomes, a relação do nome com história do lugar lá de Ibitipoca (inint) ((está baixo)) eh...você como (inint), você vai tê que ficá por dentro de tudo, né?...o que que você já sabe sobre isso? o que que você tem a dizer sobre esses locais e os seus nomes?

INF.- Bom, assim , eu, porque várias pessoas já **chegô** a me falá mas eu inda...sei lá...num era...num me interessava ainda muito, né? como agora...então...infelizmente eu num vô podê dizê.

INQ.- A gruta dos fugitivos, cê sabe porque que tem esse nome?

INF.- Não, num sei.

AUX.- Dos viajantes?

INF.- A gruta dos viajantes até sei...era...**passavam** muitas gentes por aqui viajanos, os tropeiros, tal, aí toda vez **descansava** ali na gruta, era ponto de parada deles, por isso que chama gruta de viaj...dos viajantes.

AUX.- Cruz das Almas?

INF.- Cruz das Almas...Cruz das Almas é porque antigamente aqui em Ibitipoca, não tinha, né? acesso a veículo...então...eh...aqui, se alguém passasse mal, ou então...tinha que levá lá pra Lima Duarte eh...a pé num...ah eles **chama** de paviola né, mas é um bambú que eles **faze** pra carregá...então toda vez que morria alguém lá eles **traziam** e ali, **jogavam** ali as paviolas ali...então originou-se esse nome Cruz, já que **colocavam** a Cruz das Almas, né?

AUX.- Existe alguma lenda, assim, alguma história fantástica relacionada a esse lugar? cê já teve medo desse lugar, já passô lá a noite, assim, já te ocorreu uma história, alguém te contô, conta pra gente.

INF.- Várias pessoas **ficam** lá com medo, né? aí **chega** no local fala que é (adrenalina), né? mas assim...eu acho que...foi não...ali na Cruz das Almas tinha uma lenda dela...**contavam** que tinha uma mulhé, né? que se ocê passava ali meia noite, tinha uma mulhé que sentava num lado, colocava as perna no otro, já vê que é lenda memo (risos).

INQ.- Ela era muito grande, né?

INF.- É...num deixava ninguém passá.

AUX.- Cê já sabe...eh...alguém já te falô que viu essa mulher? ou cê ouviu contá que alguém viu.

INF.- Eh, (já vem já) dos mais antigos, né? aí a gente num sabe, né?

AUX.- (o que rola não, né?)

INQ.- Cê já passô alguma situação assim difícil, de susto, de medo?

INF.- Oh, o acesso da vila até minha casa tem um (trecho) de escuro, então...meus irmãos até me **sacaneavam** muito...me **colocavam** medo, teve uma época que eles...foi um medo, assim, digo mais senti medo, né? que tinha um...eles **colocaro** um...ah...um plástico assim, um papel branco assim no escuro, no formato de uma pessoa, assim quando eu...(entrei no acesso ao escuro vi lá) (inint) nossa. (risos)

INQ.- Cê achô que era assombração? (risos)

AUX.- E aí...cê voltô, cê continuô, cê enfrentô o medo, que que cê fez?

INF.- Ah, esperei passá um poco o medo, eh aí (inint).

AUX.- Tinha que í, né?

INF.- (Num ficava) na rua, né? aí cheguei lá vi que era papel.

INQ.- E o...e o...comé que chama? o cavalero da meia noite?

AUX.- É...o cavalero.

INQ.- O cavalero da meia noite.

INF.- Bom, o cavalero da meia noite, eh...sei mais ou menos também, né? eh...(inint) era JUR, (inint) em Ibitipoca era bem...então ele tinha um ritiro aí pá fora e toda veiz ele saía de madrugada tipo assim treis horas, porque era longe, ele saía a cavalo, numa mula ferrada, né?...aí saía passano pela calçada fazeno aquele barulho todo toc, toc, toc...o pessoal ficava com medo, à noite, se num me engano era à noite, aí, cê chegava mais o menos assim na janela, olhava e aí que o pessoal fala que é.

AUX.- Ele morava na roça? esse JUR?

INF.- Ele...ele tinha casa aqui na rua, tem ua casa da GRA ali.

INQ.- Ah, eh...pa...pai do JOA, eh.

AUX.- Ah, então descobrimo quem que é o cavalero da meia noite.

INQ.- É. (risos)

AUX.- Até agora ninguém tinha falado o nome.

INQ.- Ninguém tinha acusado, né?

AUX.- Ele ainda é vivo, oh?

INQ.- Não.

INF.- Não, já morreu.

AUX.- Quem sabe ele inda...passeia (inint) por aí.(risos)...ai, ai...sobre...o...o cruzero...você já participô desses eventos aí de...de (terço)...na época de...no dia de Santa Cruz...você já foi alguma vez?

INF.- Já cheguei...quando eu ainda era criança, eu ia mais pá...brincá mesmo, né?

AUX.- As famílias?

INF.- As famílias, as (colegas).

AUX.- Eh...e a respeito do enduro, oh...oh FAB? o que que você acha do enduro? o enduro traz problemas, o enduro traz benefícios, o enduro é bacana, deve continuá, deve acabá, qual sua (opinião)?

INF.- Bom, o enduro eh...sem dúvida, né? um esporte espetacular...aqui em Ibitipoca houve muito...as pessoas **vinham** pra cá...né? os participantes...aí várias pessoas (num sei que lá, né?) **saiu, tinha** assim mania de, sei lá, mania (inint), de **pegá** o relógio das moto, procurá (inint) dos carro e por aí que foi...entendeu? que foi acabano...o pessoal num queria vim mais pra cá...mas eu acho que é muito bom tê aqui em Ibitipoca enduro, distração enorme.

AUX.- Cê tá dizeno que o pes...que os donos das motos dos carros, assim **chegaram** a ser (inint).

INF.- Chegaram, chegaram sim...mas...também já chegô, ah, a...decidi passá por aqui o enduro pessoas daqui até embargaram, né?

INQ.- É...é porque tem que sê feito mais organizado, né? pra num acontecê esse tipo de coisa...porque a aglomeração...aí...o que ele tá dizeno é nas pousadas, os participantes do enduro enquanto **estavam** descansando roubaram os...os equipamentos das motos.

AUX.- E será que é turista?

INQ.- Não, é...é o público que atrai...o problema do enduro é o público que atrai...vem muita gente com...towner de cachorro quente e põe na sua porta do...da lanchonete pra vendê mais barato, ocê pagando imposto, pagando aluguel, trabalhando, esperando uma oportunidade um dia melhor pá trabalhá...aí vem ambulante, vai...vende cerveja, vende cachorro-quente, e atrapalha tudo...atrai um público muito...que não interessa...esse é o problema do enduro...que a comunidade percebeu e...foi...acabô co'a história.

AUX.- Então isso não existe mais?

INQ.- O enduro não passa mais por aqui.

AUX.- Não passa mais aqui dentro?

INQ.- Só o...a comunidade aceita que volte a passar, desde que o produtor faça de forma organizada, dê algum benefício pra comunidade, pra vila a...e além de respeito, né?...fazê...tomá todas as providências...num dexá sujo, né? porque depois do enduro num suja muito?

INF.- Nossa, fica uma sujera.

INQ.- Policiamento...tem muitas...muitas coisas pra **serem** resolvidas...providências pra...e o produtor num.

AUX.- E tocando nesse assunto de roubo aí, né? que a gente fala relacionado ao enduro, e relacionado aqui, a casa de turistas...existe esse tipo de coisa aqui?

INF.- Antigamente, eh...existia bastante mesmo...até (inint)...mas hoje em dia é só mesmo gente que vem de fora, (inint) **ficam** aqui em Ibitipoca (inint) acaba com aquela ingenuidade de sê bonzim cum todo mundo às vez só quebra a cara...chama a pessoa pra dentro de casa, faz isso, faz aquilo, quando vê...já (inint).

AUX.- Mas já houve muitas ocorrências? eh...de roubos aqui...porque aqui num tem policiamento, né?

INF.- Olha...

INQ.- É de vez em quando.

AUX.- E tem muita casa com coisas de valor aí e as pessoas num **estão** (inint).

INF.- É, recente agora houve uns treis aí...eh...houve uns treis aí passado recente.

AUX.- E chegaro a descobri quem.

INF.- Só se...a polícia não...o policiamento não...mas as pessoas já **chegaro** até, num (tô) teno certeza, mas em vista assim a pessoa que feiz.

AUX.- Suspeita...e a árvore dos...cavaleiros?

INF.- (Sete) cavaleiros.

AUX.- Cê conhece com quantos?

INF.- Setes cavaleiros.

(risos)

INQ.- A conta dele é sete...tem gente que é oito, tem gente que é doze.

AUX.- A gente nem tá falano mais quantos, né?

INF.- É se...é sete porque os guias aí que me **falaro**, né? porque (eu mesmo) eu nunca fui.

AUX.- Não?

INF.- Aquela...a dos sete cavaleros (deve tá sabendo, cabe na árvore os sete cavaleros com seus cavalo).

AUX.- Dentro da árvore, né? cê tem vontade de í lá?

INF.- (inint) nossa (inint).

AUX.- (inint)

INQ.- Cê já passô aperto co...com...co' algum bicho? alguma onça, cê já encontrô com alguma onça? ou cuma cobra, porque tem muita cobra aqui em Ibitipoca?

INF.- Bom, cobra eu já fui (infeliz) de cobra, né?

INQ.- Ah é?

AUX.- Como que foi, FAB? cê teve que sê levado pra cidade? tomô soro? como que foi?

INQ.- Eu tinha...eh, eu tinha sete anos na época, né? fiquei brincano com essas (fruta de lobo) aí rolano, coisa de criança, né? passô a portera, aí assim que eu pulei a cobra tava...assim...mat...tinha acabado de matá um sapo, né? aí até ah, as pessoas me **falaro** que...dei muita sorte o veneno dela ela tinha...

INQ.- Usado no sapo.

INF.- Usado no sapo...aí eu pulei, ele só me picou a perna, eu tive várias (lucinações), eu saí correno, parecia que a cobra tava correno atrás de mim...aí acabô que eu fui pará lá em Bom Jardim de Minas que era a cidade que tinha mais...

INQ.- Recurso.

INF.- Recurso.

INQ.- Aí cê foi atendido lá, ficô internado?

INF.- Fiquei u...treis dias (inint)

AUX.- Teve alguma sequela? algum (inint) do...da cobra e.

INQ.- Só...u...não...a cicatriz tá...tá bem apagada.

AUX.- Não trouxe nenhuma mudança, prejuízo pro futuro pra você não, né?...certo...e...e essas coisas de aqui caí muito raio, né? oh FAB, você já enfrentô alguma tempestade, alguma coisa nesse sentido que cê também teve que se virá? comé que...

INF.- Bom, quando eu era novo, eh (inint)...mais novinho eu na minha casa tem vários pinheiros, né? ao redor da casa...então uma vez chegô a caí uma tempestade à noite, caiu um raio no pinheiro lá da minha casa que (tem) uns vinte metros...até tava assim porque l'em casa é fogão a lenha e tal...o pessoal daqui tem o maior medo, né? ah só vi que meu irmão me tirô, assim, logo em seguida caiu o raio...mas eu já perdi um primo cum...um raio.

AUX.- Aqui dentro da vila?

INF.- É um local mais afastado.

AUX.- Em torno.

INF.- Chama eh Tapera, né? tava sentado embaxo duma tomada.

INQ.- Eu lembro disso.

INF.- (Caiu) um raio.

INQ.- Começô a chuvê, ele foi pro...pra varanda pro (inint), tinha uma tomada atrás...ele encostô na tomada...cê num pode ficá debaxo de...aí ele tomô choque.

AUX.- E foi na hora.

INQ.- Acho que foi o último caso...eu num...num fiquei sabeno de mais caso nenhum depois disso.

INF.- É...foi o último.

AUX.- Eh...vão vê aqui...já fiz essa...oh, FAB...cê disse que tá no segundo ano, né? do segundo grau reiniciá...o primeiro ano você já...você fez aqui.

INF.- Fiz aqui (inint) (municipal).

AUX.- Foi a primera turma?

INF.- Foi...eh...foi a primera turma e eh...a primera segundo grau que formô aqui em Ibitipoca, né? o pessoal reuniu lá conseguiu trazê pra cá.

AUX.- São quantos alunos? foram quantos alunos na classe?

INF.- Eram...a que houve foi até vinte cinco depois foi só caino, as pessoas **foram** disistino...no final ficô com acho que dizenove pessoas.

AUX.- Por que será que elas **foram** desistino, **tiveram** dificuldades, eh...no ensino ou:: na distância, que que.

INF.- É porque...o primero ano **foi** pessoas mesmo que já **tinham**, **foi** pocas pessoas que **saíam** da oitava série **foro** pro primero ano...veí mais gente mesmo de...de...já, né? pessoas casadas, que já **tinham** parado de istudá tempos...sentiu muitas dificuldades, aí num, num aguentô, né?

AUX.- Acompanhá?

INF.- Isso...**decidiram**...pará.

INQ.- Será qque essas pessoas **vão** voltá...ainda...você acredita que elas **voltam**?

INF.- Tomara, né?

AUX.- E...e você gostô? quando teve o primero grau ou o segundo grau, ou você tinha vontade, como otras, né? como o GIL, vários outros rapazes aí um pouco mais velhos que você **foram** istudá em Lima Duarte sempre **tinham** aquelas histórias do ônibus e tal.

INF.- É, eu sei.

AUX.- De umas paqueras de lá e...você tinha vontade de istudá lá? você ahô chato tê o segundo grau aqui?

INF.- Ah...eu não porque...sei lá...(vê) uma rotina de tê que descê todo dia, voltá todos os dia à noite de ônibus, sem contá a época de chuva, fica no caminho, é o lado ruim da história...mas seria legal sim...eh...conhecê várias pessoas diferentes ia sê muito bom mas (*inint*).

AUX.- Na hora que cê ficô sabeno que ia tê o segundo grau aqui que que cê falô “oh que bom, aqui eu vô (*inint*)”.

INF.- (*inint*) se eu tivesse que istudá em Lima Duarte eu ia tê um certo gasto financiero, né? aqui foi só...o único gasto finacero que (num) teve foi um...material escolar mesmo...essa parte (*inint*).

INQ.- Por que aí facilita, né? viajá pa istudá.

AUX.- E agora você vai dá continuidade, mas em Juiz de Fora você já sabe em que escola você vai istudá?

INF.- Hum...inda não...ainda não.

AUX.- Cê vai morá onde lá?

INF.- São Pedro.

AUX.- E vocês **tão** pretendeno esse...í quando?

INF.- A gente tá assim quereno...digamos assim firmá com a banda, né? começá a fazê uns shows assim milhores...tê algumas fonte...(inint)fonte de renda...(inint) pra ajudá a gente.

AUX.- Mas se vocês **demorarem** você vai perdê o ano.

INF.- Sim mais aí, no caso, eu vô continuá...vô ininciá meus estudos aqui depois transfirí meu título pra lá.

INQ.- Pede a transferência.

AUX.- Ah, entendi...pede a sua transferência, né? Isso mesmo, não pára não, né? estudo sempre tem a acrescentá na vida da gente...e:...vamo falá um pouco aqui da sua rotina aqui...cê gosta de, além de música, cê gosta de praticá esporte, você participa de algum time de futebol ou de vôlei?

INF.- Bom...antes eu era...eu praticava muito era capoeira, eu praticava muito era capoeira, né? **deve** (tá) uns dois ou três anos ((final do lado A da fita))

AUX.- Aonde que vocês **fazem**?

INF.- Não...eh...eu peguei só o...a técnica co'um colega e aí fui praticano...sempre...tod...só pratico a maior parte mesmo.

INQ.- No parque?

INF.- É, (se) num fô lá direto, num local afastado e peg...e fico praticano...mais e....eh...a gente ia até ia montá agora aí um grupo de esportes radicais aí...no caso eu, GEN, GAB e o MIN (e) um chegado da gente, ROD, ia vim uma pessoa aí só pra gente...(inint) rapel...passeio de (inint), né?

AUX.- Ahan...e ainda tão...tão co'essa idéia de?

INF.- Eh.

AUX.- Agora que também tem...que tem novos planos, né?

INF.- (Então)...dificultada, né?

AUX.- Tem que dá uma peneirada nas...nos afazeres aí, né? eh...e futebol...cê nu...num gosta não?

INF.- Futebol...(inint) um poco desgosta.

AUX.- Por que?

INF.- Ah, porque...geralmente tinha que trabalhá todos os dia e à noite ia pra aula, (esse ano passô) num tinha mesmo tempo...final de semana tava sempre tocano...aí.

INQ.- Eh...trabalhá na noite e jogar de dia, fica pesado, num dá certo.

AUX.- E a capoeira? vocês **tinham** instrutor, ainda tem aqui, tem aula de capoeira aqui? quem que vem aqui ensiná?

INF.- Oh, a DEB que chegô a dá aula aí um tempo aí, né? mas já vei já, teve aí um tempo atrás que vei, professora de Lima Duarte, eh...o ano trasado deu aula aí pra garotada aí...e...se saiu bem.

AUX.- Durante o ano todo teve?

INF.- Ah, foi poco tempo mesmo.

INQ.- Cê acha que...que falta...o quê que falta pra Ibitipoca pra...pra tê atividade esportiva, quê que cê acha que falta de...mú...música, teatro, quê que cê acha que precisava providenciá em Ibitipoca pra...pros jovens?

INF.- A fonte maior é...Ibitipoca (se ideal) teria que sê emancipada, né? (inint)...sei lá, um local de esportes igual você falô aí, acho que só que (inint).

AUX.- Com uma prefeitura aqui.

INF.- É.

AUX.- Cêis **acham** que o...a prefeitura de Lima Duarte num...colabora muito nesse sentido.

INF.- Eh, já veio colaborá mas...digamos assim, de (inint) (inveja)...Ibitipoca por sê um local turístico...um...aí...caba...num judano muito por aqui...acho que é por aí.

AUX.- Então você é a favor da emancipação? cê acha que poderia resolvê (aí)?

INF.- Com certeza...várias pessoas (aí nossas), até mesmo pá emprego, várias pessoas que **tão** em dificuldade...**ia** melhorá bastante.

AUX.- Ahan...e:...sobre a banda...a banda de música...você...você que tem esse lado seu musical, né? artístico...você nunca pensô em entrá, nunca tocô nenhum instrumento na banda?

INF.- (Assim na lia)...eh...já...saxofone já pensei em entrá pra praticá...é que agora eu vô...vô até que começá hoje, devo até...começá a fazê aula de flauta, né? flauta transversa.

INQ.- Na lira?

AUX.- Onde?

INQ.- Na lira.

AUX.- Na banda?

INQ.- Na banda.

INF.- Vô fazê com a JUD.

INQ.- Ah, com a JUD, então não é na banda?

INF.- É...ela vai me dá uma força.

AUX.- JUD é quem?

INQ.- JUD é uma belga...que está morando aqui.

INF.- É uma belga.

AUX.- E ela dá...dá aula?

INF.- Vai me dá uma força.

INQ.- Ela é professora de...de flauta.

AUX.- E ela dá aula particular?

INF.- Não...ela num dá aula não...ela se propôis a...me ajudá mesmo.

AUX.- Ajudá...e a flauta? cê tem?

INF.- A flauta...ah contece dias que a VEN consegue lá uma pra mim.

AUX.- Porque é um instrumento caro, né?

INF.- Eu sei.

AUX.- Cê já soprô na flauta transversa? cê tem (indocadura)?

INF.- Ah...assim...mais ou menos, né?...eu pego uma flautinha dessas de brinquedo, já dá pra saí alguma coisa, mas aí, na transversa.

AUX.- Já pegô na de verdade?

INF.- Não, na de verdade não.

AUX.- Não?

INF.- Nossa.

AUX.-O sopro é diferente...quais **são** os instrumentos que você toca, FAB?

INF.- Bom, primero eh...instrumentos de percursão com (inint), né? (inint)...mas instrumento harmônico o primero que eu aprendi foi violão, depois eu aprendi eh, cavaquinho, contra baxo...a guitarra, né? que (inint)...depois eu aprendi eh...gaita...aprendi o acordeon...acordion tem uns quatro...**vai** fazê uns quatro ano por aí que eu toco...e agora, flauta transversa.

INQ.- E com quem que você aprendeu esse...esses instrumentos?

INF.- Ah...o meu pai era músico sempre, né?

AUX.- Como que é o nome do seu pai?

INF.- ANT.

INQ.- Ou conhecido TOB.

INF.- Eh...aí desde novinho ele já...assim...gostava de cantá...queria que eu fosse músico, me jogava ali naquele meio...ficava olhando a música...aí fui olhando, tal, cabô que um dia, aprendi...de ouvido mesmo...é até uma coisa inexplicável, né?

AUX.- Desde pequeno já...(pegando), né?

INF.- É.

AUX.- Certo...e na sua família tem mais...músico?

INF.- A minha família é...toda música, né? só que...as pessoas num **praticam**, né? sei lá...num...num **gostam** da música...eu só tenho mais um irmão que toca, na parte do meu pai tem vários músicos, irmãos, tios, né?

AUX.- Vem passando de...de pai pra filho.

INF.- É...exatamente.

AUX.- História de músicos, aí, né?...vão vê...eh...já falamos da emancipação, né?...sobre::...oh FAB...você:: eh de quê que você brincava quando você era criança?

INF.- Eh...eu já brinquei muito pouco...mas tive uma infância bem...um amadurecimento bem cedo (inint)...situações financeiras, (inint) pra ajudá a família, mas eu só brincava mesmo...eu lembro que carrinho, eu detestava carrinho...era mesmo de futebol...eh...jogo de taco, eh...bete, né? (inint)...só...peteca, sempre jogava.

AUX.- Cê construía...cê tinha brinquedo? você fazia seus brinquedos?

INF.- O único brinquedo que eu fazia era esse...eu até gostava ...era esses carrim de boi, né? esses eu gostava de fazê.

AUX.- E...seu pai comenta...quando ele era pequeno assim de quê qu'ele brincava você...assim...ele fala “nossa, como é diferente hoje do...das brincadeiras de hoje”...ou mesmo sua mãe.

INF.- Meu pai eh...veio a acontecer assim...ele...meu pai até que ele, ele não tem istudo, né? porque meu avô não dexava ele istudá...sempre carregava ele pra roça, né?

INQ.- Pra trabalhá.

INF.- Pra trabalhá e...num dexava ele estudá...(inint).

INQ.- Quando você disse que tinha que ajudá a família eh:: que cê começô muito cedo, cê fazia o quê pra ajudá? porque fora ser músico o quê que você já fez?

INF.- Ah, mexia com lavouras, né? plantações...de milho, feijão, (direto).

AUX.- E você me disse ali na ficha que você já trabalhô tamém no (orto), né? foi com que idade que você começô?

INF.- Bom, trabalhei...dos doze...até o ano passado, né?

AUX.- E qual que era a sua função?

INF.- Foi...todo o (oro)...eu cumecei, encheno saquim, eu era novim tal...aí já fui adaptando aí já cumecei a envolvê mais, plantá mudas e cabô que no final num eh...tanto nem parei né? por causa da banda mesmo...cabô que no final eu já tava eh...mexeno co'a parte de adm...administração...eu tava vendendo, MAR, né? OTA ia lá pocas vezes...eu num sabia comê que tava (inint).

AUX.- E quem que ficô no seu lugar?

INF.- Tem um...uma pessoa trabalhano lá...acho que DIE que ele chama.

AUX.- Daqui?

INF.- É.

AUX.- Seu padrim deve tê ficado aburrecido com cê.

INF.- Oh...se...

INQ.- O OTA é padrim dele?

AUX.- É...acostumado lá no...com essa confiança em você, né? já dexano já nas suas mãos, né?...eh...agora você ia falá sobre o seu pai, né? com relação a...cê disse que ele num istudô, que ele teve que trabalhá e com relação às brincadeiras que ele comenta?

INF.- Sim, com as brincadeiras...o meu pai ele nunca chegô a brincá, a única brincadeira dele mesmo era o futebol...(inint) teve oportunidade, né?

AUX.- Ahan...cê tem irmã?

INF.- Tenho quatro irmã.

AUX.- E elas...**são** pequenas? ainda **brincam**?

INF.- Não, já **são** casadas.

AUX.- É? então cê num sabe contá de quê qu'elas brincavam...elas **são** mais velhas que você, né?

INF.- Não...só lembro mesmo da minha irmã que mora aqui...adorava bonecas, só.

AUX.- Ahan...certo...sobre...oh::FAB, essa programação aí da rede Globo, eh...o Big Brother Brasil cê chegô assistiu algum dia?

INF.- Esse útimo que tá passano, nem uma vez, né? nem sei nem as pessoas que **tão** lá...mas...par...eh...os anteriores já...(inint).

AUX.- Quê que você acha desse tipo de programa?

INF.- Ah, traz muita...diversão aí...jovens adultos, né? (pessoal adora eles).

AUX.- Cê já teve vontade de sê um BBB?

(risos)

INF.- A questão de vontade é...(foda) porque quem num...pensa, né? em (maiores) pra você...isso aí eu já tive já vontade já...sempre naquela imaginação...(ino lá, fazeno isso...sem coisa nenhuma pra fazê) (inint).

AUX.- E...e de participá de algum programa de calouro como Raul Gil, Silvio Santos? Silvio Santos ainda tem programa de calouro?

INQ.- Num sei.

INF.- Num sei.

AUX.- Mas esse tipo de programa assim que você vai...tem a oportunidade de mostrá o seu talento na televisão...cê já teve vontade de participá?

INF.- Com certeza (inint).

AUX.- Mas já buscô alguma coisa nesse sentido, já tentô?

INF.- Não...eu num tentei ainda.

INQ.- Tá tudo muito recente, né?

INF.- É.

AUX.- Mas, é uma...um caminho, né?...e festivais? cê já participô de algum festival de música? pretende participá?

INF.- Bom, a gente pretende participá do festival eh...de forró de Itaúna, né? é em julho eu acho...rola lá...são várias bandas de forró...(ou une) e apresenta a música da banda (inint) e daí logo após rola alg...uns vinte minutos pra apresentá outras música...a gente pretende participá, só que no final as bandas (inint), as bandas que **forem** mais destacada até **gravam** um CD, todo ano eles **gravam**, (quatro) festival de forró de Itaúna.

AUX.- Vocês **têm** composição própria?

INF.- Temos...chega em torno de deiz composições própria...mas trabalhada tem uns seis, sete.

AUX.- Já está no repertório de vocês?

INF.- Já.

AUX.- E quem compôis, quem criô a música, quem feiz a harmonia?

INF.- O GAB ele co...iscreveu duas músicas, né? e eu dei os arranjos, digamos assim...e as outras **foi** tudo eu mesmo que fiz.

AUX.- Música e.

INF.- E os arranjos.

AUX.- E...e como que o...o público aceita essa...essa música de vocês? você eh...essas composições **têm** boa aceitação?

INF.- Ah tem...o pessoal adora mesmo.

AUX.- É forró pé de serra?

INF.- É forró pé de serra.

AUX.- Me fala aí, uma que você mais gosta...ela conta uma história, a letra é sobre o quê?

INF.- Bom, eh...a música que é que a gente mais se destaca é o Xote da Serra que o GAB feiz e tal...a gente...o pessoal adora essa música, falano de Ibitipoca, as belezas de Ibitipoca, natureza, pôr do sol, as grutas, do parque, das cachoeras.

AUX.- Co's nomes?

INF.- É...não...co's nomes não...só.

AUX.- Num cita os nomes das grutas, os nomes.

INF.- É, só fala das belezas que tem mesmo.

AUX.- Certo...fala sobre mais uma assim, outra também que o pessoal aceitô bem...o pessoal já canta com vocês? o pessoal que tá acompanhano a banda aí já canta as músicas de vocês?

INF.- Todas, **sabem** de cór né? mas a última o pessoal eh...mais adoro foi eh...Canção do Sorriso, né? foi uma música até que...era um...uma música que...a última composição da gente então foi mais destacada...a história dessa música foi muito longe...tava ino...aniversário de um ano da banda, a gente tava ino tocá em Juiz de Fora, no Zeppelin, lá em São Pedro...aí assim descero um (ciracono), sei lá, aquela inspiração toda...resolvi fazê a música...já fiz ela com ritmo na cabeça...chegô em Juiz de Fora, passei pro papel, e já à noite já cantei a música.

AUX.- No mesmo dia?

INF.- É...canção do sorriso ela...ah...fala um pouco do forró, (inint).

AUX.- Da alegria que a música traz.

INF.- Sozinho, paraíso.

AUX.- Cê num qué cantá um pedacinho? um trequinho? (risos) a LAU que tá pidino (risos).

INF.- A Canção do Sorriso ou só...

AUX.- Pode sê essa que cê tá falano.

INF.- Canção do sorriso é... ((canta:)) “é que seguino esse verso, eu fui pro paraíso...a cantá e dançar a canção do sorriso::eh...essa cação que eu quero vê...o seu sorriso se derramar, sua tristeza se assustará”.

AUX.- É meio reggae, num é?

INF.- É um xotizinho, né?

AUX.- É um xote?

INF.- É...reggae é um xote disfarçado.

INQ.- E a de Ibitipoca? Cumé que é?

INF.- De Ibitipoca?...o refrão é...((canta:)) “cachoeras , montanhas, pôr do sol e paredões, essa Ibitipoca que encanta corações...grutas, rocheiras, fauna e flora, essa é a serra, a serra que istora”.

AUX.- Muito legal...e::o FAB, a música...a inspiração a gente ne...nem busca...nem sempre busca em coisas alegres, né? das quais você tá citando aí e com certeza esse acontecimento triste aí, na...no grupo, né? deve trazê alguma...alguma canção aí, né?

INF.- Com certeza...a gente vai fazê agora...(inint) até da viagem que a gente tava fazeno, que já era uma coisa planejada assim a meses.

INQ.- Vocês **tiveram** que interrompê? eh...**tinha** mais shows marcados?

INF.- **Tinham** treis shows marcados lá em Iriri perto de Piúma...a gente ia abrí os shows do...do Leoni, né? do Kid Abelha...a gente ia abrí o show dele lá...no clube lá...ainda nossa intenção era assim chegá em Itaúna, subí as dunas e tocá forró lá no buraco do tatu...(risos)...essa era nossa intenção.

INQ.- (Nesse)festival?

INF.- Nesse festival...por causa esse festival a gente inda vai.

AUX.- Em julho, né?

INF.- É, assim a gente ia.

INQ.- Mas você...agora, nessa temporada vocês **iam** lá.

AUX.- Vocês iam lá.

INF.- **Iam** mesmo conhecê e fazê forró, né?

AUX.- Cêis já **têm** alguma...alguma melodia na cabeça, já tá passando alguma letra assim sobre essa composição nova?

INF.- Bom, eh, inspiração num vai faltá, né? que vem (inint) de repente pra num se precipitá tanto a gente tá dexano acontecê pra saí aquela coisa bacana, né? (mas) em breve.

AUX.- Vocês **cantam**...eh:: as músicas...quais são os compositores que vocês **tocam** mais, assim, que vocês **interpretam**?

INF.- Bom, nossa banda foi inspirada no Trio Forrosão que é uma banda de forró pé de serra aí, até já cabô...até...até então, assim, eu aprendi a tocá sanfona ouvino o som deles...foi assim as primera música que eu peguei pra trabalhá...mas o nosso repertório é bem...assim...(pirado) não é.

AUX.- O Trio Forrosão é de Minas?

INF.- Trio Forrosão...não, acho qu’ele é lá da região do nordeste ali...nossa banda então foi inspirada no Luís Gonzaga, né? Luís Gonzaga esse...é fonte maió dos nossos repertórios (inint) (otros) baiano Caetano.

AUX.- Mas é sucesso total, né? eu desejo que vocês **cresçam** bastante, né? e essa idéia de...istudá mesmo, né? de torná a coisa mais profissional, isso aí é brilhante...talento com

certeza que num falta, né?...esse multi-instrumentista, né? que é...você além de...de tocá esses instrumentos você compõe, você canta também, faz vocal?

INF.- Faço...semp...todos instrumento.

AUX.- Você é o vocalista da banda?

INF.- Sô vocalista principal da banda.

AUX.- Ahan...os otros **cantam** também fazendo back?

INF.- É só o GAB, né? que é o percussionista ele faz segunda voiz.

AUX.- Ahan...ele é que faiz segunda voiz com você?

INF.- Isso.

AUX.- GEN num canta não?

INF.- GEN não...hoje ele tá mais no.

INQ.- No triângulo?

AUX.- No triângulo?

INF.- (inint).

AUX.- Tá certo.

INQ.- Oh FAB, eh...já tem dois ou três anos que num tem a...aquela encenação da crucificação e morte de Jesus Cristo.

INF.- Sei.

INQ.- Quê que você acha disso? por que que não está tendo, e se você acha que deve tê?

INF.- Bom, eu acho que é falta de...as pessoas daqui sei lá...num tem esse costume de se harmonizá umas com as otras, então, eu acho que é isso que tá acontecendo...umas pessoas desinteressadas...(entendeu já tá) porque nós temo uma cultura aqui em Ibitipoca assim, cultura mesmo entendeu que eu acho que não deveria perdê aí...mas, também eh, o ANS, que era o cara que fazia Jesus Cristo, interpretava muito bem, casô, né? parô...acho que deu uma balada também nessa parte aí...mas...é muito bom...eh apesar que o movimento turístico, né? é difer...porque igual eu falei...antigamente num tinha esse...movimento turístico aqui...era só mesmo pessoas da vila aí **saía** aquelas encenação assim...o pessoal ficava até mais a vontade pá apresentá, né? mais.

INQ.- Você acha que o turismo atrapalhô então?

INF.- Bom, num é bem assim, acho que o que atrapalhô mesmo foi a falta de interesse que o pessoal de Ibitipoca, tomô de (falá) não hoje só coisa bacana.

INQ.- Você já participô da encenação?

INF.- Nunca cheguei a participá.

INQ.- Porque tá teno um movimento aí pra col...pra tê esse ano...prá fazê organizado, né? você:: gostaria de participá?

INF.- Lógico (inint).

AUX.- E sobre a queima do Judas? essa aí inda...inda'contece, né?

INF.- Queima do Judas...essa ainda'contece...faze, (vamo dizê assim) o pessoal mais adultos **faze** pra criançada.

INQ.- Ah eh...tem das crianças.

AUX.- São dois Judas? tem Judas e o Judinho? já tem muito tempo que tem esse?

INF.- Já, tamém era...é cultura, né? junto aí co'as encenações.

AUX.- Cê ia falá sobre os versos?

INF.- Os versos que **são**...alegria do pessoal, né? pega...ah pega coisa assim que mexe co'as pessoas, entendeu? e faz uma sacanage assim.

INQ.- **Pegam** pesado?

INF.- Eh...(risos)...às vezes **pegam** pesado.

AUX.- E as pessoas **levam** isso com naturalidade ou ficam chateadas?

INF.- Levam na esportiva, na brincadeira.

INQ.- Se ficá chateado tem que disfarçá...num adianta achá ruim.

INF.- Eh...porque senão o pessoal percebe (inint).

AUX.- Você...já ajudô a fazê algum desses versos?

INF.- Já cheguei a ajudá a fazê.

AUX.- É? já compôis? (risos) e...fica em segredo quem fez?

INF.- Fica, com certeza, aí, senão até rola...briga, né?

AUX.- Alguma rixa, né? mas quem que fala os versos na hora?

INF.- Geralmente é...as pessoas mais ve...assim mais velhas...(inint) sempre fala.

INQ.- FRE.

INF.- FRE, PED, que é uma pessoa.

INQ.- É, ele que corre atrás mais do negócio, da história, eles.

AUX.- Mas não **são** eles necessariamente que **compõe** o verso.

INQ.- Fica em segredo isso mas a gente vê que é eles que **movimentam** a coisa.

INF.- Fica em segredo mas a gente sabe...eh...assim sempre chega um lá, aí tem um verso na cabeça aí vai lá e escreve, aí chega otro, temotro verso.

AUX.- E isso é preparado com antecedência?

INF.- É...um mês mais ou menos, começa bem.

AUX.- Começa a quaresma, já::: começa a pensá o quê que vem.

INQ.- Tem que registrá os fatos do ano. (risos)

AUX.- Pra colocá, né?

INQ.- Cê lembra de algum versim? eu lembro um do...do Baretá...eh ...passei pelo Baretá e ele estava muito bravo...é que o movimento dele foi todo pro Gustavo (risos) quando o Gustavo montou a...o restaurante do lado do bar, né? aí vai...aí eles **vão** passano de casa em casa, que num, né? **vai** pelos endereços, né?

AUX.- É? então Fulano já tá...ih, tá chegado a minha casa, o que que eles vão falá de mim?

INQ.- Chegado a minha casa, quando passa direto da...da sua casa ai, graças a Deus.

AUX.- Cê lembra de algum FAB?

INF.- Bom eu...assim...tá difícil de lembrá...muita coisa me ocorreu.

INQ.- Teve um ano que **pegaro** no pé da Graça...**fizero** três versos pra da Graça.

AUX.- Seguido, né? atrás do otro.

INQ.- Ela apareceu muito aquele ano.

AUX.- Mais o quê oh FAB?

INQ.- Quê que cê acha mais divertido, quê que cê acha melhor de...de Ibitipoca? pra você, pra sua vida? quê que cê vive de melhor?

INF.- Bom eh...assim...só pessoas boas ao meu redor é o objetivo maior aí...fugí dos problemas e tal...(inint) inveja.

INQ.- E você acha que você...cê acha que você vai se adaptá em otro lugar como Juiz de Fora por exemplo?

INF.- Eu acho que sim...sei lá, com uma pessoa digna (inint) vai em qualqué lugá mesmo.

INQ.- É porque quando as pessoas **saem** da to...da própria...do próprio lugar que...da própria terra é que dá valor, né? dá saudade.

INF.- É (risos)...mas é coisa, aqui em Ibitipoca tamém eh...acontece sempre eh...nas noites de São João, né? é muito bom mesmo, tamém.

AUX.- Como que é? tem uma foguera tradicional...onde que custuma sê essa festa?

INF.- É tem...é no sítio do seu ZEV que tá rolano direto lá.

INQ.- Lá em Santo Antônio.

INF.- É Santo Antônio...já rolô em vários locais aqui nessa rua...na Graça já rolô, l'em baxo na igreja, aí é.

AUX.- O do não passado foi onde?

INF.- O do ano passado acho que foi lá.

INQ.- No seu ZEV teve, né? ANT (inint).

INF.- Teve...no seu ZEV.

INQ.- E teve no GAR São João.

AUX.- Mas no mesmo dia?

INQ.- Não...São João, Santo Antônio.

AUX.- Ah...São João, Santo Antônio...aí como que é o movimento?

INF.- (Igual), o último do Santo Antônio eh...o pessoal dançô uma festa junina que é quadrilha, né?...fomos lá uns casais em torno de vinte, pares mais ou menos, essa última até a gente chegamo a tocá, né?...foguera, lá foi muito bacana...tem até foto, foguera o pessoal dançava quadrilha em volta da foguera...a gente tava sentada num...espécie dum curral aí sentamo em cima fomo cantano e o pessoal l'em baxo...dançano, muito bom.

AUX.- Depois da quadrilha, o baile?

INQ.- É, o forró, né?

AUX.- Quem que...que ensaia quadrilha e que...como que diz eh...aquela pessoa que puxa...a quadrilha?

INF.- Aqui em Ibitipoca geralmente é PAR que faiz isso.

INQ.- PAR que sabe, eh...na de São Pedro que foi...ali na...perto da escola ali, em frente a escola foi ela que puxô.

INF.- É...tem o EDI também que já é otro estilo já...de quadrilha.

INQ.- Oh FAB, eh eu vejo que vocês **tem** uma convivência, um grupo de amigos muito...interessante...muito unido...comé que...comé que cê vê isso, cumé que funciona isso...por exemplo a obra, do...do ROD?

INF.- ROD.

INQ.- Toda vez que eu vô lá eu vejo todo mundo lá...um pega uma coisa, otro pega otra isso tudo é multirão, vocês que **tomam** essa iniciativa, cumé que é?

INF.- É porque eh nossa...amizade nossa é tremenda mesmo, graças a Deus...a nossa rotina ali assim todo dia, sempre que alguém vai fazê alguma coisa “ah **vão** passeá no parque, visitá uma gruta” um telefona pro otro aí vai todo mundo...isso...isso forma assim essa amizade enorme entre a gente, é confiança, né? muita confiança mesmo...aquela amizade mesmo assim de podê confiá na pessoa.

INQ.- A turma ali parece que todo mundo gosta das mesmas coisas, né? é porque é sempre tá junto, todo dia tá junto e na hora que um precisa de batê uma laje ou de construí uma...uma ...alguma coisa, todo...junta todo mundo também, faiz um multirão, é bonito.

INF.- Aquela obra foi...mesmo assim...na amizade, né? saiu a obra...todos amigos ajudano ia lá...fazia isso, fazia aquilo.

AUX.- Quem que é o MIN?

INQ.- É o ROD...que tá fazeno uma casa aqui perto do cemitério.

INF.- Rodrigo.

AUX.- Ahn...já terminô?

INQ.- Já tá morano nela, né? falta acabamento.

AUX.- Ele é daqui?

INQ.- Não, de Juiz de Fora.

AUX.- E como que é...depois do...que termina o trabalho? ceis **fazem** uma folia?...(junta o multirão).

INQ.- Ah...sempre tem a...a feijoada.

INF.- (inint) no som que a gente faiz direto também...é uma coisa muito engraçada (inint) batia (contrapeso) da caxa falava “ah vão fazê churrasco”, o forró do contrapeso, né? aí (lançava) em Ibitipoca aí subia aquela mó galera e fazia a festa lá...depois teve, né? no final da ca...da obra veio a laje “ah vô fazê o forró da laje”, foi a mesma coisa de novo, muito bom.

AUX.- A contrução (deu certo).

INQ.- Eh...o forró do contrapiso, o forró da laje, é o forró do...da água, é o forró da luiz.

AUX.- Forró das paredes.

INF.- (Senti muita falta).

AUX.- Forró do embolsamento do...embolsamento, né?...embo...

INQ.- É reboco.

AUX.- Reboco, forró do reboco, né? tudo é motivo prá...prá forró, né?

INF.- Mas, até então eh...nossa força maior assim na banda é a nossa amizade mesmo, enriquece muito a gente, nos dá força, né? a gente procura tá só a gente que sempre tem aquelas pessoa que qué o mal da gente...aí fica (atras da gente) com coisas ruins, a gente entre amigo, mas aquela energia positiva, nada vai afetá.

AUX.- Ahan...e a pessoa depois que faiz alguma coisa assim que dá certo, sempre fica muito visada, né? eh eu acredito que, num sei se aconteceu isso com vocês, depois que formô a banda, várias pessoas **devem** ter se interessado em querê entrá pra banda, aconteceu isso? porquê quando num tem nada ninguém faiz nada...depois que tem “ah eu queria também”, como que...

INF.- Muitas, muitas pessoas mesmo (**chegaro** assim)...mais eh...eh...assim eh, pessoas...tipo assim, digamos assim eh interesseras né? que **querem** vê o lado, que a gente quando a gente faz um, a gente toca de coração mesmo, a gente num qué nem sabê de situações finaceras, entendeu? a gente só tá ali memo pra nossa pagamento maió é vê li...ah...o pessoal todo feliz ali...mas até então rola...aqui em Ibitipoca as pessoas acostumadas assim sempre **qué** monta uma coisa diferente, nunca dá certo, tem aquelas pessoas invejosas que **puxam** pá trás, e **dão** um jeito pá fazê a coisa pá acabá ((fim do lado B))

Palavras 8072

Parece 02

Acho 37

ANEXO 05

INQ.: Terezinha Cristina Campos de Resende **DATA:**
AUX.- Juçara Faria de Góes
INF.: José Bétio
TRT.- Talita Vasconcelos de Sá Moura – **DATA:** 20/05/2004
REV.- Ana Gabriela da Costa Lara – **DATA:** 23/05/2004
REV.: Terezinha Cristina Campos de Resende – **DATA:** 09/06/04

INQ: Hoje é dia dezoito de abril, eu tô aqui no sítio do ZÉB, a região conhecida como Lagoa perto da Rancharia, é o entorno de Ibitipoca. Éh...o ZÉB ceitô a concedê entrevista pra nós, tanto com a JUS também, entrevistadora. Ih...ZÉB, a primera coisa que eu vou perguntá que eu tenho uma curiosidade muito grande, seu nome, tem a vê com aquele radialista ?

INF: Tem a vê.

INQ: Conta pra gente, como é que foi (inint) ah...foi da sua mãe, idéia da sua mãe, o do seu pai ?

INF: (Risos). Não, não. Minha mãe quando tava...grávida...meu pai tinha falado que ia pô José Bétio...porque ele era fã do radialista, não porque o cara é radialista, porque era o maior, melhor sanfonero do Brasil...Aí tinha o forró do ZÉB, em São Paulo e tal, e ele tinha muita vontade de me levá. A origem desse nome foi por causa do ZÉB e inclusive ele foi vê o forró quando a minha mãe tava grávida.

INQ: Olha só.

INF: Ele morava...

INQ: Ele veio aqui em Ibitipoca ?

INF: Não. Ele, o meu, o meu pai foi em São Paulo, o meu pai éh...tinha um certo estudo, trabalhava ((barulho))...inclusive quando ele faleceu ele tava vindo de São Paulo de um emprego que era guarda né ? Aí, no forró, ele falô pro ZÉB tal: “olha, a minha mulher tá grávida...se fô homem vai chama ZÉB”, ele falô assim: “traz o garoto cá que eu vô dá um acordeon”. Só que não houve tempo, meu pai tava me esperano eu compretá dez ano, quando eu tinha sete ele faleceu. Qué dizê, qué dizê, nos prano do meu pai quando eu tivesse dez ano eu já tinha sabido tocá e ia levá (inint).

INQ: E você se recorda do programa do ZÉB ?

INF: Até hoje ainda tem, né ?

INQ: Ainda tem ?

INF: É. Ele parô porque eu acho que operô a garganta assim...ele voltô a trabalhá, a gente ove pelo rádio aqui...do programa dele.

INQ: Sei. O programa dele ainda começa na madrugada, né ?

INF: É. De vez em quando, né ? Por acaso o rádio não é aqui...nós somos... fissurado no programa do cara, mas que existe até hoje, existe...E::...o nome é do ZÉB por causa do, do radialista e também por causa...porque meu pai era fã mesmo por causa do acordeon, né? Meu pai era, era muito bom sanfonero.

INQ: Do sanfonero, né? E você ? Teve alguma, alguma inclinação pra música ?

INF: Não. Eu até brinco, né ? Que...se eu tivesse que aprendê seria instrumento de corda...de corda qualquer bichim toca (inint) (risos). Porque eu num tenho nenhuma vocação pra música.

INQ: E você foi o filho mais velho ?

INF: Não. Eu sô o que, o quarto. Nós somos cinco, né ? Eu tô, eu sô o que, o quarto filho da minha mãe:: (inint) a MARcinha, né ? Irmã mais nova, entendeu ? Eu sô o quarto , treis mais velho que eu.

INQ: Ahn, tá. Tá bom, já que cê me matô essa curiosidade, vamo agora mesmo diretamente ao nosso assunto aqui. Éh...você::...você já chegô a morá lá na vila, o::...ZÉB ?

INF: É...o...a...eu morei na vila...posso se dizê de, de déiz a...dezessete anos.

INQ: Período que cê estudô, né ?

INF: É. Esse período, porque aos dezessete anos eu saía muito, não ficava nem lá nem aqui nem noutro lugá pra, né ? pegano serviço, trabalhano sempre fazeno alguma coisa.

INQ: Mas sempre por aqui ?

INF: Sempre por aqui. Não, o máximo, o máximo que eu estiquei foi até perto de Juiz de Fora uma veiz, e Frangolândia ((Fiaca entre Lima Duarte e Juiz de Fora)) fazê um teste lá...algum serviço, aí eu no que eu queria eu num peguei vaga, aí eu voltei, né ? Porque eu queria trator, qualquer coisa assim ((barulho)), tem tem que tê idade, aí eu voltei, mas sempre em trono em Ibitipoca, né ?

INQ: E... e, ao parque ? Você costumava ir... ir, atualmente onde você vai ?

INF: Ó, eu fui muito ao parque no de...dessa idade, talvez dezessete anos até...vinte e cinco. Se ocê falá assim a minha época de parque foi a época de, do ANS, nós era guia sem cobrá.

INQ: Ah::...sei.

INF: Entendeu ?

INQ: Sem tê esse nome também, né ?

INF: É. Sem tê nome de guia, a gente ia, fazia amizade com alguns turistas, né ? De...principalmente os bons turistas que vinha pr'ocê fazê amizade. Ia, ganhava presente...gruja, ma não tinha

INQ: Nunca cobrô, não foi (inint)

INF: Nunca tinha esse preço de, nunca foi um serviço, né ? Eu...

INQ: Então cê conhece lá tudo ?

INF: Eu conheço é...qué dizé, eu acho que quem realmente conhece tudo é o ANS. Assim, se é que você entende...

INQ: Conheço. Eu até falei co'ele hoje.

INF: É. Cê pode tá fazeno seu trabalho, ma se ocê tivé (forma) ele merece taí... e que ele fala lá de dentro o ANS conhece tudo, porque ele é dedicado a isso. O ANS, é um dos, eu acho que é o único guia que se dedicou mesmo, a conhecer a...a...recebê bem o turista, né ? Que a maioria, num tenho nada contra, mas eles **vê** muito...o dinheiro, né ? Se fracassô, sai fora, o ANS interesse de conhecê.

INQ: E ele é guia até hoje, né ?

INF: É. Ele é guia até hoje. Só que...

INQ: Na época o pai dele era o administrador, né ?

INF: Era o administrador. Daquela época foi a minha. Aí, depois já envolveu ((barulho)) com o crescimento do parque, eu me casei, vim pr'aqui e aqui é mai difícil...e comecei a fazê, né ? Eu faço passeios a cavalo, desde quando eu era soltero. Eu tenho déiz anos mais ou menos que eu assim levo, cavalo e tal assim. Aí já ficô distante d'eu guiá eu passo pelo parque pra ir na casa dos meu parente, do, do otro lado do parque e eu...levo às vezes se, se eu tivé um amigo meu que tivé ino pro parque, que eu conhecia há muitos ano, eu vô, ma não como guia hoje, né ?

INF: Certo. E esses passeios que você faiz, tem passeio pro parque ?

INQ: Não, porque o parque não permite...a entrada de cavalos...

INQ: Nem aquele de fora não pode ficá ?

INF: Aí eu já levei um tempo atrás, eu levei um pessoal...

INQ: Num tem um pastinho ali perto que cê pode dexá ?

INF: Não, mas que tem, tem. Eu poderia dexá o cavalo de fora, passeá com o pessoal a pé, mostrá...eu mesmo marcá de voltá e buscá o pessoal lá dentro. Só que pra isso...o cavalo fica de castigo cá fora e...vai me ex/ vai me expor muito.

INQ: Isso também cê perde muito tempo, né ?

AUX: Não...mas quem vai ao parque qué ficá o passá o dia intero, né ? E, nã/não é o, o roteiro ideal pra cavalgada.

INQ: E isso que você faz é muito bom porque aqui não é só o parque que é bonito, né ? Tem muita coisa bonita aqui no entorno...e o turismo, como o parque agora tá, tá cada vez aumentano mais a, o número de pessoas pra entrada, é uma ótima saída, né ? Essa sua, esses seus passeios aí que, pessoal às vezes que não conseguiu o ingresso, né ? Tem outra opção, tem outra coisa pra fazê.

INF: Mas que nem eu comentei com você antes...que o meu passeio já, já existia antes de visitá o parque. Eu criei um passeio há um tempo atrás, porque::às vezes amigos que eu andava lá e tal onde, onde a gente acha que os cavalinho **foi** dá uma volta e tal, é legal, meu filho não sabe e qué dizê, isso lá vem de anos, eu c'um cavalinho só lá na rua, neguinho já vinha me dá por deixá dá uma voltinha, aí, surgiu de repente...

INQ: Cê enxergô um negócio ali...

INF: Eu vô montá um negócio aqui...mas eu não, eu não exploro o parque...levá o pessoal pro parque, até mesmo pra não expô os cavalo no trânsito...que o trânsito pior que tem de Ibitipoca, é do arraial, e do, do arraial até o parque. Qué dizê, eu tô ino, o motorista da kombi tem pressa de voltá pra pegá otro pessoal, quem tá montano, fazeno o passeio...num, num sabe montá bem, qué dizê, a estradinha é estreita e tal, eu prefiro fazê o entorno e eu até...sempre pus isso pras pousadas, ó, se me ajudá eu sô uma opção pra pousada, o seu criente. Mas eu num tenho que ficá te ligano...

INQ: Você tem ligação com pousada ? **Eles pedem, solicitam** o seu serviço ?

INF: Sempre quando o pessoal procura, né ? O hotel, lá em cima do (inint), o CÉS...sempre me passa...

AUX: Cê tá com quantos cavalos agora ?

INF: Hoje eu tenho só seis, qu'eu cabei de diminuí porque a semana santa foi fraca e tá vino inverno aí, entendeu ? Eu tô com seis, ma todo feriado eu aumento a tropa, né ? Eu pego de alguém, eu tenho...seno bem feito, seno antecipado, marcado, uma cavalgada qualquer coisa assim, eu tenho condição de juntá::...quinze cavalos, entendeu ? Uma comissão também...

INQ: Então você não, você não deixa de sê guia, até hoje você é guia, num é ? Um guia rural.

INF: É. Eu sou um guia rural, né ? (risos)

INQ: Fala, conta um pouco pra gente assim...quais os lugares que você vai e...que que agrada mais...

INF: Olha...eu...vô começá, né ? Num é porque tá aberto não, né ? Mas é onde eu...se/principalmente se não fô lotação no Ibitipoca eu gosto de fazê seria...a cavalgada da JUS.

AUX: O meu sítio é perfeito, **são treis quilômetros**, né ?

INF: Que é perto. É pertinho... tem o banho da/na cachoeira e tal.

AUX: A cachoeira é um detalhe...o banho de cachoeira é um detalhe que faiz parte de um roteiro ótimo...não é cansativo...

INF: E ali...por ali pode tá passano, né ? A gente pode fazê isso pela, né ? Meio-dia e tal na JUS...segue e sobe pelo::...a subida que vai pro CAN, né ? Que é nas terra do ANT MAR e tem um trilho que volta... na ponte alta, que **mora** o tio LÔ e a tia ZIC, que é um casal de tio idosos. E dá pra pegá o pôr-do-sol à tarde na serrinha que é bonito, né ?

INQ: Conhecemos, já entrevistei eles. E esse rotero é o que ? O dia todo ? Ou à tarde ?

INF: É. Pra fazê esse rotero...éh...aí tem que saí onze horas, né ? Um bom café da manhã e sai levano um lanche...porque cê vai...passá pela cachoeira...pára, segue e à tarde vai até a serrinha qué dizê...cê chegô de tardezinha, sai da cachoeira já...pranejano de ir...chegá de tardezinha na, na serrinha...aí vê o pôr-do-sol e volta pr'otra estrada...qué dizê...isso é uma opção que...dá pra fazê com o grupo...que não tem nem muito costume aqui...tem uma pausa

no meio, tem uma pausa...no por do sol lá da serrinha e volta...o que eu mais faço na, na vila é pra saí fora do trânsito também, principalmente feriadão...e eu saio:...ali da igreja do Rosário, né ? Aqui no lava pé...venho pela cachoeirinha, né ? Cachoeirinha e volto por trás do Alphaville, é um circuito naquele morro que dá acesso à rampa de asa delta, é permitido tanto que tem uma matazinha, uma florestinha bonita de passá, **trilhas que não passa carro**...o proprietário não gosta de bicicleta, moto, qué dizê eu pedi...é, eu pedi pro que...o RAI, e o ANT, né ?

INQ: Mas cavalo ele não se importa, ?

INF: Eu pedi permissão de passagem tal, eu man/mantinha sempre as trilha minha que eu sempre pego feriado vô lá e dô uma passada em algum lugar, qué dizê, é o que eu mais faço porque isso dá pra mim fazê dois o treis por dia se tivé lotação, né ? Um feriadão no caso.

INQ: Cê falô em mata, eu me lembrei, que uma mata mu::ito linda que tem e ouvi dizê que tem caminho dentro dela, eu (acho) que é uma mata lá da, da fazenda do Engenho, ali perto do VAL... sabe ? Uma mata que tem ali, que diz que tem até mu::ro dentro dela de escravos...ali do, da Fazenda do Engenho, indo né ? Da::entrando ali pro lado do VAL, JUS, mas aí continua, passa a casa...

AUX: O que ? O VAL que cê tá falano ? Mas cê tá falano do VAL o tá falano do Engenho

INQ: É. Não, é porque lá também é Engenho.

INF: Não.

AUX: Engenho o quê ?

INQ: Ele diz que é...né ? Cê num (disse) na entrevista ?

INF: Não... ah.

AUX: A gente tá, pra gente tê referência de lugar tem que falá, fazenda do Engenho é lá, (do caminho)

INF: É da (inint)

AUX: Da (inint), entendeu ?

INQ: Não::Engenho não, é::Tanque, Tanque, descupa, tô toda::errada. Não, é tanque, é aquela, tá tá sabendo qual mata agora que é ? Do Tanque ? Depois do VAL continua...

INF: Tanque, tanque.

AUX: Ah, bom. Senão a gente fica perdido, né ? (Risos). Lá naquele (inint), tem lá pra cima tem uma mata e tem...

INQ: Eu já entrei na beiradinha dela, mas que tem trilha ali pra dentro...

INF: Eu, eu conheço...

AUX: Tem, tem uma mata de cipó lá.

INQ: Que que cê num::a uma idéia pra você aí, faiz um acordo lá com o VAL, pro'cê passá lá também, que é um lugar maravilhoso.

INF: Olha, TEC, eu... Eu conheço ali, porque eu fre/eu passei o, a minha INFância ali na casa do meus avôs, que é **era** vizinho do VAL, né ? Qué dize, aí (inint) os meus primo, tio **saía** caçano qualquer coisa... ou tirano cabo de ferramenta eu sempre tava junto, eu conheço bem a, eu acho que eu conheço bem a região tudo, não é ? Mas e, o VAL é um cara difícil pro'cê montá uma parceria.

INQ: Difícil de jogo, né ? Eu falo por mim, porque eu tenho vontade de fazê um passeio com você, e um lugar que eu sô loca pra ir atrás é uma mata, num precisa sê aquela, cê falô que têm outras aí e tal, mas aquela eu sei que é maravilhosa.

INF: É. Eu, porque, o VAL me propôs de levá, fazê cavalgada com a, lá pra estiva, que é o otro terreno que é das irmã dele, que tem uma cachoeira linda, certo ? Só que lon::ge pa caramba, né ? Lá::... depois da serrinha bastante, entendeu ? E com déiz reais por pessoa, agora, quem é que vai pagá déiz reais por um banho ? O turista que vem na Ibitipoca ele num tem essa pilha toda de pagá vinte pelo passeio...mais déiz só por um banho, lá num tem nenhum banheiro...né ? Tinha que tê uma recepção, se você qué, você deve montá um troço à

altura pra cobrá o preço que você, né ? Agora vai, vinte do passeio mais déiz trinta, se fô um (grupo) em quanto fica... né ? Aí assim só naquelas mata, o VAL é um cara fora da realidade, se num fosse... eu montaria a parceria...porque... muitas vezes quando surgiro os passeio o cara falava: “não, vamo fazê o passeio pela estradinha memo, sem tê que pagá mai nada”, e eu tenho que defendê o meu lado...

INQ: É. Porque pra pessoa o importante é tá ali de cima do cavalo, né ? É diferente, é um...

INF: É. Qué dizê, a JUS cobra cinco reais lá na cachoera dela e tal, e ela, se ela num tivé lá eu, eu, eu encontro com ela. Tudo bem, se tivesse como pagá eu vô fazê o da JUS, porque num tá saindo do meu bolso. Mas se tivé que pagá eu vô fazê otros que num têm que pagá nada, entendeu ?

INQ: É, mas pelo menos o preço dela tá mais justo, né ?

INF: Porque eu tenho que defendê o meu, eu tenho que defendê o meu. Aí, eu acho o VAL um cara meia fora da realidade, agora que é bonito as matas, que é bonito lá perto do parque é e tal, têm as correderas d'água linda lá.

INQ: E aquela mata dele ali é pertinho, né ? O passeio perto de você fazê, né ? E muito interessante mesmo.

INF: É pertinho. É. Mas ele me obriga também tá saindo na saída do parque, né ? Se fô um feriado eu já tenho problema com os carro, porque normalmente, no retorno o cavalo que voltá mais depressa

INQ: Mas não é o mesmo caminho da sua...

INF: É, mas o que eu falei lá da JUS eu divulgo muito ele (aqui) principalmente quando é feriado: “ah, vão lá na JUS ? ”, Às vezes, né ? E...e no feriado eu costume até querê tirá o pessoal, na hora (inint) que dé um passeio bonito, que fazê que o pessoal pega da cruz das alma até ali na igreja do Rosário, eu só pego aquele pedacinho ali que tem carro trafegando, porque um cavalo e um carro, principalmente quando o cliente tá montano num sabe, é um pouco arriscado, encostô vai sobrá pra gente (risos).

INQ: Ah, é. E pode dá um coice no carro, uma coisa assim...

INF: É, machucá o cavalo.

INQ: Já aconteceu, alguma coisa assim, algum risco::?

INF: Descendo o parque uma veiz, um cara com jipe me esbarrô no cavalo, sorte que não foi na perna de quem tava montano. Aí::eu acho que o cavalo ficô seguino manco e tal, ma não teve nada num quebrô, o cara ficô puto na hora que o cavalo (virô) no caminho, mas aí, eu falei: “ó, o cara que monta num sabe, né ?” Foi até um, pra mim foi um alerta, ó, é perigoso, entendeu ? Que num tinha mais planta, inda tava escorregano, aí eu::

INQ: É. E já aconteceu de, de algum turista caí do cavalo, assim, machucá, o::?

INF: Não, não. Machucá gravemente não. Ma caí já (houve) umas quedas, foi num retorno do...do alambique do OSV, que a JUS já feiz esse passeio comigo, num sei se ela (inint)

INQ: Eu conheço lá também, muitos anos atrás.

AUX: Foi no aniversário do, do, do ZÉ, a gente foi.

INF: É. Do ZÉM... o LÉO...

AUX: O LÉO, a, a DEB, o FLO, você, eu...muito bom, (inint) trazeno um monte de cachaça.

INF: A DÉB, o FLO...

INQ: A JUS que caiu ?

INF: Não.

INQ: (Risos)

AUX: Não::e depois de voltá do alambique...(risos)

INF: A gente voltô tudo bem, voltô tudo bem.

INQ: Só::voltaram tudo turbinado.

INF: (Inint) eu fui levá um pessoal de São Paulo...inclusive a mulher já foi várias vezes, e ela tem até uma venda, um barzinho lá, e leva pinga do OSV, e vende caríssimo, entendeu ? Assim...divulga... entendeu ?

INQ: Pinga de Ibitipoca.

INF: A pinga dos TEX, que é a, pra mim é forte...sô fraco pra pinga, gosto duma mais fraquinha. Mas, o, o, no, no retorno de lá...tava...acho que nós tava em grupo de oito, e um, um deles abusô e já foi com um cantilzinho bebeno, a que carrega, ele era marido de uma veterinária e ela acho que tava brincano com ele e tal, né ? “Olha, eu sô acostumada a cuidar com bi/ de bicho, não de homem bêbado, né ?” E ele empolgô, chegô lá **ês recebe muito bem**, é muito rústico lá e tal e **ês recebe** muito bem, dois (inint) e eles bebeno a pinga de:: sete ano, a de treis, a de cinco, vem caindo...

INQ: Nossa... bebem a noite toda (risos)

INF: E na volta:: ele entortava, o cavalo ia de lado pra ele num caí, era uma éguinha chamada **MAR que era das minha criança andá...** eu tenho até foto dessa éguinha...ela ia de lado, e eu brincano que ia amarrá, aon/aonde tinha condição d’eu andá, que não era trilha única, trilhazinha, eu sempre, tocava meu cavalo do lado e segurava ele pelo ombro, né ? Puxava ele, empurrava ele pelos canto...pelo menos em (cima)

INQ: Imagina que cê...fazendo contrapeso...tinha que tê levado ele na sua garupa: “agarra é aqui” (risos)

INF: (Risos). Aí::mas às veze tinha lugares que eu dexava ele, porque, eu falei “ó, segura aí, podexá, pode”, porque a trilha era de ônibus e muitas veze ele caía a égua parava, ele caiu umas treis veiz, em trilha, mas sempre, a éguinha era baxinha, ele caía no capim, né ? Trilha normalmente é pasto, né ? Aí, o capim já amortecia, aí:: tirava foto dele caído...

INQ: Tudo era festa...

INF: É, tudo era festa, (inint)

INQ: Ele não chegô a machucá nenhuma vez ?

INF: A machucá não...e um garoto uma veiz tava, empolgô muito com o cavalo:: e o cavalo tropeçô:: é, ele caiu, ma num machucô também não, ele tinha pedido pra ir, e: “ó, diminui o ritmo, é perigoso” e tal e (inint) o garoto às veze ficava dano umas tropeçada lá de cima, ele tinha pedido (inint): “não corra na descida que é perigoso, cê sempre vai antes que o cavalo, que o cavalo atropença e chegá ainda, né ? Ele pó te...te atropelá depois que cê caí dele.

INQ: Achou que já sabia:: graças a Deus. Cê dá as instruções antes do passeio o durante cê vai chamano a atenção: “ó, num faiz isso, num faiz aquilo ?”

INF: Olha, eu quando venho...de Ibitipoca, que a, muitas veiz eu marco o passeio e trago o pessoal pra cá, no caso dexo o carro aqui e a gente sai daqui pra algum lugar...ultimamente eu tenho feito isso, sabe ? Até pra evitá d’eu ficá levano o cavalo o trazeno à noite.

INQ: É. Isso que eu ia perguntá também, se você saía de onde ?

INF: Se tá tranqüilo, normalmente saio daqui. Só que quando a pousada marca o passeio, que me chamam, né ? Que já é uma coisa antecipada, eu vô falano, chego aqui nove horas e a gente vai pro sítio, “no seu carro, pode sê, pode sê”, aí **nesse espaço de Ibitipoca até aqui, que é de sete quilômetros...** eu já venho...tentano identificá quem tem conhecimento, quem num tem, quem já montô pra mim fazê uma escala, que eu tenho um cavalo mais manso tenho um cavalo mais esperto um poquim, aí eu passo a instrução pra quem num tem, então, meus cavalo tem uma vantagem, **se um sabê::** é tranqüilo fazê o passeio, um sabeno montá, porque eu ponho aqui no animal que gosta de puxá a fila, **e os outros tudo segue**, então os Maria vão com as otra, **se um cavalo foi todos começa a seguir...**

INQ: Isso. Entendi. Mas cê tá sempre junto também, né ?

INF: Eu, eu gosto de ir em último, seguino, eu sô um guia seguidô, porque eu atrás eu observo todos, entendeu ? E também tô...

INQ: Cê tem alguém que tá caino...se tem algum arreio bambeando, né ?

INF: É, se tem alguma coisa froxa e tal...pa apertá...e eu atrás faço as coordenada melhor do que na frente que eu tô de costa...e eu tenho um animal trenado a puxá fila, qué dizê, eu sempre procuro...ah, quem já montô, quem tem mais/menos medo...(inint) e ela me obedece à distancia, uma éguazinha, eu vô gritano co'ela e ela me obedece à distância

INQ: Olha só, que jóia...

INF: Aí vai na boa, e ela já acostumô a fazê isso também, eu faço um circuito aqui da da serra da Rancharia que ainda tem tem uma cachoera, muito bonita.

INQ: Aí cêis param lá ?

INF: A gente pára na cachoera e tal. Antes era:: (inint) zero oitocentos, né ? Era do dotô PIE, né?

INQ: Sei...

INF: A cachoera era zero oitocentos, aí nós só já tinha falado cum ele, ele falô: “ó, não poluino nada lá, não estragano nada, pode usá.” Aí, um tempo atrás eu trouxe o RON, que era camarada do do ISR e, o RON conheceu e o ISR voltô, entendeu ?

INQ: Ah, sei.

INF: Aí, o (chefe) do ISR paga sete reais o feriado que ele ficá também... e o mehmo riacho

INQ: A cachoera fica fechada o...o...ZÉB ?

INF: É, no feriado ele traz...o (inint)

INQ: Sei, mas ele tem tranca ele tem cadeado assim ?

INF: Ainda não, mas vai pô.

INQ: Tá com idéia de... fechar.

INF: Tá com idéia sim. Todo movimento ele dixa disponível ali pra recebe e (inint)

INQ: E é bonito mesmo ?

INF: É bonito, ele tem umas... quatro o cinco (pedras) num sitiozinho pequeno, mais **duas delas é muita linda**. Tem umas treis que/

INQ: É por aqui ?

INF: É. Serra da Rancharia. Aqui eu volto até a tapera, vô até às Treis Portera, cê conhece Treis Portera ?

INQ: Não.

INF: Depois da Tapera, mai na tapera invés de ir pra pra direita do Ibitipoca, vi/ vira à esquerda, vai virano à esquerda e sobe todo essa serra que tem um pratô muito bonito lá de cima, o pôr-do-sol, dá pra ver o sol e a lua, quando tem a, a virada da lua cheia, dá pro'cê vê o pôr-do-sol...

INQ: E a lua nasceno do outro lado

INF: É. É do NEW, do sítio do recanto, esse essa pratô E o NEW também tem umas cachoera ali, só que o acesso é mais difícil do que as do (arraial), a descida é muito forte, muita pedra.

INQ: O, ZÉB, e você, esse passeio assim, tem que tê um número mínimo...de pessoas ?

INF: Não, eu tô aqui pra servi...entendeu ? Eu levo uma pessoa só, só que eu quisé eu levano uma pessoa vai saí mais caro pra ela, porque eu to usano dois cavalo, dele e o meu, e o meu trabalho, entendeu ? Qué dizê, p'uma pessoa custa xis, duas pessoa já aliveia um poquim, um grupo aliveia mais.

INQ: Cê pode falá o preço pra gente ?

INF: Posso. Esse passeio de cachoera, quando eu faço, de qualquer forma, não tem como eu fazê por menos de trinta.

INQ: Dentro do Israel ?

INQ: É. Não tem como eu fazê um passeio mé::dio tipo, menos de trinta reais.

INQ: Menos de trinta.

INF: Uma pessoa só vai pagá trinta. Sendo um casal vai pagá quarenta. Entendeu ?

INQ: Entendi. Aí cê já tá baxano.

INF: Aí seno grupo eu::já combino a quinze por pessoa, entendeu ? O, o

INQ: Então você tem passeios curtos, médios e longos ?

INF: È.

INQ: Seno grupo, **funciona** desse jeito, grupo aí de cinco, seis pessoas, no mínimo, funciona desse jeito, déiz o curto, quinze o médio e...e vinte o longo...o longo pode ocupá o dia todo, pode ir na Janela do Céu, suponhamos, né ? E...

INQ: Janela do Céu ? É...

INF: Embaxo, embaxo do (inint)

INQ: É ? Dá, dá pra avistá a cachoera ?

INF: Dá pra tomá um banho na cachoera. Treis queda dá pra subir...

INQ: Dá pra ir ? Mas aí entra::

INF: Pelo lado da U&M

INQ: Mais...entra clandestinamente, né ?

INF: Não.

INQ: Não ?

INF: O ISR tem um lado da cachoera lá também.

INQ: ((Barulho)) Mas aí não faiz parte do parque ?

INF: Não faiz parte do parque.

INQ: Ah, entendi.

INF: Porque lá são sete quedas

INQ: É continuação então da::entendi, ah, sei.

INF: É, é sitio. Lá tem sete quedas, né ? No paredão...

AUX: Que era do LÉO de São Paulo

INF: A gente sobe, a gente sobe

INQ: Arquiteto, né ?

INF: É. A gente sobe quatro quedas, segundo a placa que tá lá é permitido só até a terceira...entendeu ? Já tem uma placa na na trilhazinha a gente sobe pra quarta, já é limite do parque, eu num num debato esse assunto porque eu num tenho certeza num tem nenhuma cerca nenhum marco antigo, né ? Mas tem uma placa lá falano

AUX: Tava pegano fogo no parque ontem...(inint)

INQ: E controlaram o fogo ?

AUX: Eu esqueci de procurá sabe isso hoje. Todo mundo, aliás tava subino::....((barulho))

INF: E...voltano ao assunto da dos passeios longos, eu vô pro alambique dos TEX como longo saino de Ibitipoca.

INQ: É longo, né ?

INF: Mas eu, eu vô por um caminho, vô pela serrinha, volto, isso é no longo. Eu faço ele curto também cortano caminho pelo GEN, de onde a gente voltô aquela vez, tem o alambique do ZÉF, aqui depois de Rancharia, que...é fantástico também, a pinga dele é muito boa, tem umas trilha do Baú, a subida do Baú que vem dá acesso à cachoera em Ibitipoca...é

INQ: Pessoal dos Baú, pessoal dos Baú ?

INF: Não, Baú lá é...a terrinha que tem esse nome, né ?

INQ: Porque eu acho que a:: esposa do OSC que é da família do... Baú.

INF: È, é família de Baú.

INQ: É dessa região aí, que cê ta dizeno ?

INF: Não, não. Esse Baú pertence ao:: pertencia ao ANT e ao JAI é uma ((família)), **é uns vários que tem esse nome, entendeu ?**

INQ: Entendi.

INF: E a fazenda do seu TAB. Cê conheceu o Seu TAB ?

INQ: Não, só de...

INF: Mora ali no (inint) no TIÃ, TIÃ cê deve sabê mais o menos.

INQ: Sei, não, sei quem que é.

INF: Tinha uma casa ali de ração, num é ?

INQ: Eu sei quem que é TIÃ. Mais... aí, o, o ZÉB, você tem sempre procura o só em feriado ?

INF: Olha, eu, eu às vez já faço assim...no no feriado eu trabalho pouco por causa da semana santa, né ? Eu trabalho quase nada, praticamente nada...e às vez...

INQ: Mas por quê ? Não houve procura ?

INF: Não, houve procura, ma teve desencontro e tal assim de INFormação, não foi aquele pessoal de pousada que são mais acostumado, o a posada mesmo que passa, entendeu ? Pessoal do casarão, outro tem casa de aluguel, qué dizê, que procuraram foi esse pessoal que fica difícil de fazê o contato, né ? E às vez eu não trabalho tanto no feriado e tem alguma semana assim umas vez no final de semana que vem pr'uma posada destinada, posada sugira aí esse passeio e...**eles faiz até dois passeio**, eu já fiz com um grupo, apesar que era bem jovem, né ? Bem, garotão mesmo, eu fiz a semana toda e **eles ficaram** três dias no Alphaville, trocaram o Alphaville pelo hotel, mais três dias:: e...eu fiz os seis dias de passeio, todo dia o, o pai, né ? Pai, padrasto, que tinha uns que era filho (inint) trazia...a garotada e a sogra aqui, inda dexava a sogra e ia embora com a mulher e tal e falava: “ó, leva no hotel tal”, aí numa quarta-feira: “ah, leva::cê sabe onde é um hotel de lazer ?”, “Sei”, então é lá que a gente...

INQ: Aí na volta, **eles já ficam**, né ? Cada um com destino, né ? Aí, cê volta com/puxano os cavalo ?

INF: Eu volto, pra casa o cavalo vai andano

INQ: Tem que amarrá um no outro ?

INF: Pra levá sim, pra levá tem, mas pra voltá pra casa o bicho volta sozinho...

INQ: Vem que vem, né ?

INF: Vem que vem. Aí é bem mais fácil trazê do que levá...

AUX: Amarra pelo rabo, né ?

INF: Pra levá é, **mas os cavalo são todos manso**, não tem nenhum que, que estranha o outro, né ? E sempre, é... eu uso ou LEN ou a BET que é a filha pra ajudá ...

INQ: Pra ajudá a levá, né ?

INF: È que vai montano, é um a

INQ: LEN é sua esposa, né ?

INF: A minha esposa.

INQ: Certo. O, o, ZÉB, então, é..., né ? Você agora, exerce eu não sei se é a sua atividade principal, que você tem aqui é...a sua, seu sítio, né ? Você já tira leite, né ?

AUX: Ele faiz tijolo ?

INQ: Cê faiz tijolo ? Cê é olero ?

INF: Eu, eu aprendi com meu tio, né ? (Inint) lá perto de Ibitipoca, em garoto, né ? Trabalhei...pensa bem, os tijolos da casa da minha mãe, minha mãe feiz, quando tinha oito anos, **eu e meu irmão já feiz alguma coisa ali**, né ? (Inint) telha (inint) pra secá no sol.

INQ: Já ajudô, né ?

INF: Pois é, deusde criança, a família, meus meus parente, né ? **Por parte da minha mãe mexia com tijolos**, qué dizê, muitos tijolos feitos por eles ali, tipo a Janela do Céu, **os primeros quarto que era do GUA**, que **veio tudo de lá...Aí eu aprendi**

INQ: Aquele tijolo meio branquinho, né ?

INF: É. Eu aprendi.

INQ: Pra tabatinga) ?

INF: É, lá, lá tem um, né ? Num é porque é muito pra tabatinga, mas ele...ele fica mais claro. E o da minha casa aqui, ó, (meu esconderijo) o tijolo, a telha aqui, tudo fabricação aqui.

INQ: E você inda fabrica pra fora ?

INF: Fabrico.

INQ: Inda tem bastante procura ?

INF: Diminuiu por causa da::do crescimento de Ibitipoca, pa/trocou de rumo, né ? Antigamente, o pessoal usava mais o produto daqui até mesmo por causa do acesso, era ruim de trazê de fora.

INQ: Num tinha como subí com o material, né ?

INF: È, aí, o pessoal tirava areia no riacho, fazia o tijolo, usava uma madeira nativa, da região, aí hoje com duas caixas de material...concorrendo uma coma outra em Ibitipoca, é difícil da gente...tê algum produto...

INQ: E você não negocia com a casa de material ?

INF: Não porque **o preço que eles paga é...** pra gente é...é muito baixo, **que eles pede**, ce vê, a marge de lucro de uma casa de material é **grande pra eles ganhá**, qué dizê, essa marge **que eles qué ganhá em cima do produto da gente**, num dá pra gente fazê pra eles o preço, porque **a mão-de-obra em Ibitipoca é caro**, por causa do produto entendeu ? E o tijolo dá muita mão-de-obra.

INQ: Mas você inda tem procura ?

INF: Eu tenho, eu vendo:: sempre quando eu pego...um...um cara que vai construí assim, que faiz amizade atra/atraves do passeio, talvez tá pegano teu tijolo... gosta....

INQ: Tá construino

INF: Tá construino e compra. (inint) pra fogão (inint) eu vendo muito picado também.

INQ: Entendi. E você só faiz por encomenda ? Ou você...já tem um estoque ?

INF: Não, não, não. Eu hoje eu tenho um estoque, eu hoje tenho um estoque. Eu calculo, tem duas, duas, dois forno, tem conta, eu calculo nuns quarenta milero aí, entendeu ? Já é um estoque talvez eu levo um ano a vendê ele, e de repente posso vendê, se acaba as obra

AUX: O dia de, o dia de queimá::queimá tijolo, como é que chama ?

INF: Quema de caera?

INQ: É ?

AUX: Queima de caera.

INQ: E você tem funcionários ? Como que é ? Você...normalmente dá pra fazê sozinho, no dia da queima...

AUX: No dia da queima divide.

INF: Não. Eu trabalho como autônomo, né ? **Muitos que trabalha por dia**, né ? Diarista e contrato porque o tijolo é...é...de temporada, é fase, num dá pra fazê tijolo sem uma...num é uma, num tem uma empresa, né ? Porém eu pagá imposto pra isso, registrei e tal, como (inint), como microempresa...mas eu faço contrato porque é de temporada, só trabalho com tijolo no inverno, né ? Por causa do sol, num tem chuva, né ? Aí, tem um olero que é muito antigo, feiz muito tijolo na região, que é o JOÃ, TIQ, ele trabalha já tem treis anos consecutivo comigo, esse ano ele deve voltá

INQ: Ele num tem um negócio próprio dele ?

INF: Ele num tem próprio não. Eu tenho o tijolo, eu tenho as pocas caxas de abelha, né ?

INQ: Cê mexe com abelha também ?

INF: Mais é poquinho, mais é pra despesa, e alguns amigos assim, faço do leite que eu tiro, eu faço um quejinho minas... lá em Ibitipoca, né ?

INQ: Que não tá compensano vendê o leite, né ? Aí você também já tem os lugares certo pra entregá o quejo ?

INF: É, eu...a minha produção é pequena, né ? Eu...eu avis/tento aumentá, pego leite com alguém, no feriado pra atendê, mais os pedidos...mas eu tenho alguns freguêis de semana aqui também, de semana dois treis quejo.

AUX: Tá tirando mel ?

INF: Num deu, né ? Por causa da chuva, a chubarada, choveu muito a abelha fica muito dentro da caxa e ela consome o que ela fabricou, né ? Que ela num consegue voá com chuva, né ? No molhado (inint), normalmente ela cai (inint)

INQ: Ah...sei. É, é...cê cultiva um tipo de mel específico assim ? Mel de...laranja, mel de coisa ? O, ou silvestre, né ?

INF: Não, não, não. A nossa, a nossa região num tem como fazê isso porque num tem nenhuma grande prantação de nada.

INQ: Assa-peixe ?

INF: A...Também é poco, né ? Pa, pa dizê, mas é, a região é rica em flores, né ? Nós deve tê no mínimo::duas mil treis mil espécie de flor na região

INQ: Só pra produzi esse mel ?

INF: Es::...é...silvestre, né ?

INQ: Mel silvestre, né ?

INF: Porque é...flor-do-campo, flor de candea, que, é quando você faiz essa, esse roto, come que ia sê o mel de laranja, tem que tê pelo menos déiz hoctares prantado em laranja, tem que tê uma grande prantação de laranja, que a abelha avoa treis quilômetro, entendeu ? Pra buscá a flor se tive faltano. Tem que tê uma área grande porque a abelha, ela vai escolhê a flor, né ? Que ela sente...que dá pra ela fazê o mel, que é mais fácil dela coletá, aí se você num tem uma plantação grande de alguma coisa, de eucalipto ou de café ou de laranja, cê num...normalmente é enrolação do pessoal, esse mel de eucalipto, ele num sabe se a abelha, o coletou só... flor de eucalipto, porque se tem otras flores em em volta do alcalipal ela vai pegá otras flores também, né ? Aí o meu mel é silvestre, é bom, todo mundo gosta, mel forte e tal... e a nossa região é rica, né ? Flor de muita coisa, se você anda por aí sempre tem alguma florzinha, né ? **Não são todas as flores que é útil**, sabe ? Direi, sessenta por cento **talvez elas usam**.

INQ: Com certeza. É. Então a abelha é sempre a mesma, o que muda é o tipo da, da, da, da, da::plantação que ela vai se utilizar, né ?

INF: Isso. E tem essas que tem

INQ: Abelha que faiz a flor de, o mel de laranja é a mesma que faiz o eucalipto. Só depende do... do que que ela tem perto, né ?

INF: Hoje tem muito estudo, né ? O pessoal estuda muito, já tem livros, né ? Eu mesmo tava leno um poquim de um livro, que é da MÔN, lá da Ibitipoca (inint) que...**eles já, eles já cria a rainha**, né ? Já determinada, criada em laboratório, a abelha-rainha, e vende a abe/a, só a rainha, você pega a rainha, cê mistura a sua, né ? Elimina a sua rainha da, da colméia e põe aquela, que ela pode tercerizá, a fabricá mais::a sê uma abelha mais mansa, entendeu ? Que não pica tan::to.

INQ: Entendi. Cada casinha é uma rainha ? Ou a rainha pra vá::rias casinhas ?

INF: Não, não. Cada, cada colméia tem a sua rainha. Se você teve déiz caxote de madeira lá

INQ: Tem que tê déiz rainha.

INF: Tem que tê déiz rainhas. Sem dizê que, que... **se elas crescê muito, mutipricá muito**...a colméia delas que, que faltá espaco, né ? O caxote tivé pequeno pa tanta abelha, **elas cria rapidamente uma rainha** e parte o enxame, o enxame vai embora pra natureza procurá::abrigo em...cupim, em árvore, né ? (furada) e fica só a metade de abelha.

INQ: E como que você faiz é...assim, você reconhece a rainha pelo tamanho...quando você vai começá uma caxa, aí você já tem que colocá uma rainha ali ? Como que é ?

INF: A rainha. Não, eu capturo, né ? Eu, eu num faço essa divisória de caxas, de parti im enxames. **Eu, normalmente eu... vizinhos, né ? Vai roçar o pasto, vai fazê uma lavora**, aí acha um cupim de abelha e ele num qué que ela fica ali, porque vai picá as vaca, vai atrapalhá o trabalho dele. Aí me avisa: “vai lá”

INQ: Entendi. Então cê num tem as caixinhas não, né ?

INF: Eu tenho as caxinhas, mas eu capturo elas...

INQ: Ah, entendi. E aí, você traiz pra sua caxa. Entendi.

INF: Ah...entendeu ? Aí eu trago, eu vô lá cato assim, tiro o mel quando tem, e pego as abelhas ponho na caxa, filhote, cera, tudo encaxadinho direitim.

INQ: Cê tem tudo adequado ? A roupa e tal pra num...

INF: É um poco improvisado ainda porque esse material é muito caro, sabe ? **E tem algumas coisa que é desnecessário, é desnecessário assim...**porque eu num tenho me::do de mexê, já sei...

INQ: Já tá acostumado, né ?

INF: É. Aí, eu...luva pelo menos eu uso...

INQ: Aquele negócio de soprá o...

INF: O fumegador.

INQ: O fumegador cê tem, né ?

INF: Tem, tem.

INQ: Aquilo é imprescindível, né ?

INF: O fumegador, luva e máscara, **essas treis coisas é principal...**

INQ: E aquele chapéu ?

INF: O chapéu é (junto) com a máscara, que eu chamo de máscara, entendeu ? Mas eu uso calça jeans normal, bota normal e brusa. A luva já encaxa com a brusa, até mesmo porque no macacão tira um poco da, dos movimento, você vai descê, passá uma cerca o macacão te prende, às veiz...às veiz...a calça te dixa mais à vontade, ocê

INQ: Entendi. Já houve algum acidente com você, assim com abelha ?

INF: Não.

INQ: Sê picado...

INF: Picado sim, né ? Num, num tem como cê num tomá uma picadinha, duas...mas a, o sangue acostuma.

INQ: É, a pessoa num tendo alergia porque **têm muitos que num num podem recebê nem uma picadinha, né ?**

INF: O cara que.. **quando o cara se...se mexe muito, eu é...duas veiz treis veiz por ano**, entendeu ? Porque eu tenho poquinho e poco tempo pa mexê, tenho ela mais pra tê, eu num tô investino...pra comprá coisas já pronta...só pra fabricá o mel, entendeu ? Porque tem a cera, fabricá a cera...**mas esses investimento é alto**, eu num vejo hoje em Ibitipoca a, a necessidade de você acelerá uma produção...eu dexo, **eu dexo elas produzirem do jeito delas**, né ? Tranqüilo e (inint). E...você pega, num tem como cê pegá uma, um enxame..., né ? Capturá um enxame se num tomá uma o duas mordida, né ? No início assim doeu um poquim hoje só coça, entendeu ? Porque o sangue já passa a...acostumô, o melhor, acostumô com o veneno da abelha.

INQ: Mercado pra isso, né ? Olha só. Já acostumou, né ?

AUX: Quando que cê vai tirá agora ?

INF: Bom, a época boa é março que num deu, porque deu chuvarada e agora a gente vai esperá final de, de agosto início de setembro, se tivé uma boa florada, né ?

INQ: Certo. Então, o ZÉB...o turismo com relação a sua atividade profissional, por um lado desfavoreceu você, questão do...das lojas, do acesso hoje que já tá mais fácil a respeito do tijolo do material, né ? De construção. E por otro lado favoreceu você por causa dos passeios, né ? Da sua produção de queijo::de mel...por esse, por outro, então quer dizê, você...contrabalançou, tirô dum lado...e colocô do outro, né ?

INF: É...fazê, fazê que nem meu avô falava assim: “ó, a balança é de dois lado, né ? Um poquim que pesa pra lá ela tomba”. Mais o que, o que INFluenciô mais a...as loja de material subi pra Ibitipoca e a concorrência foi a...tê melhorado a estrada, o arraial cresceu, né ? As obras, né ? Mais o turismo memo que vem a passeio, passeano, né ? Ele num...eu acho que

num...num tem mais o lado negativo do turismo, porque antes ficava muito lixo desordenado, o pessoal acampava ali perto da igreja do Rosário, dexava a lixarada, fazia barulho...hoje o arraial tá...começano a estruturá bem...as, **as posada corre atrás**: “ó, num pode acampá aí, num pode jogá lixo ali”, já até...

INQ: Cê acha que quem colaborô muito pra isso foi a AMAI ((Associação dos Moradores e Amigos de Ibitipoca))? Foi essa organização da AMAI ?

INF: A AMAI:...a AMAI passa por um problema, né ? Eu...num freqüento quase, eu penso que é... por sê uma, um cargo público, né ? Sem, sem salário, né ? Cê pensa bem...é...me perguntaram um dia sei lá: “por que que você num, nunca pensô em associá o:...” associá eu penso, ((latido)) sempre penso em associá e dá opinião... ((latidos)) porque inda existe uma distância, ((latidos)) do forastero, o turista que vem investi, com o nativo...((latidos)) falta ligação aí, né ? Que era necessário que tivesse essa ligação bem. Quando o presidente da AMAI, e é um... forastero, por mais bom que ele esteja, entendeu ? Sempre alguém tem o pé atrás com ele: “ó, é um cara que...” e assim vai sê por muitos anos ainda, até::

INQ: **E talvez a visão das necessidades, eu penso que sejam diferentes**, porque o forastero, como cê tá dizeno, ele vai pensá assim, em resolvê as questões ali, né ? Da vila, eu (assim), meu ponto de vista, eu num sei. E talvez um, um nativo ele já vai olhá...um/uma estrada que vai, que vai pra, pr’um sítio, que vai pr’ um... né ? Assim, eu acho que olharia mai/assim, problemas mais mesmo dos nativos e não problemas que envolvem turismo, num sei se é assim, né ?

INF: É. Diz que em cada um brasileiro existe um técnico de futebol, um administrador diferente dos outros, né ? Nós somos milhões, ma em cada um existe...

INQ: Um médico, né ?

INF: Um médico...(risos) e nem, nem, **nem todos pensa igual**

INQ: Todo mundo sabe dá uma receita, né ?

INF: É, dá uma receita. O:...o, o, a, a minha questão sobre o forastero as/assumi qualquer cargo em Ibitipoca, seja de vereador, seja da AMAI, é a seguinte, que se Ibitipoca caiu, ele arruma a mala e vai embora...entendeu ? Nós temos...pioneros em Ibitipoca, num é porque eu tô na presença da JUS e BAR, eu conheço desde a época do meu pai, conheceu meu pai

INQ: Passô por dificuldade, né ?

INF: Passô por dificuldade, altos e baixos e eu tô aqui, mais...cadê o HEN, cadê:...LUC...?

INQ: Cadê o LÉO...?

INF: Cadê o LÉO, entendeu ? Qué dizê, era gente boa, **os que tinha, né ? Interesse em ajudá**, qué dizê, caiu...

INQ: Deu uma baxa...

INF: Deu uma baxa, arruma a malinha e caça seu rumo. O (inint) ah, Ibitipoca necessita de, de um vereador eleito, e isso tá na cara, né ? Num poderia entrá a quantidade de gente que tá ali, né ? Se Ibitipoca hoje estivesse um vereador na câmara, ajudaria a AMAI...talvez

INQ: Trabalharia em parceria, né ?

INF: Em parceria. A AMAI ela num tem uma...uma boa apoioção dentro da profeitura, entendeu ? Porque...se...se tivesse alguém por trás ajudano...seria um vereador que fosse, talvez a AMAI levaria, ent/num é que num leva, num levaria pa profeitura, pa câmara, (inint) Ibitipoca nem precisa disso, vamo vamo, o presidente da AMAI tinha que tê carta branca pra sê recebido qualquer hora na prefeitura...o, o mais dedicado de todos foi o TON, talvez te/teria sido o pior...presidente da AMAI até hoje, ma o mais dedicado de todos...tá na cara que foi o TON, que é um cara dedicado ao

INQ: É, eu ouvi o/agora o pessoal que tá...na época ele/elegeu otra chapa, né ? Eu já ouvi o nome do TON aí como...muito bom, assim, a pessoa que, né ?

AUX: Ele abandonô duas vezes já, dois mandatos ele, ele abandonô (inint)...

INQ: Eu ouvi o pessoal dizem assim, que ele precisa duma assessoria, entendeu ? Mas ele tem voz, ele chama, o pessoal vai...sabe ? Ele tem visão, eu num sei, eu tô falano o que eu ouvi, né ?

INF: Uma assessoria. Olha, é...é a ligação, é a ligação que eu citei que falta. Eu diria então a chapa, o TON, porque é...funcionário do (IEF), ele tem, ele pode::se ausentá do serviço...né? Pelo menos pro MAR, esse MAR que Deus o tenha, era assim, ele liberava o TON pra saí de tarde...

INQ: Resolvê as questões da AMAI

INF: Da AMAI. Mais o TON tinha que saí por trais, uma pessoa que

INQ: Ele trabalha no parque o TON ?

INF: Trabalha no parque.

INQ: Nunca vi o TON no parque...

AUX: Na portaria.

INQ: Na portaria ? É mesmo ? Nunca me encontrei com ele lá.

INF: Eu creio que se ele tivesse um CÉS, um cara com estudo, co/com conhecimento, né ? Pra pra re/recebê alguém importante, pra...orientá, porque o TON é dedicado...mais ele num tem quase conhecimento

INQ: Ele abraça mesmo, ele veste a camisa.

INF: É. O TON chegaria::chegava em Lima Duarte: “ah, eu quero falá com o pre/prefeito” **eles dexava treis quatro hora sentado lá esperano**. Pode um negócio desse? Num pode. Ele num sabe brigá, eu sô o presidente da AMAI tem que me recebê, preciso ir embora, eu tenho outras coisa pra resolvê do que ficá esperano boa vontade do prefeito. Num é o caso de...do do do HEN, do LUC...né ?

INQ: A AMAI fez dez anos, né ? O ano passado, né ? Desde noventa e treis...

INF: Déiz anos. (E essas menina), a PAT...

INQ: E essa, essa chapa, ela é de dois em dois anos, a...a presidência ?

AUX: É.

INQ: Biênio, né ?

AUX: Que que cê ia falá da PAT?

INF: A PAT e a::...NEÍ, né ?

INQ: **Que são atuais presidente aqui** ?

INF: É, **começaram** bem...mas já **tiveram** os problema...assim...num sei explicá, mas a, a NEÍ...

AUX: Até hoje ninguém nunca trabalhô como a PAT, a PAT pegô o negócio e...

INF: Com alma, né ? Com alma...é o que eu falei...tá nela

AUX: O que mais trabalhou pela associação nesses dez, onze anos foi a PAT.

INF: Mas a NEI é...tá muito ausente, né ? (Inint) saiu, qué dizê, eu acho que tá, é o que falta pra PAT hoje é...

AUX: Hoje tem reunião pra formá a chapa. Eu num tô nem aí pra quem que vai sê chapa, que já tá o ADA falano vai fazê chapa só de nativo...essas coisa, essa briga boba que cê tava falano.

INF: É, mas é...é justamente (inint)

INQ: Tem que uní força, né ? Eu acho que é importante pra...pra presidência um nativo, se fosse votá eu...

INF: Eu não, o que eu sugi/olha só...o que eu falei...O TON, o TON é dedicado, ma por que que o TON abandona ? Porque às veze chega num pepino tão grande, que ele num sabe resolvê...num tá no potencial dele, ele precisava dum vice-presidente que tivesse altura, vão supô, o TON com o CÉS, o TON com o...vamo sê, supô o...o NEW, né ? Que tem otro, o otro caráter do CÉS, um é uma coisa o otro é outro, mas alguém que fala assim, “não, TON vai lá e exige, **eles é obrigado a te recebê**”, cê entendeu ? Às veze chega num ponto, que ele não

tem competência pra decidi...né ? Agora, que seja chapa de nativo o de forastero, num tem nada a vê. Eu acho que a aproximação fica faltano, porque eu vô/eu fui em algumas reunião um tempo atrás cê chega numa reunião, aí o CÉS fala fala, ninguém combate com ele, ninguém fala: “ó, CÉS, dexa eu falá que é minha vez”. Entendeu ? E do lado de fora: “ah...eu num vô voltá na reunião porque o CÉS fala sozinho”. Uai, então ocê pede um tempo... e fala: “ó, dá licença, posso falá também ? Posso debatê o assunto com você ?” Né ? Depois...que fe/fechô a reunião num dianta falá: “ o CÉS, eu num vô voltá na reunião porque o cara falô sozinho durante a reunião”, né ? E é a aproximação que falta é essa...é um nativo com aquele que veio investidor, o forastero, o (inint) ma que tá com interesse de ajudá. Ocê tem que, você tem que aceitá essa ajuda...né ? Tem o risco de se ele fô administrá sozinho, se caí vai abandoná e vai embora. Tá ruim pra ele, se ele num tá faturano a...a tê um, uma qualidade de vida que ele tá acostumado, **eles vão embora**. Porque ocê tem que tê várias pessoas boa. O, o...o LÉO, que era da Janela do Céu, o LÉO paulista, foi meu... meu padrinho de casamento, uma pessoa que eu gostava...a JUS (inint) no aniversário do ZÉ...a gente foi...pro alambique junto, então eu cuidei do animal dele enquanto ele troxe, eu tro/né ? Dei umas idéia pra ele onde ele comprô o sítio lá nos Morera... que que tinha que fazê o que que num tinha, o que que poderia fazê pra ele ganhá qualquer...fazê uma renda, um negócio, se sustentá de lá...era uma pessoa boa, só que foi embora, o cara (inint) acostumado só volta com uma qualidade de vida aqui, não conseguiu em Ibitipoca por causa de dinheiro, né ?

INQ: Agora, Zé, você diz aí também alguma coisa que...atualmente não existe nenhum vereador compondo a câmara...né ?

INF: De Ibitipoca não.

AUX: Representando Ibitipoca...

INQ: E...mas já houve, né ? O, o ZÉB ? Parece até que o, não sei se o doutor ZÉF, não é ? Que chama...

AUX: (Inint), ZÉF...

INF: É.

INQ: Já foram vereadores...Porque que (dão) na última eleição não foi possível elegê ninguém ? Foram vários candidatos e dividiram os votos ? Como é que foi ?

INF: Ó, Ibitipoca é...um, é o maior colégio, né ? De...eleição...

INQ: Tem condição de tê o seu vereador...né ?

INF: É o maior colégio eleitoral de, dos distritos , né ? Nós temos hoje a/aproximadamente

AUX: Oitocentos eleitores.

INF: Oitocentos eleitores...né ? Que...daria pra elegê uma dúzia de vereador por (inint). Só que...é tantas, né ? Tantos familiares daqui, **famílias daqui, que desceram, mudô** pra Lima Duarte e tal, qué dizê, é muito misturado. Num tem o maior... o povo de Ibitipoca, é o povo de Ibitipoca e Li/Lima Duarte, vamo supô os TEX, que é uma família muito grande, tô citano um exemplo, né ? É uma família muito grande tem...**quatro cinco deles membros de família que mora em São Francisco** ((bairro de Lima Duarte)), mora...né ? No centro de Lima Duarte um deles...aí cê chega lá na na...quatro ano e num vê o pessoal, num vê, chega nas eleição, campanha eleitoral, aí vem atrás dos parente...vão votá, apoiá fulano, vão apoiá ciclano...

INQ: Aí acaba apoiano alguém de lá, né ?

INF: É. Desses oitocentos voto, sai trezentos voto de Ibitipoca, toda eleição cê pó passa no foro, vê os boletim que fica no corredor...que tem...É...MAL da vida que já té faleceu, da vila teve voto em Ibitipoca há...há dezesseis anos atrás, qué dizê, é um...é uma crítica, se/serve pra crítica, qué dizê, achá que um cara lá da vila, que tinha um boteco lá...

INQ: Um bêbado, um alcoólatra, né ?

INF: Que entrô pra zoá, o MAL entrô pra zoá, que eu conheci ele, né ? Lá do botequim, assim...ele entrô pra zoá, fazeno hora e **aqueles que num tinha em quem votá ia votá nele** e

foi, eu acho que em Ibitipoca teve uns que num tinha em quem votá e votô no MAL, né ?

Quase todos os candidatos

INQ: É. Será que num tinha que partir da AMAI o...o candidato ? Assim, num deveria tê uma decisão...é, uma pré-eleição ? Pra unir as forças, né ?

INF: Uma pré-eleição. Só hoje temos SOLa:....MAN, ZÉF talvez o JOÃ...(inint)

INQ: Quem que é SOL ?

INF: SOL é filha da LÚC, do DAC, uma garota evangélica e tal tal...por causa da religião evangélica...

INQ: Mora em Ibitipoca ?

INF: Mora em Ibitipoca

AUX: Ela trabalha na (inint)

INQ: Ela que trouxe essa:....igreja foi através dela ?

AUX: Não, é uma menina nova.

INQ: Ah.

INF: É, mas tá no grupo (riso) tá no grupo dos evangélico.

INQ: Tá no grupo, né ? Apoiô, né ?

INF: É. Aí...por causa dos evangélico...**botaram** na cabeça dela que ela vai sê:....

INQ: Candidata.

INF: Candidata. Nós temos a SOL, o MAN da kombi, o ZÉF talvez e...eu ouço falá talvez no JOÃ e o TAI que é certo que ele já me falô e eu apoio ele

INQ: Pois é, o problema é que são muitos candidatos, dividem a...né ?

INF: Qué dizê, eu acho que o povo antes de, de lançá a candidatura...

INQ: Tinha que fazê essa pré-eleição, né ?

INF: Eles tinha que tentá fazê essa pré-eleição, falá ó: “você concorda ?”

INQ: Pro bem de todos, né ?

INF: Aí a (inint) coisa...se administraria isso, marcava a data...investigaria a, a pré-eleição direitinho pra ninguém votá duas veiz.

INQ: Isso...

INF: Aí:....vão supô, temo cinco, só os dois, mais...

INQ: Votados é que iam concorrê.

INF: Votados, seria candidato.

INQ: Acho que tinha que sê por aí, né ?

INF: Eu penso isso seria a forma, por causa dos... quarenta por cento de voto que você perde, que eu falei do lance de família, que desce pra votá porque o parente mora em Lima Duarte qué que vota no vizinho dele, qué que vota no patrão dele, num é ? Aí fica complicado, alguém aqui arruma carro pro mecânico em Lima Duarte, o mecânico fala: “ó, sô candidato a vereador, cê ainda vai me votá”. Aí o cara é pexe dele, se num parecê aquele voto vai ficá ruim pra ele quando o carro estragá de novo.

INQ: É. Num lugar pequeno tem que, né ? Vigiam mesmo o voto, né ?

INF: Fala: “ó, tô contano com seu voto lá em cima ?”. Qué dizê, o cara fala assim, se ninguém votá, se eu num votá, ninguém votá

INQ: É.

INF: Né ? Aí...

INQ: É verdade.

INF: (Vai) o voto de cabresto.

INQ: E...é, é isso mesmo.

INF: Aí, até a gente perde quase quarenta por cento, toda eleição...de, de vereador a gente perde quase quarenta...por cento **dos candidatos que vem a procura dum votinho, dois e leva.**

INQ: E o VAL ? O VAL...num pensa em se...candidatá

também ?

INF: Eu penso que num adiantaria muito, né ? Que num é nem ele.

INQ: Ele qué, ele qué é sê prefeito, né ? Que que você acha dessa história da emancipação ?

INF: Eu acho necessária, eu acho necessária por causa da, da carência de Lima Duarte. Lima Duarte é um município muito grande, muito difícil de sê administrado...já se sabe que você é de lá, num é isso ? Você sabe que há...muitos anos que num tem uma boa administração dentro do, do, da prefeitura, né ? **Que eles vem a bancos e barrancos**, vem tropicano, né ? Nas suas própria perna...seria bom pra nós aqui num, num mudaria quase nada pra Lima Duarte, perderia Ibitipoca, ah, ceis vão perdê Ibitipoca, num vão porque...o, a....

INQ: Menos um gasto.

INF: Menos um gasto e tudo que, que, toda renda aqui...cai quase sempre em Lima Duarte...o pessoal abastece é lá, faiz compra é lá...entendeu ? Vem de lá:...vamo se dizê assim, setenta por cento do que consome aqui... né ? Não perderia tanto, e diminuía o **município pra eles cuidá**...né ? Eles **ficaria** com...bem menos

INQ: Menos um distrito

INF: **Menos um distrito pr'eles cuidá**. Que **num tão cuidano a altura que merece**, você vai nos (inint) e...num tem buraco na rua, é asfaltadinho e bonitinho. Cê vem pra Ibitipoca tem lugá que...o carro tem que praticamente pará e arrancá de novo, né ?

INQ: Ê.

INF: E...eu acho isso (inint) seria como se diz... cê andá com as própria perna por onde se passa, que bom o ruim o prefeito daqui tá bem preocupado com aqui, né ? Num teria tanta preocupação em torno, aí:...eu penso que é...necessário, num é...bom não, é necessário pro município. Precisa de fazê uma conscientização primero no pessoal...quem entrá vai tê que sê preparado, en/entendeu ? A AMAI...

INQ: Cê espera ainda que chega esse dia ?

INF: É, eu espero que chega esse dia. E espero que a AMAI continue, né ? Até mesmo pra prepara...os candidato (inint)

INQ: Cê é associado, ZÉB ?

INF: Eu ainda não sô associado, eu devo associá agora breve, mais eu ainda não sô associado na AMAI. Até mesmo pela aquela **questã**, né ? Eu nu/num gosto de ficá debaten

INF: Mas pelo menos o direito do voto, né ? Direito de escolha, assim...das decisões, né ?

INF: Eu devo associá até mesmo porque eu pedi pra Patrícia, né ? Que...pedisse po SEBRAE, SENAI...aí assim curso mais de...de doma, curso de, de, de apicultura, que teve do tratamento do bambu eu fui convida/do eucalipto, eu fui convidado, ele falou: “ah, tal” eu, eu sô prático...é uma coisa que eu num num...eu uso eucalipto pra queimá que não precisa sê tratado, entendeu ? Qué dizê, eu...

INQ: Não era do seu interesse...

INF: Não é do meu interesse:...num é porque eu só faço as coisa que me interessa, não, num é isso. **É que nos dias foram** muito em cima da hora

INQ: Cê tem que dá prioridade, né ?

INF: Foram muito em cima da hora, num dava...entendeu ? Aí eu falei: “ó, se tivé um curso de/derivados de leite, eu quero (inint) um...um...um curso de doces, talvez, né ? Culinária...” isso daí...me interessa. Por isso eu devo...não só por isso, mas eu, eu já quero também associá na AMAI. Eu acho necessário. Agora a municipação que é o que a gente tava falano, necessita que a AMAI teja fncionano...pa podê tê indicado, indicação do primeiro prefeito, mais quando...normalmente quando municipa é assim, né ? Prefeito indica um..parcero dele, um cabo eleitoral o um vereador eleito na câmara, (inint) pelo menos a lei que até um certo tempo atrás era assim num sei se mudô...que primero prefeito é por indicação...né ?

INQ: Entendi.

INF: Aí ele vai indicá o VAL, vamo falá do VAL que ele tem interesse de sê prefeito, vai indicá o VAL, mais vai vencê o mandato do VAL e ele tem que tá preparado. Quem que vai assumi ?

INQ: É.

INF: Né ? Quem que vai se candidatá ? Necessita dum

INQ: Que ele luta muito por isso, né? Eu acho se ele, se consegui ele num fô o prefeito (risos), né ? Ele vai ficá muito triste, que é uma, uma coisa que ele...

INF: O VAL num sabe fazê...ele é um cara inteligente talvez...mas num sabe fazê um negócio que eu...a gente fala que, que cativa, ele num cativa ninguém, né ? Ele aparece bem, ele é um cara de corage, vai pa televisão se preciso...(inint) mais o...um bom político tem que sabê...comprimentá...

INQ: Tem que tê um carisma, né ?

INF: É, entendeu ? Ele num tem, isso aí ele num tem, né ? Nenhum...ele é primo de primero grau de minha mãe e minha mãe é...a avó dele era irmã da minha vó, do meu avô aliás. É té da família, mas eu num votaria em VAL... pra nenhum cargo...tenho nada contra ele mas eu num num, eu sei que ele num tem essa competência

AUX: E, e ele sabe disso.

INF: E ele sabe disso. Por isso que eu acho que ele num arrisca.

AUX: Que ele num consegue voto.

INQ: Por isso que ele num se candidata.

INF: O falecido GUT, o GUT que morreu

INQ: Tinha muito mais...jogo de cintura....

INF: Ele falava assim: “eu pegano mentira e contano piada eu corro o risco de sê eleito a vereador, o VAL ninguém nunca vai votá nele, ele vai tê voto da tia (inint) (risos)

AUX: Tia MAR

INF: Da tia MAR...

AUX: Do tio AMA...

INF: Da tia DOR e talvez do LÔ e da ZIC... ele toma muito café com um franguinho com eles lá e eles **falava** isso...com, com o fale/falecido. Os irmão num **vota**, os irmão num **vota** no VAT. Que ele nunca perdeu uma oportunidade de passá a perna neles, né ? (Risos) O falecido GUT falava isso.

INQ: Ai, ai... o...o, ZÉB vão mudá o assunto agora, mudá o rumo da prosa aqui. A gente sempre pergunta nas, nas entrevistas que, que a gente tem muita curiosidade sobre...sobre o misticismo aqui da, da, de Ibitipoca, né ? Caso assim, coisas de, casa de assombração...coisa, aqui perto da Rancharia mesmo eu já escutei um caso dum burrinho que atolô...com o...com o...carregado de ouro, né ? Cê sabe dessa história ?

INF: Olha, essa história eu num sei...

INQ: Das lendas

INF: Essa lenda, é...essa lenda eu num sei de onde saiu, né ? Mas e...tinha o irmão do...do JOÃ, JOÃ JOÃ (inint) que era muito ganancioso, gostava de querê... de cavá túneus pra achá tesoro e tal...e aqui tem o nome do nosso, nosso sítio de...era, antes era fazenda da Lagoa, né ? Bisavô do meu pai...só que vai desmembrano hoje é sítio, né ? Meu sítio mesmo chama sítio (Morro Redondo), que faiz parte da fazenda da lagoa. Aqui tem esse nome de Lagoa justamente porque existia uma grande lagoa. Então a propriedade que eu desfruto eu arrendo também com (inint), né ? Aí tinha um grande lago...vai desceno as enxorrada dos morro...cresceno as pranta e vai sumino pro lago e formano um brejo...tremo, né ? Você pisa ele desce porque tem uma camada de água embaxo da/daquela vegetação. Aí...e pro interesse da gente, pra, pra eles pra...pra aproveitá essa...essa área que era, é...num dava pra plantá nada, o gado num andava porque era tremo, né ? Podia atolá. A gente queria fazê uma vala. Aí, o falecido da dona CAE uma vez pegô o JOÃ (inint), o JOÃ (inint) ele vem a sê...marido

da...MAR, uma senhora de cabelo branquinho que tinha em Ibitipoca, esse JOÃ (inint) tava na, na venda do sô ANT, o sô ANT falô: “o, ZÉB, porque que cê num leva o JOÃ (inint) pra tirá aquele burrinho de oro ?” E eu...eu descobri isso a partir disso, né ? Aí, o home cresceu o olho, a...a...valentá, pra vê se o burro tava ali com as...caxa com oro, né ? Aí, (inint) é que falô: “ocê fala pra ele que...na época da mineração atolô um burro com..carregado de oro e que um ladrão tava fugino com o burro...e o...os **capangas do fazendero tava vino atrás**, né ? Aí, eu num conhecia, num sabia se existia só lenda, mas o ANT ele também me passô e eu falei, pra incentivá o home vim valentá o brejo pra gente, né ?

INQ: Mas ceis precisavam de abri o brejo, né ?

INF: De abri, né ? E ele ficô na pilha, cheio de...de vontade, só que eu era de menor, eu morava aqui, né ? Tinha um barraco ali em cima..eu morava aqui e o...e por acaso ele foi, né ? Em Ibitipoca, comentô com a minha mãe, minha mãe desmentiu, falô: “ó, isso é mentira, num tem nada disso lá não”, entendeu ?

INQ: Aí desistiu.

INF: Que eu contei que minha irmã tinha medo de ficá aqui, que à noite era uma gritaiada, gritava, né ? Socorro...e tal

INQ: Isso aí cê invento ?

INF: Eu inventei que tinha essa, né ? Pra ele vim abri a vala, aí muitos contam em cima disso, fala que é antigo, mas essa coisa foi criação da dona CAE, de, de vinte anos atrás.

INQ: Sei. Mais...então foi criação pra dá...um...é...dá vontade dele vim trabalhá e ajudá.

INF: Vão se dizê assim. É.

INQ: Então ele tirô de trás da orelha ?

INF: Então ele tirô isso assim

INQ: Mas aqui, o, o ZÉB

INF: O que não, não aconteceu da gente num explorô o home da...da...da...da...dessa forma, ele não veio

INQ: Pelo menos incentivô

INF: A gente fez a

Palavras 11523

Parece 01

Acho 30

ANEXO 06

INQ.- Jussara

INF.- Raquel

TRT.- Natália Sathler Sigiliano – **DATA:** 12/07/2004

INQ.- De dois mil e quatro, vô intrevistá...eu JUS vô intrevistá a RAQ, em minha casa...oh RAQ, a gente queria sabê um pouco sobre a história do arraial, da vila de Ibitipoca, quê que você sabe eh...que aconteceu aqui no passado, quanto tempo tem aqui, quê que foi importante de...que aconteceu aqui.

INF.- Eh, tem desde a época dos banderantes, né?que vem...que vei descobrindo, e...mas o turismo, a respeito do turismo, veio crescendo mais a partir de mil novecentos e sessenta e algumas pessoas **vieram** visitano o parque, né? sem **sabê**...que ainda não era parque...e:...que **vieram** aos poucos, **sentavam** lá, **acampavam** lá nas grutas e a partir do momento em que o parque foi, né?oficializado a sê parque, é que o turismo começô a vim, né?com mais frequência e, agora, vei, o turismo antigamente era mais...eh...assim digamos...que era mais amplo, vinha mais mochilero e tal..num tinha muita espe...eh...especificação, agora já é um turismo mais direcionado na vila, e as pessoas **deixaram** de...eh...muita...agricultura e tal, pra se eh...entregá ao turismo, né?que é o que realmente tá teno renda, né?utimamente.

INQ.- Cê acha que foi...foi bom pra Ibitipoca o turismo?

INF.- Ah foi.

INQ.- Tá sendo, eh, eh...tá organizado?

INF.- Foi bom assim...eu acho que falta a or...a organização...por exemplo a entrada no parque...essas coisa de tê um controle melhor pras pessoas não **ficá**... **saírem** frus...frustrados, né?por causa dessa entrada no parque e acho que tem assim...o problema do crescimento assim meio sem infra-estrutura...essas casa assim, umas casa meio assim, meio fora do...eu acho que isso atrapalha um pouco, acho que tinha que sê uma coisa mais organizada.

INQ.- E...comparando o Ibitipoca de antigamente, eh...depois do ciclo do ouro, aí teve um esvaziamento aqui, foi todo mundo embora procurá recurso, né?e agora com o turismo, já org...procurando sê organizado eh, gerô emprego, gerô condições de uma vida melhor aqui.

INF.- Ah, com certeza.

INQ.- Cê tá vendo, eh, as pessoas eh, nativas de Ibitipoca **voltarem**, ou então deixano de sair...quê que cê acha disso?

INF.- Ah, tem...tem pessoas até da redondeza que vêm pra cá...(a gente) tem os vilarejos aí, MUR, o pessoal vem pra trabalhá aqui em pousadas, né?porque tá dano lucro utimamente, é o que as pessoas procuram...turismo tem dado...emprego, no meu caso mesmo eu, né? tô trabalhano nessa área, é uma área que tá garantino assim, pelo menos por enquanto, né?você tá.

INQ.- Você tá...você planeja eh...continué seus estudos ou eh...alguma coisa...se continuá se é relacionado ao turismo.

INF.- Olha pretendo continuá, mas assim eu num tenho muita idéia...se fosse pra fazê...em Lima Duarte tivesse alguma coisa, eu ia procurá fazê sobre turismo ou então meio ambiente que tá ligado...mas o que eu fiz vestibular foi pra direito...mas eu ainda...porque era na federal assim...queria tentar alguma coisa mais assim...mas eu ainda não tinha muita certeza, mais se fosse pra fazê ia sê uma coisa ligada ao turismo e ao meio ambiente, uma coisa assim.

INQ.- E no seu trabalho lá no hotel eh, quê que você faz...como que é desd'o início, você tem folga uma vez por semana.

INF.- Tenho, eh...folga uma vez por semana, eh:: geralmente dia de semana né? porque eu trabalho mais final de semana, e tenho direito a um domingo no mês e tal...aí, né?tá tranquilo.

INQ.- Aí você trabalha de que horas a que horas e quê que você faz?

INF.- É assim, eu trabalho de sete e quinze até às dezesseis e quinze, mas, final de semana geralmente eu saio um pouco mais tarde e...a minha função é assim, atendo o telefone, passar as informações sobre o hotel, né? sobre o chalé, sobre o que que tem, a estrutura...aí, a partir daí a pessoa já faz a reserva, já tô fazendo, eu mesma faço e a gente manda tudo por computador, por e-mail, a gente oficializa sua reserva, aí depois a pessoa já vem, né? a gente recebe, no caso eu recebo ela lá quando ela chega, leva até o chalé e...a gente já faz aquele serviço de servir café da manhã, funciona também restaurante, né? tá servindo almoço também tá mostrando cardápio, prato, tá servindo o almoço...e...é porque o restaurante também é aberto ao público, então a gente recebe outras pessoas sem ser turismo também...então trabalho assim...agora dia de semana, que tem eh...menor, eu ajudo, eh, em limpeza, dia de semana, mas é só pra ajudar mesmo, dá um auxílio.

INQ.- Pra organizá.

INF.- É, pra dá uma organizada, né? dia de semana é mais tranquilo.

INQ.- Conferi tudo, se tudo tá sendo feito direito.

INF.- Eh...isso...isso que a gente faz mais.

INQ.- Eh...nos feriados e finais de semana o fluxo de turismo é muito grande, vem muita gente...você acha que essa, você gosta dessa movimentação, ou você prefere Ibitipoca mais tranquilo?

INF.- Ah, eu gosto, eu sou meio assim comunicativa, eu gosto de gente, eu gosto de conversar, eu gosto de gente diferente, né? porque gente, pelo menos pra mim que moro assim, você vê as pessoas...mesmas pessoas quase todos os dias, aí quando você tem esse número de gente assim eu gosto.

INQ.- Você, no início, falou que...lá na década de sessenta, setenta, tinha muito mochilero, e que agora não, que a coisa tá mais organizada.

INF.- Eh, acho que surgiu assim, a partir do momento em que as pessoas **começaram** a ter consciência que acampar no arraial, por exemplo, num era, né? num é legal, a partir do momento que a situação também passou a...conscientizar as pessoas, que tem, que as pessoas têm uma área própria pra isso e que tem que ser pago...que tem camping, tem pousada, tem também o parque...então as pessoas...as pessoas **começaram** a ter também uma consciência mais ecológica, vim pro parque pra fazer trilha, fazer caminhada e não só né? só pra fazer festa e tal...e aí o que que acontece, os preços também...com o aumento do turista, os preços **foram** eh...relativamente aumentando, né? e isso foi direcionando os, assim, turista, as pessoas que vêm, vêm pra descansar, vêm pra passear no parque, então não tão a fim de muita bagunça, e isso direcionou bem o turismo.

INQ.- Ahan...eh...e qual...eh...as pessoas que se **mudaram** pra Ibitipoca...eh, qual o seu envolvimento com elas? Você se...você convive bem com essas pessoas que não **nasceram** em Ibitipoca mas que **vieram** morar em Ibitipoca?

INF.- Ah, sim, a maioria vem com intenção né? de morar...vem morar porque gosta de lugar tranquilo, então a maioria num incomoda, né? pelo menos a mim num incomoda, eu acho que eles **vêm** porque **gostam** e se **gostam** não vão fazer nada pra prejudicar...acho que a maioria vem com essa intenção.

INQ.- Eh...agora você te perguntar algumas coisas assim sobre:: umas datas e uns lugares pra ver se você conhece, pra...pra contar alguma história...qualquer coisa que passou, se você lembra e eu não te perguntar você pode falar...por exemplo, o dia três de maio é o dia da Santa Cruz e::ainda é costume das pessoas daqui **irem** até o cruzero, nesse dia, pra rezar?

INF.- Até pouco tempo era, agora já num, tem bem umas vezes porque até eu mesmo acompanhava eh...as (?instruções) que tinham...ia bastante, de uns anos pra cá, uns cinco ou seis anos mais ou menos pra cá eu não me lembro mais de...de ter feito isso...algumas pessoas eu lembro que **tão** ino assim, coisa de cinco pessoas que tem essa...esse hábito mesmo **vão**,

mais antigamente ia muita gente, ia muita gente, eu já participei de várias procissões pra lá mais agora eu não tenho visto essa movimentação não.

INQ.- Sobre a capela lá do Pião?você sabe alguma história lá...a história do sino por exemplo.

INF.- Ah, eu sei mais ou menos que tinha capela, que o sino caiu, que é assombrado, que as pessoas **ouvem** até hoje ainda o sino tocá, mais eu num acredito muito, né?nem lembro assim...num sei muito bem da história assim.

INQ.- E aquela árvore dos cavaleros que tem ali perto do parque lá em cima?cê já ouviu falá?

INF.- Já, já fui.

INQ.- Já foi lá?

INF.- Já, achei lindo, mais eu achei mais lindo ainda foi...a...o caminho que chega até ela, que é...tem várias orquídias, bromélias, é lindo o caminho, parece um jardim assim, uma coisa linda...assim a árvore é interessante também, mas eu gostei, em particular, mais do ca...do trajeto, é lindo, achei lindo, muito bonito...assim tem umas árvores espalhadas, cê vai...muito lindo.

INQ.- Tem algum lugar do parque assim que você destaca como mais bonito?

INF.- O mais bonito do parque?

INQ.- Difícil.

INF.- É difícil, é tudo bonito, né?eu gosto, assim, geralmente quando eu vô num ten...é difícil quando eu vô, que tenha sol, e aí geralmente eu vô, eu tenho um folga por semana, então geralmente eu vô pra descansá, num ando muito, eu vô geralmente eu fico no lago das Miragens assim que é bom de nadá, o lago dos Espelhos, eu fico mais assim, mais...o lugar de mais bonito eh...impossível de dizê, lá é muito bonito, tudo.

INQ.- Ahan...tem uma lenda que contam aí eh...que aconteceu lá no...um fato...uma lenda que aconteceu lá no lago das Miragens...cê sabe, da índia?

INF.- Ah...eh...do casal de índios e (?gue)?

INQ.- É.

INF.- Sei mais ou menos, assim...já nem lembro muito bem...mas...era um casal de apaixonado, acho que era de...num lembro muito bem dela...só sei que...eu lembro contá mais faz muito tempo e eu num lembro dela, mas eu sei que tem a lenda lá do casal de apaxonados.

INQ.- E da Cruz das Almas?uma lenda que tem da Cruz das Almas?você sabe alguma história da Cruz das Almas?

INF.- Eu sei da Cruz das Almas o seguinte, que...antigamente as pessoas quando **morriam**, é fato na verdade, que **viam...morria** na redondeza, as pessoas **iam** trazendo, né?como não tinha caxão...comé que chamava aquela...aquele móvel, num sei se? **carregava...eles carregavam** defuntos e **iam** fazeno paradas e rezano...então diz que a Cruz das Almas era um ponto que geralmente por você tá no alto, subí aquele morro todo, as pessoas **iam** revezano pra **trazê** os corpos e, lá era um ponto cheio de parada...eles **paravam** e **rezavam** lá, né?e que aquele então se tornou um ponto bem famoso por isso, porque as pessoas **paravam**, né?principalmente depois de **subí** aquele morro, **paravam** lá e lá **rezavam** pra trazê em procissão o corpo até chegá no cemitério...por isso que antigamente.

INQ.- E uma lenda da mulher grande lá?

INF.- De...de...já ouvi falá de uma noiva...que aparece de branco (inint) acho que é até uma parecida que é como a que aparece, dizem que aparecia na igreja, essa igreja matriz, que era uma noiva toda de branco, e que aparecia e...assim pras pessoas, vestida de branco que deveria sê...já ouvi falá que deveria sê que talvez ela tenha sido...tivesse sido largada na porta do casam...da igreja, uma coisa assim...já ouvi falá sobre essa noiva era isso.

INQ.- Ahan...e mais histórias fantásticas assim, cê sabe de alguma?

INF.- Fantásticas?

INQ.- Do fogo?

INF.- Eu ouví falá...eu sei da luz.

INQ.- Da luz.

INF.- Do (?lago Santana), da (?pedra por aqui) que geralmente ela aparece na frente do carro assim, cê tá ou, cê tá andano, dizem que aparece e dá aquele clarão, aquela coisa e todo mundo fica com medo, vai anda...parece que vai seguino, se você fô andano ela vai seguino você...eu num acreditava mas meu pai disse que viu, meu pai também num acreditô muito não, mas aí depois que ele viu diz que o pessoal começa a rezá, é só ocê cumeçá a rezá lá uns credo que...que ela some...(?eu) num tenho coragem, num tenho vontade de vê não.

INQ.- Sobre as festa religiosas daqui, o dia de Nossa Senhora da Conceição...eh...o quê que você acha, comé que, que você vê essa festa?você sempre participô?

INF.- Ah sempre, acho que antigamente tinha um envolvimento maior, pelo menos pelo que as pessoas **contam**, que antigamente **vinham** cavalheros de toda região, **vinham** pra missa, né? tinha assim, acho que tinha assim, era mais voltado pro lado mais bem religioso mesmo, que **vinha** as pessoas, que era ótima a festa, que vinha gente de Morera, de Santana, de um monte de lugares...agora, eu acho assim que vem...que vem menos, que é mais o pessoal daqui, né?e tem aquele eh tem as pessoas que **acreditam** mais nesse lado religioso, mas tem muita gente mais voltada pra festa assim, pras atrações que vai tê, show, alguma coisa assim, geralmente é mais voltado pra isso, eu acho, utimamente tem sido isso.

INQ.- O...a encenação da morte e crucificação, eh da...da crucificação e morte de Jesus Cristo, tem alguns anos que não vem acontecendo mais, aquilo era bonito, né?

INF.- Ah era lindo...eu participei várias vezes já.

INQ.- Cê já participô?qual personagem que você fez?

INF.- Eu fiz aquelas...eh, as mulheres de Jerusalém, né?geralmente eu fazia mais esse papel das mulheres e...que **ficavam** lá e (encenavam juntos) tava andano sempre, **carregavam** água, aquelas coisas todas.

INQ.- Aí há uns anos atrás, há uns quatro anos atrás mais ou menos, conseguiu fazê o figurino todo novo, né?as roupas tão novas e tal, mais depois disso acho que só uma vez, acho que no máximo duas que...que.

INF.- Eh, a última vez eu num cheguei a participá.

INQ.- Com a roupa já nova, né?

INF.- É...eu num cheguei a participá dessa não.

INQ.- Agora tem pessoas envolvidas aí que, eh...essas pessoas que tem casa aí...eles tão quereno participá , ajudá no que fô possível, no que tivê faltano, pra voltá esse ano ainda.

INF.- É lindo.

INQ.- Pra voltá esse ano ainda...pra...pra voltá a tê encenação porque todo mundo que tá perguntando se vai voltá ou não, porque todo mundo acha que é preciso voltá a tê mas acaba que num mobiliza.

INF.- Num mobiliza.

INQ.- Pois é...o que qu'ocê acha que tá faltano pra acontecê?

INF.- Acho que assim, falta união, né...principalmente dos jovem assim...porque geralmente lembro que as vezes que participei eh...no caso de Toninho até que fazia, que inventava (inint) pro pessoal...era mais afastado assim... as pessoas **foram** se afastando, porque...assim...os motivos realmente eu num sei, mas foi tendo esse afastamento, a gente tinha que ficá correno atrás das pessoas, as pessoas “ah, você num pode”, a pessoa “ah não, tô trabalhano, tô fazeno isso”, então num tinha muito esse envolvimento, agora num tá teno muito isso não, acho que as pessoas **estão** saindo assim...acho que falta a união, mostrá que é importante, levá pro lado da cultura e tal, acho que se fizé a mobilização , alguma coisa assim e vê que é uma coisa, até uma atração turística porque é ...é muito bonito a encenação...eu acho que talvez consiga.

INQ.- Ahan...tem um diretor de teatro, que vem muito a Ibitipoca, que se propôis a ajudá no que fô possível pra reuní os jovens ou quem...num vai interfiri...ele num qué interfirir em nada,

ele só qué vê se ele pudé agregá essas pessoas pra ajudá a organizá ele tá disposto, é só vocês se **reunirem**, que ele vem , ele pode ficá aqui em casa.

INF.- Ah, eu acho isso...é uma boa, incentivo, né?as pessoas.

INQ.- Então...porque às vezes o Toninho num consegue reuní porque ele tá envolvido com um monte de coisa...as pessoas já...santo de casa num faz milagre, né?

INF.- É...e assim...porque normalmente, o Anselmo no caso que faz, então ele já tem praticamente né?ele já sabe tudo, as pessoas que normalmente **vão** participá já **sabem** o papel...já sabe geralmente narrá as falas e tal...mas...aí acho que basta ter esse empurrãozinho, né?

INQ.- Então, tê uma pessoa pra coordená o trabalho que é de vocês e o que tivé.

INF.- É, e tentá, acho que o mais difícil vai sê essa...concentração de pessoas que é importante, é legal.

INQ.-Ahan...depois do carnaval vão mexê nisso.

INF.- É, às vezes a gente consegue.

INQ.- É, às vezes consegue...eh...e por exemplo, sandália havaiana pra tirá isso, arrumá...arrumá recurso pra recurso prá comprá sandália de coro...botá o capacete original, invê de capacete de pedrero, sabe?botá coisa bem organizada e chamá a imprensa pra registrá.

INF.- Pois é...ah é ótimo.

INQ.- O...o retorno da encenação com força total...essa a idéia...vê se envol...se empolga nisso, né?

INF.- Ah...ajudo, eh.

INQ.- Eh...ih...agora você vai sabê muito bem (do que) respondê,eh:: o desbarrancado...você sabe qual que é a história que tem ali no desbarrancado?

INF.- Sei, a história é que na verdade **vieram** os banderantes, né?e... pra procurá oro e que na verdade **dizem** que tem oro lá até hoje assim, não em grande quantidade, mas assim, num é uma quantidade assim que vale a pena você tê que cavá pra isso, e que houve, nesse momento que eles **tavam** cavano, houve o...o desmoronamento do barranco e **dizem** que tem os corpos **ficaram** todos soterrados, nesse barranco,e **dizem** também que **guardaram** um caxote com oro lá, que eles **têm** um caxote com oro e...e...num encontrô (risos)...mas dá vontade.

INQ.- Até hoje.

INF.- Até hoje, nada.

INQ.- Até hoje ninguém.

INF.- Mas quem sabe um dia, né?alguém acha esse caxote de oro.

INQ.- Olha só...eh...cê sabe porquê que o tem cada...as grutas **têm** os nomes...por exemplo, gruta dos viajantes, por que que tem esse nome?

INF.- Olha, real...assim, nome real num sei...só sei que tem...num sei se é...se é essa, que tem os escravos **usavam** pra se escondê, pra fugi, pra sairem de um lugar ao otro, isso realmente o motivo ao certo eu num sei.

INQ.- Tá, Viajante, a dos Fugitivo, a dos fugitivos é que é desse caso aí.

INF.- A dos Fugitivo é aquela, é que é, é que é...isso.

INQ.- E agora sobre o...o enduro que...normalmente era realizado no mês de agosto, né?quê que cê acha?que tinha que continuá o enduro ou você concorda de tê parado com o enduro passando aqui?

INF.- O enduro eh...é uma história...eu acho que é uma coisa meio complicada esse enduro, né?porque...acontece de um dia pro otro, né?eu acho que tinha que tê assim...se fosse pra tê uma organização, bonitinho, eh...respeitá as pessoas que tão na rua porque muita gente num respeita...eu acho assim que tem muita gente que anda que corre, sobe barranco, faz isso e aquilo dentro da rua, eu acho que isso aqui num é lugar disso, eu acho que tinha que tê esses lugares específicos, não passano dentro da rua, ou então com sinalização...porque eu lembro

uma vez que eu era bem pequeninha que tinha, que **tinha** umas fitas, eu lembro bem assim remotamente, ali passando em frente a pousada do ADAL aqui, **tinha** umas fitas, onde as pessoas que **faziam** enduro **passavam** só ali, eu acho que tivesse tipo alguma coisa organizada, né? ah re...referente a isso, tudo bem, mas essa coisa das pessoas **tarem** vindo, eh...**fazem** a bagunça toda assim no arraial, não **respeita** as pessoas que tão passando criança, as pessoas mais de idade, eu acho que isso se fô pra sê assim eu acho que não, eu acho que tinha que tê um lugar direcionado pra eles **tarem** fazendo, respeitano eh velocidade, respeitano tudo direitin, até eu concordo, mas.

INQ.- Houve um tempo então que você percebe que era mais organizado.

INF.- Era, eu lembro bem, mas eu tinha uma média de nove anos por aí.

INQ.- Era a época que o VIN, VIN.

INF.- Era , né?o do VIN.

INQ.- O VIN, por enquanto era o VIN que organizava ninguém.

INF.- É, eu lembro disso.

INQ.- Ninguém reclamava.

INF.- Lembro que eu ia da minha casa pra casa da minha avó e minha mãe não muito gostava quando eu passava no enduro por causa disso...só que eu lembro que era tudo sinalizadinho, tinha fitinha, os motoqueros **passavam** ali, entre essa fitas não podia utrapassar esses lugares, onde eles **forem** passá era sinalizado, então a gente já sabia que a gente podia tá passano por ali.

INQ.- É porque o VIN ele...a...era amante de Ibitipoca, né?

INF.- Ah, eh...ele gostava, pois é.

INQ.- Tem que registrá...esse otro aí ele num gosta muito, só explora.

INF.- Eh, só explora, eh isso que eu vejo esse lado.

INQ.- Vô dá uma paradinha pra gente pensá um poquinho...nós tamo (pausa na fita)

INQ.- Oh RAQ, eh, sobre a música autêntica aqui de Ibitipoca...eh...o calango minero e a moda de viola...a gente já num ouve mais, até a poco tempo ainda ouvia, né?mais a gente quase que num ouve mais...é quê que você acha dessa...se tem que permanecê, o quê que poderia sê feito, tem a banda Espin de Cactus que até o teu irmão participa que já toca otro tipo de música que é o forró pé de serra, né?o forró nordestino...cê gosta do Espin de Cactus?

INF.- Eh, adoro...num é porque é meu irmão não...mas é que esse tipo de forró eu gosto...eu num gosto muito daquele forró tipo eh...daquele tipo Rio Negro e Solimões , eu gosto do forró pé de serra que é um forró mais, um xote, uma coisa assim mais tranquila, eu gosto bastante desse tipo de forró, melhor até pra dançá, eu acho...e eu acho que em relação a música, ao rock de viola essas coisa , eu acho importante porque faz parte da cultura, né?a partir, **foram** surgindo outros ritmos a partir disso e... faz parte, pode pegá várias pessoas antigas aí que se elas num **sabem**, né?cantá, num tem história bacana pra falá sobre isso, eu acho que isso é uma coisa que faz parte da cultura, a gente tinha que tentá resgatá muita coisa a respeito disso, por exemplo, que é da cultura, que tinha mais, né? foi acabano no caso da encenação da semana santa , eu acho que é importante esse (?roda) de viola, tem calango que eu acho que é além de importante é divertido de você ouvi, que as pessoas, **são** pessoas que **pensam** rápido assim, que'eles, né?os versos rápidos **formam** coisas interessantes, eu acho que é muito importante.

INQ.- E lá no...esse contato seu com o turista, você já notô eh curiosidade deles de...de pra...sobre a cultura?quereno saber qual que é a cultura, o quê que tem de...de atividade ainda...eles **procuram** esse tipo de coisa?

INF.- Tem, tem turista que procura “ah eu ouvi falá que tinha...que tinha na semana santa tem a encenação, ainda tem”, né?e a gente às vezes eh eles “ah que pena que num tem mais”, mas assim olha o ano, às vezes todo ano é assim, tenta tê, acaba num voltano, é voltado mesmo pro artesanato, né?eles **gostam** muito, eh de sabê histórias, né?...**procuram**...eh...acho que

havia necessidade de tê, aqui em Ibitipoca um centro de informações, né?com pessoas que **pudessem** contá história, **pudessem** falá sobre o que tem o parque, sobre as coisas que têm na redondeza, sobre a cultura, alguma coisa que tivesse fotos, pelo menos, alguma coisa que pudesse resgatá isso, ou então um centro, acho que pudesse informá o turista, direcioná porque as vezes ele chega aqui meio perdido, num sabe o quê que tem , vem assim porque ouviu falá ou porque ouviu na televisão alguma reportagem, alguma coisa...acho que falta essa informação ao turista.

INQ.- Ahan...agora vai tê.

INF.- Que bom então...ah...isso vai sê ótimo.

INQ.- E...agora no dia a dia você gosta, você vai sempre aos forrós, acha importante o resgate da...da música autêntica do lugar, e gosta também do Espin de Cactus, mas a sua mús...a música que você ouve no dia a dia, qual tipo de música que é?

INF.- Assim, eu gosto de rock e MPB, mas num é aquele rock pesado não...eu gosto de Legião Urbana, eu gosto de Pink Floyd, eu gosto de uma coisa mais, desse som...e...MBP tamém, né? que tem umas músicas que eu gosto bastante, tipo Rita Lee, eu gosto, Caetano Veloso, eu gosto de umas coisas assim, mais que eu ouço mais mesmo é rock, que é o que eu tenho mais no dia a dia que é a rádio que eu ouço né?é mais sobre isso, eu num gosto de...o que eu ouço mais é isso, o que eu gosto.

INQ.- Você fez o primeiro grau todo em Lima Duarte, né?até a oitava.

INF.- Não, o segundo.

INQ.- O segundo grau, eh...até a oitava série você fez em Ibitipoca.

INF.- Fiz aqui.

INQ.- Aí, todo dia tinha que viajá pra ir.

INF.- Nossa, e como.

INQ.- Cê acha que você tirô provei...bom proveito disso?

INF.- Tive que dá mais valor, né?porque era um trabalhão saí daqui cinco horas da tarde chegava aqui meia noite, em cima do ônibus, num estragava, num agarrava , num quebrava, aquilo cê ia assim com bastante esforço, geralmente a maioria trabalhava durante o dia e chegava cansado, né?ela tava, tinha um esforço enorme pra fazê isso...porque já que cê tá lá, já fez essa viagem toda cê tem que no mínimo tir...prestá atenção na aula, tentá se mantê, mas é muito cansativo...nossa...muito cansativo...acho que tem muitas pessoas que têm as coisas fáceis assim e num dão valor, tem agora segundo grau saindo aqui da porta, tem pessoas saindo às vezes pra ir pra Lima Duarte e eu acho que num faz tanta diferença...Lima Duarte.

INQ.- Em termos de ensino, de qualidade de ensino?

INF.- É...porque eu acho que num faz tanta diferença pra você fazê essa viagem eh daqui pra lá entendeu?porque agora até o ônibus acabô mesmo mas...eu acho que se fosse igual...tem pessoas que tão saindo daqui pra í estudá em Juiz de Fora, tudo bem é uma melhoria já até mais significativa, mais...mais assim...é bem cansativa, sabe?

INQ.- E...e você, por exemplo, quando qué comprá ropa, quando você qué...quê que você precisa...em que momento você precisa de ir a uma cidade grande, a Juiz de Fora por exemplo?as suas ropas você compra onde?

INF.- É geralmente é Juiz de Fora, Lima Duarte, né?mexê com banco, acho que aqui falta um banco que num tem...geralmente as pessoas **fazem** o quê, compra de supermercado **fazem** em Lima Duarte ou então Juiz...geralmente...doméstica geralmente é Lima Duarte, porque tem mercados grandes, né?e o preço é bem melhor que aqui porque as mercearias pequenas acho que num **atendem** as pessoas, acho que pra banco, documento, essa coisa se você precisa de documento você tem que tá recorrendo a...a Lima Duarte, Juiz de Fora, essas coisa...mesmovoltado ao ensino, né?se quisé fazê por exemplo segundo grau, tudo bem que tá teno aqui, mas depois disso você num tem um cursinho, você num tem um curso eh profissionalizante, você num tem nada que se você quisé tê um estudo maior você tem que ir

pra outra cidade, cê tem que ir pra Juiz de Fora...eu até comecei a fazê cursinho em Lima Duarte, né?que era um cursinho eh que era comunitário, os professores davam a aula eh voluntariamente, a gente ganhava a apostila de cursinho em Juiz de Fora...era uma idéia até bem interessante só que...eh...como o ônibus acabô eu parei de fazê mais eu acho que seria importantíssimo isso, pro estudo cê tem que saí...então muitos **param** por isso.

INQ.- Por falta de condições.

INF.- Por falta de condições porque pra você ir pra Juiz de Fora você tem que...aí você tem que arrumá um emprego porque cê num tem condição de tá estudano só, né?aí cê vai arrumá um emprego, aí cê tem que...um cursinho bom geralmente agora, os cursinhos geralmente, eh, tempo, ocupam um tempo muito grande assim, tem muitos cursinhos melhores em Juiz de Fora é um tempo quase integral, cê estuda de manhã até as hora da tarde...e isso eu acho que ocupa bastante assim...então a pessoa que tem que í tem que tê condição...de tá pagano...pagá um aluguel, pagá a...a...o custo de vida lá é muito mais caro.

INQ.- E além da...é que eu já percebi que você valoriza muito por ser de Ibitipoca e gosta de viver aqui.

INF.- Ah, eu gosto.

INQ.- Eh, pra saí e estudá fora você teria de abri mão de ...pra você, você tem essa dificuldade?

INF.- Tenho, tenho...eu gosto muito de lugar tranquilo, aqui cê tem movimento assim de vez em quando e tal, mas eu gosto muito daqui.

INQ.- E aqui, é que o mundo vem a Ibitipoca.

INF.- Pois é...cê abre assim, cê podê durmi com a janela aberta, cê podê saí na rua de noite sem preocupação nenhuma, né?ah...é ótimo.

INQ.- E ao mesmo tempo você não estar isolada do mundo, né?um lugar turístico que atraí.

INF.- Não tá isolado, né?é um lugar turístico, ah é ótimo...eu num queria vivê isolada, assim muito isolada não...eu gosto de vê gente e tal...vê gente, cê tá num lugar tranquilo, tem um parque que é lindo, tem tudo, aí.

INQ.- É perfeito.

INF.- É perfeito...é ótimo.

INQ.- Eu concordo, concordo com você...aí quais os seus planos então?agora, atualmente você trabalha no hotel que é um pessoal de fora que mont...construiu o hotel super-estruturado...aí você já tem esse ofício...e pra frente, você tem algum plano?

INF.- Meu plano...assim...eu tô assim tentano juntá, né? meu dinheiro...é difícil porque geralmente eu tenho um gasto aqui, um gasto ali, acaba saindo, cê num tem muito...e meu pai assim, me sustenta na minha casa, as coisas minhas eu que compro, compro roupa, compro eh, tudo que eu quero assim, eu que compro e...mais eu tendo assim, tá...pelo menos a partir d'agora tá juntando, todo mês tirá um poquinho, eu tenho a conta no banco agora, e tá juntano pra podê, futuramente tá estudano, aí eu preciso primero juntá uma grana bacana, uma grana boa que dá pra mim passá pelo menos, fazê um cursinho tipo um ano, dois ano, tentá vestibular na federal...eu fiz pra direito, num passei por cinco pontos, eu num estudei, né?se eu tivesse estudado, assim... parado pra estudá igual todo mundo pára, não, só fiz lá e estudei só assim na escola mesmo, em casa eu num estudei...ah se eu tivesse, né?feito um cursinho bom assim um ano preparado, eu fiz mesmo por experiência na verdade, pra mim tê experiência, porque eu fiz pra direito e fiz pra engenharia florestal em Viçosa, só que engenharia, num gosto muito de matemática não, num foi, acho que num foi uma coisa que num escolhi direito, aí mais acho que eu preciso de...eu preciso é disso, é juntá uma grana e podê estudá, mas assim, depois voltá, eu num quero imbora trabalhá fora não.

INQ.- Se prepará pra...pra prestá o serviço aqui.

INF.- É...prestá o serviço aqui...eu acredito que aqui ainda vai crescê, e vai, e vai precisá de alguém.

INQ.- Vai precisá de mais mão de obra.

INF.- Mão de obra e...e cada vez mais as pessoas **estão**, né?se profissionalizando...a gente tem que tá.

INQ.-Acompanhano.

INF.- eh...acompanhano pra podê tá voltano pra cá e eu quero voltá... num quero í embora de veiz não (risos)...ah eu gosto bem daqui.

INQ.- RAQ, você...trabalhô um tempo também na associação de moradores...eh...quê que você acha da associação, da participação da...da atuação da associação que já tem deiz anos, né?

INF.- Eu acho assim que é impo...todo lugar é importante assim tê uma associação porque é...digamos assim...porque é a voiz, né?do povo pra tá comunicano alguma coisa por exemplo pra prefeitura, pra tá ligando isso, só que eu acho que ((Fim do lado A da fita))

Integração porque as pessoas tão meio afastadas, eh, na última gestão por exemplo era a NEI era presidente e...a PAT, então num **são** pessoas que **eram** nativas, eu acho que as pessoas daqui têm um certo preconceito quanto a isso, mas, faltava eh, falta, essa união importante pelo seguinte, as pessoas **foram** se afastano da associação.

INQ.- Falta participação.

INF.- Falta participação, elas, elas **querem** que aconteça alguma coisa, eu via isso, as pessoas que “ah, mais a associação num tá fazeno nada”, mas ninguém ajudava.

INQ.- E ninguém tava lá veno o quê que tava sendo feito.

INF.- Ninguém tava lá veno...assim, eu quando participava, eu num julgava muito até porque num tinha muita noção, mas depois que ocê trabalha, você vê que tem pessoa lá lutano, né?0 telefonano pra isso, pra contato, tentano vê “ah, a estrada tá ruim, num sei quê, num sei quê”, mas ninguém tá vendo isso, que tá lá pra ajudá, ninguém vê isso, só pensa assim “ah, mas a associação num faiz nada”, aí tem um curso, **são** poucas pessoas que **participam**, aí tem que ficá lá, e tal...as pessoas num **qué**, elas **querem** assim que tenha um curso profissionalizante, que tenha, eh, que tenha assim palestras, essas coisas, mas ninguém, no dia que tem uma reunião pra discutí um assunto importante pode contá o número de pessoas que **vão** lá...ninguém tenta vê “ah, porque vai se reuní ela num decide nada”, mas também o número às vezes de pessoas é muito pequeno pra você ficá tomano decisão, né?acho que precisa, as pessoas **querem** só vê o que acontece, num querem ajudá...acho que falta isso nas pessoas.

INQ.- Participação.

INF.- Participação...todo mundo qué as coisa prontinha, mais né? num qué...num qué tá lá participano...aí assunto da associação era...geralmente era esse “ah, num faiz nada, num sei quê”, mais, você tentô ajudá?cê já tentô í lá vê quê que acontece?ninguém (inint).

INQ.- O plano diretor foi uma grande conquista, né?pra...pra...é o único distrito do Brasil que tem um plano diretor, e...foi aprovado, é lei, né?e muita gente até desconhece, né?

INF.- Nossa, se foi...descunhece.

INQ.- Que exista isso, e aí as construções **vão** seno feita de forma errada.

INF.- É, isso que eu tinha falado no começo, as construções né?as construções enormes, aí tá na rua, eu acho que tinha que tê mantido que faltô assim em Ibitipoca no começo era tê mantido aquela...o padrão de construção, né?de que...geralmente se pode vê em cidadezinhas que são turísticas, as antigas, elas são casarões, né?com telhas, são todos bonitinhos e tal, acho que faltô isso...foi a...as pessoas num **respeitam** muito...nem tem muito conhecimento mesmo desse plano diretor, eu acho que se fosse colocado em prática nossa, ia sê uma maravilha...porque a idéia é ótima.

INQ.- A prefeitura...muita gente critica e a prefeitura num...num...num dá uma assistência também, né?

INF.- Com certeza...a prefeitura mei que...eh...tem um...parece que ela tem um descaso com Ibitipoca...acho que ela tinha que tê, vê que Ibitipoca pode ajudá muito a cidade deles, porque

a cidade geralmente, né? Lima Duarte geralmente num tem assim um giro econômico assim, num tem uma coisa que...se eles **dessem** uma atenção especial pra Ibitipoca, eh...ajudano a saúde, educação, tudo, acho que nossa, ia sê ótimo...mas eu acho que ...aí que entra a respeito da...da emancipação...porque eu acho que Ibitipoca tinha que sê emancipada pelo fato dela tê autonomia, né?podê decidi as coisa, podê...tê um dinheiro direcionado pra...pra...só pra Ibitipoca, pra redondeza aqui no caso onde fosse pertencê porque Ibitipoca fica nem sei em que plano lá em Lima Duarte porque eles num tem, eles num **vêem** Ibitipoca como uma área turística que pode trazê benefício pra eles...num **vêem** isso...só **vê** que Ibitipoca tá aqui, eles tão lá e que se tivé alguma reclamação, alguma coisa, eles **tentam** resolvê assim...a respeito do lixo, por exemplo, o lixo aqui é um lugar (?triste), tinha que tê, né?uma coisa grande, uma área de reciclagem...aqui é um lugar que constr...eh...produz muito lixo,né?tinha que tê uma coisa específica, tinha que sê voltado pr'aqui.

INQ.- Eles não **conseguem** resolvê o problema do lixo.

INF.- Não **consegue**...é lixo.

INQ.- Praças.

INF.- Praças, num tem, olha...cê qué, `as vezes , qué se diverti...até mesmo uma...uma quadra esportiva...a gente tá aqui, todo dia lá, brincano de vôlei num lugar, que...se nós quiséssemos, nós fomos lá, fizemos uma quadra de areia, juntamo, pegamo uma.

INQ.- Vocês mesmos, os jovens mesmo que fizeram?tudo improvisado.

INF.- É, juntamos, porque senão...porque se dependê deles, tudo improvisado, porque se dependê deles (inint)

INQ.- A bola desce morro abaxo toda hora.

INF.- Desce, tem que saí correno atrás de bola, bate no vidro num sei de que, então.

INQ.- Ceis já tentaro fazê algum movimento, pra vê se a prefeitura num...num...num fazia alguma quadra?

INF.- A respeito assim, a gente até, a idéia tem mas monta...a gente acha que precisa chegá lá oh, um de nós, (?falá), “olha a prefeitura eu acho que num vai resolvê muito” eu acho que aí entrava o caso da associação, a gente tê um porta-voz, pra tá lá solicitano...eu lembro de algumas reuniões que **foram** solicitados isso...mas, eu acho que falta isso, entendeu?uma atividade pra jovem, depois fala, aqui tem fama às vezes que tem jovens que **usam** drogas, que **fazem** isso, talvez.

INQ.- **Bebem** muito.

INF.- **Bebem** muito, tem que vê por que?falta alguma coisa pra eles **tarem** fazeno...se tivesse u...a quadra, eles já **tavam** já é um movimento grande de jovens , essa hora da tarde taria todo mundo jogando, é interessante...se tivesse uma coisa interessada, bonitinha, acho que taria levando esse jovens pra se...pra **diverti**...ah...é lazer que eles **fazem**, num tem esse direcionamento, ia sê ótimo...as pessoas **iam** tá tirano tá dois lados, ia tá tirano os jovens (inint) **fazê** uma coisa errada, praticano esporte, é ótimo, é saúde, tudo, eu acho que isso é ótimo.

INQ.- Mas é só vocês **organizarem** porque eu...eu...agora aqui, de repente eu me lembrei de duas pessoas, uma pessoa é...professor de educação física, ele gostaria muito de fazê...uns trabalhos aqui independentes, sabe?ele e o JOT, vou apresentá ele a vocês...e esse diretor de teatro, ele viria, ele tá se dispondo a vir na...na...pra ajudá na encenação da semana santa e o...até o GIL achou ótima a idéia, porque quem sabe ele já envolvido com Ibitipoca, ele já é apaixonado por Ibitipoca...quem sabe num conseguia por intermédio de um projeto que ele viesse trazê o teatro pra cá, pra vocês fazerem, entendeu?

INF.- Ah, adoraria...eu...as pessoas...eh, normalmente quando tem teatro em escola, pode percebê que as crianças daqui **adoram** fazê...os professores eles **levam** muito as crianças pra esse lado da arte, realmente quando tem aniversário do parque eles **fazem** apresentações, já

fizeram apresentações em Lima Duarte...eu acho que...nossa, ia sê ótimo, uma atividade acho que várias pessoas **iam**, **iam** adorá tá fazeno, pono em prática, nossa.

INQ.- E iam tirá proveito disso, entendeu?

INF.- Nossa, como.

INQ.- Então são duas coisas que eu posso ajudá, tá?

INF.- Pois é...e...nossa, eu , pelo menos, adoraria fazê, eu acho que falta, assim, mudança assim, eu acho que falta aqui tamém, uma coisa a respeito de...um curso, eu acho que um curso, alguma coisa de inglês, por exemplo...pra mim eu sinto falta...a gente recebeu por exemplo outro dia um grupo de dinamarqueses...alguns **falavam**, a maioria falava inglês, então, eu que estudei o segundo grau você tem uma noção muito, muito básica, básica, mas já ajudô , a, a comunicação porque o guia num podia tá, o guia deles num podia tá lá o tempo intero com eles...**eram** mais de trinta pessoas...então você dá...eu acho que isso é que falta, acho que as pessoas, principalmente quem trabalha nessa área de turismo, de pousada, recebe muita...recebe muitas pessoas, né?do exterior, muito turista que vem, geralmente dos Estados Unidos, vem dessa área, eu acho...isso também a gente recebe grupo de franceses, de vez em quando, e ...e acho que falta assim um curso...se tivesse eu faria, seria um...esse curso de inglês.

INQ.- Ahan....um curso prático, né?

INF.- Curso prático com conversação, os guias do parque, por exemplo, às vezes **guiam** pessoas, **guiam** também, né? então acho que.

INQ.- Fica difícil de comunicá.

INF.- Fica difícil, acho que eles iam adorá tamém, uma coisa voltada pro turista do exterior que vem crescono cada vez mais, a gente cada vez mais recebe gente do exterior lá no hotel.

INQ.- É e desde que...desde que Ibitipoca se estruturô com pousadas boas, como tem, foi que teve condições de recebê o turista exigente.

INF.- Pois é....lógico.

INQ.- O turista, o ecoturista.

INF.- A gente tem uma...ah...eh...a gente tem um nível assim de hóspede que é assim bastante exigente e sai daqui muito feliz assim, contente, com a simpatia das pessoas, eh, com o lugar, que acha o parque lindo e...acho que falta...eles **acham** que falta uma, geralmente quando as pessoas **questionam**, uma estrutura, até mesmo no parque, de tê um atendimento, em caso de acidente, em caso de picada de cobra, isso todos **sentem** essa falta...eles **falam** “ah, a gente num viu lá um posto, alguma coisa, e se a gente precisasse?”, entendeu...eu acho que isso falta, com certeza, falta lá no parque é um centro assim eh...com pelo menos um enfermero, se num pudé sê um médico, alguma coisa que tenha noção de primeiros socorros mais que possa tá dano um socorro básico ali e...né?o centro, o turista se senti seguro se acontecê alguma coisa...eu acho que isso falta lá dentro do parque também.

INQ.- E o parque oferece muito perigo, né?

INF.- Oferece, é uma área de risco, né?de montanha de pedra, escurrega, torce o pé e tal.

INQ.- Já tivemos vários casos, né?de acidente.

INF.- Nossa...e até e a publicidade que a...que aconteceu por causa de um caso, né?que deu.

INQ.- Foi, foi.

INF.- Nossa...teve...e isso repercutiu bastante, teve bastante (inint).

INQ.- Foi (?foi hóspede meu).

INF.- Pois é...nossa, que chato e até.

INQ.- Adorô tudo, ficô na casa da MAR, elogiô tudo, menos isso aí, ele pegô nisso aí.

INF.- Pois é, eu lembro até que ele foi...o Toyota do parque tava estragado...pois é.

INQ.- Tava...aí foi a do hotel...que foi socorrê.

INF.- A do hotel, que foi socorrê...acho que tinha, nesse caso, Toyota tá estragado, tinha que tê um carro que pudesse lá.

INQ.- A disposição.

INF.- A disposição.

INQ.- Em pleno feriado.

INF.- Em pleno feriado...nossa...acho que aquilo foi uma falha e tanto...acho que falta uma coisa importante que era o projeto cordões da serra, que eu participei também.

INQ.- Tá parado, eh.

INF.- Tá parado...nossa a gente!

INQ.- Comé que funcionava o guardiões da serra?

INF.- **Era...foram...**os donos de comércio, né?a princípio foi a idéia, num sei se a idéia original era do CES e do NEW, eu sei que teve um...esse projeto e eles eh...paga...o pessoal do comércio **pagavam** as pessoas, né?que se **dispunham** a está lá no parque dando informações eles **pagavam** o dia, os comerciantes, **pagavam**, a gente tinha um colete pra tá especificando, eh:...né? que era o guardiões da serra, a gente ficava em pontos perigosos, em (inint) interditadas, porque geralmente tava em erosão, bastante erosão, e também porque era perigoso, então a gente tava lá, dano essa informação ao turista, eles, eles, pelo menos quando eu trabalhei nessa área, eles se **sentiam** mais seguros de vê que tinha uma pessoa ali, eh indicando, e a gente às ve...eh, o (?IEF) emprestô pra gente os rádios comunica...de comunicadores, teve uma vez aconteceu um acidente, eu tava próxima, então foi mais rápido eu pelo rádio chamá o pessoal da Toyota até eles virem , porque até o moço ir lá...lá na...na...no centro de informações pra tá avisano, a (menina) teve convulsão, já tava per.

INQ.- Onde que foi?

INF.- Perto da janela do céu.

INQ.- O mais...o lugar mais longe.

INF.- Mais longe, e eu tava próximo ao Pião...aí o moço chegou, me viu, aí que de lá eu já passei o rádio que eles já vieram.

INQ.- Aí subiu a Toyota pra pegá.

INF.- Subiu a Toyota, sabe?eu acho que...nossa, foi ótimo esse projeto, eu num sei porque que acabô...eu acho que isso não deveria tê acabado, uma coisa que não deveria tê acabado era isso...inclusive a gente tinha, a gente ia pra lá, ficava, eh...os turistas **sentiam** que tavam seguros porque tinham pessoas pra dá informação, né?porque o parque (inint) algumas sinalizações e a gente lá explicano, como faiz, eh...as ilhas e tudo mais, eu acho que, nossa eles se **sentiam** mais seguros, era um ponto a mais assim pro parque, acho que deveria continuá.

INQ.- Nesse...nesse tempo que você trabalhô assim com..com...como guardiã, você tem mais algum caso assim que cê se lembra que aconteceu, ou bom ou...ou negativo ou positivo, tanto faz.

INF.- Assim a respeito de.

INQ.- Da...d' é...do trabalho de guardiões...alguma coisa que tenha acontecido assim, algum acidente, picada de cobra.

INF.- Não foi...aconteceu...aconteceu esse acidente né?que eu citei que foi o da janela do céu, agora a respeito de outras coisas, coisas boas, eles **vinham** até a gente “ah, que bacana, vocês **tarem**” eles **tentavam** se informar porque que a gente tava lá, né? como que a gente tava lá “olha que bacana, muito interessante essa idéia de vocês” e eu tenho certeza que o parque recebeu muito elogio durante.

INQ.- Nessa época.

INF.- A gente até deu uma...uma...a gente fez uma reportagem pra televisão, a gente tava lá e a gente foi justamente pra isso, eh divulgano esse projeto...saiu na televisão, não me lembro o canal, mais...foi...assim foi bem divulgado isso, foi...acho que isso não deveria tê acabado.

INQ.- E num...cê num ouve...eh...comentários de que vol...de que vai voltá não?

INF.- Não...por enquanto não...eu num ouvi nenhum assunto a respeito, mais...né?os donos de pousada daqui eles se **mobilizaram** e...né?eles se **dispunham** a pagar a pessoa pra tá lá passano o dia, né?...isso eu acho que era bem importante...foi uma atitude bacana que eu achei do...que deveria tê até mais essa união entre os donos de comércio, donos de pousada, acho que isso ia ajudá bastante.

INQ.- Bom, então a gente viu que é...que Ibitipoca tem uma dinâmica enorme ainda, o contrário de que muito turista pensa que durante a semana a gente...fica...eh...sem atividade e tal, sempre tem muita atividade, né?inclusive a festa que...a::gincana escolar que ...que é feita aqui já há vár...seis anos, né?

INF.- É...faz temp...bem tempo isso.

INQ.- Pois é...antes a comunidade toda participava, essa última foi interna, só da escola, né?

INF.- Foi interna mais era uma coisa que mobi...acho que é a coisa que mais mobiliza a...as pessoas aqui da vila era a gincana...todo mundo, desde criancinha há idosos cê via qu'eles **ficavam**, eles **vestiam** camisa mesmo, ia lá **fazia** torcida, **preparavam** as coisas dentro de casa, porque caso eles **pedissem**, era assim um movimento, uma festa assim...acho que a festa que mais mobilizava o arraial era a gincana, só que...né?**levava** pro lado das brincadeiras e tudo mais, só que a parte...agora tá só direcionado a escola pelo seguinte, que...foi levando o meio pr'um lado muito competitivo, né?foi ficano uma coisa muito competitiva, tendo muita rivalidade entre as equipes e eu acho que foi por medida de segurança, né?a diretora resolveu fazê isso só voltado pr'os alunos...mais...o que acho até importante pr'os alunos, e tudo mais, só que eu acho que vai, ouvi falá que vai tê...tem pessoas que **tão** quereno fazê uma da comunidade, né?essa era feita pela organização da escola e agora uma...tinha feito uma (inint) a parte...as pessoas **vão** tá montano uma comissão, já ouvi falá que a pretensão era até pra tê sido o ano passado, só que como aí teve a da escola, eles **tavam** planejando pra tê esse ano, num sei se vai saí realmente, seria, eh, toda a comunidade, dividiria as equipes, formaria equipes normalmente e eu acho que isso vai acabá acontecendo no...que todo mundo gosta.

INQ.- Quais os tipos de...provas que **tinha** e...e dessas provas quais que você mais gostava de participá?

INF.- Olha, tinha prova assim de conhecimentos gerais que eu acho tinha...tinha umas provas assim até direcionadas a Ibitipoca...eh...isso informava muito pessoas, né?sobre o parque, tem pessoas da região, alunos que eu lembro, pequenos que não...eh...não **moravam**...não **moram** dentro da vila, não **sabiam** muito, nem **conhecem** o parque e...isso **tinha** perguntas interessantes que as crianças assim da região a...**aprendiam**, eu lembro até já perguntaram eh...quel era o animal símbolo do parque, tinha um garotinho da bem, assim, morava bem distante daqui e que ele soube falá, todo enroladin, mais que ele soube falá eh lobo-guará...eu achei aquilo interessante porque eles num **conheciam**, tinha prova assim a respeito de lixo, como que fazia pra direcioná...pra colocá os lixos em latões e re...eh...cores, acho que tem muita gente que aprendeu com isso, e...provas relâmpagos também porque **era** coisas antigas, né? de Ibitipoca...é uma coisa que cê...eu nunca tinha visto na vida aparecia coisas eh, tinha telefone antigo, eu lembro que era...uma vez que teve uma prova, que era isso, que era telefone...nossa, e era super interessante, eu achei ...então tinha umas coisas muito...que resgata muito a cultura e tem coisas que a gente nunca viu “ah, lá de num sei quando, mil novicentus, mil oitucetus e tal, tinha o livro tal, sei lá” e achava fotografias que assim se você visse, você num conseguia imaginá isso agora, na época a gente era mais novo assim que num tem, num tinha conhecimento de como era, cê dá...cê perde totalmente a noção quando cê vê...eu vi fotografias incríveis, assim ótimas...sobre...sobre isso...sobre Ibitipoca, eu achei ótimo aquilo, sobre a gincana, muito bom.

INQ.- Aí você gostava mais dessa...desse tipo de prova, as provas relâmpago?

INF.- É...que, assim, que informavam as pessoas...colocava as pessoas mais por dentro dos assuntos, mais sobre Ibitipoca...eu gostava mais desses assuntos direciona...eh...que era

direcionado que informava, fazia com que as pessoas **conhecessem** mais o arraial, a história do arraial...acho que isso que importante, né?acho que isso deve sê::deve sê mantido, né?nessas provas.

INQ.- Ahan...tinha a parte esportiva também, né?das caminhadas.

INF.- É...aquela era tamém achava muito interessante (inint).

INQ.- Você participava do::clube do...do...do futebol feminino, né?de Ibitipoca.

INF.- Ah, participava.

INQ.- Parô?

INF.- Parô assim por...mais por falta assim de...de incent...assim, o campo tem os meninos, né?que **iam** lá **treinavam**, a gente ia treinava, a gente num batia muito os dias que a gente treinava, geralmente batia com os dias que eles treinava...a gente chegava lá, eles **mandava** a gente saí fora, aí lógico, a gente num tinha como fazê otra coisa, né? a gente tinha, acabava teno que saí...aí, eh uma pessoa trabalha na pousada, otra trabalha na otra, aí os horários eram difíceis, aí acabô terminano por isso, porque não dava pra trená, mas se tivesse um...tipo uma quadra...tenho certeza, uma quadra de soçai...eh de...futsal, que pudesse abrí à noite, ah, se tivesse assim...nossa acho que isso seria ia voltá, eu pelo menos ia voltaria...adorava, gostava d' uma coisa interessante, diferente até, né?

INQ.- Cêis **chegaram** a saí pra competi, né?

INF.- Saimos, competimos, bastante até.

INQ.- Aqui por perto.

INF.- Por perto...eh...Morera, Santa Rita...eh...Bom Jesus do Vermelho, Lima Duarte, Lopes, a gente feiz...Rancharia...a gente feiz assim.

INQ.- Esse circuito aí.

INF.- Esse circuito da região, mas é bem interessante...você deveria(inint).

INQ.- Sobre...RAQ...sobre...quando na sua casa alguém precisa de tomá algum remédio, vocês têm o hábito de...de consumir e de usarem os chás e as ervas caseiras?

INF.- Ah, temos...eh, meu pai principalmente ele incentivava muito...ele detesta esse negócio de tê que tomá remédio, então ele assim, desde que a gente era pequeno ele incentivô a gente a não tomá remédio, né?esses remédio de laboratório, e sim a...ervas medicinais, que a gente tem assim na porta de casa, tem um pé de novalgina, na porta da casa, tem pé de boldo...então as primeras, a gente tudo, tem remédio pra garganta, remédio pra gripe, tem tudo.

INQ.- E resolve?

INF.- Resolve, assim quando, só, a gente geralmente vai no médico mesmo quando é uma coisa, assim que, a gente num consegue, porque nem tudo a gente consegue dianos...eh...diagnosticá, né?pra sabê qual remédio tomá, mas tem certeza que tem um remédio pr'aquilo...mas a gente re...tomava, e meu pai muito...mexia com mel, né?e com própolis, então a gente, ele de vez em quando fazia umas vitaminas pra gente de...que usava...o...ispinafre, mais ispinafre com beterraba e mel, era uma coisa, era...no começo era horrível de tomá...a gente todo dia de manhã, antes de í pra aula tinha que tomá um copo.

INQ.- Agora num faiz mais.

INF.- Agora ele num faiz mais, ele...parô de fazê...agora que eu cresci eu vejo que, talvez aquilo faiz falta...quando cê era peq...eh...criança cê detesta, né?cê num gosta muito dessas coisa...agora, ele por exemplo, ih, meu pai quase num gripa, meu pai quase num, meu pai geralmente num vai no médico, né?porque...ele come esse negócio de verdura, ele é muito rígido assim todo dia tem que tê uma verdura ou fruta...todo dia tem que tê uma verdura...se minha mãe não faiz uma verdura, às vezes ele vai lá na horta “então pode dexá que eu faço”, ele vai lá e pega e faiz, então ele incentivava muito...cê tá...eh...consumino verdura...eh...esse chás mesmo, ele detesta quando eu tomo remédio, tenho que tomá remédio, ele fala assim “ah, tá tomano remédio, olha, depois (inint)esses remédio você toma...é bom pr'uma coisa, atrapalha otra, aposto que amanhã você vai tá com dor de estômago, cê tá tomano esses

remédio”, é desse jeito...ele...l’em casa tem desde meus avós , se cê í lá na casa dos meus avós, era esses remédios só chá, ninguém eh...ninguém gostava de í em médico...eh...cuida...eh...tratava mesmo, só quando o caso, eh, num tinha solução que você conseguia que eles **iam** ao médico.

INQ.- Ahan...você é de uma família tradicional daqui de Ibitipoca...família antiga daqui mesmo...é grande a família, né?

INF.- Grande, nossa.

INQ.- Ceis **são** unidos?comé que é?

INF.- Ah, bastante, né?geralmente, eh, tinha um caso era, por exemplo, meu avô no aniversário juntava a família toda, ia lá, fazia um jantar, alguma coisa, a gente era, principalmente nessa questão, ?(da roça).

INQ.- Ele faleceu há pouco tempo, né?

INF.- Faleceu há pouco tempo, né?ele e minha vó...mais era um pessoal super animado, né?cê pode perceber que todo mundo.

INQ.- O alambique tá na faz...tá na...na....tá na família, né?

INF.- Tá...tá na família...mas assim, todo mundo alegre, né?

INQ.- A música também...tem gente da família.

INF.- A música, tem gente da família, né?...assim história, né? meu avô, quando ele era pequeno que ele contava que ele guiava alguns turistas no parque que ainda num...eh...num era parque ainda, num era parque...aí ele levava turistas lá, pra vê , conhecê e tal e diz que...ele conta histórias, contava histórias assim, né?que **eram** ótimas assim.

INQ.- Cê lembra de alguma história?

INF.- Ah...eu lembro assim...eu lembro do meu pai contá assim uma vez que ele...meu pai ajudô na construção lá da...assim do parque...na construção assim...de se fazê o...eh...como se diz...a demarcação parque, que ele ajudô.

INQ.- Tá...isso deve ter sido quando?

INF.- Ah...deve sê mil novecentos e setenta por aí...porque o parque começô em setenta e três, né?deve sê por aí...e ele contava que ele fazia tudo sozinho...assim que era uns pontos longos e ele era o (?único) que dividia a turma, então ele ficava mei sozinho e que ele tinha muito assim...a história da onça, né?todo mundo tinha aquela coisa da onça...aí que um dia, ele todo sossegado lá almoçano, aí, ele levava um revol...um revolvezinho daqueles bem antigo porque ele tinha medo da onça...aí um dia, diz ele que tava sentado almoçando, todo tranquilo...de repente ele olhô assim e viu aquela enorme d’uma onça...mas aí ele apavorô tanto, mais apavorô tanto que ao invéis de...ele falô assim que...ele deu um grito tão grande que a onça espantô, né?aí os cachorro correrro atrás da onça e tal...depois que ela foi embora há muito tempo já, assim que ele já tava tremeno de medo, ele foi lembrá que tinha um revólver...inda bem, senão ele teria cometido um crime, né?horrível mais...ele conta assim (inint) ele fala que num tinha medo, mas tenho certeza, ele falô que nesse dia qu’ele na hora qu’le viu...deu de cara com a onça, qu’ ele tremeu...nossa...tremeu hein...meu avô conta umas história assim também.

INQ.- Você...você já teve...já deu de cara com...com a onça também?você já ve?

INF.- Não.

INQ.- Já teve alguma situação assim que você ficasse com muito medo?

INF.- Teve assim no hotel, quê que acontesse?no hotel é uma área bem fechada e tava teno uns assuntos, tava teno onça rondano por aí...eu até parei de caminhá, porque eu caminhava pra lá sozinha, parei de caminhá com medo, porque tava todo mundo veno a onça e tal...um dia eu assim já bem anoiteceno, eu tava no hotel, eu fui apagá as luzes lá em cima, na mata aí eu vi aquele barulho, aí eu vi aquele barulho, assim, tremi, aí eu olhei pra trás assim, num vi nada aí eu me apavorei, aí eu cumecei a andá mais rápido...quando eu vejo aquele barulhão de novo assim...aí quando eu olheu pra trás tinha um enorme d’um (bugio) assim, todo lá, né?na

dele...aquilo foi um alívio pra mim, porque eu já achei que era onça, já tava pronta pra corrê...eu já cheguei l'em baxo até sem...sem ar, de tanto medo porque...e o hóspede viu, de manhã, a...deve tê sido a jaguatirica, mas ele viu de manhã, era umas seis...ele saiu umas seis e poco pra fotografá os macacos, ele encontrô com ela passano...nossa...depois...aí é que eu fiquei apavorada.

INQ.- Ele mandô essa foto?

INF.- Ele mandô as fotos...ele, não, mas ele num...conseguiu fotografá a onça.

INQ.- Fotografá a onça.

INF.- Ele conseguiu fotografá...vários macacos...nossa.

INQ.- (inint) era um bando?

INF.- Era.

INQ.- Pois é...isso aí deve tê:: uma ano mais ou menos porque lá no meu sítio apareceu um bando de bugio também, filhotes.

INF.- Não...lá eles num era.

INQ.- Num eram adultos, não.

INF.- Eu vi, o que eu vi era super grande assim...eu fiquei apavorada, com medo.

INQ.- Porque ele é muito grande, o bugio.

INF.- Ele é muito grande...eu olhei assim... e foi justamente...eu reconheci porque eu tinha visto na foto, que era...aí tava escrito lá o quê que era...nossa...leveí um susto daquele que ele tava na árvore, né?aí eu olhei aquele nó...ele todo na dele, lá, assim, todo sossegado, passano de uma árvore pra outra, eu senti um alívio tão grande, (inint) eu sá parei de caminhá por causa da onça (inint), não todo mundo viu...diz que viu e tal...não, num gosto de arriscá muito não.

INQ.- Se a gente tava falando da tua família, do teu avô...qual que era a profissão dele?

INF.- Ele era trabalhado...ele trabalhava na roça, né?

INQ.- Lavrador.

INF.- É lavrador, é...e::...e ele contava que ia a pé às vezes, muitas ...até meu pai mesmo já chegô a fazê isso...que como não tinha, né?...estrada:: até Lima Duarte, tamém eles não **tinham** recurso...quê que eles **faziam**...eles **chegavam** às vezes quando **tinham** um filho passando mal, alguma coisa assim, que eles **tinham** que levá, quê qu'eles **faziam**, eles **iam** a pé até Lima Duarte, né?e::...**voltavam** no mesmo dia, eles **tinham** que voltá...meu pai ele chegô...diz ele que...(meu irmão) Gabriel, no caso, que é mais velho do que eu, ele...meu pai já teve que í em Lima Duarte a pé pra tá buscano remédio pra ele, né? que...que era assim, a situação era bem crítica assim mesmo, assim aqui (?na mente)...então ele trabalhava na roça longe meus...meus...meu pai mais meus tio, eles trabalhava na roça desde pequeno, teve que tirá quadro pra ajudá a sustentá e desde pequeno eles iam pra roça e meu avô incentivava muito isso...tem uma história também do...do meu bisavô que já era...que, assim, minha família tem assim uma... **que era muito trabalhadores**, trabalhava bem na roça, gostava bem de trabalhá, e esse meu bisavô ele perdeu o braço, quê que acontece.

INQ.- Quê que aconteceu pra ele perdê o braço?

INF.- Essa hist...eu não sei.

INQ.- Ah, tá.

INF.- Eu não sei mais eu acho que ele...ele...eu não lembro bem da história...e ele, ele tem até hoje o braço de madeira que ele fez pra podê tá trabalhano...tem um braço lá...porqu'ele não conseguia, ele fez...ele perdeu a metade assim...a daqui até a mão ele perdeu...então ele fez com a outra mão ele conseguiu fazê um braço de madeira como se fosse uma cana pra qu'ele conseguisse segurá a enxada e continuá trabalhando, esse braço eh...eh ainda existe, tem um tem lá na casa do meu avô...existe...a história qu'eles **contam** é qu'ele, né?não queria pará de trabalhá de jeito nenhum e ele já era...né?ele morreu bem velhinho trabalhano ainda, porque o pessoal aqui, geralmente da roça,cê vê como que eles, né?eles **vivem** muito, acho que devido à tranquilidade, devido a essa coisa de tê...de trabalhá, de consumí coisas só coisas de horta,

coisas que eles mesmos **plantavam** acho que isso ajudava bastante pra eles **tares...viviam** tanto, né?ultimamente num é bem assim.

INQ.- Seu avô morreu com quantos anos?

INF.- Meu avô morreu com oitenta e sete.

INQ.- Ano passado, né?

INF.- Ano passado, eh...não, num foi ano passado não retrasado.

INQ.- Retrasado... Oh RAQ, e...e agora, nesse dois mil e quatro aí, isso tudo, você com seus vinte anos, cheio de perspectiva, o quê...quê que seria um sonho pra você pra Ibitipoca, quê que você mais gostaria pra Ibitipoca?

INF.- Olha eu gostaria o seguinte de...meu sonho particular é...seria vol...istudá, né? e voltá...eu queria assim que quando eu voltá e tal tá aqui uma estrutura ótima, né?onde você tivesse, você pudesse trabalhá, que as pessoas **fossem** realmente conscientes do que Ibitipoca tem, né?que é um paraíso, e que:: o meio ambiente que é importantíssimo nessa questão, a questão de estar um lugar bem estruturado, né?recebendo turista, né?bem porque eu acho que já recebe bem mais eu acho que inda faltam alguns pontos que tem que sê colocado em prática e...podê tê uma estrutura, né?que atenda perfeitamente...podê chegá...eu podê chegá e por exemplo trabalhá ou com turismo, ou com meio ambiente de uma forma consciente que já teja todo mundo preparado pra isso, acho que Ibitipoca pode até crescê mas eu acho que num...num tá preparada ainda pra isso...acho que depende da população, da comunidade, eh...deles **tares** sabeno a importância que é cê tê um turismo organizado, cê tê eh...um ambiente...e Ibitipoca, espero que quando eu voltá em Ibitipoca, esteja emancipada, porque pra ela podê tá tomano...porque se dependê de Lima Duarte ela num...sinceramente acho que ela num vai pra frente...acho que a partir daí o primeiro ponto seria emancipá...aí, a partir daí os sonhos **iam** se realizando assim aos poucos, **iam** tá fazendo (traços) na vida que eu acho que é uma coisa assim...cê vê o pôr do sol, você sentado numa praça assim, desse vilarejo, que coisa linda que não ia sê, né?tá bem organizado, eh...tudo assim eu acho que isso seria ideal...a partir daí... ((fim da fita))

Palavras 10236

Parece 03

Acho 148

ANEXO 07

INQ. – Jussara – **DATA:** 10/11/2004

INF. : Vicente

TRT. – Alice Queiroz Frascaroli – **DATA:** 13/06/2004

REV - Terezinha Resende – **DATA:** 15/06/2004

INQ. – ...entrevistá o VIC meu vizinho, aqui na minha casa...eh...VIC...eh...será que você podia falá um pouco da história de Ibitipoca...cumé que surgiu...co...eh...desde quando...quê que você sabe da história de Ibitipoca?...cumé que começou a vila?

INF. – Bão...que'u sobe é que...eh:...há bem anos atrás (sobreviveu) através do oro, né?...foi muita mineração e::o oro sumiu...as...e as atividades **foram** na agricultura...leite e seus derivados...e::aí veio um pouco de pobreza...pessoal...eh:...teve bastante dificuldades...e dos anos setenta em diante que começou a vim o turismo e foi melhorano um pouco assim a vida de cada um.

INQ. – Eh...e antes do turismo o quê que se plantava...como que se sobrevivia aqui?...as profissões que **tinham**.

INF. – Mui...muito pouco...assim carpintero e pedrero, né?...nas...pra trabalhá em fazenda mais muito pouco...tinha o...o ferrero na casa do tio OLA... mais num era uma profissão rendosa e só ele era... tinha essa profissão praticamente...e ((alguém fala ao fundo))...eh:...olha, aqui em...em uma época era o querosene pra acendê uma luz...e o sal... às vezes até o tecido era... era feito aqui mesmo...algodão...eh:...fa...fiava no fuso e roda...cêis **cunhece fuso** .

INQ. – Que'ra o...o...o tear, né? faz... fazia as roupas (internas).

INF. – O tear...isso...fazia...(inint)

CIR. – Fiava na (inint), né?...eh...eu vi a TUN fazê isso tudo no enxoval da filha dela (inint)

INF. – Pois é.

INQ. – O:...te...tem uma história da:...que...que'u fiquei sabendo da:...que plantava batata e man...e...e chegava mandá batata pra fora.

INF. – Batata...é isso...isso é...isso é...

INQ. – Hoje ninguém mais planta batata.

INF. – Eu... eu planto.

INQ. – Cê planta batata?

INF. – (Já) planto batata...eu tenho batata ali (inint) (dentro do esbarrancado)...(eu man... mantê essa tradição...eu tento mantê ainda me dá um prazerão danado e...e sempre tô eh...(alimentano)...mandioca (nóis) planta ainda.

INQ. – Mais o quê que cê planta?

INF. – Um pouco de feijão e milho.

INQ. – Ahan...isso na...no sítio, na roça?

INF. – No sítio...é...num dá pra so... pra sobreviver assim não, mais é uma intera...e me dá muito prazer.

INQ. – E:...cumé que a...(inint) hoje num... num...a gente num vê, mais até pouco tempo a gente via o jongo.

INF. – O jongo...isso é...isso é, quando::...

INQ. – Você participô de algum?

INF. – Participei.

INQ. – Cumé que era?

INF. – Uns três ((alguém fala ao fundo))...(inint) juntos, né?... isso foi... normalmente quando cê planta uma roça muito grande... e:: então junta:: o pessoal da redondeza intera assim tipo umas quarenta cinquenta pessoas pra **capiná** aquela roça ou então uma roçada de pasto...eh também se fazia uma eh:...multirão.

INQ.- Num era só milho não, né?

INF.- Não.

INQ.- (inint)

INF.- Não...às veiz (inint) multirão e desse multirão vai todo mundo trabalhano, capinano ou roçano...e se cantava o jongo...que'ra uma::...

INQ.- Era sempre a mesma música? cumé que...

INF.- Não, era muito no improviso...também...

INQ.- Isso era pra mantê o ritmo da...

INF.- Mantê o ritmo...e...e uma cachaça ro...eh::...rodava na...eh::...como se dizia na linguagem do pessoal, na boca do eito...(inint) na boca do eito...

INQ.- Boca do oito?

INF.- Do leito...eito.

INQ.- Eito?

INF.- Isso, na boca do leito era seguindo...eh::...(contasse) todo mundo que trabalhava aí passava uma pessoa com o garrafão de cachaça servindo cada um...e ali o jongo ia seguindo também... uma... uma cantoria que dava assim dueto e eco (na roça) intera... muito bonito.

INQ.- E dessa...é uma tradição que::... que até pouco tempo existia, né?

INF.- Existia.

INQ.- Hoje em dia num...num se...

INF.- Eu acho muito difícil se recuperá isso (que) as pessoas que...que tinha uma pessoa que puxava o jongo...esse tinha um pouco...tinha conhecimento e o restante do pessoal ia companhano e respondeno.

INQ.- Ahan...e essas pessoas eh...não...não **estão** vivas mais ou não **plantam** mais?

INF.- Difícil porque a roça diminuiu muito o pessoal, né?...o pessoal da roça **sairo** tudo pra cidade.

INQ.- Tá todo mundo trabalhano pro turismo.

INF.- (inint) os que restaro **trabalha** mais pro turismo e na...naquela época (inint) num tinha... o pessoal num tinha assim muito...num ia muito...eh::...num saía muito pra cidade, hoje em dia saiu quase todo mundo pra cidade... maior parte do pessoal da roça tá na cidade.

INQ.- Ahan... e na cidade que cê fala aqui... na vila?

INF.- Não, na cidade:: eu falo em Juiz de Fora, Volta Redonda, São José dos Campo, Resende...eh::...muitos dele **mora** em muitas favela que num tem nem condição de volta hoje...**são** os...eh::...os pobre da roça que **sairo** da roça pra sê os mendigo da cidade.

INQ.- Ahan...sa...

CIR.- Se tivessem aqui hoje com o turismo...

INQ.- Eles **sairam** antes...

INF.- É.

INQ.- ...do turismo.

INF.- Antes do turismo... têm muitos parentes até (inint) fora mais esses até se **deram** bem... **trabalharo** e tal...então muitos deles **são** aposentados e tal.

INQ.- Ahan...da sua família tem...(inint) tem alguém que tenha saído da...de Ibitipoca ou tá todo mundo aí?

INF.- Muitos...são muitos...eu tenho irmã...duas irmã que **moram** fora...uma mora (inint) mora...trabalha em (roça), fazenda...e a outra mora em Volta Redonda... já tem o marido já aposentado na CSN... e sem contá assim primos, tios que já **falecero** fora daqui, **sairam** também pra ganhá a vida fora.

INQ.- Dos filhos tem uma, a RAQ que tá... que foi a... agora, né? esse ano pra trabalhá e estudá em Juiz de Fora?

INF.- Isso.

INQ.- Mais ela tem o objetivo de voltá?

INF.- Ah com certeza...acho que...eh::...acho que nem se o...talvez num guenta...nem aguenta um ano fora daqui ((risos))... difícil.

INQ.- A ELI já pensô alguma vez em saí?

INF.- Não, nunca pensô não.

INQ.- Ela gosta da vida aqui?

INF.- Gosta daqui...nesse ponto eh...eh::...nossa (inint) a mesma.

INQ.- Ahan...eh::...sobre o parque de Ibitipoca vocês **costumam** í lá? você vai...vai lá...vai...costuma í lá...tá sempra lá no parque?

INF.- Não, a...eh::...bastante a desejá...

INQ.- Tem...cê vai quantas vezes por ano assim em média?

INF.- Ah umas três vezes no máximo.

INQ.- Pra passia ô pra missa ô pra...

INF.- Passia...as vezes mesmo é pra passia.

INQ.- Porque dia três de ju...de...'mé que é? qe dia...

INF.- Três de maio...dia de Santa Cruiz.

INQ.- Três...dia de Santa Cruz.

INF.- Isso.

INQ.- Cê custuma í?

INF.- Num tem ido não, mais já fui muitas vezes... época de soltero eu fui muitas... a trabalho... a trabalho também já trabalhei lá quatro ano.

INQ.- Cê participô das obras lá da...

INF.- Participei... o... eu trabalhei lá...eh...antes de tê nenhuma construção lá... setent'e cinco a setent'e oito.

INQ.- Fazendo o quê?

INF.- Eh::... ze... zelador... (que'u zelava) as... as estrada... eh::... (fazeno) a contrução de cerca também da... do parque... cerca de arame e...e trilha... muitas daquelas trilhas existentes lá hoje fui eu que ajudei a construir.

INQ.- Ahan... e vo... a... os nomes que tem em cada lugar lá você sabe o motivo?...eh...o... e... ou as lendas que tem... o lago das miragens tem uma história ali, né?

INF.- Na...

CIR.- (inint)

INF.- O::...sempre que eu sei é do Mojolinho... eh... lá no Mojolinho diz que lá...lá morô...segundo os antepassado...já morô uma família lá e lá tinha o (monjolo)...e...esse é o lugar que'u...esse é único lugá assim que'u sei de...dessa...é até uma verdade...(inint) lenda se...segundo o meu ((alguém fala ao fundo)) segundo o meu pai e...era uma...uma...uma verdade...a Gruta dos Viajantes, isso aí é uma coisa que num tem...num tem muita certeza, né?...já passa um poco de boato... viajantes que **passavam** por ali e **dormiam** lá.

CIR.- E (falhava) lá.

INF.- É... e aí **pernoitava** ali **continuava** a viagem pra Pedro Texera, Bias Fortes... por aí a fora.

INQ.- Ahan... eh::...e sobre o... o... o crescimento de Ibitipoca? o quê que você acha disso? quê que você::... eh... o quê que você vê de mais significativo aí na...na...na transformação de Ibitipoca? (inint) tudo que tá acontecendo em função do turismo?...se você gosta, se você acha que tá bom, cê acha que tá...

INF.- Eu...eu acho exelente porque...eh::... igual eu falei antes se num fosse o turismo aqui em Ibitipoca eu mesmo num tinha... num teria condição de sobrevivê aqui... teria que fazê igual meus parentes... já **sairo** a mais tempo... teria que tê saído também pra sobrevivê... que num... é precária a situação aqui... e então igual tem... todos os lugares tem os prós e os contra, mais os prós aqui nesse caso do turismo **é... é** bem mais vantajoso.

INQ.- Ahan...você convive bem com...com as pessoas que vem morá aqui ô...ô...ô que sempre vem...

INF.- Ah, con... convivo sim... muito bem.

INQ.- E quê que você acha dessas pessoas?

INF.- Ah, bouas... **são** pessoas bouas, prestativas eh:... muita das vezes eles **são** mais prestativos que os próprios nativos daqui.

INQ.- E quando tem mo... muito movimento por exemplo... eh:... em feriado...eh...final de semana mais movimentado que tem o fluxo maior de turista que... (inint) cê se encomoda com essa movimentação, com esse barulho?

INF.- Não, às ve... às vezes, né?... igual aconteceu pocas vezes eh:... vem assim... eh... vizinho... vem com som muito alto... e no caso do Clube do Jipe do ano passado e encomodô não só a mim aqui mais a vizinhança inteira.

INQ.- Todo mundo.

INF.- É...mais...

INQ.- Foi exagero, né?

INF.- Exagero...quando a coisa é exagerada claro que encomoda.

CIR.- (Existe) carro que abre o capô.

INF.- É... igual esse ano tamém o... o... o vizinho nosso RIS foi encomodado também por... pelo mesmo motivo do ano passado.

INQ.- Foi o pessoal que ficô ali no TAI, né?

INF.- Isso... é... som alto com músicas escandalosa.

INQ.- É... de baxo nível, eu ouvi.

INF.- É, muito baxo nível.

INQ.- Ahan... mais depois resolveu.

INF.- É.

INQ.- E:... sobre as lendas... sobre as lendas... eh:... por exemplo aquela árvore que cabe eh:... os cavaleros dentro dela... cê conhece alguma coisa?

INF.- Eu conheço a árvore.

INQ.- Cê conhece?

INF.- Conheço.

INQ.- Quantos cavaleiros **cabem** lá?

INF.- Ah, os cavaleros sem os cavalos **cabe**... **cabe** uns deiz ((risos))... mais com cavalo num **cabe** nenhum não.

INQ.- Tá ((risos))...qual que é a história desse lugá, cê sabe?

INF.- Ah, é uma...é uma árvore que ela...num sei assim identificá a...a qua...a qualidade, a raça dela, mais ela apodreceu o tronco no meio e foi criano raiz e aí to... ficô um... tipo um túnel mesmo dentro da árvore, mais num... num é esse exagero todo que o pessoal fala não ((risos))...mais é bonito o passei... compensa... eh... compensa sabe? (inint) passei (inint) e tal... que é uma árvore assim diferente...mais sem esse exagero...

INQ.- Tem a...tem a cruz das almas...cê sabe alguma história ali da cruz das almas?

INF.- Sei, da cruz das almas eles **comentam** que...é quando **vinha** as pessoas pra interrá aqui no arraial devido àquele morro muito forte... **subia** o morro é que **vinha** (inint) na mão e **chegavam** aí ês **descansava** com o defunto...então...eh...veiu daí o nome cruz das almas.

INQ.- E num aparecia nada ali não?

INF.- O pessoal conta que apa... que aparicia, mais eu... eu nunca vi nada não ((risos)).

INQ.- Uma mulher da perna comprida cê nunca viu?

INF.- É, vi contá que... tinha uma... uma... é uma mulher...e tinha uma perna enorme que'la atravessava... a perna dela atravessava na estrada e de... num dexava o pessoal passá ((risos))...mais é...(pessoal contava), né? acredita quem quisé.

INQ.- Tem é uma onça que mora lá, né?

INF.- É, a onça eu já vi... nunca vi a onça mais já vi as pegada dela que **atravessam** lá.

INQ.- É?

INF.- É.

INQ.- Cê já passô algum problema, alguma dificuldade, assim algum aperto com...com bicho: com cobra, com onça...

INF.- Com onça já passei no parque...

INQ.- Com lobo?

INF.- É, no parque eu já passei bastante assustado porque na época que eu trabalhei nesses anos de setent'e cinco a setent'e oito... e eu fiquei um ano praticamente sozinho trabalhano lá... e às vezes... eh... trabalhava lá na... pra cima do Pião aques lugar mais longe (mais) distante... de manhã eu via as pegada da onça que me acompanhava... eu só via as pegada... meu cabelo arrepiava um pouco... e até que um dia eu tava... pouco depois da portaria... eu tava tomando um café em baxo duma árvore três metro do meu lado a... apareceu a onça... no desespero eu parti pra cima dela... só que'la... eu tinha dois cachorrinho aí os cachorro **tocô** ela correu. ((risos))

INQ.- Cê deu de cara com a onça?

INF.- De cara com a onça... ela... mais também ela fica... eh::... tanto eu assustei como ela também assustô.

INQ.- ((Risos)) Num sabe quem assustô mais.

INF.- Num sabe quem assustô mais...e passô...depois o cabelo arrepiô ((risos))...por aí.

INQ.- Arrepiava mesmo... e cobra, cê já teve algum problema com cobra?

INF.- Problema não... cobra eh::... já...((risos))

INQ.- Já matô algumas?

INF.- Ah, já matei milhares.

INQ.- Uma eu já vi.

INF.- É...já matei muitas, mais eh::... devido não conhecer muito o...o quê...a função da cobra aqui na terra... hoje em dia já tem mais consciência tanto é que essa semana mesmo...eh...eu capturei um cascavel e mandei lá pro Mosquito Elétrico, né?

INQ.- Ah tá.

INF.- É, eles...

INQ.- Sem matá? só capturô?

INF.- É...peguei...(inint)

INQ.- Que tem que dá um jeito nela tem, né? porque...

INF.- Claro...é.

INQ.- Vai conviver (com isso)...

INF.- Porque:: ela faiz parte da natureza e tudo, mais se ela picá um e...ele corre muito risco...

INQ.- Dá problema.

INF.- De í pro cimitério.

INQ.- É... e... e reza pras almas VIC?... num tem mais não, né?

INF.- Num tem mais não.

INQ.- Mais na...você morô na roça até quantos anos?

INF.- Até:: vinte quatro ano.

INQ.- Ali no...no Fiscal.

INF.- No Tanque.

INQ.- No Tanque?

INF.- É, isso, no Tanque.

INQ.- Onde seus pais **moraram** até pouco tempo?

INF.- Isso, é...lá no...isso...onde...onde...

INQ.- Onde tem o alambique?

INF.- Onde é o alambique lá hoje.

INQ.- Ahan...até os vinte e quatro anos...você saiu pra casá?

INF.- Saí pra casá e escolhi morá aqui na...na vila aqui.

INQ.- Ahan...tá...e lá...e você se lembra de... já teve reza pras almas lá alguma vez?

INF.- Muitas...muitas vezes...muitas vezes...e...e a lenda que se contava é que chegava o pessoal pra rezá pras alma na casa da gente, a gente num podia olhá não porque se não a gente via... num via pessoa, a gente via alma... então a gente num olhava de medo...segunda a lenda (inint)

INQ.- E era qualquer horário ou era sempre à noite?

INF.- Não, era à noite...à noite.

INQ.- Sempre à noite?

INF.- Sempre à noite.

INQ.- Chegavam de surpresa?

INF.- Surpresa...e normalmente assim de onze horas em diante...era uma...era uma...uma tradição tamém bonita.

INQ.- E cumé que a criança reagia na... nesse momento assim? porque tudo...eh:...chei de medo, né? de... de...

INF.- É, mais nu... ficava assim comovidos, né?...num ficava com muito medo porque já era preparado pelos pais que num...e a...o sentido da...do...da reza pras almas já era preparado pelos pais então ês num **tinha** medo... **ficava** assim surpreso e **acha** a coisa assim diferente.

INQ.- E a...

INF.- Bonito também.

INQ.- E era uma iniciativa de quem? (inint) essa...da igreja?

INF.- Uma mistura...da igreja...o pessoal (da) tradição africana tamém eu acho que tem muito a vê com essa...com essa reza das almas...e acabô um pouco com essa reza foi o...eh:... um padre... o padre ZEG... eh:... ele que condenou essas... essas reza e tal, disse que tava incomodando as almas...e até a gente tem uma brincadeira com ele... eu, o ZE meu irmão, o ZEA que hoje é meu cunhado...nóis levamos os instrumentos que é o... que era usado na reza que é o berra boi, matraca e o reco-reco... e no dia que'le...

INQ.- Ah, porque tinha música também na...

INF.- Tinha...

INQ.- Não eles a...eles **chegavam** anunciando tocando esses instrumentos...

INF.- Tocava o (berro), é...

INQ.- Num é assim?

INF.- É...matraca, o berra boi e o:...o reco-reco...e a gente aprendeu fa...eh...fazê essas... essas...esses instrumentos e:: um dia que o padre condenô mesmo essa reza pras alma a gente foi aonde ele tava dormino e rodô essa... esses instrumentos lá só pra vê se... ele bravo.

INQ.- E ele ficô bravo?

INF.- No... ficô muito bravo na hora, depois que'le sobe que a gente que tinha feito a brincadeira ele até que num... num achô ruim não. ((risos))

INQ.- Acordô ele de madrugada?

INF.- Madrugada...aí ele gritô “vai mexê com as alma no cimitério” e tal ((risos)) e a gente morreno de rí.

INQ.- Ahan... e... o ZE... esse padre num tá mais...num é mais ele que...

INF.- Não, não... ele...

INQ.- De vez em quando ele aparece, né?

INF.- Aparece, mais num...sem atuá na igreja.

INQ.- Ahan...porque...eh:... o... o padre ele... ele... cê acha que o...o padre ZEG ele tinha consciência da... da... do quanto que ele podia colaborá:: e a participação dele era importante na comunidade?

INF.- Ah, era muito importante.

INQ.- Será que...cê acha que'le...que'le fez o que...o que precisava ter feito (inint)?

INF.- Não, isso aí foi um erro igual to...todo mundo erra, ele era um padre, mais era um ser humano...acho que se fosse hoje ele...ele entenderia o valor dessa tradição... ele num ia da...recriminá isso hoje...e a última missa que'le...eh...celebro aqui na igreja (inint) (aberta para) o lado do turismo...ele...ele dá o valor o turismo e o sentido que o turismo teve aqui...eh...em Ibitipoca...acho que eh::...seria um...um bom padre hoje se tivesse aqui.

INQ.- E hoje qual padre que está?

INF.- Eh::...no momen...o padre WIL.

INQ.- Padre WIL.

INF.- WIL.

INQ.- Ele vem uma vez por mês...

INF.- Vem uma vez por mês...cobra-se um salário mínimo por essa uma vez que vem por mês, mais gasolina pro carro e...

INQ.- A igreja é que paga?

INF.- É o po... é a igreja que paga com...

INQ.- Com os dízimo?

INF.- Pocos recursos que a igreja tem.

INQ.- Ahan...e você participa da...da sociedade de São Vicente de Paula.

INF.- São Vicente de Paula é...eu participo já::...há:: vint'e nove anos...isso aí é uma...é uma entidade que é muito boa...eh::...(condição) de ajudá os mais necessitados...e tanto é uma...uma coisa...uma entidade que cresce...mais cresce no mundo devido a sua...criação, uma coisa bem feita, uma coisa muito bem feita e é a verdadeira religião porque a gente lá nessa sociedade a gente reza e trabalha...é oração: ora e ação, faz ação...se tem uma pessoa pobre (inint) passando uma necessidade aí reza pra ele num vai...

INQ.- Num vai adiantá.

INF.- num vai adiantá nada, né?

INQ.- Ahan.

INF.- Então a gente ajuda assim com cesta básica...

INQ.- Dá uma assistência, né?

INF.- É...é assistência um pouco...não totalmente como eu falei (inint) num temo condição pra isso...mais ajuda no possível (de) alimentação e remédio, encaminhamento, essas coisa toda...é.

INQ.- Agora tem...a::...a sociedade São Vicente de Paula doô o...o espaço da...da sede da maternidade, né? que tava parada.

INF.- Isso.

INQ.- Pra::...pra construção do posto de saúde, né?

INF.- Isso...eh::...segundo...tão falano vai sê uma...é uma mini policrínica...vai (saí) lá...foi uma:: permuta que a...a maternidade era da sociedade São Vicente de Paula...e então vai...entrou disso...então a sociedade só ce...cedeu essa...essa casa, essa antiga maternidade e a área do terreno pra prefeitura construí esse mini...essa mini policrínica e em troca ês **vão** construí dois salões pra sociedade São Vicente de Paula...é o que tá:: combinado.

INQ.- Ahan...é a Secretaria Estadual que...que...que...o recurso veio da secretaria estadual...de...de saúde, né? a (inint)...

INF.- Isso, mais a::...acho que a...

INQ.- A prefeitura que vai executá.

INF.- A prefeitura que vai...vai executá.

INQ.- Ahan...é foi o...o doutor ANJ que intermediô aí na...

INF.- É, (realmente).

INQ.- junto à secretaria.

INF.- Então onde...eh...(inint) na...na...se caí na mão da prefeitura porque eles tamém já...já...eh::...com...eh...**trataro** uma coisa com a gente uma veiz, essa maternidade foi... ela foi:: cedida a prefeitura para funcioná o pré-escolá lá, em troca a prefeitura faria uma reforma nessa...nesse...nessa...nessa maternidade e num foi feito isso...então vai...(tem) assim algumas garantia que essa obra vai saí os nossos salões tamém...vamo esperá, né?... vindo da prefeitura não é muito confiável. ((risos))

INQ.- Tá difícil, né?...eh...teve a::...a verbapra::...pra::...estação de tratamento de esgoto, né? foi liberada e...e eles num... não **usaram** a de...da esta...da::...do galpão ali de reciclagem de lixo...

INF.- Reciclagem de lixo.

INQ.- Também não...não aconteceu.

INF.- Tamém num aconteceu, né? pois é...isso aí num...

INQ.- Cê...

INF.- Tô muito bem informa...

INQ.- Cê sabe desses detalhes?

INF.- Eu se...é...sei alguma coisa (inint)...sei por alto, ma num tem assim muitos detalhes...num sei assim muitos detalhes aí...igual esse...essa coisa da prefeitura...essa de reformá o prédio lá, isso eu sei com certeza que num foi feito.

INQ.- Ahan...porque você participô diretamente...

INF.- Participei...é.

INQ.- É...e era essa administração aí?

INF.- É...em oto mandato, mais foi.

INQ.- É o da...o do lixo também...foi em outro mandato, num foi nesse aí.

INF.- É...fo...fo...foro os mesmo, né?

INQ.- Ahan...que não venham de novo então, né?

INF.- ((Risos)) Estejam bem longe.

INQ.- Você... o... eh::... tá sentindo... eh::... os jovens distantes da igreja... que num... num... num... eles num... num têm participado tanto da igreja quanto era antigamente?

INF.- Ah, é...(inint) **tão** um pouco distante sim, mais todo lugar, aí é devido à idade tamém.

INQ.- Ahan...mais agora na...na semana santa eles se **uniram**, né? e **participaram** da...da encenação, né?

INF.- É, mais isso aí é o...é o teatro, né?...isso aí ês **quê**... ês **quê** sê é artistas... num foi no sentido assim religioso.

INQ.- Ahan...mais acaba que tem um cunho... um fundo, né? religioso também.

INF.- É, tem um fundo religioso e tal...

INQ.- De repente é uma forma de atraí...quê que você acha disso?...de mudá a dinâmica da coisa dentro...na...na...na igreja mesmo pra atraí.

INF.- Não... é teatro mesmo e...porque o sentido religioso é...acho que ês...(pra dizê a verdade) ês nem deve sabê o quê... o quê é isso... é uma maneira assim...eh...colaborano com a igreja no... no sentido de fazê as encenações, mais ês... a intenção dês mesmo foi de sê atores mesmo... no filme.

INQ.- E você vê...qual a diferença que você vê da...do...eh::...da sua juventude e da juventude dos seus filhos agora?... as dificuldades, as...as...as...as alegrias a...o quê que tem de diferente?

INF.- A...

INQ.- Tudo em relação a vida aqui de Ibitipoca.

INF.- A vida...a vida daqui... eu acho...(eu num)...eh::...eu acho hoje mais fácil pra eles... hoje é mais fácil a... a vida pro jovem hoje é mais viável...eh::... na minha época era difícil, muito difícil... pra... pra cê í numa festa em Lima Duarte só se fosse a pé ou a cavalo... hoje em dia cê vai de carro...vai e volta no mesmo dia...aproveita a noite, volta no mesmo dia...e::...e hoje te...ma...tem mais festas tamém...o próprio (inint) Ibitipoca mesmo tem mais festa quase todo

(lugar)...ês **aproveitam** mais...e a situação financeira também hoje é melhor, mais fácil...tem como cê um dinheiro e se divirtí...eh::...na nossa época era muito difícil ganhá o dinheiro e difícil divirtí também.

INQ.- Ahan...lá na...lá no Tanque o...quando vocês **eram** criança vocês **brincavam** de quê?...**eram** quantos irmãos?

INF.- Nove irmãos.

INQ.- Nove irmãos?

INF.- É.

INQ.- Todos em casa?... um atrás... escadinha?

INF.- Escadinha...escadinha.

INQ.- Aí vocês **brincam** de quê lá?

INF.- A gente tinha que construir nosso próprio brinquedo... eh::... carinho de boi, moin... fazia muinho...

INQ.- Carrinho de boi fazia de quê?

INF.- Ah, maderá da...deusa...

INQ.- Tudo miniatura?

INF.- É tudo miniatura...fazia...eh::...pedaço de tábua...isso...mais isso eu acho uma...uma vantagem muito grande que desperta...dispertô muito assim a inteligência, né? e a curiosidade isso ajudô bastante, ajudô muito... hoje as criança nesse caso as coisa já vem pronta, (num) tem muito sintido... antes dava muito valor nisso...é tanto é que em mil novecentos e sessent'e nove a::...o professor (inint) da época, (MAU), levô os alunos todos pra **vê** o...a...os nossos brinquedos que eles **faziam** lá com o moinho da...moinho...eh::... monjolo e coisas... coisas assim, feito por nós mesmos.

INQ.- Ahan...aí...

INF.- Brincava-se muito de cavalo de pau...eh...boi de saguco... essas coisa todo... num... num tinha... eh::...

INQ.- O brinquedo.

INF.- o brinquedo...

INQ.- As meninas **faziam** as próprias bonecas de pano.

INF.- **Faziam** as próprias boneca e...eh::...e o futebol e às ve...bo...(inint)...eh::...jogava com bola de borracha, (inint) de borracha...o futebol sempre...desde pequeno...eh...o pai comprava pra gente bola de borracha... brincava muito de futebol.

INQ.- Ahan...o futebol era... qualquer lugar dava pra jogar?

INF.- Qualquer lugar... terrero da cozinha.

INQ.- Esse campo aqui já tem muito tempo que tem?

INQ.- Ah, ele...eh::...des' que'u entendo por gente existe esse campo.

INF.- Ali também sempre foi o ponto de encontro da pelada.

INQ.- Muito, é...e quanto encontro tamém...eh::...bastante que teve aqui quando veio a primera televisão pra'qui.

INQ.- Ahan...

INF.- Ela...

INQ.- Comé que foi isso?

INF.- Isso foi em mil novecentos e sessent'e nove, em julho de mil novecentos e sessent'e nove...nós tivemo assim o privilégio de vê o homem descê na lua... dia onze de julho de mil novecentos e sessent'e nove...eh::... funcionava na sacristia da igreja e esse era o nossa cinema, era...era tudo, era nosso show...era tudo ali...e lá a gente fazia muita bagunça tamém pra...pra nossa idade...e teve... tinha dia de junta assim setenta pessoa.

INQ.- Todo mundo assistindo a mesma ...

INF.- Todo mundo assistia....

INQ.- televisão?

INF.- A mesma televisão e era o ponto de encontro.

INQ.- Era da igreja a televisão?

INF.- Era da igreja...o ZEV e seu JAC **eram** os responsáveis pra ligá e disligá...era uma luz própria...tinha...

INQ.- Porque num tinha energia?

INF.- Na...não, a energia chegô aqui...eh::...em mil novecentos e setent'e oito...antes disso era uma lu...era uma luz própria...que tinha aqui no arraial e nos dia de novela de vez em quando ela estragava tamém era... era um deus nos acuda ((risos)).

INQ.- Cumé que era quando estragava?

INF.- Tinha... caminhava... eh::... quatro quilômetro ia no fazendero JOI (assistí) pra num perdê o... o capítulo da novela.

INQ.- Ah, ele tinha outra televisão lá.

INF.- Tinha uma televisão... era fazendero JOI, pai do CAM.

INQ.- Pai do CAM.

INF.- Pai do CAM...a gente ia a pé lá vê novela...dava quatro quilômetro.

INQ.- Aí tinha que mandá pra cidade a televisão pra...pra concertá?

INF.- Manda...é, às vez era a televisão que ingiçava ou às vez tamém a luz...

INQ.- Que faltava.

INF.- É, faltava... mais isso num era muito freqüente não, dava pra gente vê as novelinhas bem na boa ((risos)).

INQ.- Depois cada um foi comprando a sua, né?

INF.- É, aí depois chegô a Cemig e acabô teno o lado do conforto, mais teve esse lado assim que perdemo o... os encontros que tinha **era** pra...pra namorá, pra cunversá... era um ponto... era um ponto do... do povo era lá... mais era lá assim à noite... era o cinema da época.

INQ.- E o namoro? cumé que era namoro naquela época?

INF.- Ah, num...

INQ.- Diferente de hoje, né?

INF.- É, um poco diferente porque... a gente falava que namorava hoje em dia ês fa... o quê ês **fazia** antigamente que **falava** que era namoro hoje ês **fala** que **ficô** ((risos))... ho... hoje ês **fica**... **ficô** ((risos))... mais era... era bem mais restrito a... do que é hoje, hoje é mais... bem mais liberal... infelizmente ((risos))... pra alguns, né?

INQ.- Infelizmente o quê?... na sua época?

INF.- É, porque... eh::... acho que do jeito que eles **namoravam** antigamente (inint) **ia** tê mais prazer, mais emoção.

INQ.- Ah:: tá.

INF.- Hoje é muito liberado, num tem muito sentido.

INQ.- Isso...dexa eu vê... ((corte na fita))

INF.- Eh::...no Pião a...existia a igreja como todo mundo sabe e::... a... pocos **sabe** que **existiu** também duas casas abaxo do Pião ali...eh::...um dos propietário eu lembro o nome dele que'ra JUM... era onde hospedava o padre quando ia celebrá lá...segundo meu pai contava também que após a... as missas juntava o pessoal de Bias Fortes, Pedro Texera, Ibitipoca, toda... (inint)...essas regiões todas após a missa o pessoal dava... era uma sessão de pa... de pancada, de briga... dava muita...dava muita briga ((risos))...e cavalo... eh::... ês **montava** de cavalo de otros e **saia**, então dava...dava muita briga e até que um dia o vento dirrubô a igreja e ficô um sino.

INQ.- A lenda do sino.

INF.- A lenda do sino.

INQ.- Qual que é a lenda do sino?

INF.- A lenda do sino é o seguinte...a...eh...o sino ele (acorda) a igreja e o sino ficô...ficava dipindurado num... num tronco... e tinha um senhor que não batia bem da...das idéias, tava

meio... meio loco, morava próximo ao parque e quando dava essas locura ele ia pra lá badalá o sino... e até que um dia numa dessas crises ele, segundo dizem, ele atirô o sino daquelas pirambesas abaixo lá... eu mesmo fico procurando (inint) num encontrei não. ((risos))

INQ.- Ninguém achô o sino?

INF.- Não, até hoje ninguém achô o sino e o quê que o pessoal acha que aconteceu, é um terreno assim de areia, pode com a chuva a areia tê tampado o sino e o pessoal não conseguiu achá até hoje... e a... e a imagem que tinha nesse.... lá nessa igreja, o Senhor Bom Jesus o pessoal do Mogol... ((acaba a fita))

INQ.- Cê sabe exatamente onde ela fica e que...qual a história que tem dessa cruz?

INF.- Sei...eh...mais o' menos... sei...eh::... a cruz da moça fica no município de Santa Rita de Ibitipoca... não, num sei se é bem...é na...entre...eh::...Santa Rita de Ibitipoca e o município de Bertiola... eu conheço lá uma capelinha...o que se conta é que é uma filha d'um fazendero... essa moça é uma filha d'um fazendero e ela se apaxonô por um escravo... e quando o...o pai dela descobriu que'la tava apaxonado pelo escravo ele perseguiu ela até matá e foi onde matô, é lá onde tá essa igreja.

INQ.- O pai matô a filha.

INF.- É, os capangas do pai que **matô** a filha.

INQ.- E **enterrô** ali nesse lugar?

INF.- É, aí... aí eu num sei... acho que **enterrô** nesse lugar sim, mais, (assim), eu num tenho muita certeza nisso não.

INQ.- Ahan... e:: a mãe do oro? essa luiz que todo mundo vê, cê já viu?

INF.- Mãe do oro já vi. ((risos))

INQ.- Todo mundo já viu.

INF.- Ês fala que é mãe de oro, né?... (inint)...é uma...é como se fosse um foguete atravessano o céu... um foguete desses rojão soltano aquelas fagulha pra trás e chega a clareá o... o ambiente onde... por onde ela passa.

INQ.- Em qual lugar que você viu?

INF.- Aqui mesmo no... quando eu morava lá no... lá no Tanque...(inint)...aqui no...no arraial a gente num vê muito devido a... através da luz num dá pra gente vê...e também numa fazenda depois da Tapera, qu'eu tá reformando uma fazenda lá... várias vezes... é, depois da Tapera um pouco, na fazenda do dotô ZEC... chega... aonde num tem luz, luminosidade nenhuma (pra ele)... (pra ele)

INQ.- É ali que chama Baú?

INF.- Não.

INQ.- Num é'ssa região não?

INF.- Não, Baú é::...é otro lugá...lá **ês chama** lá de::...eh::...esqueci o nome...eh::... Trigo... **ês chama** lá de trigo.

INQ.- Ahan...a localidade ali onde...

INF.- (Inint)

INQ.- você já viu essa luz...

INF.- Isso.

INQ.- Chama Trigo?

INF.- Trigo.

INQ.- Eh::...qué vê otra... e o cavaleiro da meia-noite cê já viu ele passá aí alguma veiz?

INF.- Não, não, esse eu nunca::... o pessoal conta... agora que tá meio assustado com turi... os turista ele sumiu um pouco. ((risos))

INQ.- Ele que assustô? ((risos))

INF.- Agora ele assustô com os turista, sumiu um pouco, mais antes...eh::...aquela...eh...que num existia luz tamém, né? num existia luz elétrica... e ele ficô com medo da...do...a Cemig que espantô ele tamém... gostava muito de andá no escuro ((risos)).

INQ.- Ahan...tinha algum cavaleiro que passava de noite aí assustano todo mundo, né?

INF.- Realmente... justamente é meia-noite, né?... segundo conta quem já viu.

INQ.- O horário dele era meia-noite.

INF.- O horário era meia-noite certinho.

INQ.- Tinha que sê meia noite?

INF.- Tinha que sê meia-noite. ((risos))

INQ.- E otra história assim fantástica assim, essas coisas que **botam** medo? cê conhece mais alguma? tá se lembrando mais de alguma?

INF.- Eh, eu...eh::...eu já tenho uma história própria mesmo, minha também porque eu quando eu trabalhá lá no cartório... tava passando uma procuração de madrugada...era lá pras quatro e meia, cinco horas da madrugada eu tra... eu tava trabalhano fora e tinha que passá essa procuração assim muito cedo e do lado da... da minha casa tava uma casa... tava em construção... era um cumpadre meu... eu escreveno a procuração e ovino ele passano... ovino assim o barulho da broxa passano uma caiação na parede da casa... ainda pensei que ele ia... aproveitá ele pra cê testemunha na... (passá) como testemunha nessa procuração... assim que terminei de... de escrevê a procuração fui chamá ele pra assi... pra assiná essa procuração pra mim (inint) o barulho acabô num tinha mais ninguém lá ((risos))...chamei...chamei por ele, pelo nome dele e::... (aí a esposa) dele que respondeu, falô que'le num...num tinha...ele num tava lá... ele tinha saído muito mais cedo...(a gente espera que) ela tinha (era) (ajudante) na casa dela trabalhando lá...num existia ninguém...(inint) num tava...(inint) num tava... num tava assim com a... com a cabeça no lugá, escreveno a procuração tinha que tá com a cabeça no lugá... isso foi... isso nunca foi... o que me aconteceu aqui foi uma das únicas coisas...agora eu num sei se isso é assombrção ou não. ((risos))

INQ.- Ahan...quando vocês **eram** crianças, assim nove... nove irmãos devia ter em casa...sem televisão, né? sem luz, lá na roça muitas histórias assim, né? muitos medos, né?

INF.- Muita...muitas histórias...eh::...a minha mãe mais meu pai **contava** uma história de sombração que:: um cumpadre foi numa... numa vila tipo Ibitipoca, ele morava... ele morava assim num lugar... assim próximo e veio assim na vila, o otro pra fazê medo nele se fantasiô e todo e foi pra estrada pra fazê medo nele à noite, então quando esse cumpanhero tava vino que viu a assombrção que o cumpadre tava fazeno falô assim “eh, essa da frente é feia, mais essa que tá vino pra trás é pior” então o que tava fazeno assombrção que viu a assombrção que tava vino de trás desmaiô, aquela coisa toda... e com esse negócio na cabeça a minha mãe fazia assim: levantava assim... assim que começava a anoitecê... e tudo é colhido na ho...eh::...na...na horta...eh::...na hora do jantar então tinha que buscá salsa, cebolinha e o ZE meu irmão foi buscá cebolinha e a salsa sa... saiu assim um poco escuro e:: tinha um ca... tinha um casaco escuro eu vesti ele e fui fazê medo no meu irmão... só que ele me viu primero de lá e amoitô... eu olhei na horta ele num tava (fui lá pa' passa) ele puxô...puxô o...o casaco...eu que acabei seno assustado aí eu lembrei a história do cumpadre que tinha feito assombrção no otro. ((risos))

INQ.- O feitiço contra o feiticero.

INF.- Ah, contra o feiticero.

INQ.- Mais alguma:: história assim que você se lembre?... a gente pode falá agora também (inint) foi...foi na horta pra na hora do jan... do jantar tinha que comprá... tinha que buscá a salsinha, né? a cebolinha e o quê que...e...o...que num tinha recurso, a dificuldade de de:: me... de í ao médico, de í a Lima Duarte qu'ê o lugá mais próximo era grande a dificuldade...então...eh::...cumé que vocês **curavam** as doenças aqui?

INF.- Ah, muitas chá de horta...er...ervas naturais...eh::...

INQ.- Cê se lembra de alguma erva?

INF.- É o...

INQ.- Sua mãe que plantava?

INF.- Plantava... e muitas **são** nativa como... igual o:...ê**s chamava**...tinha o nome de Mané Turé.

INQ.- Como?

INF.- (Mané turé).

INQ.- (Mané turé).

INF.- (Mané turé)...esse aí era o nome que se dava pra esse remédio...(mané turé)...outros **chama** ele de Zé Luiz.

INQ.- Ah, é?

INF.- É.

INQ.- E cumé... ele serve pra quê?

INF.- Ah, pra:: barriga... dor de barriga, fígado e essas coisas...igual...eh::...picão, né?...bão pra...pro rins...e...eh::... hortelã que é muito... hortelã... qu'ê pa pre...quebra pedra tamém pa...pa rins...eh::...

INQ.- Pra gripe era o quê?

INF.- Gripe?...eh::...tinha o assapexe)... assapexe... eh::...

INQ.- Febre, dor?

INF.- Pra do...pra dor num tô me le...eh::...num tô me lembrando muito, mais...(inint)...tem...tinha tamém... no campo existia muita erva boa (igual uma)...eh::...gongonhas pra...bão pra chá... (igual) tem o marmelim, bate caxa, quingongô eh::... **são** todos remédio ba... gostoso de tomá e...e...e do lado bom tamém pra... pra... pra rins e...eh::...tem o...o...eh::...remédio diuréticos.

INQ.- Ahan...quais **são** os diuréticos?

INF.- Marmelim.

INQ.- Vocês **colhiam**...tudo isso que cê tá falano...

INF.- Colhia.

INQ.- Colhia na horta?

INF.- É, colhia-se na horta...eh::...e...

INQ.- Então das ervas vocês... tu... eh... tudo que vocês **precisavam** tinha que tê na horta, né? porque num tinha recurso pra::... e qualquer detalhe assim...

INF.- É, tinha a...o...a dificuldade financeira e a dificuldade de buscá o remédio também e...meu pai...eh::...tinha até...andava descalço, tinha o pé na frente até aberto de tanto í a pé a Lima Duarte, às vezes à noite... contava ele que teve várias vezes de í a...a:: Lima Duarte com o guarda-chuva aberto sem fechá... ia e voltava à noite, o guarda-chuva aberto pra buscá remédio pro pessoal da... da redondeza.

INQ.- De baxo de chuva?

INF.- De baxo de chuva...e::...

INQ.- A profissão dele qual que era?

INF.- Lavradô.

INQ.- Lavradô?

INF.- Lavradô... sempre... sempre fui sustento tirado da terra...a gente foi criado cum::... eh::... batatinha, inhame, mandioca... eh::... milho, feijão, tudo colhido na região, na terra sem... sem agrotáxico, sem a... na época nem adubo existia...tudo...tudo natural.

INQ.- E...e tudo era pra::... pra consumo mesmo....

INF.- Pro consumo, às vezes...

INQ.- Num...num comercializava?

INF.- Às vezes a...é a batata que sobrava um sobrava um poquinho a gente vindia.

INQ.- Qual que é essa época da batata?... que todo... que vários...

INF.- Ca...

INQ.- Ia...lavradores...

INF.- Não, essa...num...num é muito antigo não...até:...até **chegá** os turista praticamente...eh...se plantava.

INQ.- (Eu já) tinha visto.

INF.- Até mil novecentos setenta...mil novecentos setenta, oitenta...ainda se plantava muita batata.

INQ.- Batata inglesa?

INF.- Inglesa...e o terreno aqui ele é propício a isso porque é um terreno arenoso porque a batata ela não dá em terra... eh:... em argila, terra grudenta... a batata ela preci...a terra num pode apertá muito... tem que sê uma terra arenosa ou então uma terra preta que'la não aperta... então a... o lugá aqui é propício a isso.

INQ.- Ahan... e das árvores nativas aí, você... eu sei que você conhece, sabe identificar... porque que você tem essa intimidade, essa curiosidade assim?

INF.- Ah, isso foi:... eh... vindo de pai pra filho... meu pai me ensi... me mostrava muito assim qua...qualidade de árvore, a mata... às veiz... eh:... chegava nessa época de colheita, de colhê milho então ês **faziam** balai... **fazia** os balai pra **colhê** milho...é uma...é um... balai... balai pra quem num... num sabe é uma cesta grande...qu'ê de taquara.

INQ.- É de taquara.

INF.- Qu'ê de taquara... e a gente sempre desde pequeno cumpanhava ele pros mato pra buscá taquara e essas coisa toda e ele ia mostrano pra gente “essa é tal árvore...essa, essa é tal...essa é tambu, essa é aruera, essa é jacarandá”... e:: então através dele que'u tive assim bastante conhecimento.

INQ.- Ahan... seu pai fazia esses cestos ele mesmo?

INF.- É, ele fazia... e eu...

INQ.- E...e o...

INF.- e eu apren... eu aprendi com ele, eu faço também.

INQ.- Faiz também?

INF.- Faço.

INQ.- Porque se usava muito fazer... eh...

INF.- Estera.

INQ.- Estera, né?...

INF.- Estera.

INQ.- Pra forrá as casa.

INF.- Pra forro de casa... é... tamém faço, aprendi com ele tamém.

INQ.- Ninguém usa mais, né?

INF.- Não, não se usa mais... essa semana mesmo eu fiz... dois balai... tem ali.

INQ.- Qué vendê um?

INF.- Ah ((risos))...(vô vê).

INQ.- Botá lenha ((risos)).

INF.- É... depois vô te mostrá ali pro cê vê (inint).

INQ.- Bom a gente já... já que a gente tá falano no... no antigamente, a música... a música de Ibitipoca mesmo?

INF.- Ah, é o... nos bailes, né? o... a música de Ibitipoca assim que'u cunhici mesmo... o calango... eh...num sei se foi...eh:...criado aqui, mais se usava muito nos baile o calango... uma música de... uma música de...de improviso...e tocada muitas vezes por tio OLA e:: o...tem o tio BRA também tocava violão... era... era cumpanhero nessa...eh:...nesses bailes...o...tinha um violão... eh... tinha um pandero... pandero era o TOB e copania limitada...eh:... sanfona...sanfona...eh:...os filho...o ANT e o JUQ do ZES **era** o...**era** o sanfona.

INQ.- Desses antigos ainda tem uns poucos aí que...que ainda **tocam**, né?

INF.- É...tem o ADA.

INQ.- O ADA.

INF.- O ADA.

INQ.- O::... aquele cantor e pandeiro... o::...

INF.- O BAR.

INQ.- O ZEC.

INF.- O BAR.

INQ.- O BAR...

INF.- É.

INQ.- ZEC.

INF.- ZEC era... cantava... ma... era... mais cantava...(inint) instrumento deles eles **tocava**...sanfona tocava pouco...tem o ZEA que ele...

INQ.- ZEA!

INF.- que toca...

INQ.- ZEA.

INF.- que toca sanfona... toca e canta... de uma maneira (sempre) bastante engraçada, né? ((risos))

INQ.- É, a voz fininha.

INF.- A voz fininha.

INQ.- Semana passada teve um... uma música dessa aí...

INF.- Ah, é?

INQ.- Aqui no OSC.

INF.- Ali no...no OSC?

INQ.- É...é o único lugar que'u tenho visto que tem tido mesmo...

INF.- Isso...é.

INQ.- a música autêntica, né?

INF.- Autêntica...é...num tinha::...a... assim mais...a...uma coisa assim mais bonita que num tinha as coisa...o...eh::...sofisticada como caixa de som... eh::... amplificadô, era tudo mesmo na garganta e no som natural mesmo sem nada disso.

INQ.- Dançava moça com moça.

INF.- É...isso a...na...na...ainda dança um pouco ainda, né? e os rapazes... **ia** dois rapazes e **batia** palma se...pá separá ((risos))... quando elas **queriam**...

INQ.- Comé que é?

INF.- Quando num **queria**...

INQ.- Tinha duas moça dançano...

INF.- Tinha duas moça dançano aí **chegava** dois rapaiz e **batia** palma, elas **separava** uma saía pr'um lado outra saía pro outro...(e aí) ês **tinha** preferência... **trocava**, (**conversava**)...

INQ.- Tinha...eh::...dança do chapéu não? cê conhece a dança do chapéu?

INF.- Conheço a dança do chapéu.

INQ.- Cêis **brincavam** disso?

INF.- Brincava e muitas vez dava briga, né?

INQ.- Ah, é?

INF.- É...sujeito às vez tava namorano... com a moça... tava agarradinho, chegava colocava o chapéu, o sujeito num queria dexá a moça saí... a dama saí...e::...às vezes...eh::...sujeito tomava o chapéu na pis...na...pisava nele ((risos)).

INQ.- E qua...quais **eram** as festas assim mais animadas? festa da igreja...

INF.- Ah, festa da igreja.

INQ.- Festa da Nossa Senhora da Conceição?

INF.- Nossa Senhora da Conceição... que mu... muitas vezes num era na...na época certa...eh::...no dia dela, no dia oito de dezembro... fazia-se mais no mei do ano, época de sol... julho, junho... mais sempre era a festa esperada do povo tudo da época.

INQ.- Você acha difícil a...assim com esse desenvolvimento de Ibitipoca a gente...eh::...você conseguiu mantê a... essas tradições? que da...da::... da queima do Judas, né?...no...na...no último dia da semana santa, no domingo de ramos ainda existe vivo, né?...

INF.- É.

INQ.- em Ibitipoca... algumas coisas a gente já vê que tá...tá se perdendo.

INF.- Tá se perdendo.

INQ.- Cê acha... qu'ê possível ainda resgatá e mantê e ad...ô cê acha difícil...eh::...mantê e conseguiu levá isso adiante.

INF.- Não, num é tão difícil não... eu acho que se...se uní o pessoal consegue sim... um pouco de boa vontade de cada um consegue... eh...

INQ.- Cê acha importante mantê?

INF.- Ah, eu acho importante.

INQ.- Mantê a...o mesmo ritmo de vida...

INF.- O mesmo ritmo...

INQ.- Apesar...

INF.- Igual... por exemplo o... muita gente é contra o::... os fogos, mais é uma coisa tradicional... uma coisa já vem de mu...muitas gerações o...o foguete...eh::...os donos de pousada **acha** muito ruim.

INQ.- Cinco horas da manhã, alvorada.

INF.- Cinco hora... alvorada...mais é...é uma coisa de tradição do pessoal...eh::...e uma vez por ano...eu acho que isso eles **pode** aguentá um pouco, **tê** um pouco de paciência...porque o...

INQ.- A banda de música é muita bonita assim de manhã...

INF.- Muito bonita.

INQ.- auvorada.

INF.- É, muito bonita...e uma coisa...o...e o foguete tem a vantagem de ale...eh::...chamá atenção de quem tá longe... ou a festa tá boa e tal, tão soltano foguete “tô ino pra lá”...eh::... se... tem esse lado...

INQ.- Seria um jeito de cha...

INF.- positivo...(inint)

INQ.- de chamá, né?

INF.- chamá o povo pra festa...(qu'ê dizê “cumeçô e vamo lá”)...eh::...as festas mais antigas...o pessoal morava na roça e muitos deles **tinha** casa no arraial... a casa ficava fechada justamente pra época da festa...eh::...usava mu...usava muito carro de boi, né? na época num tinha carro a gasolina...usava muito carro de boi pra trazê mudança, então era...até as vespera da festa era carro can... boi cantano trazeno mudança pras casa fechada que tava...pro pessoal da roça ficá nas casinha na época de... de festa... então era uma coisa esperada o ano todo.

INQ.- Carro de boi pocos têm hoje, né? usa.

INF.- Poco...pocos têm...é::...a...é uma coisa meio... bastante enviável hoje, no mundo de hoje porque...eh::...usa-se pouco... hoje tem muito carro a gasolina, né? que faiz o...o quê o carro de boi fazia há tempos atrás... e::... então onde a... e pra mantê um carro de boi gasta pasto essas coisa toda...o:: pessoal já...já tá...

INQ.- Tempo, né?

INF.- É, tempo...que'le é muito lento...

INQ.- É.

INF.- Pessoal tá descartando.

INQ.- É difícil se vê mesmo um carro de boi.

INF.- É... e uma coisa que tá perdendo, né?

INQ.- É... em Bertioga tem aquele desfile, né?...

INF.- É.

INQ.- Do carro de boi.

INF.- Em julho normalmente tem...eh:..

INQ.- Isso é um jeito de... de se mantê, né?... de motivá.

INF.- É...e...e tem o benefício, né? nessa festa lá de Ibertioga ela tem benefício grande porque os corro de boi **vão** cheio...cheios de cana, milho, feijão e isso é doado pro hospital da localidade de lá... que:: esse hospital atende a uma região muito grande... e:: eu fui uma vez numa festa dessas lá e achei muito bonito.

INQ.- É feito dentro duma fazenda, né?

INF.- A... não, ela foi feita no par... no parque de exposição.

INQ.- Ah, no parque.

INF.- No parque de exposição... aí o pessoal vem... os fazendero vem com os carro e... e **faiz** uma... uma passeata... uma... envorta do... do campo no parque de exolsição e depois doua tudo pra... pro hospital.

INQ.- Ahan... então quem sabe consegue fazê uma coisa dessa aqui, né?

INF.- Eh, do carro de boi aqui é mei difícil que aqui... a região lá (inint)...lá se usa muito ainda, tem muitas fazendas...(lá se) tem muito carro de boi, se usa muito carro de boi ainda naquela região.

INQ.- Aqui é que num...

INF.- Aqui...

INQ.- o negócio é que o pessoal tá...tá...

INF.- É.

INQ.- abandonando a agricultura.

INF.- Tá abandonano...tá abandonano...

INQ.- O campo?

INF.- É...é o...ês **tão**...um lado um poco assim negativo do turismo por causa disso... o pessoal acha que tá perdeno dinheiro...(inint) ganhá dinheiro com turismo e... e tá esse... esse lado tradicional tá... tá ficano tra trais.

INQ.- Ahan... mais isso é um... é um... é um detalhe que dá pra corrigí, né?

INF.- Ah dá...é.

INQ.- Pra quem plantá servir a vila aqui e ao turismo mesmo.

INF.- Ao turismo...com carro de boi.

INQ.- Né?

INF.- É ((pausa na fita))...vamo lá.

INQ.- Continuando então na...nas tradições que **tão** se perdendo e que se **conservam**...eh::...o tear...o tear num tem...**existem** as tecederas e elas não **estão** trabalhando com o tear, elas...eh::... **guardaram, desmontaram** (os teares).

INF.- **Desmontaram**...porque...eh::...a...eu acho que elas **tão** pensano que num... isso num dá::...num é...num é uma coisa educativa... eu acho que falta assim alguém abri os olhos dela pra esse sentido porque o tear ele tá es...eh::... (inint)...eh::...vários trabalho...que tem a preparação do...eh::...do...do fiado...(inint) o fiado e vai tecendo.

INQ.- Come...começava antigamente criando as ovelhas, né?

INF.- Criava, é...criava-se as ovelha.

INQ.- Tosquiava...

INF.- É...to...eh::...tosquiva ela e...e fiava no...no... tinha um fuso... no dedo... rodava o fuso, fazia-se a...aquela cordinha e tecia (até a cocha)...então dava trabalho pra tecedera e pras pessoas pra **separá** o... o tecido pra se tecê a cocha... o...

INQ.- E tinha...e o tingimento, né?

INF.- É...e tinha as tintas... as... tinta naturais também... que tem (no campo aí).

INQ.- Pois é...e o quê que você conhece que ainda tem aí?

INF.- A quaresminha...

INQ.- Faiz que cor?

INF.- Quaresminha é um amarelo... amarelo forte... o::: anil... anil é azul... eh::...

INQ.- É, mais essa planta chama anil?

INF.- Chama anil...e eu acho que o... esse anil que se compra artificialmente aí...

INQ.- Da ropa?

INF.- Da ropa...(inint) é feito dele... e tem uma ruivinha...a ruivinha é uma mistura de...de amarelo com vermelho... dá-se uma cor... (meia) cor de tijolo.

INQ.- E essas plantas **estão** todas aí...

INF.- Todas aí nessa... nesses campos aí.

INQ.- Quê que cê acha que poderia... cê tem alguma idéia? já pensô a respeito do quê que poderia ser feito pra resgatá o tear?

INF.- Isso é... na... na... tem ainda a:: BEN qu'ê tecedera...que sabe faze (inint) essas coxa...a TIN...eh...

INQ.- A RAI, a VIV...

INF.- RAI...é...então esse pessaoal devia de montá uma esco...uma escola...de...de aprendizado, de ensiná... essas meninas hoje a fa... a continuá essa... esse trabalho antigo que hoje sabeno... sabeno trabalhá nisso aí é uma coisa lucrativa... eh::... uma coisa que tem que sê mudade é que as coxas... as cubertas daqui **são** feitas com... com emenda no meio...aprendê fazê sem essa emenda.

INQ.- Tem que mudá o tear.

INF.- Mudá o tear.

INQ.- Fazê o tear...

INF.- É.

INQ.- grande.

INF.- Fazê o tear grande.

INQ.- Já tem uma doação de terra.

INF.- Ah, já tem?

INQ.- Já.

INF.- (Então).

INQ.- Tem otras pesso... tem mais um pra doá ma' um já tá doado pra comunidade, emprestado pra vê se...

INF.- Desenvolve.

INQ.- se desenvolve isso aí.

INF.- Pois é... e... igual eu tô falano... a::... montá uma escola... uma escolinha...(pra...pra) (inint).

INQ.- Num precisa cumeçá da ovelha, começa da...do fio industrializado e do tingimento.

INF.- Claro.

INQ.- Do fio cru...

INF.- É.

INQ.- e do tingimento... quem sabe isso incentiva voltá tudo do início...

INF.- Realmente.

INQ.- né?

INF.- E isso...

INQ.- Qu'ê o valor... eh... da... da...das peças era esse, né?

INF.- É.

INQ.- A coisa feita desd'o início.

INF.- E essa tinta na... natural ela é uma coisa... eh::...ela é uma coisa forte, num...nu...num acaba não...eu tenho coxas ali de cinqüenta ano tá...tá perfeito.

INQ.- Você tem?

INF.- Tenho.

INQ.- Relíqui então.

INF.- Relíquia ((risos))...

INQ.- Se fô mon...

INF.- Minha mãe...

INQ.- montado um museu aqui tem jeito.

INF.- É. ((risos))

INQ.- Sua mãe tecia?

INF.- Não, ela...(inint)...ela nunca teceu, mai ela... ela trabalhava nesses preparos, ela tingia a...a lã...fiava...eh::...cardava o...a...a...a carda (inint)... e... tinha que cardá aquilo pra depois fiá...e ela fazia tudo isso e mandava pra tecedera.

INQ.- E fazia basicamente **eram** couxas, né?...que...que se fazia.

INF.- **É...eram** coxas...mais talvez falta de::...de criatividade... uma pessoa...criatividade pra mu::...pra mudá as coisa...e fazê assim blusas também, né?... blusa de lã... coisa que... eh::... a minhas irmã a TIN e MAR sabe fazê esse blusa de lã... tudo feita:: diretamente qua... quase do carnero... sem nada industrializado.

INQ.- Cê acha então:: que é viável...tem jeito de...

INF.- Ah, viável...é...precisa é acordá essas pessoas, mostrá pra elas o...o sentido, o valor que tem isso aí, né?...pra continuá...e o::...qu'ê dizê hoje tem mais chances de sê lucrativo do que naquele tempo... num é?...hoje cê...eh::...dinheiro...tem...rola-se dinheiro.

INQ.- Turista tá aí pra comprá, né?

INF.- É.

INQ.- Pra levá artesanato útil.

INF.- Útil.

INQ.- Principalmente.

INF.- E uma coisa durável, né?...num é coisa que se compra em fábrica hoje tá dismanchando aí... coisa que feiz, dura século.

INQ.- Ahan... bom e você como pedrero... você... quanto tempo que você é pedrero?

INF.- Já tem uns vinte cinco anos.

INQ.- Vinte cinco anos?

INF.- É.

INQ.- E comé que era antes de tê:: loja de... de material de construção abastecendo a vila? cumé que era antes?

INF.- Era bastante difícil... num... nu... num existia quase que cimento... o pessoal num usava quase que cimento...era::...a base... até cocô de vaca se misturava na massa... pra fazê o:: reboco... se usava cocô de vaca... eh::...

INQ.- Misturava cocô de vaca com quê?

INF.- Eh::...areia, terra e:: capim picado muitas vezes...e se fazia também a casa barriada...que:: juntava assim tipo mutirão tamém... pessoal fazia, montava com madeira e no dia de barriá juntava o pessoal... os vizinho tudo.

INQ.- Sempre mutirão?

INF.- Sempre mutirão.

INQ.- É o pau-à-pique, né? que cê tá falano?

INF.- Pau-à-pique, é... mais ho... hoje já tem um lado de...isso num po...isso num pode ser:: feito devido a...a matas nativas... mais temos tamém a::... a alternativa do eucalipto e do pinos que **pode** sê plantado...né? ... e...

INQ.-Pra usá madeira, pra telha::do.

INF.- Mais pode usá...é, usá madeira e pode-se usá o bambu... ainda faiz o pau-à-pique hoje ainda se quisé sem:: fazê depredação nenhuma no... nas matas nativas... eh::... a pedra, o... a base, o alicerce era feita de pedra seca...(inint) de pedra seca, fazia-se a pedra na base do calço...fazia a base...a base do calço...e cheguei a fazê já na...na...(inint) fiz bem um...(fiz bem) umas bases com essa...sem usá cimento...só no...a base do calço, alicerce de pedra seca.

INQ.- Porque se quisesse trazê cimento tinha que trazê de onde? de Lima Duarte, a estrada praticamente não existia...

INF.- Chegava a lombo de...quando precisava...eh::...a...qu'ês...as pessoas, os fazenderos que **tinha** condição financera pra comprá vinha muitas vezes em lombo de burro, carro de boi...vindo de Lima Duarte... qu'ê dizê que uma construção...e...era uma coisa que ficava muito difícil, né?...eh::...hoje a avolução...o turismo ajudô Ibitipoca até...até nisso aí...temos aí duas casas de materiais de construção dentro de Ibitipoca.

INQ.- Ahan...mais aí antes de...de tê isso...eh::...o barro era feito dessa forma, né? o reboco...até com cocô de vaca...a madeira num tinha esse controle, né?

INF.- Não tinha...era...era...

INQ.- (inint) tirava da mata...

INF.- Como diz a música do...do...Charles Brown...eh::...era tudo liberado ((risos)).

INQ.- Tudo liberado...e::...aí ab...tinha o (carapina), né?...que...que...

INF.- Tinha o carapina...o suje...eh::...o sujeito...o...o...o carpintero...o carapina ele ia no...no...na mata... derrubava-se a árvore, lá mesmo ele larvava... lavrava... eh...quadrava aquela...aquela...pedaço de madeira no machado... é uma coisa ainda... eu aprendi na...eu aprendi a fazê isso... eh::...e:: aí puxava... ba...boi.

INQ.- Ahan...cê costumava serrá, fazê as tábuas no caso lá...lá na...na mata mesmo, né?

INF.- As tábuas feita... era.

INQ.- Serrote de dois lados, né? cumé que é?

INF.- Chama-se serra...fica um...ês **monta** um estalero...chamava de estalero...coloca-se a...a tora em cima e fica um em cima e um em baxo, às vezes dois em baxo... e as tábua **sai** pronta da...da mata...e depois puxada de carro de boi.

INQ.- Hoje num tem mais quem faça isso?

INF.- Tem, mais só que...eh::...se fizê isso ês **passa** no Jornal Nacional que cê tá...vai tudo preso ((risos)).

INQ.- E cê acha que a...que a...as pessoas agora têm consciência disso? **estão** abedecendo essa...essa regra?

INF.- Ah, tão... **tão** obedecendo... tanto é que num **tão** cerrando mais, né? cê num vê...eh::...eh...o... é difícil... tá seno... é raro.

INQ.- Criou-se a consciência, né?

INF.- Criou-se a consciência... e:: também já num tem mais as árvores como tinha antigamente... essas matas **eram** fechada de tora.

INQ.- Palmito, né?...mu...aqui é uma região de muito palmito também.

INF.- Tem... bastante palmito... qu'ê uma coisa proibida... também o pessoal num tira...se usava muito...palmito...(ia lá pra mata) cortá...hoje o pessoal fica... tem consciência disso também e num **tão** cortano mais que sabe que é proibido.

INQ.- Que da culinária aqui da região é típico pato com palmito, né?

INF.- Pato... eh... eh frango com palmito.

INQ.- Frango com palmito.

INF.- Carne de lata com palmito.

INQ.- É::...hoje se quisé tem que comprá na lata, né?...a lata do palmito.

INF.- Ah tem, é ((risos))...e::...e eh::...a lingüiça de porco com palmito...e também a otra coisa (que tão) falano assim dos recursos antigo é que o porco...também a...a carne...que se...que se comia a carne quando uma vaca rolava, caía do barranco aí dividia...o pessoal dividia...(ganhava) a carne...e o porco (inint)...engordava...era tradição todo mundo engordá um poco seu porquinho... pra tirá gordura pra fa... pra fazê a comida e a carne ficava na lata.

INQ.- Ahan... den... dentro da gordura, né? da própria...

INF.- É... den' da... den' da própria gordura.

INQ.- Aí pra concervá?... pra concervá...

INF.- Pra concervá.

INQ.- concerva muito tempo?

INF.- Muito tempo...coisa dura...fica assim quase um ano...sem problema nenhum seno uma coisa assim bem feita...e:: então eh::...meu pai contava uma história que tinha um casal de fazendero que a mulher num falava... num se falava com o marido... e:: então o pessoal avisá que o...qu'ela...a gordura tinha acabado... e que tinha que matá otro porco... então pra num ficá (inint) com o marido...eh::...o rabo do porco... ês **fritava** o rabo do porco... ele ficava no fundo da...da lata...o dia que o rabo do porco saía... colo... colocava na mesa o::... o fazendero sabia qu'era dia de matá otro... otro porco ((risos))... qué dizê: economizava as palavras.

INQ.- Ahan...no final comia-se de tudo, né?

INF.- É...de tudo.

INQ.- As frutas... as frutas que vocês **gostam** de comer gostam aqui?

INF.- Ah, sempre foi...eh...as frutas que **são** mais até hoje ainda: laranja, lima...eh::... goiaba... eh::... jabuti... jabuticaba.

INQ.- Goiaba dá pra todo lugar, né?

INF.- Todo lugar.

INQ.- Caqui.

INF.- Caqui... a jabuticaba... eh::... **tinha** as...as...as silvestres tamém, a:: pitanga, né?... dá muito nessa bera de riacho aí...eh::...mais aí...por aí afora.

INQ.- Basicamente é isso.

INF.- Basicamente.

CIR.- (Fazia) doce.

INF.- Hein?

CIR.- Fazia doce.

INQ.- Ah é, os doces, é...doce de laranja, né?

INF.- É... fazia-se o doce de laranja... o figo, doce de figo... eh::...doce de cidra...eh::...a goiabada e::... doce de pinhão... fazia-se o doce de pinhão... que é um doce muito gostoso por sinal.

INQ.- Isso ainda... ainda tem, né?... em Ibitipoca...

INF.- É.

INQ.- o pessoal ainda tem...

INF.- Ainda tem.

INQ.- as quitanderas, né?

INF.- É...mais o::... o doce diminuiu um poco que o pessoal hoje tá muito diabético, né?

INQ.- É ((risos))... o seu caso.

INF.- (inint) o meu caso ainda... porque... é justamente por isso, hoje (em vista de) diabético que também num tinha quase porque era tudo natural... num... eh::...num tinha essa (tal) de diabete...hoje quase todo mundo é. ((acaba a fita))

Palavras 9607

Parece 00

Acho 43

ANEXO 08

INQ. – Terezinha Cristina Campos de Resende

AUX. - Jussara ...

INF. – Waltemberg ...

TRT.- Natália Sathler Sigiliano – **DATA:**

VER. – Alice Queiroz Frascaroli

INQ.- Bem, estamos aqui na fazenda do Tanguê, o entrevistado é o WAL, conhecido por WAL... WAL, em primeiro lugar, a gente queria que você falasse um pouco da história...do lugar...como que começou a vila?

INF.- A vila começou eh::...em 1692, com a entrada dos bandeirantes de Taubaté, São Paulo, vindo em direção a Vila Rica e::...**chegaro** aqui em Ibitipoca primeiro né? nós somos mais velhos que Ouro Preto, que Tiradentes, que Sabará, que São João Del Rei...e aí começou, foi através do garimpo...um padre, fui, que chefiava esse garimpo na época.

INQ.- E **acharam** muito ouro?

INF.- Eh, a nossa mineração ela foi::...ela foi rápida mas durou duzentos anos,né?...um rápido que durou duzentos anos...isso segundo a história, muito ouro.

INQ.- Aqui na fazenda?

INF.- Aqui mesmo tá as marcas, né? a gente tem muros escravos, as cartas da mineração, (sei cho Alá)...muito ouro, segundo a história, muito ouro.

INQ.- E o Santilér, quando passou por aqui?

INF.- Isso já foi em 1822...já na::...na época do governo D. Pedro, né?...ele ficou aqui 15 dias, hospedô aqui na fazenda do Tanguê, onde é de propriedade nossa hoje.

AUX.- É nesse local aqui mesmo?

INF.- Um poquinho distante aqui, a sede antiga fica um pouco distante.

AUX.- Ainda tem...eh, ruínas?

INF.- Algumas ruínas, mas muito pouco...e ele deslumbrô com essa região, né? inclusive eu tenho o livro...ele gostô muito e... escreveu muito sobre Ibitipoca, né? sobre essa região nos arredores de Vila Rica.

AUX.- Certo... eh:::como que você viu assim...você viu com bons olhos, essa::: essa mudança, essa transformação que trouxe o turismo pra cá? essa:::...a criação do parque, foi bom pro...pro...pro pessoal daqui. como que você vê?

INF.- Olha, a criação do parque, é óbvio que ela tem que ter sido boa...porque se você cria um parque, já é um incentivo muito grande, agora o turismo de Ibitipoca e essa parte das belezas, no meu entender, ela...ela é:: com'é que fala assim...ela é superior, independente de criação de parque ou não...é uma coisa que a natureza que Deus deixou, no meu entender, aqui nesse pedaço de Mantiqueira, aqui nesse, galho e:: foi uma coisa que veio como um presente, né? uma coisa de Deus mesmo, as belezas, cachoeiras, o:: clima, o...a vegetação, a fauna e flora, o semi-árido...eh:: isso aí é indiscutível, tanto faz com criação do parque ou sem criação do parque, isso é uma coisa que já estava, né?

AUX.- Certo...mas, com a criação, as pessoas **tiveram** a oportunidade, mais pessoas **tiveram** a oportunidade de vir pra cá, né? ...de conhecer.

INF.- Eh::...exatamente, pra quem não conhecia com a criação, e também a divulgação, né? eu acho que essa parte e as demais foi em trabalho da imprensa...e eu me lembro que eu fui um dos responsáveis disso...porque a... a revista Cruzeiro, ela fez uma reportagem em Ibitipoca nos anos sessenta, e em sessenta e oito o jornal Globo veio aqui e eu fui o guia do pessoal do jornal O Globo...nós saímos de Lima Duarte mei dia e fizemos uma foto na prainha às dezoito horas...gastô de Jeep seis horas de viagem...de Lima Duarte até a prainha e andando a pé porque não chegava lá.

INQ.- Não tinha estrada?

INF.- Não, o Jeep ficô lá pra baxo da Cruz das Alma.

INQ.- Era trilha de burro, né?

INF.- E o correspondente da Globo está vivo, que hoje ele...acho (inint) parece até que escreve no Panorama, que é o (IDS).

AUX.- Que estava nessa...

INF.- Que estava e fiquei até amigo dele desde'ssa época e depois eu fui pra Juiz de Fora pra estudá.

INQ.- Já trabalhei com ele.

INF.- Lá, entendeu, eu fiz parte no sindicato rural, fiz parte da associação dos criadores de gado e:: sempre em contato com ele...e essa reportage foi em sessenta e oi.

AUX.- Teve uma grande repercussão?

INF.- Uma grande repercussão porque nós chegamos na prainha...a primera coisa que foi vista na prainha, foi rastro de onça, rastro de bicho, num tinha ninguém ...você poderia saí de Ibitipoca... ir e voltar lá na prainha da serra...eu até vou falá Serra Grande que é da minha época, sabe, esse negócio de parque é muito moderno .

INQ.- Os mais antigos até hoje falam Serra Grande

INF.- Então, nós vimos lá rastro de bicho, de onça, aquilo tudo selvagem memo, aquele barulho das águas, tal...e hoje, sofisticô mais, né?

INQ.- O pessoal costumava colocá o gado pra pastá tamém lá, né?

INF.- Eh::...os fazendeiros dos arredores, inclusive os meus antepassados, né? que **colocavam** o gado porque o parque num tinha nem...

INQ.- Num era pa...

AUX.- Eram terras devolutas, né?

INF.- Eram terras devolutas do estado, segundo a história era da igreja, e o estado, a igreja perdeu lá por falta de impostos para o estado, depois já lá nos anos, no início...início de mil novecentos e alguma coisa aí...houve até alguma intervenção...diz que uma vez **tavam** tirano muito maderá, que o ministério da agricultura foi solicitado, que **veio** parar... agentes do ministério aqui, fiscais, sabe? e aí isso tudo levô a criação do parque mesmo pra preservação...mas numa época do gado também, eu num vejo tanta destruição também porque...usô, queimô, o gado pastô e taí.

AUX.- E tá tudo aí, né?

INF.- E tá tudo aí.

INQ.- Você costuma ir ao parque, hoje em dia?

INF.- Eu hoje num vô mais não...eu...como se diz...me sinto aborrecido hoje com certas atitudes, inclusive que foi eh::...colocada comigo mesmo e::...já faz bem tempo que não vô, e pretendo...nem sei se volto...essa é a verdade...e sou um grande colaborador do parque, porque na nossa fronteira nunca entrô um fogo no parque, nós nunca fomos lá, o pessoal da fazenda do Tanguê...mesmo na época do boi (risos)... queimá o parque, e antes de parque, depois de parque , nunca aconteceu um incêndio do nosso lado...isso aí pode procurá os registros, eh não agora do IF mas se você procurar um de cinquenta anos atrás você vai encontrá isso com certeza, que nunca aconteceu um incêndio aqui do lado da fazenda.

INQ.- Nem quando comemora o aniversário do parque assim, tem missa, tem?

INF.- Eh...eh quando o PAU e o BRA chefio o parque, eu fui nos aniversários do (inint)... eh:: fui convidado, entendeu? mas depois disso num voltei não, no último já num voltei mais.

AUX.- Então, como que você vê hoje, essa...esse...esse crescimento, né? agora já vamo...olhá pra vila,né? como que a vila tá hoje? a vila tá cresceno, tá (inint).

INF.- O...o crescimento da vila, eu sou um dos maiores responsáveis pela luta do ordenamento da vila...porque eu num se é do teu conhecimento , mas a JUS sabe que nós

lutamo muito, AMAI, e:: e algumas pessoas que **pensa** grande em Ibitipoca pra tê um plano diretor...e eu posso até me considerar pai e mãe desse plano diretor...

INQ.- É verdade.

INF.- Eu lutei muito por ele...eh, a luta desse plano diretor foi assim...foi trazendo políticos aqui, pessoas influente como TAD, e o TAR nos levou a Belo Horizonte, eu e MAR, ela era presidente da AMAI, lá nós conseguimos um contato com MAC que era secretário de planejamento...depois ele foi sê secretário de turismo, e aí ele nos deu um plano e o ITA se empenhou, tanto é que o governador visitou Ibitipoca no carnaval foi de dois mil, né? parece carnaval de dois mil...e aí sugiu o plano diretor, agora o plano vem sendo tratado...com muita dificuldade, com muita precariedade...eu até que olho essa parte, nós nunca punimos ninguém porque o nosso trabalho maior aqui é tentar conscientizar as pessoas que não pode ocupá o espaço todo...se você tem o terreno, você tem que ocupá parte dele, num pode ocupá todo, senão cê tira toda ventilação...nós já temos uns dois pontozinhos, bem aglomerados, uma favelinha pequena, pequena escala em Ibitipoca e isso é lamentável...e nós também trabalhamos pra que num aconteça o terceiro...agora...num temos recurso...

INQ.- Ou quarto...

INF.- Ou quarto...nós num temos recurso financeiro...a prefeitura, por muito que ela se empenhe, em ajudá Ibitipoca, independente de prefeito A ou B, eu até vejo que todos os prefeito **tentam** fazê alguma coisa, mas o recurso é pequeno e o município é muito grande...então nós somos defensor da emancipação política em Ibitipoca.

AUX.- Ah tá, eu queria tocá nesse ponto.

INF.- Eu, se eu dexasse de falá isso aqui, eu estaria traindo a minha consciência, porque eu falo isso em todos os lugares.

AUX.- Esse é um ponto do nosso...rotero.

INF.- Em todas as reuniões...porque? eu explico porque...o município grande, o município de mais de oitocentos quilômetros quadrados, só o distrito de Ibitipoca tem mais de duzentos quilômetros quadrado, você imagina administrá esse gigante desse município c'uma renda pequena...pra te dá um exemplo, Bicas, a cidade, município de Bicas tem quarentas quilômetros quadrado...ele tem a mesma arrecadação de Lima Duarte...agora como que você vai administrá um município de quarenta quilômetros todo asfaltado, você tem pouquíssimas estradas vicinais de terra, então é uma arrecadação brilhante...Lima Duarte com quase oitocentos quilômetros quadrados, co'a mesma arrecadação de Bicas e Ibitipoca, eu sempre falo isso, nós somos o quê?...um canalizador de verbas, de recursos...qualquer prefeito chega em Brasília, ele usa Ibitipoca, ele chega em Belo Horizonte ele usa Ibitipoca, Ibitipoca é ecologia, Ibitipoca é turismo, Ibitipoca é lindo, Ibitipoca é maravilhoso...mas na hora dele distribuir o recurso, ele tem um compromisso com o município...enorme de oitocentos quadrados...de oitocentos quilômetros quadrados...ele tem um compromisso co'a comunidade de São Luís, ele tem um compromisso co'a comunidade Manejo, de Orvalho, de Capoeirão, de São José dos Mortos, de Mogol, a própria comunidade da cidade...a sede do município...então aí aquele recurso pinga aqui, pinga ali, pinga em tal, tal, tal...quando chega em Ibitipoca só **chega** umas gotinhas...tá certo? num é que o prefeito deixa de consumir o dinheiro errado, num é nada disso.

AUX.- Existe um movimento aí de vocês pra emancipação?

INF.- Fizemos uma comissão, até o:: NOR que era o presidente da comissão, ele mudou, foi lá pra Santana do Gabambel, hoje parece que ele tá no outro município, mas temos...tem esse município agora... tem esse movimento.

AUX.- Qual é a dificuldade?

INF.- A dificuldade da...a lei atual é o eleitorado...nós só faltamos o eleitorado...precisa de dois mil votos, mas hoje, (pra mim tudo) pelo congresso pelo senado federal, eh...uma lei, inclusive o senador HEL, ele está trabalhando muito em cima disso, nós tivemos essa

conversa aqui em Ibitipoca, eu recebi ele aqui na campanha dele de deputado, quando ele foi deputado federal...e ele abraço essa causa nossa...então hoje ele tá dando exemplo...

AUX.- Ele é de Barbacena...

INF.- Ele é de Barbacena, lá no senado ele falano: “olha, nós temos lugares igual aquela maravilha de Ibitipoca, que qué a sua liberdade, um povo que qué caminhá com seus próprios pés...porquê:: é TEC e JUS? administrar tem que tê amor, num é você entregar um lugar a qualquer um, num é essa vaidade “ah, é porque eu tô em Ibitipoca eu...eu quero fazer isso, fazer aquilo”...gente num é isso não...quem tá em Ibitipoca, tem que tá’qui porque gosta...Ibitipoca tem que sê administrada por que....por quem gosta de Ibitipoca... num é um cara põe um comércio lá em Ibitipoca, “ah eu ponho um come...não lá é maravilhoso, eu gosto de lá, tal” , mas num é...às vezes num é nada disso...cê gosta de vendê muito, de...

INQ.- E quantos que **vêm** e não ficam...

INF.- Que não ficam...

INQ.- né? quando vê, vê que (inint)

INF.- cê qué vê que uma frustração pra mim, eu vô te falá isso aqui agora...eu vejo as pessoas **falano** assim, aí que eu descubro que as pessoas, a maioria , noventa por cento, não **gostam** de Ibitipoca, dos novos ibitipocanos...já vi vários “ah, isso aqui...vai fali mesmo, num tá vino ninguém aqui agora, porque essas medidas do IEF, parque caro, portaria de quinze reais, e::...tamém eu vendo isso aí e vô embora, num tem...tô torrano o meu e tô saino”...aí eu falo assim, aí que tá a minha frustração e...

AUX.- Num tem compromisso...

INQ.- Num tem compromisso, eu num vô fazê isso...pra mim pode acabá o turismo todo, pode num vim ninguém em Ibitipoca mais, eu acho que eu vô ficá até mais feliz...eu vô continuá aqui, na fazenda do Tanguê, do memo jeito.

AUX.- E o movimento você observô que caiu mesmo, com essas novas medidas aí, com aumento das entradas.

INF.- Caiu...eu mesmo assim que num tô ligado direto, eu sinto que caiu...o mês de janero em Ibitipoca, em termos de volume de pessoas, foi um fracasso, foi um fracasso.

AUX.- E você atribui a isso?

INF.- Eu acho que:: no meu entender...eh:: com’ é que fala...seria no meu entender eh:: uma somatória de fatos...não seria somente um fato A ou B não...recessão econômica, falta de dinheiro pra todo mundo no país, geral...as medidas no IF, a limitação eh::...lá na internet, dizendo que entra tantos e tantos... aquele quadro que todos nós conhecemos.

AUX.- O pessoal fica com medo de vir.

INF.- É...mais aqueles...aqueles quinze reais que **pesa** hoje num orçamento de uma família, uma família que tem cinco filhos, a mulher e o marido **são** sete, imagina se **vão** entrá todo mundo no parque e::pesa, no meu entender...

INQ.- Pesa.

INF.- Isso aí pesa e pesa muito... e:: otra coisa, aquela agonia de adquirir ingresso quando estava com aquele volume de gente total, que eu mesmo recebi muitas pessoas aqui na minha casa e nas... nas terras, na fazenda, nas cachoeras, pra podê ajudá eh::com’ é que fala...

INQ.- Desafogá.

AUX.- Distribuí.

INF.- Desafogá o parque, ditribuí o povo...mas...ocê acha que, eu mesmo, eu sairia daqui eu vô lá em Fortaleza pra levantá seis hora da manhã pra í pr’uma fila, pra comprá um ingresso , pra vê isso, aquilo...jamais eu fazia um negócio desse...ninguém qué fazê um negócio desse...então isso tem que tê uma, eh com’ é que fala, um direcionamento...como que o turista vai chegá em Ibitipoca sem tê esse problema de enfrentá fila? ou ele compra isso pela internet, ele compra isso por telefone antes, pra ele entrá no parque...aqueles que num **vão** consegui entrá **vão**.

AUX.- Já assegurará a sua entrada, né?...

INF.- É, já assegura a entrada, e aqueles que num vão entra...

AUX.- sem transtorno.

INF.- eles **vão** usufrui o turismo em torno.

AUX.- Direcioná pro em torno.

INF.- E sobre o turismo em torno, esse eu quero falá e quero dexá bem registrado, porque eu ainda considero nós, o ibitipoquense, nativo, aquele cara nato como eu, nós continuamos no subemprego aqui em Ibitipoca...o turismo não trouxe grande (benéfice) ao povo de Ibitipoca...ele trouxe muitas (benéfices) aos novos ibitipoquenses, aqueles que **vieram**, que tem uma inteligência maior, que fez...**colocô** uma pousada, uma coisa mais bonita...até então porque o nosso povo.

AUX.- Nem diz inteligência, mas recurso pra investí.

INF.- É recurso, isso, e nosso povo num tem esse recurso financeiro, nós...

AUX.- Astúcia pro comércio também, né?

INF.- Nós somos descendente do resíduo do garimpo...qué dizê, aonde o pessoal criô todo mundo pobre, aqui num tem coronelismo, aqui em Ibitipoca nunca teve ninguém porque esse é o senhô fulano, é o mandão...

INQ.- Num tem.

INF.- É um povo tudu humilde, tudu simple, entendeu?

INQ.- São citiantes no máximo.

INF.- Citiantes, e os citiantes **vivero** com muita dificuldade...o cara tá viveno hoje com o leite trinta e dois centavos o litro, tem que andá aí às vezes quilômetros pra chegá no ponto do caminhão...chega no final do mês aquele dinheiro num dá uma receita nenhuma pra ele, muito pequena... então precisa do ibitipoquense ser inserido no turismo de verdade.

AUX.- Aí você acha que co...com o investimento no em torno, haveria benefícios.

INF.- Esse investimento no em torno é que vai trazê, porque um vai fazê um doce, o outro vai fazê o tear que...as coisas nossas **acabaram**...a a nossa cultura, ela foi embora...o tear acabô, os doces **acabaram**, a fazenda do tanguê, que é onde que eu moro co'as minhas tias, nós tamo resistino aqui, a última agonia aqui é onde ainda se faz um doce de figo, um doce de pêssego, um doce de leite, um arroz-doce.

AUX.- E vocês **comercializam?**

INF.- Muito pouco, faz...a minha tia faz o comércio...as pessoas **vêm** aqui, às vezes ela leva na vila alguma (inint), uma coisa muito simbólica.

INQ.- É o melhor queijo qu'eu já comi (em Minas)...o melhor que existe é esse aqui.

INF.- O queijo, a manteiga...mas é verdade é o seguinte, tem que dexá registrado, o produto rural está quebrado, você entendeu? eu só num me considero quebrado porque a gente num...tem dívida, graças a Deus, não vendeu terra, tá certo?...a nossa família é daqui, a gente tá com saúde, graças a Deus, e vive humilde.

INQ.- Planta pra comê.

INF.- Planta pra comê, aquela agricultura de subsistência, é uma outra coisa que tem que tê...entendeu?...uma grande, com'ê que fala...atenção por parte dos órgãos ambientais, é essa cultura de subsistência em Ibitipoca...porque num é chegá punindo o pequeno produtor porque roçô um pedacim pra plantá um feijão, pra plantá um milho, é orientá-lo...tá certo? (é tê) ali uma presença, em Ibitipoca num precisa de nada punitivo...eu acho que nós precisamos de instrução, no meu entender...o nosso agri...agricultor...

AUX.- Orientação.

INF.- precisa de orientação, nós precisamos de policiais pra orientá...as pessoas, pra tê uma presença da polícia em Ibitipoca, pra inibi alguma coisa errada...isso é que nós precisamos, mas num precisamos assim daquelas repressões, chegá "ah o cara vai plantá um feijão", recebe

uma multa...o cara errô ali na rua tal, recebe o...uma outra penalidade...num é isso...é mais uma coisa orientativa, tanto por parte dos órgãos quanto por parte polícia, etc...mas precisamos.

AUX.- Ahan...com certeza...eh::...como que você vê a:: questão mesmo, agora vamo pegá, eh:: focalizá bem o::a questão cultural, né? as festas, os costumes daqui...você acha que tá se perdendo? muita coisa já se perdeu, já ficô? tem...haveria uma forma de resgatar isso, como você já falou do tear, a gente fica pensando no no...naqueles multirões que, uns que **cantavam** jongo, que é uma tradição daqui, num é?

INF.- Olha, isso, no meu...eu sempre venho defendendo isso que pode ser resgatado...agora, isso pra ser rega...resgatado, eu acho que uma grande contribuição que Ibitipoca poderia tê, ((tosse)) seria da igreja Católica...a nossa tradição é o...é o catolicismo...se nós tivéssemos um padre, um pároco, que...direcionasse o povo pra isso.

INQ.- Conseguisse atrair, né?

INF.- Voltasse a tê o quadro da semana santa, as três missa do Natal, eh:: o carnaval, o...o... tem uma missa, tem...tudo como era antigamente, porque nós tivemos vigário próprio nos anos sessenta, até os anos sessenta, foi o padre CAR...depois disso começamos a ter vigários assim temporário, né? o vigário vem, celebra, volta.

AUX.- A missa é uma vez por mês, num é?

INF.- E nós num temos...eu tô te falando isso porque um padre ele teria muita condição de::...eh::, com'ê que fala?

AUX.- Contribuí (inint).

INF.- De contribuí pra ele doutriná o povo, que apesar que é uma pessoa que estudô muito, tem uma capacidade muito grande, e ele vai exercê uma liderança na vila...agora precisa de (sê) padre, também...

INQ.- Que se envolvesse.

INF.- que se envolva com esse tipo de coisa...até com o turismo, eu achava importante que num sábado a tarde, por exemplo, ele fizesse um evento na igreja até para o turista, que chamasse atenção.

AUX.- Porque o per...o perfil do turista aqui também tá mudando vem muita família.

INF.- É, vem muita família e esse é o turismo que nós queremos...porque nós num queremos um turismo em Ibitipoca do tráfico de droga, nós num queremos um turismo, eh, com'ê que fala?...depredatório, nós queremos um turismo em Ibitipoca, eu cos...eu costumo dizer o seguinte, que é um turismo de primero mundo, esse é o turismo que nós queremos...aquela pessoa que vem, que admira, eu já levei casais lá no parque mesmo, aqui na fazenda, pessoas que **vieram**...umas pessoas assim tipo da minha idade, quarenta cinquenta anos, ele ajoelha no chão, ele agradece a Deus de tá ali, veno uma beleza tão grande daquela, um cachoeira, uma gruta daquela, uma água correndo, ele fala “meu Deus, ((galo canta)) eu tô sentino aqui a presença de Deus”...então esse é o turismo que nos interessa...no meu ver, esse é o turismo que nós queremos.

AUX.- Então você acha que o...na igreja poderia contribuir, né?

INF.- Ah muito.

AUX.- E...e no caso de um prefeitura, já...

INF.- Não, a prefeitura é tudo ((galo canta)), a prefeitura é tudo porque se... eu nem sei se eu teria eh...condição ((galo canta)) de chegar lá, mas você imagina uma prefeitura na cidade com prefeito, imagina eu prefeito de Ibitipoca, uma verba direcionada, convesando co'as pessoas, as pessoas **tão** ali “oh prefeito”, você conversa com um, com otro “nós temo que fazê isso, temo que resolvê um problema disso, tem um cano vazano, tem um buero faltano, tem uma estrada que tá precisano dá uma consertada, nós tamó aí precisano de dá uma consertada”...nós tamó aí com um problema pra restaurá uma igreja, uma igreja de quase trezentos anos e precisano de recurso, hoje deve tá um milhão e duzentos mil reais o restauro dessa igreja, e e como que nós vamo fazê isso, num temos recurso pra fazê isso...se num tivê alguém que

abraça isso aí, multinacional, uma fundação de Roberto Marinho (inint), nós vamo perdê esse patrimônio.

AUX.- E já foi bastante descaracterizado.

INF. – Não, sem dúvida, pode nem imaginá.

INQ.- Cê teria alguma idéia, assim, pra...pra melhorá o...a...o visual (inint) da vila? que a vila tá feia, né?

INF.- Eu tem...((tosse))

INQ.- A questão do lixo?

INF.- Eu tenho dezenas de idéias JUS...a vila tem que cuidá, tem que limpá, tem que tê uma equipe de pessoas cuidano disso...tem que vê aquilo tudo cheio de cantero de flor, de hortência.

INQ.- Fazê as praças.

INF.- Fazê as praça, as quadras, arrumano tudo, entendeu? isso tem que ser uma coisa muito de perto...tem que ser ali uma presença administrativa colada ali perto e com recurso...eu tô ali, mas eu num posso fazê, o que que eu vô fazê...eu num tem dinheiro...eu pra plantá um pé de hortência preciso de arranjá uma muda.

INQ.- Comprá uma muda.

INF.- E...e arranjá alguém que plante, porque eu num vô dá conta de fazê isso...e conscientiza nós, o povo de Ibitipoca, que preserve, Ibitipoca precisa ser (bonita)...conscientizar os novos ibitipoquenses que num **tão** aqui só pra ganha dinheiro...eles **tão** aqui também para dá contribuição deles...(inint) uma coisa que eu admiro muito, eu falo muito isso, o dia que eu falta co'a minha coerência, eu prefiro a morte...aquelas pessoas que **pregam** e num **faz** são pior que do que às vezes outros tipos de pessoas.

AUX.- Cê ta falano em novos Ibitipoquenses, né? eh... você se refere.

INF.- O que eu chamo de novos ibitipoquenses é que a maioria chama de forasteiro, né? eu num uso essa palavra.

INQ.- Ele evita essa palavra porque ele num gosta.

INF.-Eu falo os novos ibitipoquense...então eu acho que nós, eh::...temos eh:: esse problema, isso hoje até acho que num ta acontecendo tanto mais essas divergências e tudo.

AUX.- Richas, né? entre nativos e...

INF.- Essas richas num tem mais precisa de tê mais integração, eh...eu comentei até a pouco tempo que teve uma reunião e as pessoas dissero assim na reunião: “ah, porque os nativos e tal”, saiu isso lá e foi até terrível...aí eu observei, **fizero** várias reclamações...daí a dias, morreu uma senhora aqui da vila, uma dona de quase oitenta anos e num tinha nem um novo ibitipoquense no enterro da dona, eu fui até e fiz esse comentário: “poxa, **falaro** tanto na reunião dessa integração, dessa falta coisa, morreu uma senhora na vila, de quase oitenta anos, que não tinha uma pessoa sequer no enterro da dona dos novos ibitipoquenses...então você pa cobrá, você tem que.

AUX.- Pra algumas coisas, é...é novo, né?

INF.- Não, é aquilo que eu falo.

AUX. – Quer...cê quer se sentir no lugar, né?

INF.- Se você quisé uni Ibitipoca, fala que vai fechá o parque, que vai num sei o que, que o turismo tá fracassado, aí você une...a gente tá tentano fazê essa união em Ibitipoca mas não por aí...eu acho que nós temos que fazê ela por afinidade...é você vim aqui, eu te recebê bem, eu vô na JUS e me recebe bem...é afinidade entre as pessoas...as pessoas ((problema na fita))

AUX.- Mas, eh::eu fico pensando, essas...esses (inint) novos ibitipoquenses, será que eles **têm** título de eleitor aqui? será que eles num **tão** fazeno falta aí pra soma, (inint).

INF.- Isso aí num tem dúvida nenhuma, nós até fizemos uma reunião um dia na casa do::

vereador ANJ

que é de Juiz de Fora, JUS estava junto, e foi uma das coisas mais **debatida**, foi essa, porque você

pode usá até casa de parente pra coloca o seu domicílio eleitoral...ah::várias famílias que **tão** votando lá em Volta Redonda, no Rio de Janeiro, São Paulo, Juiz de Fora, Lima Duarte, **foi** descobrir que **são** proprietários ou rural ou urbana aqui em Ibitipoca, esse pessoal.

INQ.- Tem muita gente que vota fora.

INF.- Esse pessoal tá fazeno muita falta...nós colocamos esses dois mil votos aqui com a maior facilidade se houver conscientização.

AUX.- E mesmo no em torno, né? será que num...num acha não?

INF.- Ah sim...

AUX.- Num é...

INF.- pessoas que **votam**.

AUX.- pessoas que estão (inint) mais perto de Santa Rita

INF.- Não...isto...

AUX.- é beneficiado pelo prefeito de lá.

INF.- temos (que) Santana do Garambel temos muito...exatamente, temos muito isso.

AUX.- Isso aí dá um trabalho muito grande de conscientização.

INF.- É, um trabalho de fronteira...é, tem muito isso.

AUX.- Mas isso é tão complicado, né WAL?

INQ.- É muito complicado.

AUX.- Porque as pessoas **levam** muito assim, pro interesse pessoal.

INF.- Pro interesse pessoal.

AUX.- Tanto do...de quem tá recebendo a proposta, né? de...de transfiri o título, quanto eh:: o interesse que ele tem em ser eleitor em outro lugar, né? e...e pensá que...aquelas pessoas **tão** concientizando tem um interesse pessoal naquilo, né? (inint) e num é por aí.

INF.- É, é muito difícil...não, o trabalho de conscientização ele é difícilimo...a gente vem pregano isso em Ibitipoca, já vai surgino, já existe alguns efeitos positivos, mas é difícil, porque ocê muda muito.

AUX.- Eu fico com um pouco de ciúmes, porque eu lima-duartina, né? eu queria continuá...porque assim,né? olhano pelo lado egoísta assim, eu queria que continuasse, mas lógico que eu vejo que vai ser muito melhor pra...

INF.- Mas aqui, eu sou tão lima-duartino quanto você...porque também criei lá, estudei, sempre vindo aqui (inint)...nossa família é aqui...sua mãe, NIV, CHI, JOA...quer dizer, a sua família toda, a sua família, a verdade é essa.

AUX.- A minha mãe é registrada em Ibitipoca, eu mudo meu título pra cá...eu mudo meu título, se tivé precisano de eleitor aí cê fala comigo.

INF.- Eu sei, é de Ibitipoca, num...num tem dúvida...agora qué vê outro...outro lado, olha que coisa absurda...nós somos o arraial, o distrito mais velho das Minas Gerais.

AUX.- Foi o primeiro lugar, num foi o WAL?

INF.- É, eu num vô dizê que foi o primeiro, porque a colonização vei de São Paulo pelo sul de Minas e chegô até aqui...acredito que nós não fomo o primeiro, mas com certeza o segundo, o terceiro.

AUX.- Mas onde encontrou o... ouro, né?

INF.- Ah sim.

AUX.- Porque aqui até chamava Minas de São Paulo, né?(inint) os banderantes que **vieram** de São Paulo, né?

INF.- Exatamente...agora, se nós fomos o primeiro distrito e continuamos o primeiro distrito até hoje...nós fomos sede de...de...de...de capitania daquela época, lá nos anos mil setecentos, nós chega...tivemos morando vários conselheiros da província, em Ibitipoca e todos esses arredores, Santana do Garabel, Santa Rita, eh::...Rio Preto, Lima Duarte, tudo surgiu depois,

Bom Jardim, Bias Fortes, todos **são...são** municípios, **são** cidades , e nós continuamos distrito...oh gente, isso é muito triste...eu falo sempre pro prefeito, prefeito ajuda a gente a emancipá...a obrigação do pai, todo pai qué casá a sua filha.

INQ.- O ANT é que...o ANJ é que é muito disposto a isso...você lembra, né? ele num...ele sempre fala que enquanto não emancipá Ibitipoca, vai ficá nisso aí.

INF.- É muito difícil.

INQ.- Ele conseguiu verba, cê ficô sabeno, né? ANT coseguiu verba pro posto de saúde.

INF.- É , eu tive uma informação, deve ter tido alguma influência dele, que essa verba foi liberada pelo governo de Minas.

INQ.- Foi...foi ele que...que buscô o recurso...

INF.- (Fiquei sabeno) que...esse recurso lá o...(inint).

AUX.- Porque ele é assessor do secretário de saúde, o MAR.

INF.- (inint) é, pode ter dado uma grande contribuição sim.

INQ.- Não, pode ter dado não, foi ele que correu atrás e boto...e a prefeitura que vai eh... administrá o recurso...os vicentinos já **liberaram** a...a antiga maternidade, **vão** ficar com ((fim do lado A da fita))

na fase de...de fazê o projeto pra sê aprovado.

INF.- Eu ontem, JUS, eu...eu estive com o vice-prefeito, (inint), eu perguntei pra ele, ele disse, “não, esse dinheiro vai tá vindo aí...esse dinheiro TON conseguiu com o governador” foi assim que ele falou.

INQ.- Não dexe fazê injustiça não, oh WAL. (pausa na fita)

AUX.- Quer fazer mais alguma colocação?

INQ.- Plano diretor, emancipação?

INF.- É, o plano diretor, ele é o caminho, né? a emancipação é o todo...nosso plano diretor, é o único distrito que tem um plano diretor no Brasil é Ibitipoca, aprovado, daí (inint)...o único distrito, é Ibitipoca...agora, já foi feito um plano diretor pensano em ser município, né? porque...pra executá o plano é difícil.

AUX.- Mas num existe um...um...uma ressalva, né? pra emancipá esses municípios que **são** diferentes, né? que têm suas características, no turismo.

INF.- Pois é...a gente...a gente poderia ir (inint) que você falô, se a gente tivesse um acesso fácil ao...ao governo por exemplo, digamos assim o governo de Minas o AEC, e mesmo em Brasília, alguns senadores, alguns deputados, eu dô essa sugestão, eu acho que::...o certo seria isso...era criá uma lei específica de acordo com...a situação do lugar.

INQ.- A geopolítica de Ibitipoca é especial.

INF.- Por exemplo, nós, nós somos um lugar histórico, cultural e turístico...quer dizer, num...seria mais justo uma emancipação...num podemos assim compará a um lugar que não tem assim, u...uma receita própria, que num tem nada, que num tem atrativo nenhum...quer dizer, aquele outro lugar a dificuldade dele é muito maior...eu defendo muito a emancipação, eu acho que a melhor maneira de você agregar valores a uma comunidade, de você administrar uma comunidade é descentralizando, de...de lugares grande, igual o nosso caso aqui...quantos...nós temos três distritos atrelados a Lima Duarte...Lima Duarte é um município muito grande, nós falamos atrás...se você desmembra, poxa, quanto que vai melhorá, você tem um recurso próprio, você vai lidá ali no dia a dia com as pessoas, fácil de comunicá...a França tem trinta e seis mil municípios, tava passando há poucos dias aí propaganda (inint) num lugar pouco maior que Minas Gerais, acho que lá uma rua é município, é uma maneira mais fácil.

AUX.- E as coisas **funcionam**.

INF.- E as coisas **funcionam**.

AUX.- **Vão** pra frente.

INF.- **Vão** copiá um pouco aí do modelo europeu... **vão** deixá um pouco esse modelo americano.

AUX.- Sucesso pra vocês aí nessa...nesse empreendimento aí, e...conta comigo.

INF.- Sucesso pra nós, né? você gosta daqui.

AUX.- Amo de paixão (inint)...oh WAL, vamo agora retomá um pouco aquele assunto de...de festas...eh::...comemorações aqui locais...a gente sabe que...na zona rural o pessoal respeita muito os dias santos, né? e às vezes **guardam** até feriados, é que num são (inint) .

INF.- Trabalha nos feriados e guarda os dias santos.

AUX.- É verdade.

INF.- É verdade.

AUX.- Fala um pouquinho sobre isso, quais são os dias importantes (inint).

INF.- Olha, nós temos vários dias santos que **são** respeitados, dia de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, Nossa Senhora da Conceição que é a padroeira aqui de São Bento, eh::...corpus cristi, e outros mais, entendeu? temos vários assim dias santos...eh::...num tô lembrano agora, mas daqui a pouco eu me lembro...isso aí, veja bem, essa cultura, ela tá acabano é exatamente com o turismo, porque...se todas os...as pessoas que **estão** imbuída no turismo, aqueles que eu falo, os nativos e os novos ibitipoquenses, **valorizassem** essa parte, isso aí tava a coisa acontecendo...mas vamo imaginá...chega aquele aglomerado de gente, eh...nós num temos um vigário próprio, igual eu falei a pouco...tá todo mundo preocupado em...pô gente na pousada, o bar funcioná, fazê o forró, e ganhá dinheiro, e essa coisa tá ficano perdida...chega na semana santa, eh...aquele aglomerado de gente com bar aberto vendeno bebida, cê acha que na nossa época aqui a gente comia carne, comia essas coisa na sexta fera santa, semana santa? não, a gente repetava tudo isso quando era criança, fomos criado daquela maneira...hoje eu tô veno aí pessoal matano galinha na sexta fera santa.

INQ.- Churrasco.

INF.- Fazeno churrasco, aquela coisa toda tal ...então, qué dizer, a coisa degredou, a coisa tá mal, tá mal.

INQ.- Mas tem jeito de...de recuperá?

INF.- Não, jeito tem, mas é aquilo que eu falei com você, tem que tê uma parceria...se num tivé uma parceria, com'ê que cê vai fazê isso com o cara que tá preocupado lá que ele vem com outra mentalidade, outra cabeça, eh::...quantos casos que a gente vê nessa rua aí, o cara hoje usa...o carro dele parece um clube, né? ele abre um bagagero ali atrás, aquilo tocano aqueles funk, aquelas músicas muito loca...eu num vejo...sei lá, muito difícil...isso aí é muito difícil...se num tivé uma parceria mesmo em que todo mundo tivé imbuído, a::a comunidade de Ibitipoca, eu tenho falado muito “gente, nós é que temos que definí qual Ibitipoca que nós queremos, para o no...o futuro”, para o presente e para o futuro, né? que a:: Ibitipoca do passado eu conheci, era maravilhosa, era ótima...agora, o presente e o futuro cabe a nós, nós é que vamos construí.

INQ.- Acho que esse ano vai tê a encenação da crucificação e morte de Cristo.

INF.- Pois é, mas aí, isso é que eu tô te falano, você faz essa crucificação, você faz a semana santa, mas você leva o povo lá? você vai levá o povo, você vai levá o turista? você...

AUX.- E o turista será que vai respeitá isso, né?

INF.- vai respeitá? nós já tivemo casos aí do turista saí, acho que até nu já aconteceu numa procissão, já ouvi falá isso aí há muitos anos atrás, já aconteceu isso em Ibitipoca...uma pessoa fez isso...o otro entrô com cavalo no mei da procissão, o otro com uma moto...aqueles motoqueiros...eu já ouvi falá isso...eu num me lembro.

AUX.- É, já...já houve citação aqui nas...nas entrevistas que eu fiz assim, com pessoas mais velhas, reclamando de **tá** na procissão e vim um motoquero e se num saí da frente ele passa por cima...as pessoas mais velhas.

INF.- Porque cabe a nós assim meus avós, meus pais **lutô**, me **deu** a educação que me **deu**...e eu tô lutando agora tem que dá pros meus filhos, pros sobrinhos, os netos, futuramente quando tiver neto e tal, tem que ir passando, tanto o patrimônio, a gente pensa de passa de geração pra geração, como a cultura, né? e isso da maneira que tá vindo aí, lá vai acabando, lá vai essas coisas aí **tão**.

AUX.- Vocês aqui na semana santa ainda **têm** o hábito de doá leite, como que é esse movimento?

INF.- Isso é a mesma coisa...isso é a mesma coisa...aqui, nós continuamos com a mesma tradição...nós doamos o leite, nós não comemos carne vermelha, não sacrificamos animal na semana santa, fazemos penitência, eh::...fazemos jejum, nós fazemos isso.

AUX.- E o... pessoal aqui do em torno, os fazenderos aqui também ainda.

INF.- Também...mantém ainda a mesma tradição...a mudança num tá no em torno, a mudança está dentro da vila, ela está na vila...o em torno continua primitivo...ele ainda continua, bem primitivo, eh::com uma diferença...de pessoas que **vieram** depois, que **adquiriram** terra no em torno já não mantém essa tradição mais, e essa quantidade de gente no em torno, ela tá aumentando.

AUX.- Tá aumentando até porque::...o pessoal tem vendido muito as terras.

INF.- **Vendero** muito as terras, eu falo que...as pessoas desinformada num **sabe** o valor de uma terra uma vida toda passando dificuldade, passando miséria, depois, qualquer vinte, trinta mil reais aí **entregô** a terra, o outro nunca viu aquele dinheiro, o outro nasceu e viveu co'uma enxada na mão a vida toda, uma foice, aí ele vê vinte, trinta mil reais ele, solta e vai embora.

AUX.- Oh:: WAL, eu tava pensano aqui em casos assim nessas épocas, semana santa por exemplo, eh::...seria interessante que houvesse um::, talvez, num sei, uma coisa que me ocorreu aqui, um estacionamento em que as pessoas num **pudessem** entrar na vila, sabe? um grande estacionamento que os carros **ficassem**, sabe? fora...porque aqui, eh::eu que venho pra cá de carro, eu...eu...às vezes eu tenho muita dificuldade, eu num tenho onde colocá o carro, né? a gente não tem onde colocá o carro...cê dexa o carro na rua, corre o risco de alguém vim amassá, será que num seria uma solução tê um estácio...um...um estacionamento na...pras pessoas **deixarem** o carro e não **transitá** de carro dentro da vila, né? já se pensô nisso alguma vez?

INF.- Já, já foi pensado, inclusive existe o plano diretor e prevê isso...o plano diretor prevê esse estacionamento.

INQ.- Sugere locais.

INF.- Sugere locais, apesar que os nossos locais **são** muito íngreme, a Ibitipoca tem essa dificuldade, porque cê num tem muita área plana, próximo vila, e...e tem uma dificuldade também a locomoção dessas pessoas às vezes, até pessoas mais velha, qué dizê, a pessoa nova num tem problema, né? dexa o carro e sai, essas...as ruas **são** apertadinhas, cê vê que faz aquela confusão, carro desceno, carro subino, mas isso existe sim, existe um pensamento sobre isso.

AUX.- E até que isso aconteça assim será que num seria viável um...eh...fazê por exemplo, mão única, né? mão única?

INF.- É...a idéia é essa mesmo, inclusive tem um estudo sobre isso mas nós num defendemos no momento essa...essa posição de você fazê mão única por dois motivos...primero que no momento a agora nós não estamos com esse tráfego todo, já baxô muito, não mais igual já era...e quando tinha aquele tráfego todo, eu fui um que sugeri que isso é uma idéia genial, mas desde que as ruas **esteje**...**estejam** adequadas ao trânsito, porque se você coloca um trânsito, subi uma rua escorregadia, com chuva, num passa, eu te dô um exemplo ali, o ideal é que os carros **subissem** pela rua:: ali da Pedra Florada, aquela que tem ali a padaria, subisse por ali e descesse pela'quela rua ali da Baubuino ali, da MAC...ma pra você consegui isso.

AUX.- Já é o que eu estou fazendo.

INF.- É o que você tá fazendo, ma pra você conseguí, você consegue isso com sol, se tivé com sol, ou se calçá aquela rua...

INQ.- Tem que calçá.

INF.- porque ...se tivé chuveno cê já num vai conseguí...então existe essa dificuldade

AUX.- (inint)...vamo, eh...aqui, no...no meu (inint) oh WAL, eu tenho a::, assim, curiosidade de sabê sobre a capela do pião, né? que hoje ainda tem ruínas lá, né? como que era esse movimento aí, antigamente (inint).

INF.- A Capela do Pião, ela foi erguida pelo padre GUH, em mil novecentos e trinta e::...teve vários atos, várias celebrações, várias festas, o padre Henrique chegô a tê uma casa ali...próximo ali...do parque, né? onde ele residiu algum tempo, ficava lá, gostava muito de lá.

INQ.- Dentro do parque?

INF.- Dentro do parque.

INQ.- Nunca ouvi fala.

AUX.- Mas perto da capela, ou...ou?

INF.- Eh:: nós tivemos duas casa, teve uma perto do morro do Jolim e acho que uma perto do Pião, agora eu, salvo engano eu tenho que vê aonde foi (inint) mas me parece que foi aquela próxima ao Pião...e na época fazia aquelas barracas, né? quando fazia festa lá de cima e tal e::...tinha muitas barracas, a comunidade fazia as barracas...pessoas da comunidade **eram** contratadas pra **fazê** as barracas pra **sê** alugada, **sê** explorada, né? pela igreja naquela época... pra **fazê** as festas...e é uma festa que eu cheguei ir, uma vez, me parece, foi a missa uma ou duas vezes, lá em cima...lá nos anos cinqüenta (init), eu sô de cinqüenta e um (inint) sete, oito anos eu me lembro, missa no cruzeiro e missa no Pião...mas isso só foi acabando, acabando, acabando, parece hoje que...

AUX.- Ainda tem a procissão do cruzero, né?

INF.- É, essa ainda exis...essa tá resistino ainda, dia de Santa Cruz, né? procissão do cruzero...mas , foi a capela desabô e já houve lá alguns movimentos, que o IF falava que ia restaurá, logo...passava num restaurô, então foi ficano.

AUX.- Tem a história de um santo que rolô ali.

INF.- Não, foi é sino, né? o que rolô foi um sino.

AUX.- Ah é...um sino, um sino.

INF.- Eh...o sino é o sino da capela do Pião...ele foi jugado, né? porque tinha um senhor aqui que tinha um problema mental, senhor LIN, e ele batia o sino, pessoas daqui minha vó lembra o sino da serra bateno e ela falava: “oh, o LIN hoje tá no alto da serra, ele tá”.

AUX.- Lá, batia lá e dava pra ouvi aqui.

INF.- Batia lá no alto do Pião e ouvia aquí...era um sino muito forte...o pessoal do Mogol ouvia...e aí um dia lá, num sei né? talvez a capela já tava desabando, ele bateu o sino e aí deve tê acabado de desabá e o sino desceu pela aquela ribancera ali e tá lá perdido até hoje.

AUX.- Nunca mais foi encontrado.

INF.- Nunca mais, até hoje num encontrô...se procurá encontra porque é bronze (inint).

AUX.- De coisas perdidas assim , o pessoal fala tamém em ouro, num é WAL.

INF.- É, ouro fala nos tesouros, né? os tesouros, “ah, tem um tesouro enterrado aí, um tesouro enterrado aqui” mas isso...já nem **tão** falando mais, falou muito.

AUX.- Já procuraro muito, num encontraro.

INF.- Não, procuraro às vezes até.

AUX.- Alguém encontrô?

INF.- Vejo falá que alguém encontrô, há muitos anos a gente via os avós contando essas histórias, mas hoje...já num se fala muito isso mais, né? com a corrida do turismo, essas coisas, essas histórias folclóricas...até muito interessante, **deixô** de existi...pena, né?

AUX.- É uma pena.

INF.- Veio a televisão, né? antigamente cê chegava ali dentro da minha casa, cada um tinha uma história.

AUX.- Era cada um contano, cada um contano a sua história.

INF.- A gente ainda conversa um pouco, mas hoje é mais rede Globo, Record (risos).

AUX.- “Fica quieto que eu quero escutá.”(risos)

INF.- Essas novela aí...nós até num ligamo muito não, mas tem... tem gente que perdeu mesmo.

AUX.- Dá preferência, né?

INF.- Dá essa...a preferência sim.

AUX.- Cê conhece WAL, uma árvore que tem (inint) depois da divisa do parque.

INF.- A árvore dos cavaleiros?

AUX.- Isso.

INF.- Não, já ouvi falá muito na árvore, mas eu mesmo num conheço não.

AUX.- Cê conhece por quantos cavaleiros, porque cada um fala uma quantidade(riso).

INF.- É, cada um fala uma coisa, fala três...

INQ.- Um número, né?

INF.- fala dez, fala oito, fala onze, então eu vejo dizê que realmente é muito grande, que é uma árvore muito interessante mas...eu não conheço...mas já ouvi todo tipo de história sobre a árvore(risos).

AUX.- Conta uma pra gente aí.

INF.- Não, eu num posso te contá, qu’eu não conheço, aí, eu nunca fui nesse local.

AUX.- Assim histórias no sentido de “ah eu fui é assim”.

INF.- É... eu prefiro falá das coisas concretas, né? que a gente conhece, que a gente tem conhecimento.

AUX.- Você acha que essa árvore seria um atrativo pro turismo, um...uma das...das possibilidades de...de encaminhá o turismo pro em torno?

INF.- Ah, sem dúvida...se você conta que tem uma árvore dessa e tal, o pessoal qué vê, né?

AUX.- E...e uma árvore que merecia um estudo também, cê num acha?

INF.- Um estudo... é sem dúvida.

AUX.- Você sabe a espécie dela, alguém já comentô com você?

INF.- Não sei, não sei... mas deve sê uma figuera, algum tipo assim de madeira, dessa espécie.

INQ.- Será que ela pegô fogo, por isso que ficô oco?

INF.- Possivelmente, né? porque naquela época também **aconteciam** muitos incêndios, né?

INQ.- Raios, né?

INF.- Raios, eu já vi um fogo de raio incendiar o parque...daqui, tá certo? e isso.

AUX.- Esses incêndios que...né? que...que **são** provocados aqui atribui mais a esta questão natural mesmo, de raio? os incêndios que já **ocorreram** aqui(inint).

INF.- No verão sim...no verão sim...é raio...(inint) fenômeno mesmo.

AUX.- E essa região aqui é uma região de muito raio, né?

INF.- É, tem um estudo da CEMIG, porque...a CEMIG estuda né? o estado todo, tal, dizem que nós que estamos aqui essa...entre Ibitipoca e São Luis da Bocanha (inint) essa região, é uma das regiões de Minas mais propícia a descarga elétrica...que é a pior de todas.

AUX.- Eh...e a gente sabe de ocorrências e até com morte.

INF.- Não, aqui nós tivemos...quando nós colocamos a CEMIG aqui tínhamos muito problema no início...muita descarga, dava muito problema...aí, nós trouxemos aqui o professor HOL, lá da universidade e ele fez um estudo pra gente, fez um projeto, a CEMIG abraçou aquele projeto, fez vários aterramentos, melhorô muito a malha de (aterramentos), sabe? e procuramos...o que tinha de sê feito foi feito...então aí que solucionô o problema, nós tivemos muitos problemas...chegô cho...pessoas pra casa **toma** choque (inint).

INQ.- É final de rede, né?

INF.- É final porque eu tenho:: transformador que fica lá no curral e tenho essa baixa tensão que vem aqui até a casa, sabe? e aí, eh, torna-se mais problemático ainda...mas hoje, graças a Deus, tá bem.

AUX.- Controlada.

INF.- Essa parte tá bem controlada.

AUX.- Oh, oh WAL, então além do...do em torno, né? que você concordô aí que poderia sê uma...além do...

INF.- Não, o em torno tinha que sê divulgado, pra desafogá o parque, se bem que o parque num tá nada afogado agora.

INQ.- Não.

INF.- Eu acho que o parque agora tá até ocioso, no meu entender...agora, isso aí nós sugerimos que fosse feito um grande estudo.

AUX.- Diminuí os preços?

INF.- Não, eu num sei...isso aí é uma somatória de coisas, eu já te falei, isso aí vem várias coisas porque...a gente não sabe né? tem que colocá ali eh...pessoas estudiosas pra **vê**, né? qual tratamento que tá seno dado ao turista, como que o parque trata, como que as pousadas **trata**, como que os ibitipoquenses, né? **relaciona**, a parte de preço, essa parte de de orientação e::h...com' é que fala...essas ressalvas, né? que **existe**, tem que sê uma coisa, (inint) sabe, estudá direitim pra chegá a coisa, por que que o turista tá fugino de Ibitipoca, diminuiu, tem isso e isso, ou qualificou...quem sabe diminuiu muito mas qualificô demais também...não sei...isso aí o comércio é que vai falá mas eu num tenho base não...mas a sua pergunta é a seguinte: além disso o que que poderia...

AUX.- Então, é...não, não...aí minha pergunta seria a seguinte: nós comentamos que essa árvore de cavaleiro, poderia sê um ponto pra visitação, né? quais outros que você destacaria aqui no enduro? outros pontos pra...pra visitação?

INF.- Não, nós temos vários pontos, inclusive até nos nossos municípios vizinhos, né? nós não tamo pensano só no município de Ibitipoca né? nós podemos pensá no município de Santa Rita de Ibitipoca, de Bias Fortes, de Santana do Guarambel, todo município tem o seu atrativo,

AUX.- Um circuito, como eles colocaram aí uma placa, né?

INF.- Um circuito...já existe aí o circuito de Ibitipoca, e tal, agora, aquilo qu'eu te falei...tem que fazê a coisa com o coração...agora tudo que eu vejo fazeno, às pessoas **tão** fazeno mas **tá** visano é lucro, visa lucro.

AUX.- Interesse pessoal.

INF.- Tá o interesse pessoal...aí não vale, não tem como (inint), entendeu?...hoje se Ibitipoca tivesse uma prefeitura, é capaz que eu tirava do meu bolso e tentava, sabe? se eu pudesse eu ajudava...o interesse que a gente tem de resolve o problema.

INQ.- E o enduro, o que que você acha do enduro?

INF.- Oh o enduro, eu confesso pra você que ele é predatório...ele traz o público rico, porque...eu ando a pé, ando a cavalo, de Fusquinha quando viajo, o enduro traz pessoas aqui de carrão, mas, o rico também acha que ele pode fazê tudo...ele...faz o que qué...eu já tive experiência aqui deles tocano carro no pasto da fazenda afora, sem **pedí** ordem, sabe?

AUX.- Aqueles carrões que **sobem** qualquer lugar.

INF.- Aqueles carrões que **sobem** qualquer lugar e ...aquela gritaria, a noite na rua, aqueles bailes, aquelas...aquele show...eu num...gente, eu num vejo Ibitipoca por aí...eu vejo isso aqui como um turismo ecológico, inclusive aquele professor da João Pinheiro que esteve aqui, o...PIN, me parece, um espanhol...falô “a tendência de vocês é o turismo ecológico, é uma coisa assim, bem suave eh::... é uma música lenta, baixa e um forrosim de Ibitipoca, aquela música tradicional” porque ninguém vai sair lá do Rio, de São Paulo pra vim vê um show da

Rita Lee em Ibitipoca, eu acho que num teria tanto interesse quanto se fosse lá no Canecão, num outro lugar assim.

AUX.- E...e também a gente ouve o comentário que o pessoal aqui num traz um lucro, né? porque normalmente eles já **trazem** a comida feita.

INF.- Olha, eu...eu...isso até num posso te falá porque eu num tenho comércio, eu não lido com o turismo, agora, o que me entristece em Ibitipoca, também não vô falá que é o enduro que faz isso não porque eu acho até que nessa parte eles **são** mais organizados...a questão do lixo, ela é terrível...as pessoas **saem** por exemplo, nós, o produtô rural, nós tamo ficano só com o lixo, eu ando na fazenda agora e te mostro as marge de estrada com sacolinha lá com cerveja, litro de refrigerante, etc...qué dizê, isso é uma coisa terrível, só a conscientização...agora, tem conscientizá é o país, né?...porque as pessoas que **tão** fazeno isso é que **tá** vino de fora, né?

INQ.- Então tem que fazê um trabalho árduo de educação.

INF.- É.

((Chega alguém))

AUX.- Boa tarde, tudo bom?((a pessoa responde))... tudo...nós tamo numa prosa hoje, nós já tamo quase terminano.

INF.- É...esse é o chamado...

AUX.- Ah, então....o senhor tá lembrano de mim?

((pausa na fita))

AUX.- Eh...eu queria oh, oh WAL, aqui em Ibitipoca tem muita lenda, né? muita história fantástica, né? muita...muita crença, né? o que que cê sabe contá aí por exemplo histórias relacionadas à cruz das almas, à luz, ao cavaleiro da meia noite...e outras histórias mais?... (inint).

INF.- Não, eu de lenda, num sei te contá nada...a cruz das almas, é que...tem uma história real...as pessoas que **morriam** nos arredores... e **vinham** enterrá em Ibitipoca que então era o único cemitério da região...isso eu já escrevi isso em jornal (inint), já fiz reportage sobre isso...e as pessoas **passavam** os carregadores, os escravos naquela época **vinham** trazê o (defunto) e **parava** na cruz das alma pra **descansá**, com o defunto que **vinha** subino aquela serra toda carregano um peso enorme.

((comentários do senhor que chegara a pouco – baixo))

INF.- Então eles **traziam** de muito longe o...os defuntos e ali **parava** pra **descansá** e também, se **refrescá** porque diz que o vento frio do campo trazia a contipação...a...a gripe, o resfriado porque quando você chega na cruz das almas você recebe um vento frio do campo, então aquela parada ali era exatamente dentro daquela...daquela (cava) funda ali era pra...pro corpo esfriá um poco pra você enfrenta o vento frio do campo...então essa é a tradição...a história real é essa.

AUX.- Mas em torno da história real também tem muita lenda (inint).

INF.- Ah não, tem, mas isso...a pessoa fala isso, eu num tenho conhecimento não...isso aí a gente já ouviu contá, a pessoa fala, fala ma é...é mais é crença.

AUX.- Contigo nada aconteceu não?

INF.- Não, graças a Deus.

AUX.- As coisas sobrenaturais nunca...

INF.- Sobrenaturais assim de coisa.

AUX.- E disco voador?

INF.- Não, nunca vi também não.

AUX.- Cê nunca viu (risos)

INQ.- E quem viu alguma coisa em Ibitipoca nesse sentido nunca mais vai dizê que viu.

INF.- É.

AUX.- Por que gente, (convida) Sao Tomé?

INQ.- Não, é por causa de uma matéria que fizeram aqui na...na...pra...foi a ...com'ê que chama aquela jornalista? a...MAR....aí quem...quem ficô em cima disso das luzes, né? da...da...de fantasma aí...

AUX.- Num saiu muito bem.

INQ.- Não, eh...pegou mal (inint)

AUX.- Oh, oh WAL, e aquela...aquela região ali de Ibitipoca dos esbarrancados? aquilo ali é decorrente de...de ouro? o que que é aquilo?

INF.- Não, os esbarrancados **tá** bem enfrente da gente aqui, né? é...foi uma mina de ouro...ah...foi uma mina de ouro, foi muito minerado, né? e foi quebrando, né? o terreno muito siltoso e muito arenoso, né? foi quebrano, né? mas foi uma mina de ouro sim..foi lavado e retirado (em torno), né?

AUX.- **?Contam** também que...havia um desvio de uma água também (inint)

INF.- Não, o desvio não era...a água era tirada em curava de nível...ela vinha dessa região aqui para o parque, né?

AUX.- Dos rio (São)?

INF.- Não, do...do.

AUX.- Vermelho.

INF.- Do lado de cá...do Conceição, e ela era levada o...o rêgo pra lavá o ouro ali e esbarrancá.

AUX.- Só com esta finalidade? num tinha (sítio, ia abasteceno)

INF.- Não, a finalidade era só essa mesmo, era só lavá o ouro e até então eh::, se você analisá, nessa época ninguém servia, só servia só tinha a sede da fazenda do Tanguê aqui...nessa...nessa bacia.

AUX.- Num era necessário abastecer.

INF.- Num era necessário, então você tirava aquela água, devia de fechá ela porque ela é poca, ela...corria toda, né? ia lá, lavava o ouro, porque...eu...o meu avô lembra quando ele vem pra aqui que ele contava que lá tinha uma comporta e lá em cima tinha outra, que aí fechava, sabe? quando eles **precisava** de água eles **abria** aquela comporta ela ia no (rêgo), quando não **precisava** fechava ela parava...quer dizer, se fosse hoje era impossível, porque nós temos vários fileteinhos de água, mas água é muito pouca, nessa bacia nossa aqui é pouca água...você pode chegar no córrego ali e olha, toda água que nasce nessa bacia ela está ali...ela passa ali naquela ponte...cê vê que é um volume muito pequeno.

AUX.- Mas a água, era mais água? e era possível porque era mais água?

INF.- Eu acredito que sim...naquela época tudo reflorestado, né? num tinha assim tanta perca...hoje, olha quanta estrada já se abriu, quantas escavações já **foram** feita, quantos assoramentos que já **aconteceu** no rio...porque tudo que...varre (pique), carro, uma terra vai assoriano o rio...vai mudando né? e mesmo l'em cima...lá no parque num subia esse volume de gente, essas pessoas que essas águas **sai** todas das proximidades, né? às vezes até debaixo do parque mesmo.

AUX.- E...e depois...eh...eles **desviaram, voltaram, acabaram** com o rego? ou ele acabô(inint) .

INF.- Não, o rêgo, quando o meu avô mudou pra'qui, que ele veio pra aqui, ele num existia mais...o rêgo , ele deve ter existido até o ano de mil oitocentos e quarenta, por aí, mil oitocentos e vinte, depois disso num existia mais...já num tinha mais...a finalidade dessa água foi lavá ouro nos (inint).

INQ.- Acabô por que? falta de manutenção?

INF.- No rêgo?

INQ.-É.

INF.- Não, acabô porque acabô, né? o pessoal parô de tirá o ouro e foi... desmoranano, né? alguns lugares...era um (agindo) tal e l'em cima, aonde...ele saía lá, deve tê esbarrancado também, né? eu imagino isso.

AUX.- É...voltano ainda pro...pro assunto das tradições, né? aqui já houve reza pras almas, né?

INF.- Já...eu mesmo já assisti na minha infância.

AUX.- Eles **vinham** nas fazendas?

INF.- **Vinham** nas fazendas, casas e **faziam** a reza das almas.

AUX.- E por que que isso acabô?

INF.- Acabô...é isso que eu tô te falano...eu atribuo isso tudo ao turismo, ao desenvolvimento do turismo, no meu entender...porque a tradição não conseguiu passar de pai pra filho...o pai...o avô rezava pras alma, o filho rezava pras alma, depois o neto já num foi rezá mais, porque, o neto tá na vila, chegada do turismo e tal, ele vai trabalhar no bar num sei de quem , etc e tal...mudô.

AUX.- E o ...o jongo? né? os...os multirões (inint).

INF.- Esse acabô foi praticamente no Brasil todo...porque é uma cultura africana eh, como a reza das almas também, né? tudo coisa antiga...mas...o que que acabô...o trabalhado rural acabô... nessa região nossa num tem mais, aqui num existe mais o trabalhador rural.

AUX.- Multirão.

INF.- Num tem...antigamente fazia-se o multirão com quarenta, cinqüenta homens capinano uma roça, trabalhano, hoje você, se lutá o mês todo, cê num leva cinco, um mês todo...então essa parte, em Ibitipoca ela está morta, ela tá falida, ela tá acabano de...de...((fim da fita)).

Palavras 9489

Parece 07

Acho 30